



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**INTERFACES DE UMA ANTROPÓLOGA: AS PRÁTICAS DE LEITURA E
ESCRITA DE BEATRIZ GÓIS DANTAS (1941-2013)**

MARLUCE DE SOUZA LOPES

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2020**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**INTERFACES DE UMA ANTROPÓLOGA: AS PRÁTICAS DE LEITURA E
ESCRITA DE BEATRIZ GÓIS DANTAS (1941-2013)**

MARLUCE DE SOUZA LOPES

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição

**Texto apresentado como requisito final de avaliação,
para doutoramento, no Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal de Sergipe, Linha de
pesquisa: História da Educação.**

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2020**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



MARLUCE DE SOUZA LOPES

“INTERFACES DE UMA ANTROPÓLOGA: AS PRÁTICAS DE LEITURA E
ESCRITA DE BEATRIZ GÓIS DANTAS (1941-2013)”

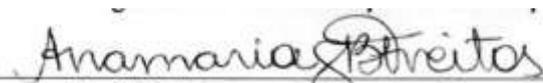
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal de Sergipe e
aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em 31.07.2020



Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição

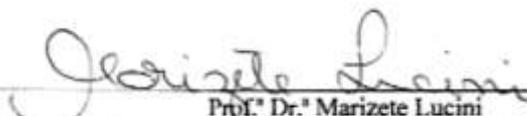
Orientador - Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS



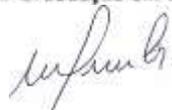
Prof.^a Dr.^a Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
Universidade Federal de Sergipe/ UFS



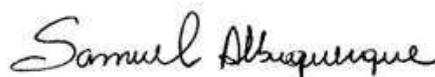
Prof.^a Dr.^a Josefa Eliana Souza
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS



Prof.^a Dr.^a Marizete Lucini
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS



Prof.^a Dr.^a Maria Teresa Santos Cunha
Universidade do Estado de Santa Catarina/ UDESC



Prof. Dr. Samuel Barros de M. Albuquerque
Universidade Federal de Sergipe/ UFS

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2020

Às minhas filhas:
Manuela e Marina,
todo amor que há nessa vida.

Aos meus pais:
Júlio e Lisete, ausentes na forma física,
presentes no legado de ética e amor.

AGRADECIMENTOS

Uma trajetória acadêmica, por mais autônoma que pretenda ser, nunca é uma caminhada solitária, individual. Ela é partilhada por distintas pessoas que, em maior ou menor medida, contribuem, de alguma forma, para tornar os passos menos pesados e mais firmes, em direção ao final da jornada. Aliás, a jornada não chega ao fim com a finalização de uma etapa, apenas se constitui em um momento de transição entre o que foi consolidado e outros passos rumo a novos horizontes. Essa consolidação não teria sido possível sem a parceria de pessoas a quem é necessário agradecer a participação de diferentes maneiras.

À intelectual Beatriz Góis Dantas, por compartilhar detalhes da sua trajetória, permitindo o acesso a fontes e documentos antigos, especialmente aqueles que constituem “objetos-relíquia” produzidos ao longo do tempo, guardados com zelo, testemunhas de práticas de leitura e de escrita. Agradeço pela acolhida generosa em sua casa, abrindo as portas para conversas longas e agradáveis, nas quais foi possível rememorar situações e atividades desenvolvidas nos espaços familiares e profissionais. As informações e textos cedidos, tanto presencialmente, quanto via internet, foram fundamentais para a finalização da pesquisa. A humildade intelectual, a generosidade e a simplicidade são exemplos que ficaram marcados, extensivos ao intelectual Ibarê Dantas, a quem também agradeço imensamente a disposição e o apreço com que repartiu lembranças de acontecimentos passados. O apego pelos livros e pela leitura, além do exercício frequente da escrita, são inspiradores para quem, como eu, é aprendiz da arte de escrever bem.

Aos demais participantes da pesquisa, pela presteza e disponibilidade para, através de conversas informais, entrevistas, depoimentos escritos, troca de e-mails e telefonemas, dividir comigo informações que enriqueceram sobremaneira o andamento da pesquisa, bem como a elaboração do texto final.

Ao meu orientador, Joaquim Tavares da Conceição, pela confiança depositada em meu trabalho, desde os primeiros contatos com vistas à orientação acadêmica. A ele agradeço o aprofundamento no rigor de uma pesquisa histórica, os ensinamentos e as sugestões ao longo do desenvolvimento do Doutorado, com leveza e tranquilidade, mas com a firmeza necessária na condução de um trabalho acadêmico. Seguimos, agora, por outros rumos da jornada acadêmica.

Aos docentes que participaram de três momentos avaliativos distintos: do Seminário de Pesquisa, Eva Maria Siqueira Alves e Samuel Barros Medeiros de Albuquerque; da Banca de Qualificação, Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, Marizete Lucini e Samuel Barros

Medeiros de Albuquerque; da Banca de Defesa, Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, Josefa Eliana Souza, Maria Teresa Santos Cunha, Marizete Lucini e Samuel Barros Medeiros de Albuquerque. O cuidado com o texto, as observações atentas e as indicações de ajustes foram de significativa importância para a construção e finalização do texto da tese. Aos professores do curso, agradeço pelos ensinamentos e convivência produtiva durante o processo de doutoramento.

Às minhas filhas, amor incondicional, pelo estímulo e apoio em todas as horas, compreendendo todas as etapas da pesquisa e do estudo, principalmente as que ocasionaram ausências e afastamentos, comprometendo os instantes de lazer. Meu maior estímulo, o melhor da minha vida. Aos meus genros, por minimizarem esses distanciamentos.

À Raimunda, irmã no coração, assumindo, em alguns momentos, o papel de mãe, por fazer parte da família com dedicação exclusiva, com carinho e amor enormes por todos, especialmente, pelo cuidado e zelo comigo e com minhas filhas, assumindo as atividades do cotidiano. Juntas, sempre.

Aos demais familiares, laços concretos de amizade, meus irmãos e cunhados, meus sobrinhos, a torcida e a crença no sucesso, bem como a compreensão pelas ausências do convívio semanal, pelos almoços e viagens desmarcados em função da labuta acadêmica.

Aos colegas com quem compartilhei aulas, textos, conversas e momentos de convívio. Alguns já eram muito próximos, outros se aproximaram durante a jornada. Uns seguiram seus rumos, deixando boas lembranças de camaradagem, outros permanecem estreitando, cada vez mais, os laços de amizade já firmados. Àqueles que compartilharam o mesmo orientador, numa convivência mais direta e frequente, agradeço pela parceria nas reuniões, pelos cuidados com a pesquisa, assim como pelas brincadeiras e risadas, tornando mais leves as obrigações acadêmicas. Os laços de amizade continuam. Entre esses, agradeço especialmente: a Genivaldo Martires, meu amigo de antes, pelo companheirismo e pela imensa generosidade na partilha de textos, sugestões de autores, além de ouvir meus “desabafos acadêmicos” e orientar encaminhamentos possíveis. A Rísia Rodrigues, também amiga de antes, agradeço a cumplicidade das conversas nas madrugadas insones em razão da escrita, as trocas de opiniões e palpites proveitosos. Aos dois, pela preocupação genuína com o andamento da pesquisa. Seguiremos juntos, em outras atividades acadêmicas.

Aos servidores do PPGED, pela disposição e pelo auxílio administrativo, agradeço a todos, em nome de Guilherme, sempre atencioso e demonstrando satisfação com o serviço público.

Dou graças a Deus por todas as conquistas e pelo conhecimento adquirido.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma compreensão de práticas de leitura e escrita desenvolvidas por Beatriz Góis Dantas, evidenciando a sua inserção em diferentes espaços de atuação, tomando como marco temporal o período compreendido entre 1941 e 2013. O marco inicial corresponde ao seu ano de nascimento, em função da importância de uma contextualização que delimite os contornos da origem familiar na busca por vestígios de leitura e escrita. O marco final foi definido tendo como parâmetro a inserção de Beatriz na Academia Lagartense de Letras (ALL), considerando que a sua produção escrita foi, em certa medida, embora não exclusivamente, impulsionadora da indicação para fazer parte daquele sodalício. Trata-se de uma pesquisa histórica que utiliza os procedimentos metodológicos da pesquisa documental e da História Oral, especialmente a história de vida e a história temática, empregando como instrumento a entrevista semiestruturada. O aporte teórico que fornece subsídios a esse estudo tem como fundamento principal o tripé intelectual do historiador Roger Chartier (1990, 1997, 1998, 1999, 2001, 2002, 2003, 2004, 2009, 2011, 2014) práticas, apropriação e representações, dialogando com as concepções de Maurice Halbwachs (1990) a respeito da memória e de Jean-François Sirinelli (2010) acerca de intelectuais. Além das narrativas colhidas por meio das entrevistas realizadas com a intelectual, bem como com pessoas do seu convívio ou, em alguma medida, relacionadas à pesquisa, foram utilizadas fontes documentais como atas de reuniões, dossiês institucionais, diários de classe, publicações em jornais e revistas, fotografias, impressos produzidos pela intelectual, fotografias, localizadas nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; no Arquivo Central e Arquivos Setoriais da Universidade Federal de Sergipe; nos acervos da Biblioteca Central e da Biblioteca do Campus de Laranjeiras da Universidade Federal de Sergipe, na Biblioteca Epifânio Dória, além do acervo da biblioteca particular da intelectual estudada. Beatriz Góis Dantas viveu, desde a infância, em um ambiente favorável ao desenvolvimento da leitura e ao aprendizado. Os hábitos de leitura demonstrados pelo seu genitor, proporcionando uma circulação de material impresso, livros de cordel e almanaques, favoreceram a descoberta da leitura como uma prática prazerosa e útil. O apego por livros e o gosto pela leitura levaram à constituição de uma biblioteca que foi sendo montada com livros e impressos em geral, obtidos pelas compras em sebos, em livrarias e livreiros locais e de outras regiões do país, através de amigos, por meio de catálogos, demonstrando maneiras diferenciadas de aquisição de livros no Brasil. Felte Bezerra e Josefina Leite foram os nomes que mais se destacaram como tendo importante contribuição na formação intelectual de Beatriz. Em que pese a ausência da relação professor/aluno, Felte Bezerra deixou um legado erudito que marcou, sobretudo, pela relação com a Antropologia e pela obra escrita. Josefina Leite é lembrada como a responsável pelo ingresso na pesquisa, pelo exemplo de respeito às diferenças e pela abertura ao diálogo. A produção acadêmica de Beatriz Góis Dantas é composta por livros escritos em parceria e individualmente, capítulos de livros, artigos publicados em jornais e revistas, folhetos, dentro de um repertório temático interdisciplinar, tendo como campo de estudo a sua terra natal, Sergipe. O livro *Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*, publicado em 1988, fruto da sua dissertação de mestrado, foi responsável pela fortuna crítica mais acentuada entre os títulos da obra da antropóloga. Além dessa diversidade temática, o potencial memorialista da intelectual foi evidenciado na produção de escritas ordinárias, sem pretensão de cientificidade, fixando a memória familiar, caracterizando uma escrita de cunho autobiográfico.

Palavras-chave: Beatriz Góis Dantas. Escritas ordinárias. Intelectuais. Leitura. Práticas de leitura e escrita.

ABSTRACT

This work presents an understanding of reading and writing practices developed by Beatriz Góis Dantas, evidencing their insertion in different areas of performance, taking as a time frame the period between 1941 and 2013. The initial frame corresponds to her year of birth, in due to the importance of a contextualization that delimits the contours of the family origin in the search for traces of reading and writing. The final milestone was defined as Beatriz's insertion in the Lagartense Academy of Letters (ALL), considering that her written production was, to a certain extent, although not exclusively, driving the indication to be part of that sodalice. This is a historical research that uses the methodological procedures of documentary research and Oral History, especially life history and thematic history, using semi-structured interviews as instruments. The theoretical contribution that provides subsidies to this study is based mainly on the intellectual tripod of the historian Roger Chartier (1990, 1997, 1998, 1999, 2001, 2002, 2003, 2004, 2009, 2011, 2014) practices, appropriation and representations, dialoguing with the conceptions of Maurice Halbwachs (1990) about memory and Jean-François Sirinelli (2010) about intellectuals. In addition to the narratives collected through interviews with the intellectual, as well as with people around her or, to some extent, related to research, documentary sources were used, such as minutes of meetings, institutional dossiers, class diaries, publications in newspapers and magazines, photographs, prints produced by the intellectual, photographs, located in the archives of the Historical and Geographic Institute of Sergipe; in the Central and Sectorial Archives of the Federal University of Sergipe; in the collections of the Central Library and the Library of the Laranjeiras Campus of the Federal University of Sergipe, in the Epifânio Dória Library, in addition to the collection of the private library of the studied intellectual. Beatriz Góis Dantas lived, since childhood, in an environment favorable to the development of reading and learning. The reading habits demonstrated by its parent, providing a circulation of printed material, string books and almanacs, favored the discovery of reading as a pleasant and useful practice. The attachment to books and the taste for reading led to the constitution of a library that was being assembled with books and printed matter in general, obtained by shopping in bookstores, in local bookstores and booksellers and other regions of the country, through friends, through catalogs, showing different ways of acquiring books in Brazil. Felte Bezerra and Josefina Leite were the names that most stood out as having an important contribution to Beatriz's intellectual training. Despite the absence of a teacher / student relationship, Felte Bezerra left an erudite legacy that was marked, above all, by the relationship with Anthropology and written work. Josefina Leite is remembered as responsible for entering the research, for the example of respect for differences and openness to dialogue. Beatriz Góis Dantas' academic production is composed of books written in partnership and individually, book chapters, articles published in newspapers and magazines, within an interdisciplinary thematic repertoire, having as her field of study, her homeland, Sergipe. The book *Nago grandma and white papa: uses and abuses of Africa in Brazil*, published in 1988, as a result of her master's dissertation, was responsible for the most accentuated critical fortune among the titles of the anthropologist's work. In addition to this thematic diversity, the memorialist potential of the intellectual was evidenced in the production of ordinary writings, without pretending to be scientific, fixing the family memory, characterizing an autobiographical writing.

Keywords: Beatriz Góis Dantas. Ordinary writings. Intellectuals. Reading. Reading and writing practices.

RESUMEN

Este trabajo presenta una comprensión de las prácticas de lectura y escritura desarrolladas por Beatriz Góis Dantas, evidenciando su inserción en diferentes áreas de actuación, tomando como marco de tiempo el período comprendido entre 1941 y 2013. El marco inicial corresponde a su año de nacimiento, en debido a la importancia de una contextualización que delimite los contornos del origen familiar en la búsqueda de rastros de lectura y escritura. El hito final se definió con la inserción de Beatriz en la Academia Lagartense de Letras (ALL) como un parámetro, considerando que su producción escrita fue, en cierta medida, aunque no exclusivamente, impulsando la indicación de ser parte de ese sodalício. Esta es una investigación histórica que utiliza los procedimientos metodológicos de la investigación documental y la historia oral, especialmente la historia de la vida y la historia temática, utilizando entrevistas semiestructuradas como instrumentos. El apoyo teórico que proporciona subsidios a este estudio se basa principalmente en el trípode intelectual del historiador Roger Chartier (1990, 1997, 1998, 1999, 2001, 2002, 2003, 2004, 2009, 2011, 2014) prácticas, apropiación y representaciones, diálogo con las concepciones de Maurice Halbwachs (1990) sobre memoria y Jean-François Sirinelli (2010) sobre intelectuales. Además de las narraciones recopiladas a través de entrevistas con el intelectual, así como con personas a su alrededor o, en cierta medida, relacionadas con la investigación, se utilizaron fuentes documentales, como actas de reuniones, expedientes institucionales, diarios de clase, publicaciones en periódicos y revistas, fotografías, grabados producidos por el intelectual, fotografías, ubicadas en los archivos del Instituto Histórico y Geográfico de Sergipe; en el Archivo Central y Sectorial de la Universidad Federal de Sergipe; en las colecciones de la Biblioteca Central y la Biblioteca del Campus Laranjeiras de la Universidad Federal de Sergipe, en la Biblioteca Epifânio Dória, además de la colección de la biblioteca privada del intelectual estudiado. Beatriz Góis Dantas vivió, desde la infancia, en un entorno favorable al desarrollo de la lectura y el aprendizaje. Los hábitos de lectura demostrados por su padre, al proporcionar una circulación de material impreso, libros de cuerdas y almanaques, favorecieron el descubrimiento de la lectura como una práctica agradable y útil. El apego a los libros y el gusto por la lectura condujeron a la constitución de una biblioteca que se estaba ensamblando con libros y material impreso en general, obtenida comprando en librerías, en librerías locales y librerías y otras regiones del país, a través de amigos, a través de amigos. catálogos, demostrando diferentes formas de adquirir libros en Brasil. Felte Bezerra y Josefina Leite fueron los nombres que más destacaron por tener una contribución importante a la formación intelectual de Beatriz. A pesar de la ausencia de una relación profesor / alumno, Felte Bezerra dejó un legado erudito que estuvo marcado, sobre todo, por la relación con la antropología y el trabajo escrito. Josefina Leite es recordada como la responsable de ingresar a la investigación, por el ejemplo del respeto a las diferencias y la apertura al diálogo. La producción académica de Beatriz Góis Dantas está compuesta por libros escritos en colaboración e individualmente, capítulos de libros, artículos publicados en periódicos y revistas, dentro de un repertorio temático interdisciplinario, teniendo como campo de estudio, su tierra natal, Sergipe. El libro *Vovó nagô y papai branco: usos y abusos de África en Brasil*, publicado en 1988, como resultado de su disertación de maestría, fue responsable de la fortuna crítica más acentuada entre los títulos del trabajo del antropólogo. Además de esta diversidad temática, el potencial memorialista del intelectual se evidenció en la producción de escritos ordinarios, sin pretender ser científico, arreglando la memoria familiar, caracterizando una escritura autobiográfica.

Palabras clave: Beatriz Góis Dantas. Escritos ordinarios. Intelectuales Leyendo. Prácticas de lectura y escritura.

RÉSUMÉ

Ce travail présente une compréhension des pratiques de lecture et d'écriture développées par Beatriz Góis Dantas, en soulignant son insertion dans différents domaines d'actuation. Le cadre temporel de cette recherche comprend les années de 1941 à 2013. Le cadre temporel initial correspond à son année de naissance, en fonction de l'importance de la contextualisation qui délimite les contours familiers à la recherche des traces de lecture et d'écriture; le cadre temporel final correspond à son entrée à l'Academia Lagartense de Letras (ALL), en considérant que sa production écrite a été, dans une certaine mesure, mais pas exclusivement, le motif de son indication à cette Académie. Il s'agit d'une recherche historique qui utilise les procédures méthodologiques de la recherche documentaire et de l'histoire orale, en particulier l'histoire de vie et l'histoire thématique, en utilisant des entretiens semi-directifs comme instruments. La contribution théorique qui subventionne cette étude repose principalement sur le trépied intellectuel de l'historien Roger Chartier (1990, 1997, 1998, 1999, 2001, 2002, 2003, 2004, 2009, 2011, 2014) Pratiques, Appropriation et Représentations, en dialoguant avec les conceptions de Maurice Halbwachs (1990) sur la mémoire et de Jean-François Sirinelli (2010) sur les intellectuels. En plus des récits recueillis à partir des entretiens avec l'intellectuelle, ainsi qu'avec des personnes autour d'elle ou, dans une certaine mesure, liés à la recherche. On a utilisé des sources documentaires telles que des comptes rendus de réunions, des dossiers institutionnels, des bulletins scolaires, des publications dans des journaux et magazines, photographies, des textes produits par l'intellectuel, photographies, situés dans les archives de l'Institut historique et géographique de Sergipe; dans les Archives centrales et sectorielles de l'Université fédérale de Sergipe; dans les collections de la Bibliothèque centrale et de la Bibliothèque du Campus Laranjeiras de l'Université fédérale de Sergipe, dans la Bibliothèque Epifânio Dória, en plus de la collection de la bibliothèque privée de l'intellectuel étudiée. Beatriz Góis Dantas a vécu, depuis son enfance, dans un environnement propice au développement de la lecture et de l'apprentissage. Les habitudes de lecture démontrées par son parent et la circulation de livres comme la littérature du Cordel, des almanachs, ont favorisé la découverte de la lecture comme une pratique agréable et utile. L'attachement aux livres et le goût de la lecture ont conduit à la constitution d'une bibliothèque qui a été faite avec des livres achetés dans des librairies, marché aux puces, librairies locales et des librairies du tout le pays, avec des amis, par catalogues, en montrant différentes façons d'acquérir des livres au Brésil. Felte Bezerra et Josefina Leite sont les noms qui se distinguent pour leur contribution pour la formation intellectuelle de Beatriz. Malgré l'absence de relation, enseignant/élève, Felte Bezerra a laissé un héritage érudit marqué surtout par la relation avec l'anthropologie et le travail écrit. Josefina Leite est connue comme la responsable de l'entrée dans la recherche, par exemple du respect des différences et de l'ouverture au dialogue. La production académique de Beatriz Góis Dantas est composée de livres écrits en partenariat et individuellement, des chapitres de livres, des articles publiés dans des journaux et des magazines, au sein d'un répertoire thématique interdisciplinaire, en ayant pour domaine d'étude sa terre natale, Sergipe. Le livre *Vovó Nagô et Papai Branco: Usos e Abusos da África no Brasil*, publié en 1988, originaire de sa thèse de Master, a été le responsable pour la fortune critique la plus accentuée parmi les titres des travaux de l'anthropologue. Outre cette diversité thématique, le potentiel mémorialiste de l'intellectuel se manifeste dans la production d'écrits ordinaires, sans vouloir être scientifique, en fixant la mémoire familiale, en caractérisant une écriture autobiographique.

Mots-clés: Beatriz Góis Dantas. Écrits ordinaires. Intellectuels. Lecture. Pratiques de lecture et d'écriture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Beatriz Góis Dantas aos três anos de idade	46
Figura 2	Casa da Fazenda Santo Antônio da Glória, em Itabaianinha (1949)	47
Figura 3	Beatriz em formação no Ginásio Santa Terezinha, em Boquim (1949)	48
Figura 4	Linha do tempo (1941-2013)	50
Figura 5	Fotografia do Cine Palace	58
Figura 6	Fachada da Livraria Regina (1960)	60
Figura 7	Capa do livro <i>Crestomatia</i> , 20ª edição (1946)	63
Figura 8	Capa de livro de cordel	68
Figura 9	Capa do <i>Almanaque d'o Pensamento</i> (1951)	71
Figura 10	Capa da 1ª edição da <i>Revista Capricho</i> (1952)	73
Figura 11	Capa da <i>Revista O Cruzeiro</i> (1955)	74
Figura 12	Fotografia da fachada frontal do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1950)	75
Figura 13	Fotografia de Beatriz no Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1958)	78
Figura 14	Fotografia da turma de formandas do curso pedagógico do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1958)	80
Figura 15	Monsenhor Luciano José Cabral Duarte	83
Figura 16	Requerimento para inscrição no concurso de habilitação à FCFS (1960)	84
Figura 17	Registro de inscrição para concurso de habilitação à FCFS (1960)	85
Figura 18	Capa dos dois volumes do romance <i>Guerra e Paz</i> , edição de 1957	87
Figura 19	Fotografia de alunos no pátio interno da FCFS (1963) ...	89
Figura 20	Requerimento para matrícula no curso de Didática (1963)	93
Figura 21	Turma de licenciados da FCFS (1963)	94
Figura 22	Fotografia de casamento de Beatriz e Ibarê (1964)	96
Figura 23	Representação gráfica dos intelectuais que serviram de estímulo à Beatriz	102
Figura 24	Fotografia de Felte Bezerra	103

Figura 25	Fotografia de Josefina Leite Campos (1954)	106
Figura 26	Organograma das atividades relacionadas à docência e à pesquisa	110
Figura 27	Marcas de leitura feitas por Beatriz em livro (1966)	113
Figura 28	Beatriz em aula de campo com alunos em terreiro de Aracaju	115
Figura 29	Beatriz inspeciona documentos no APES (1970)	116
Figura 30	Nota da nomeação da diretora do DCPH (1970)	118
Figura 31	Biblioteca da casa em Campinas (1979)	126
Figura 32	Biblioteca da casa em Aracaju, rua Maruim (2000)	128
Figura 33	Visão parcial da biblioteca da casa em Aracaju, Atalaia (2020)	129
Figura 34	Solenidade de doação de livros ao Campus de Laranjeiras	130
Figura 35	Caracterização das práticas de escrita de Beatriz Góis Dantas	134
Figura 36	Contracapa do caderno transformado em álbum de poesias <i>Meu Álbum</i> (1956)	136
Figura 37	Índice do <i>Meu Álbum</i> (1956)	137
Figura 38	Página do <i>Meu Álbum</i> contendo poema de Machado de Assis (1956)	138
Figura 39	Página do caderno de inventário de livros contendo descritivo da Coleção de História Geral das Civilizações	140
Figura 40	Página do caderno de inventário de livros de romances ..	141
Figura 41	Página do caderno de inventário contendo relação de livros lidos	142
Figura 42	Capa do impresso <i>Figuras da Infância</i>	144
Figura 43	Dedicatória feita por Beatriz no impresso <i>Figuras da Infância</i>	145
Figura 44	Capa do livro <i>Antônio Germano de Góis: a saga de um fazendeiro</i>	147
Figura 45	Fotografia existente no livro <i>Antônio Germano de Góis: a saga de um fazendeiro</i>	149
Figura 46	Beatriz em trabalho de campo na Ilha de São Pedro (1980)	151
Figura 47	Anotações de campo feitas por Beatriz no terreiro de Bilina	152
Figura 48	Beatriz em interação com o grupo Lambe-Sujos	154
Figura 49	Capa do livro <i>A Taieira de Sergipe</i> – 1ª edição	164

Figura 50	Capa do livro <i>Nago Grandma & White Papa</i>	169
Figura 51	Beatriz Góis Dantas na posse como imortal da Academia Lagartense de Letras	174
Figura 52	Municípios de incidência das pesquisas realizadas por Beatriz	175

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Relação dos entrevistados durante a pesquisa	27
Quadro 2	Artigos localizados na <i>Revista Brasileira de História da Educação</i> a partir da busca sobre práticas de leitura e escrita (2004-2016)	35
Quadro 3	Artigos localizados na <i>Revista História da Educação</i> a partir da busca sobre práticas de leitura e escrita de intelectuais (1997-2017)	37
Quadro 4	Artigos localizados nos <i>Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação</i>	39
Quadro 5	Disciplinas cursadas por Beatriz no curso de Geografia e História da FCFS (1960 – 1963)	90
Quadro 6	Disciplinas ministradas por Beatriz Góis Dantas nos cursos de graduação, pós-graduação e no Programa de Qualificação Docente (PQD) (1966-2001)	101
Quadro 7	Quantidade de livros do <i>Meu Álbum</i> organizados por assunto	139
Quadro 8	Artigos publicados por Beatriz em revistas locais e nacionais (1967-2009)	155
Quadro 9	Textos publicados por Beatriz em jornais de Aracaju (1974-2004)..	160
Quadro 10	Livros publicados por Beatriz (1972-2013)	161
Quadro 11	Capítulos de livros publicados em obras coletivas	171
Quadro 12	Folhetos publicados	172

LISTA DE SIGLAS

ALL	Academia Lagartense de Letras
APES	Arquivo Público do Estado de Sergipe
APLCAD	Academia Propriaense de Letras, Ciências, Artes e Desportos
ASPHE	Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação
BANESE	Banco do Estado de Sergipe
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBHE	Congresso Brasileiro de História da Educação
CEAV	Centro de Audiovisual
CESAD	Centro de Educação Superior à Distância
CNFPCP	Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
DAA	Departamento de Administração Acadêmica
DAC	Departamento de Apoio à Cultura
DCPH	Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico
DHI	Departamento de História
DIMOR	Divisão de Movimentação e Registros
DP	Divisão de Pessoal
DPS	Departamento de Psicologia e Sociologia
EDUFAL	Editora da Universidade Federal de Alagoas
FAPESE	Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe
FAPESPE	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FASC	Festival de Artes de São Cristóvão
FCFS	Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNARTE	Fundação Nacional de Artes
IHGAL	Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas
IHGSE	Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-brasileiros
NEI	Núcleo de Estudos Indígenas

NPPCS	Núcleo de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
NHII	Núcleo de História Indígena e do Indigenismo
PDPH	Programa de Documentação e Pesquisa Histórica
PROHIS	Programa de Pós-Graduação em História
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RBHE	Revista Brasileira de História da Educação
RHE	Revista de História da Educação
SEED	Secretaria de Estado da Educação
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	20
2 COSTURANDO HISTÓRIAS: AS PRÁTICAS DE LEITURA NAS LEMBRANÇAS DE UMA INTELLECTUAL	44
2.1 UM ESBOÇO BIOGRÁFICO	48
2.2 A HISTÓRIA DA LEITURA E SUAS DIFERENTES PRÁTICAS	51
2.3 CONFIGURAÇÃO DE UM PANORAMA CULTURAL	57
2.4 LEITURAS QUE MARCARAM UMA VIDA	61
2.5 NOVOS MUNDOS SE DESCORTINAM ATRAVÉS DA LEITURA	75
3 A FORMA DE ESTAR NO MUNDO	98
3.1 “UM HOMEM FASCINADO PELA ANTROPOLOGIA”	102
3.2 “A MULHER QUE ME FEZ VER O MUNDO”	105
3.3 DOCÊNCIA E PESQUISA	109
4 A POSSE DO LIVRO: A CONSTITUIÇÃO DE UMA BIBLIOTECA	121
5 O “ESCREVER” DA INTELLECTUAL	132
5.1 ESCRITAS ORDINÁRIAS	135
5.2 ESCRITAS DE SI	143
5.3 DAS ALDEIAS AOS TERREIROS: A ESCRITA ACADÊMICA	150
5.3.1 Artigos publicados em revistas	155
5.3.2 Publicações em jornais	160
5.3.3 Livros publicados	161
5.3.4 Capítulos de livros	170
5.3.5 Folhetos	172
5.4 A ACADEMIA LAGARTENSE DE LETRAS	173
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
FONTES	182
REFERÊNCIAS	190
APÊNDICES	198
APÊNDICE A Roteiro de entrevista 1	199
APÊNDICE B Roteiro de entrevista 2	200
APÊNDICE C Roteiro de entrevista 3	201
APÊNDICE D Roteiro de entrevista 4	202
ANEXOS	203
ANEXO 1 História de um cão	204
ANEXO 2 Última corrida de touros em Salvaterra	208
ANEXO 3 Carta de Theotônio Vilela Brandão	212
ANEXO 4 Carta de Edison Carneiro	215
ANEXO 5 Carta de Maria Isaura Pereira de Queiroz	217

ANEXO 6 Carta de Roger Bastide	219
ANEXO 7 Direitos sobre terras indígenas	220
ANEXO 8 Galeria de fotos	222



Um mesmo intelectual pode ser criador e mediador; pode ser só criador ou só mediador; ou pode ser mediador em mais de um tipo de atividade de mediação cultural, sendo seu valor conferido pelo reconhecimento de seu trabalho, quer pelo público, quer pelo próprio campo intelectual com o qual dialoga (GOMES e HANSEN, 2016).

1 INTRODUÇÃO

Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possam estendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação.

(DE CERTEAU, 2013)

A realização desta investigação está vinculada à linha de pesquisa História da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), dentro da área de concentração “História, Sociedade e Pensamento Educacional”, transitando pelas áreas de investigação sobre a história da leitura, história dos intelectuais, história das mulheres, constituindo-se em um estudo sobre práticas de leitura e escrita. Trata-se de uma pesquisa documental que tem respaldo teórico no campo historiográfico da História Cultural, utilizando, também, instrumentos metodológicos da História Oral¹. A temática abordada está em consonância com as diretrizes acadêmicas do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas (GEPHED/UFS)².

Mais que uma habilidade adquirida, a leitura³ é uma forma de proporcionar sentidos e significados, através de elementos utilizados pelo leitor no momento em que lê. Esses elementos dependem e estão vinculados a fatores, tais como leituras anteriores, relações sociais, experiências acumuladas ao longo da vida, bem como a tempos históricos e ambientes, tipologias e materialidade, elementos que determinam as apropriações e representações das práticas cotidianas, que variam entre épocas, lugares, pessoas, gerações.

O interesse pela história da leitura, da escrita e suas práticas tem crescido na historiografia contemporânea e a temática tem se consolidado a partir dos estudos de Roger Chartier e Robert Darnton, principalmente, sobre a história da leitura e a história do livro. A

¹ Pesquisa submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFS, por meio da inserção na Plataforma Brasil, aprovada em 13 de novembro de 2019, obtendo CAAE 19136619.2.0000.5546, Número do Parecer 3.703.197.

² O GEPHED foi criado em 2015 e é coordenado pelos professores doutores Joaquim Tavares da Conceição e Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, vinculado ao PPGED/UFS. dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7443140389670880

³ A concepção de leitura utilizada nessa tese é baseada nas ideias do historiador francês Roger Chartier, segundo as quais a leitura é uma prática social constituída historicamente, que desencadeia invenção de significados próprios postos em evidência pelo leitor no instante em que desenvolve o ato de ler.

renovação ocorrida na historiografia, no século XX, propiciou a inserção de novas técnicas e a utilização de novas fontes documentais no campo da pesquisa, tornando possível “um processo de superação dos velhos modelos de explicação dominantes que encerravam em limites rígidos o conhecimento sobre as experiências dos indivíduos no passado” (LEITE, 2005, p. 18), desconstruindo a negação da validade científica às ciências que se ocupam das sociedades humanas e sociais. Essa concepção possibilita pensamentos e ações mais plurais na compreensão das distintas atividades humanas a partir de interpretações caracterizadas por uma crítica reflexiva, que permite problematizações a respeito de atividades individuais ou coletivas, experiências e práticas sociais, como é o caso da leitura e da escrita.

A história da leitura aponta práticas que foram se modificando ao longo do tempo, demonstrando as distintas formas de comunicação através de sinais, desde aqueles que podiam ser “lidos” a distância, como fumaça e fogo, configurando o que Steven Roger Fisher (2006) denomina “escrita incompleta”⁴, que fazia uso de palavras isoladas representando ações pontuais. Mais tarde, a disposição da escrita em rolos possibilitou uma nova organização e proporcionou novas formas de leitura, no entanto, o rolo, para ser lido, precisava ser desenrolado e segurado com as duas mãos, dificultando a comparação entre partes do texto localizadas em pontos distintos, impedindo que o leitor tomasse notas ou fizesse apontamentos enquanto lia.

Nos estudos sobre práticas de leitura, existem diferentes e variadas possibilidades teóricas e metodológicas. Considerando a história do livro, de acordo com o referencial de Robert Darnton (2010), a produção e difusão de livros na sociedade pressupõe um “[...] circuito de comunicação que vai do autor ao editor, ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor” (DARNTON, 2010, p. 125), circuito cujas condições variam conforme épocas e lugares. Dentro dessa concepção, o leitor é considerado o segmento de mais difícil acesso na história da leitura, pois, sua “[...] experiência íntima [...] sempre pode se esquivar de nós” (DARNTON, 2010, p. 146), uma vez que as práticas cotidianas quase nunca são registradas, sendo difícil de capturá-las com o passar do tempo. Levando em conta esse ponto de vista, não é fácil desenvolver uma história demonstrando as atividades do leitor, não obstante, é possível. É o que essa pesquisa pretende constatar.

A motivação para esse estudo teve origem na investigação desenvolvida durante o curso de mestrado sobre práticas de leitura de mulheres que evidenciou, entre outras questões,

⁴ De acordo com Fisher essa classificação se opõe à escrita que possibilita a leitura de textos com uma sequência lógica, com valor sonoro específico, exigindo diferenciadas expressões gráficas. Para informações mais detalhadas, ver FISHER (2006).

a historicidade das práticas de leitura, a indicação da leitura como um meio de socialização de costumes, a relevância da materialidade dos textos, além de demonstrar o ato de ler como importante elemento de formação das mulheres que foram objeto do estudo⁵. Nas trajetórias então pesquisadas, foi possível verificar, na vida escolar das integrantes da pesquisa, a presença de impressos produzidos por mulheres que se tornaram escritoras entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX e, se firmaram em ambientes literários nos quais ainda era incipiente a presença feminina⁶.

Embora fugisse aos objetivos do trabalho desenvolvido naquela ocasião, foi possível verificar a ressonância das ações daquelas escritoras na criação de um conhecimento que circulou entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A partir dos questionamentos que ficaram em aberto, das fontes levantadas, dos estudos desenvolvidos durante o mestrado, bem como da troca de experiências nos eventos científicos, além das leituras sobre intelectuais que vinham sendo realizadas no momento, foram delineadas algumas possibilidades de novas investigações, resultando, desses fatores, a concepção de uma pesquisa para doutoramento a respeito da leitura e escrita de mulheres intelectuais.

O lugar do historiador está articulado com elementos específicos de uma ação que liga ideias, locais, tempos e espaços, determinando as atividades próprias das suas análises, na busca da compreensão de uma realidade em um primeiro momento indecifrável, oculta, mas aberta às interpretações possibilitadas pelas determinações de métodos próprios ao exercício historiográfico. E “[...] é em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam” (CERTEAU, 2013, p. 67), viabilizando, desse modo, as escolhas que se impõem ao fazer historiográfico que relaciona um local, técnicas de análise e uma escrita, ou seja, uma prática, uma atividade humana, que é a operação da escrita da história.

Associando as questões elencadas acima e com base em uma topografia de interesses específica, foram delimitados como critérios para a construção de um perfil que definisse as intelectuais a serem estudadas: ter sido professora da UFS; possuir uma produção livresca; ter participado ou participar da organização acadêmica e cultural em ambientes sergipanos; reunir

⁵A pesquisa teve como integrantes oito mulheres de distintas gerações da mesma família e resultou na dissertação de mestrado defendida pela autora no PPGED/UFS, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, em 2016, com o título *Práticas de Leitura: lembranças de família e histórias de vida*. Ver SANTOS (2016).

⁶Entre outros, foram destacados os livros que compõem a coleção *Série Corações de Criança*, de autoria de Rita Macedo Barreto, uma das primeiras mulheres a se dedicar à escrita de livros didáticos no Brasil. Era composta por seis livros: uma cartilha, um livro de lições preparatórias, além de quatro livros de contos morais e cívicos. Em estudo sobre o livro didático e o ensino moral e cívico em Sergipe, Daniela Souza Santos (2012) identificou a adoção desses livros em Sergipe nos anos 1920.

um histórico de pesquisa na área das Ciências Humanas; possibilitar uma participação ativa na investigação, ou seja, mulheres vivas. Tomar como objeto de pesquisa pessoas vivas, em que pese o inquestionável proveito de uma atuação efetiva e a utilização da memória de quem vivenciou determinados fatos, pode acarretar, em alguns casos, a resistência das pessoas estudadas, conforme ocorrido com outros pesquisadores, a exemplo da historiadora Zaia Brandão (1999), em sua pesquisa acerca do percurso intelectual de Paschoal Lemme⁷. No entanto, a autora afirma que “[...] esta resistência obrigou-me a aprofundar a análise da historiografia, na procura de reconstituir a gênese das diferentes memórias” (BRANDÃO, 1999, p. 13), apontando as estratégias para a elaboração de um trabalho pautado no respeito à diversidade de pontos de vista, no diálogo produtivo e na confiança estabelecida, paulatinamente, entre pesquisador e pesquisado.

A relação com a intelectual estudada nessa pesquisa foi sendo evidenciada a partir do primeiro contato, na sede do IHGSE, por ocasião da solenidade de lançamento da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (RIHGSE) nº. 47, em 2017, quando foram apresentados, de maneira informal e sucinta, os objetivos da pesquisa a ser desenvolvida. Na oportunidade, foi demonstrada, por parte da antropóloga, a aceitação em participar do estudo.

Um objeto de pesquisa não é escolhido por qualquer espécie de acaso e nunca é fruto de uma triagem que se faz a partir de opções apenas sentimentais, não obstante, o componente afetivo esteja, por vezes, implícito nas razões acadêmicas e seja importante para o desenvolvimento e fruição do trabalho investigativo. Ele é fruto de uma construção paulatina, elaborada com base em critérios epistemológicos que são criados e recriados sucessivamente, em função de diretrizes específicas que regem o percurso teórico do pesquisador.

Dentro dos critérios estabelecidos e após observação de aspectos ligados à vida de mulheres que correspondiam ao perfil delimitado⁸, a trajetória de Beatriz Góis Dantas demonstrou conformidade com uma intelectual que atuou na docência sergipana, teve papel significativo nas instâncias da UFS e em outras instituições ligadas à cultura e à educação. Além

⁷ A tese defendida por Rosaly Hermengarda Lima Brandão, Zaia Brandão, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – Rio), em 1992, com o título *A Intelligentsia Educacional: um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil*, teve como objetivo entender qual o significado das ações de Paschoal Lemme entre os chamados Pioneiros da Escola Nova. Houve, em um momento inicial da pesquisa, certa resistência da parte do intelectual, por não se sentir à vontade em ser, à época, frequentemente procurado por ser “o último dos pioneiros vivos”, circunstância que, aliada ao fato de ter sido um dos poucos quadros de esquerda do grupo, o tornava “alvo de curiosidade”. Conferir BRANDÃO (1999).

⁸ Inicialmente, três intelectuais sergipanas apresentaram perfis condizentes com os critérios definidos: Maria Olga de Andrade, Beatriz Góis Dantas e Terezinha Alves de Oliva, no entanto, foi feita opção por Beatriz Góis Dantas, em função da existência de uma produção escrita mais volumosa, coadunando com os objetivos da pesquisa, entre os quais, analisar práticas de escrita da intelectual.

disso, possui publicações em meios distintos, desfruta de notoriedade em diferentes setores acadêmicos e intelectuais, tendo obtido reconhecimento nacional e internacional dentro da sua área de estudos e pesquisas.

Nessa perspectiva, o estudo tomou como objeto de investigação práticas de leitura e escrita, tendo como objetivo geral compreender as práticas de leitura e escrita desenvolvidas por Beatriz Góis Dantas, evidenciando a sua inserção em diferentes espaços de atuação, estabelecendo como marco temporal o período entre 1941 e 2013. O marco inicial corresponde ao seu ano de nascimento, em função da importância de uma contextualização que delimite os contornos da origem familiar na busca por vestígios de leitura e escrita. O marco final foi definido tendo como parâmetro a inserção de Beatriz na Academia Lagartense de Letras (ALL), considerando que a sua produção escrita foi, em certa medida, embora não exclusivamente, impulsionadora da indicação para fazer parte daquele sodalício. No intuito de alcançar o resultado pretendido, foram definidos como objetivos específicos: Estudar a trajetória de Beatriz Góis Dantas a partir das práticas de leitura desenvolvidas na educação familiar, assim como na educação escolar e acadêmica; Estabelecer a relação entre a docência e a pesquisa, ressaltando a contribuição de intelectuais em seu ingresso na comunidade científica e antropológica; Demonstrar a sua movimentação em diferentes esferas culturais, considerando a circulação e apropriação da sua obra entre os pares; Evidenciar a produção da intelectual, identificando suas práticas de escrita como uma forma de representação de realidades distintas. O título dessa tese, *Interfaces de uma antropóloga: as práticas de leitura e escrita de Beatriz Góis Dantas (1941-2013)* foi pensado em função da referência ao espectro de suas áreas de atuação, a relação entre vários campos do saber, estabelecendo pontes entre a História e a Antropologia.

Beatriz Ribeiro de Góis⁹ nasceu no município sergipano de Lagarto, na Fazenda Santo Antônio¹⁰, em 21 de setembro de 1941, filha de Ana Ribeiro de Góis e Antônio Germano de Góis. É graduada em Geografia e História pela Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1963), mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (1980).

⁹ Ao contrair núpcias com o historiador sergipano José Ibarê Costa Dantas, em 1964, passou a adotar o nome Beatriz Góis Dantas, conforme consta na certidão de casamento localizada no dossiê de servidor aposentado, no arquivo setorial do Departamento de Pessoal (DP) da UFS. No decorrer desse trabalho, a referência à intelectual consta como Beatriz Ribeiro Góis para momentos anteriores ao matrimônio e, para datas posteriores, será utilizado o nome Beatriz Góis Dantas ou, Beatriz.

¹⁰ Na certidão de nascimento de Beatriz, consta o nome Fazenda Santo Antônio, no entanto, nas entrevistas e nas escritas autobiográficas, a denominação dada ao local de nascimento é Fazenda Vaza-Barris, numa referência ao rio que margeava a região onde estava situada a casa da fazenda.

Recebeu o título de professor emérito da UFS (1996)¹¹, instituição onde lecionou durante o período compreendido entre 01.09.1967¹² e 01.05.1991, desenvolvendo pesquisas nas áreas de antropologia, folclore, etnohistória indígena, artesanato e cultos afro-brasileiros. Após a aposentadoria, em 1991, foi contratada por tempo determinado, através de Termo Aditivo, retomando suas atividades docentes por dois anos, durante o período compreendido entre 22.09.1994 e 21.09.1996, “[...] para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público”¹³. É autora de livros e artigos e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe¹⁴ (anos 1970) e da Academia Lagartense de Letras (2013).

Nessa pesquisa, importa conhecer a trajetória da intelectual em estudo, tomando suas práticas de leitura e escrita como referência. Não se trata de uma escrita biográfica, contudo, a partir do momento em que a história de vida se evidencia, é oportunizado o intuito mais amplo de estudar suas ações, suas obras e a circulação delas entre os pares. No cenário aberto por essas questões, então, cabe indagar: a partir de quais elementos de leitura Beatriz Góis Dantas desenvolveu seu interesse pela área da Antropologia, centrando suas práticas de escrita nesse campo de conhecimento? quais suas lembranças de leitura, como se constituiu leitora e, posteriormente, escritora? em que ambientes desenvolveu suas práticas de leitura, de que forma lia, em quais cenários cotidianos, quais os docentes que marcaram suas escolhas? esses, acrescidos de outros questionamentos, deverão proporcionar pistas para o desvelamento de contextos históricos e culturais, práticas docentes e educacionais, agentes sociais que tiveram importância no cenário histórico onde se insere a intelectual pesquisada.

Algumas hipóteses foram elaboradas no intuito de responder aos problemas apresentados: as práticas de leitura desenvolvidas durante o período de formação familiar e escolar foram elementos incentivadores das práticas de escrita; as práticas de leitura desenvolvidas no nível de formação superior foram determinantes na direção das práticas de escrita em áreas específicas; as práticas de leitura e escrita desenvolvidas durante o processo

¹¹ O Estatuto da UFS prevê a concessão da honraria a professores aposentados que tiveram reconhecida projeção das suas atividades no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão. A Resolução nº 07/96/CONSU, datada de 23 de julho de 1996, conferiu o título de professor emérito aos professores: Emmanuel Franco; José Silvério Leite Fontes; José Bonifácio Fortes Neto; José Américo de Azevedo; Maria Thétis Nunes; Beatriz Góis Dantas. O documento pode ser visualizado em <https://www.sigrh.ufs.br/sigrh/public/colégiados/resolucoes.jsf>

¹² Ingressou como professora na FCFS, sendo incorporada ao corpo docente da UFS quando da fundação da universidade, em 1968.

¹³ Documento localizado no Arquivo Setorial UFS/GRH/DP, unidade DIMOR.

¹⁴ Não há uma precisão sobre a data em que a intelectual passou a fazer parte do sodalício, nem existe nos arquivos daquela instituição uma ata de posse. Em entrevista à autora, em 2019, Beatriz informou que ingressou no IHGSE a pedido de Maria Thétis Nunes, com o propósito de ajudar na reestruturação do órgão nos anos 1970, quando a professora assumiu a presidência da *Casa de Sergipe*.

formativo, bem como as redes de relações sociais estabelecidas proporcionaram um repertório intelectual que oportunizou a inserção em espaços acadêmicos e culturais.

Intelectuais e suas trajetórias de vida têm sido pesquisados no cenário brasileiro e sergipano, enriquecendo a literatura nos diversos segmentos acadêmicos, versando sobre variados enfoques, como aspectos pessoais, políticos, atuação em instituições educacionais, sociais, de forma isolada ou interrelacionada, no entanto, a temática específica aqui proposta, o intelectual leitor, não tem sido investigada. A análise da trajetória da intelectual sergipana, tomando como base suas práticas de leitura e escrita, abre possibilidades para a reconstituição de espaços sociais, geográficos, acadêmicos, períodos históricos distintos, instituições, valores, crenças, pertencimentos, práticas educacionais e culturais, redes de relações sociais, entre outros aspectos que exprimem a relevância dessa pesquisa.

Ademais, o pioneirismo no estudo de determinadas temáticas reivindica um lugar de destaque na historiografia sergipana, em especial, que se ocupe do intelectual como um leitor, mas, não apenas isso, que vincule as práticas de leitura desenvolvidas ao contexto histórico e intelectual da sociedade aracajuana em um dado recorte temporal.

O universo da pesquisa foi conhecido por Beatriz quando ainda era aluna do curso de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS), incentivada pela professora Josefina Sampaio Leite¹⁵. Ao longo dos anos, a sua trajetória como pesquisadora se intensificou e se consolidou, preenchendo hiatos na historiografia sergipana, divulgando os resultados de suas investigações e abrindo caminhos para outros estudiosos. Escrevendo e publicando artigos e livros, por vezes em coautoria com demais antropólogos brasileiros, firmou seu nome como referência em Sergipe e no país, com suas obras a respeito da cultura indígena, folclore, religiões afro-brasileiras e cimentou a estrada que lhe conduziu ao lugar dos intelectuais.

Dentro dessa perspectiva, Jean François Sirinelli (2010) é referenciado, nessa pesquisa, para ancorar esse entendimento, ao dispor as ações dos intelectuais no bojo da noção de “criadores” e “mediadores culturais”, definindo os primeiros como sendo aqueles que fazem parte da criação literária, artística e do saber, inserindo os segundos como os divulgadores dessa criação e desse saber. Como intelectual criadora e mediadora cultural, Beatriz contribuiu, ao longo das últimas décadas, e, continua contribuindo, para a construção e divulgação de um

¹⁵ O percurso de Josefina Leite e demais professores que deixaram marcas na trajetória de Beatriz é tratado em seções posteriores, bem como a relação estabelecida entre as duas intelectuais.

conhecimento que oportuniza a formação de novos pesquisadores, possibilitando a divulgação de resultados de pesquisas que elucidam lacunas na história sergipana.

Para atingir os objetivos desse estudo, o levantamento documental identificou e analisou diferentes tipologias de fontes, a saber: relatos orais, documentos escritos e iconográficos, compondo um corpo documental tal como entrevistas, discursos, atas de reuniões, escritos em jornais e revistas, dossiês institucionais, artigos, livros, fotografias e, sobretudo, as memórias da intelectual, bem como de familiares e pessoas que fizeram ou fazem parte da sua rede de relacionamentos.

Os documentos levantados e reunidos compõem um corpo de fontes coletadas em acervos que fazem parte de arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE); arquivo central da UFS; arquivos setoriais do Departamento de Administração Acadêmica (DAA) e do Departamento de Pessoal (DP) da UFS¹⁶; arquivo do Programa de Pós-graduação em História (PROHIS)¹⁷ da UFS, além de outros arquivos que foram incorporados no desenvolvimento da pesquisa, incluindo demais espaços institucionais nos quais a intelectual desenvolveu e desenvolve atividades. Além disso, o acervo da biblioteca particular de Beatriz serviu como local de pesquisa, considerando que “o ‘onde’ da leitura é mais importante do que se poderia pensar, pois a colocação do leitor em seu ambiente pode dar sugestões sobre a natureza de sua existência” (DARNTON, 2011, p. 218), podendo revelar as formas de constituição desse acervo, desvelando as preferências de leitura, a circulação dos textos na comunidade de leitores de que faz parte, bem como aspectos da intimidade entre livro e leitor. Foram realizadas entrevistas com pessoas que, em maior ou menor medida, contribuíram para o desenvolvimento desse estudo.

Quadro 1 Relação dos entrevistados durante a pesquisa.

Nº	Entrevistado	Relação com a pesquisa	Atuação profissional	Conteúdo da entrevista
1	Claudefranklin Monteiro	Fundador da ALL	Professor da UFS	Ingresso de Beatriz na ALL.
2	Eufrázia Menezes Santos	Ex-aluna de Beatriz na graduação e na pós-graduação na UFS	Professora da UFS	Aspectos do período em que foi aluna, com ênfase nas práticas de sala de aula.
3	José Ibarê Costa Dantas	Ex-aluno de Beatriz na graduação na UFS/Esposo	Ex-professor da UFS, historiador e cientista político	Trajatória estudantil, relação pessoal, aspectos relativos às

¹⁶ Os documentos localizados nos arquivos setoriais do DAA e do DP compõem os dossiês de Beatriz Góis Dantas, nas condições de aluna e de docente, respectivamente.

¹⁷ O arquivo do antigo Programa de Documentação e Pesquisa Histórica (PDPH) foi incorporado pelo PROHIS.

				leituras e à produção escrita.
4	Roberto Calazans Melo	Ex-professor da UFS	Escritor, membro da APLCAD	Práticas culturais em Aracaju no segundo quartel do século XX.
5	Terezinha Oliva	Ex-aluna de Beatriz na UFS	Historiadora, professora aposentada da UFS, oradora do IHGSE	Trajatória estudantil e profissional, relação de amizade, produção acadêmica.
6	Mércia Silva	Ex-aluna	Servidora pública aposentada	Trajatória estudantil.
7	Zenilde Silva	Ex-aluna de Beatriz na UFS	Servidora da UFS	Trajatória estudantil.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Além das contribuições elencadas no quadro acima, foram utilizados trechos de entrevistas concedidas por Beatriz Góis Dantas a outros pesquisadores, publicadas em distintos veículos de comunicação, revistas e jornais, bem como entrevistas apresentadas em trabalhos acadêmicos nos quais a intelectual teve uma interlocução com o autor.

As entrevistas com a intelectual, bem como com familiares, ex-alunos e ex-colegas, ocorreram dentro de um cronograma previamente agendado, tendo sido estipulado, inicialmente, um total de dez entrevistados, posteriormente ampliado em função das informações que foram surgindo na análise das fontes.

As entrevistas com Beatriz foram realizadas em sua residência, em dois blocos de conversa, em 2018 e 2019. Embora as práticas de leitura e escrita não estejam dissociadas das práticas cotidianas, nem existam fronteiras delimitando as diferentes etapas de vida, no primeiro bloco, foram tratados assuntos referentes às leituras vinculadas aos ciclos vitais, relacionados à trajetória familiar, escolar, acadêmica e profissional, ao passo que o segundo momento abordou questões relacionadas às produções escritas. A partir do primeiro encontro, foi sendo estabelecido um clima de cooperação e de acolhimento que foi configurando outras formas de contato, conversas e partilha de fontes, a exemplo de fotografias, textos inéditos, cartas, cadernos e escritos de circulação restrita.

Com os demais integrantes da pesquisa, as entrevistas transcorreram no mesmo diapasão, nas residências ou nas dependências da UFS, além de, em determinados casos, ter sido necessário o envio de depoimentos escritos, por meio eletrônico, por impossibilidade da presença física.

Os autores que tratam dos procedimentos metodológicos da História Oral (ALBERTI, 2004; Meihy e Holanda, 2011; 2015) apontam a existência de três gêneros para esse

procedimento metodológico: tradição oral, história temática e história de vida. Na história oral de vida, o passado é reconstituído por pessoas que viveram esse passado, portanto, é na subjetividade que a metodologia encontra sua essência. Nessa pesquisa, a história de vida foi utilizada nas entrevistas com Beatriz e a história temática empregada nas entrevistas com ex-alunos, ex-colegas e com familiares, como meio de complementação das informações coletadas com a intelectual em estudo e nos demais documentos analisados¹⁸.

A História Oral consiste em uma metodologia que pressupõe o envolvimento de “[...] pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo”, conforme aponta Alberti (2004, p.30). Para a autora, qualquer tema pode ser investigado através da História Oral, desde que existam pessoas que tenham algo a dizer sobre ele, chamando a atenção para a pertinência das perguntas a serem feitas e pelos instrumentos utilizados na pesquisa. A entrevista semiestruturada constitui-se, nessa pesquisa, na técnica mais apropriada para obter as informações que melhor conduzem às respostas para as questões que norteiam esse trabalho, dentro da metodologia da História Oral, uma vez que ela possibilita uma maior e mais adequada flexibilização no controle do tempo, além de proporcionar a inclusão de perguntas complementares, quando necessário.

Na elaboração de elementos de análise que auxiliam o pesquisador para a compreensão do seu objeto de estudos, a memória desempenha papel fundamental nos procedimentos que compõem a História Oral. A memória é uma construção coletiva, ainda que faça parte de acontecimentos que foram vividos individualmente, uma vez que todos os pensamentos particulares são, de alguma forma, ligados a outras existências. O sujeito que lembra é um sujeito inserido em um grupo social do qual participa ou já participou em algum momento. Todas as lembranças são construídas coletivamente, sendo assim, lembrar o passado significa recordar, também, as lembranças de outros sujeitos, dentro de um limite de espaço e de tempo, no dizer de Halbwachs (1990).

As fotografias foram utilizadas, nessa pesquisa, como fontes históricas, localizadas em acervos de integrantes do estudo, especialmente no acervo particular de Beatriz Góis Dantas, nos acervos do IHGSE, do Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES), além daquelas registradas pela autora.

¹⁸ Meihy (2011) identifica como História Oral Híbrida a que vai além do uso de entrevistas, mesclando as narrativas com documentos cartoriais, fotografias, cartas, diários, escritos autobiográficos, conferindo uma dimensão analítica que transcende a utilização única de entrevistas sem, contudo, estabelecer uma hierarquização entre modalidades de História Oral.

O aporte teórico que proporciona a base epistemológica desse estudo tem como parâmetro principal as concepções de Roger Chartier (1998; 2001; 2002; 2003; 2003b; 2004; 2009; 2011; 2014). Seu projeto intelectual tem como fundamento o tripé composto pelos conceitos de apropriação, representações e práticas que, interligados, fornecem a chave para estudo e compreensão acerca da leitura e da escrita como práticas sociais e culturais. Para o historiador francês apropriação é invenção e criação. No caso específico da leitura, consiste no processo através do qual as pessoas dão sentido aos textos, sentido esse que depende da história e da identidade social de cada um. Assim, para Chartier (2001), apropriação implica em invenção, criação e produção de sentidos e, no que se refere à leitura, diz respeito ao uso que o leitor faz dos textos dos quais se apodera, inventando significados a partir das suas experiências anteriores.

O conceito está relacionado, dessa forma, à multiplicidade de interpretações, de usos, de compreensões, assim como à liberdade que os leitores possuem para criar, inventar e reinventar, “[...] uma vez que cada leitor a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” (CHARTIER, 2001, p. 20).

O conceito de representações é de fundamental importância para a compreensão do objeto estudado, no sentido segundo o qual “[...] essa noção permite vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais” (CHARTIER, 2009, p. 49). A noção está, assim, ligada às formas de compreensão do mundo a partir da realidade social de cada um e é de significativa importância, nesse estudo, para o entendimento a respeito das percepções da atuação intelectual da professora em análise.

Representações são, portanto, maneiras como cada um confere sentido ao mundo, “[...] esquemas intelectuais [...] que produzem estratégias e práticas [...] que tendem a [...] legitimar [...] e justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 1990, p. 17). Assim sendo, é possível construir indagações acerca das maneiras como a intelectual pensa as suas práticas, especialmente suas práticas de leitura e escrita, em que medida e se essas práticas se consolidaram como integrantes das suas condutas.

Chartier define práticas de leitura em função dos usos que se faz dos livros e das demais formas de impressos, das variadas formas de ler. Segundo o historiador, “[...] os atos de leitura que dão aos textos significados plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas [...]” (CHARTIER,

2001, p. 78) e as variadas maneiras de ler mudam conforme as épocas, os lugares, os ambientes e os suportes nos quais os textos são apresentados.

Ao afirmar que “[...] uma das tarefas fundamentais de todo trabalho intelectual consiste “[...] em fazer justiça, através de uma leitura atenta, às obras que ajudam a aperfeiçoar os parâmetros intelectuais necessários para compreender de outras maneiras as velhas questões” (CHARTIER, 2011, p. 30), o historiador francês alerta para a importância de buscar o entendimento de autores que já investigaram a temática que se quer analisar, evidenciando a existência de distintas e variadas compreensões acerca de um mesmo objeto. Não se trata de apresentar um extenso levantamento sobre trabalhos que investigaram a temática aqui proposta, mas de evidenciar aqueles que podem contribuir para a elaboração dessa tese, seja no que se refere aos aspectos metodológicos, seja no aprimoramento e amadurecimento das questões conceituais.

Outros autores que investigam a história do livro e da leitura contribuem para o entendimento da leitura e da escrita como um processo histórico, a exemplo de Robert Darnton (2010; 2011), portanto, serão abordados no decorrer da pesquisa. Darnton identifica como pressupostos nas suas pesquisas a historicidade da leitura, constituída no cerne de condições sociais singulares que fazem emergir os distintos modos de ler, desde quando o “livro” precisava ser “desenrolado” para ser lido.

Estudos sobre práticas de leitura, no Brasil, também colaboram com uma adequada compreensão do objeto estudado. O livro *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*, de Lilian Maria de Lacerda (2003), analisou a constituição de doze mulheres como leitoras e produtoras de textos, problematizando as práticas de leitura e de escrita em distintos contextos, as condições de acesso daquelas mulheres aos escritos, bem como as formas de apropriação e de representações femininas acerca da leitura, utilizando suas escritas biográficas que, posteriormente, foram publicadas. O livro oferece, assim, a possibilidade de reflexão sobre a história das mulheres, os escritos autobiográficos e a história das práticas de leitura e escrita.

Focalizando, também, as práticas de leitura e escrita femininas, a obra de Márcia Maria da Silva Barreiros Leite (2005) *Entre a tinta e o papel: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920)* trata de práticas culturais desenvolvidas por mulheres que, no final do século XIX e início do século XX, criaram estratégias de insubmissão por meio da leitura, estratégias que as levaram, posteriormente, à produção de um conhecimento inicialmente permitido apenas aos homens, enquanto as mulheres permaneciam nas sombras patriarcais. Utilizando, principalmente, documentos levantados em arquivos particulares, a

autora analisou correspondências, escritos biográficos, recortes de jornais e revistas para relacionar as histórias de mulheres, os estudos sobre a memória social e a história da leitura.

Esses estudos apontam, em geral, para práticas de leitura e escrita de mulheres, podendo auxiliar, nessa pesquisa, no que tange aos aspectos teórico-metodológicos e ao tratamento das fontes, além de proporcionar a compreensão das relações da vida íntima com a vida pública da mulher intelectual. Outrossim, aliam as práticas de leitura à circulação de livros e impressos, demonstrando a dinâmica social na qual se firmaram as características singulares presentes na história das mulheres.

De fundamental importância para entender o contexto vivido pela mulher no segundo quartel do século XX, o livro *Mulheres dos Anos Dourados*, de Carla Bassanezi Pinsky (2014), analisa as publicações dos anos 1940, 1950, e 1960 destinadas a um público feminino, em especial as revistas que tratavam das transformações nas relações familiares, nos costumes, na sexualidade, para retratar o cotidiano e as concepções que circularam no Brasil de então, permitindo uma reflexão sobre a condição feminina à época. Desse trabalho se destaca, principalmente, o contexto histórico vivenciado, as relações sociais, os papéis atribuídos à mulher, o ideal feminino, bem como o conteúdo permitido às mulheres nos impressos destinados a esse público específico.

No intuito de mapear estudos já realizados a respeito do tema específico desse trabalho, ou seja, estudos sobre intelectuais leitores, foram adotados como local de busca instâncias que servem à difusão do conhecimento que vem sendo produzido no universo acadêmico: os congressos científicos e os periódicos que divulgam as pesquisas em andamento ou finalizadas, notadamente, na área da história da educação.

A partir dos anos 1970, com o surgimento dos programas de pós-graduação e a constituição de seus grupos de estudos e pesquisas, a produção no campo da história, especificamente, no campo da história da educação, foi aumentando gradualmente, configurando uma identidade própria do historiador da educação, embora “[...] desde a segunda metade do século XIX, tratados sobre a história da educação brasileira foram elaborados por médicos, advogados, engenheiros, religiosos” (VIDAL e FARIA FILHO, 2005, p. 73), além de educadores do próprio campo em todo o país. Por iniciativa de docentes universitários e pesquisadores que buscavam uma interlocução no bojo das diretrizes historiográficas existentes, surgiram congregações e grupos de trabalho que visavam ao estabelecimento de um debate permanente sobre o andamento das pesquisas e seus resultados.

A institucionalização da área, no país, foi se constituindo por um processo que ensejou a criação de espaços próprios para discussão e circulação de ideias e da produção científica

dentro de uma vocação interdisciplinar, ocasionando o diálogo entre pesquisadores de diversas comunidades científicas, congregando um *locus* de disseminação de investigações. A sistematização de associações específicas possibilitou o intercâmbio entre pesquisadores nacionais e de outros países. Algumas dessas agremiações passaram a organizar congressos e eventos que possibilitaram a promoção de uma intensa permuta de ideias e conhecimentos, bem como a publicar periódicos para a divulgação das pesquisas em andamento, assim como os resultados daquelas que já haviam sido concluídas.

Surgiram, assim, as revistas qualificadas que são expressões desses lugares e que se destinam à troca e disseminação de resultados dos estudos científicos na área, em âmbito nacional e internacional. Nesse estudo, foram definidos como possíveis locais de busca por objetos, abordagens e temáticas para outros diálogos, os periódicos *Revista História da Educação* (RHE), *Revista Cadernos da História da Educação* (CHE) e *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE), além dos *Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação* (CBHE).

A *Revista História da Educação*¹⁹ foi criada pela Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) em 1997, sendo a primeira revista brasileira especializada na área. Tem publicação trimestral e foi reconhecida pelo Qualis Periódicos²⁰, em 2017, ao completar 20 anos, com qualificação A1. Divulga artigos e dossiês de pesquisadores nacionais e internacionais, além de acervos inéditos para os estudos da História da Educação Brasileira.

A *Revista Cadernos da História da Educação*²¹, publicada pela editora da Universidade Federal de Uberlândia, foi criada em 2002 com distribuição impressa anual até 2008, quando passou a ser disponibilizada, também, em meio eletrônico, com característica de livre acesso. A partir de 2015, passou a ser publicada quadrimestralmente, em meio exclusivamente eletrônico. Possui classificação no estrato A2 pelo Qualis Periódicos na área de educação, no quadriênio 2013-2016.

¹⁹ Para pesquisar os periódicos e verificar informações como a história da revista, equipe editorial, políticas de submissão de trabalhos e demais dados, acessar o portal <https://seer.ufrgs.br/asphe>. Em 2017 a RHE obteve avaliação Qualis Periódicos: Educação – A1; Ensino – A1; História – A2; Interdisciplinar – A2; Direito – A2; Linguística e Literatura – B1; Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo – B2. Acesso em 30.09.2017.

²⁰ Os indicadores Qualis Periódicos podem ser acessados em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira>.

²¹ Informações a respeito da CHE e consulta às revistas, acessar <http://www.seer.ufu.br/index.php/che>. Acesso em 29.09.2017.

A *Revista Brasileira de História da Educação*²², publicação oficial da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), está avaliada, atualmente, com Qualis Periódicos A1 na área da educação. Com publicação trimestral, foi criada em 2000, após o I Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), no Rio de Janeiro e teve seu primeiro número publicado em 2001.

Os três periódicos referidos foram pesquisados em busca de estudos já realizados sobre o tema em questão. A escolha pela produção historiográfica publicada nesses veículos de comunicação científica foi feita em função da inserção no campo da história da educação, da consistência de seus conselhos editoriais e consultivos, que lhes conferem credibilidade dentro da comunidade científica, além de se constituírem como importantes instrumentos de mediação e socialização de pesquisas e debates no campo da investigação histórica educacional. A pesquisa foi efetuada do primeiro ao último número publicado dos três periódicos, ou seja, na *Revista História da Educação*, de 1997 a 2017; na *Revista Brasileira de História da Educação*, de 2000 a 2017 e na revista *Cadernos de História da Educação* a busca contemplou o período compreendido entre 2002 e 2017. Foi uma busca abrangente, considerando que o conteúdo dos trabalhos publicados é evidenciado pela leitura integral, ou pela leitura dos resumos, que nem sempre fornecem uma indicação precisa do que os autores produziram.

A busca se deteve, preliminarmente, na observação dos títulos dos artigos, considerando que ele deve ser elaborado de maneira a servir de estímulo à leitura, como afirma Gilson Volpato (2006). Segundo esse autor, o título deve elucidar o tema a ser tratado de forma clara, dando ao leitor uma ideia precisa do que vai encontrar no texto. Nessa perspectiva, a leitura dos títulos constituiu-se em uma primeira triagem na busca por artigos publicados nas três revistas científicas, sendo localizados aqueles que traziam, ou faziam alusão na sua denominação, aos termos “leitura”, “leitores”, “intelectuais”, “práticas de leitura”, “práticas de leitura e escrita”, “intelectuais leitores”, “intelectuais escritores”. O resultado apontou produções que versavam sobre aspectos diversificados, relacionando leitura à formação de professores, leitura de romances, análise de livros escritos por intelectuais, propostas educacionais nos discursos políticos, história dos intelectuais, trajetória de professores.

Após esse levantamento introdutório, a leitura dos resumos estabeleceu um segundo filtro, delimitando o número de trabalhos que versavam sobre o tema ou que apresentavam semelhanças com o propósito dessa tese, sendo catalogados e lidos dezessete trabalhos. Desses,

²² A avaliação da RBHE, em 2016, apontou os seguintes indicadores: Educação – A1; Ensino – A2; Filosofia – B1; História – B1. Demais informações e consulta aos periódicos podem ser obtidas no portal: <http://rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe>. Acesso em 30.09.2017.

seis produções foram publicadas na *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE) e onze na *Revista História da Educação* (RHE). A busca na revista *Cadernos de História da Educação* (CHE) localizou trabalhos que tinham como foco intelectuais e suas relações com a política, com o pensamento educacional de determinadas épocas, além de outros que tratavam de estudos comparativos entre Brasil e Portugal, sendo desconsiderados nessa investigação, uma vez que não apresentavam correlação com a história do livro e da leitura, tampouco enveredavam ou faziam menção às práticas de leitura e escrita, muito menos, incidiam sobre o quê, como e onde intelectuais liam e escreviam.

Os quadros a seguir – **Quadro 2** e **Quadro 3** – apresentam os dezessete artigos encontrados a partir dos termos utilizados como buscadores para localização nos periódicos, apontando título, ano de publicação, nome do autor, filiação acadêmica e a referência da revista com indicação de volume. O **Quadro 2** contém a relação dos seis artigos localizados na RBHE. Três trabalhos aparecem destacados em negrito por apresentarem elementos de aproximação com as singularidades dessa pesquisa e, embora as demais produções contenham aspectos que convergem, isoladamente, para o estudo, proposto, não contribuem de forma efetiva para a finalidade pretendida, no entanto, vale ressaltar que a manutenção desses trabalhos no quadro a seguir evidencia o caminho metodológico de busca realizada nos periódicos.

Quadro 2 Artigos localizados na *Revista Brasileira de História da Educação* a partir da busca sobre práticas de leitura e escrita (2004-2016).

<i>Revista Brasileira de História da Educação</i>				
Nº	Ano	Título	Autor/Filiação	Volume/Nº
1	2004	Monteiro Lobato e seus autores – livros para ensinar, ler para aprender	Marco Antonio Branco Edreira (Universidade de São Paulo)	Vol. 4 n. 1(17) Jan-jun.
2	2006	A Pedagogia de Sílvia Romero e as suas notas de leitura	Jorge Carvalho do Nascimento (Universidade Federal de Sergipe)	Vol. 6 n. 1(11) Jan-jun.
3	2008	<i>Intelligentsia</i> e intelectuais – sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual	Carlos Eduardo Vieira (Universidade Federal do Paraná)	Vol. 8 n. 1(16) Jan-abr.
4	2009	Intelectuais e professores: identidades sociais em formação no século XIX brasileiro	Arlette Medeiros Gasparello Heloísa de Oliveira Santos Villela (Universidade Federal Fluminense)	Vol. 9 n. 3(21) Set-dez.
5	2015	Escrituras marginais: fragmentos de memórias da professora Malvina Tavares (1891-1930)	Doris Bittencourt Almeida (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) Luciane Sagrbi Santos Graziottin (Universidade do Vale do Rio dos Sinos)	Vol. 15 n. 1(37) Jan-abr.
6	2016	Os Três modelos da leitura entre os séculos XVI e XXI: como as práticas sociais transformam os métodos de ensino	Anne-Marie Chartier (École Normal Supérieure de Lyon – France)	Vol. 16 n. 1(40) Jan-abr.

Fonte: Quadro elaborado pela autora mediante informações contidas no endereço eletrônico: <http://rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe> Acesso em 30.09.2017.

O artigo que tem como título *Monteiro Lobato e seus autores – livros para ensinar, ler para aprender*, publicado em 2004 no volume 4, nº 1, edição semestral janeiro/junho, versa sobre as práticas de leitura de leitores do escritor paulista, a partir do estudo dos atributos didáticos dos seus livros. Utilizando como fonte a correspondência mantida entre o escritor e um grupo de leitores desses livros, entre os anos 1930 e 1940, o texto trata do uso do livro como instrumento de ensino e das práticas de leitura vinculadas à aprendizagem. Embora mantenha o foco nesses dois aspectos, o estudo apresenta similaridade com essa pesquisa na medida em que investiga a compreensão acerca dos sentidos dados pelos leitores às obras lidas, apontando, portanto, indícios das apropriações que os jovens fizeram das leituras efetuadas.

Jorge Carvalho do Nascimento teve seu artigo *A Pedagogia de Sílvia Romero e as suas notas de leitura* publicado na RBHE, em 2006, no volume 6, nº 1, quadrimestre janeiro/abril. No resumo do trabalho o autor anuncia que analisou o projeto pedagógico de Sílvia Romero a partir dos textos que ele produziu sobre política educacional e das marginalias encontradas nos livros de sua biblioteca. Essas notas apontam para a existência de práticas de leitura e possibilitam a reconstrução do cenário educacional e a localização do intelectual leitor em um determinado momento histórico.

O artigo escrito por Arlette Medeiros Gasparello e Heloísa de Oliveira Santos Villela, publicado em 2009 na RBHE, *Intelectuais e professores: identidades sociais em formação no século XIX brasileiro*, tem como foco a formação da identidade social de professores na segunda metade do século XIX, partindo da análise dos dados sobre a carreira docente e a produção de um grupo de professores. Para tanto, as autoras construíram um perfil do grupo investigado, utilizando fontes tais como discursos, memórias, documentos escolares, atas de reuniões, além de analisar as instituições por onde os professores passaram em suas trajetórias, partindo da hipótese de que o fato de eles pertencerem a uma rede de sociabilidade facilitou, em grande medida, as trajetórias profissionais. O trabalho das duas autoras contribui com essa investigação na medida em que fornece subsídios de cunho metodológico para a elaboração do esboço biográfico de Beatriz Góis Dantas.

Dos onze artigos publicados na RHE que figuraram a partir da busca utilizando os mesmos critérios para a revista apresentada anteriormente, apenas um apresenta similitudes com a presente pesquisa, visto que analisa a presença de marginalias deixadas pelo jurista sergipano Sílvia Romero, nos livros da sua biblioteca, o que se constitui em uma prática de leitura, portanto. Os outros trabalhos tratam, em linhas gerais, de trajetórias de intelectuais sem

apresentar relação com a leitura (cinco), educação feminina e práticas epistolares (dois), análise de jornais e revistas (dois) e o artigo de Christophe Charle, que analisa o surgimento dos intelectuais. **O Quadro 3** apresenta os trabalhos localizados na *Revista História da Educação*.

Quadro 3 – Artigos localizados na *Revista História da Educação* a partir da busca sobre práticas de leitura e escrita de intelectuais (1997-2017).

<i>Revista História da Educação</i>				
Nº	Ano	Título	Autor	Indicação
1	1997	Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais	Beatriz Daudt Fischer	Vol. 1 n. 1 Jan-jun
2	1999	Leituras de formação – noções de vida doméstica (1879): Felix Ferreira traduzindo Madame Hippeau para a educação das mulheres brasileiras	Maria Helena Camara Bastos Tania Elisa Morales Garcia	Vol. 3 n. 5 Jan-jul. 2
3		Docentes como intelectuales/Productores: sus revistas profesionales mediadoras de la relación escuela-sociedad en la Argentina	Mirta Teobaldo Amelia Beatriz Garcia	Vol. 3 n. 5 Jan-jul.
4	2002	John Dewey, um comunista na Escola Nova brasileira: a versão dos católicos na década de 1930	Marcus Vinicius da Cunha Viviane da Costa	Vol. 6 n. 12 Jul-dez.
5	2003	Nascimento dos intelectuais contemporâneos	Christophe Charle (Tradução: Maria Helena Câmara Bastos)	Vol. 7 n. 14 Jul-dez.
6	2004	O Astro Anísio Teixeira na Galáxia de Gutenberg	Dagoberto Buim Arena	Vol. 8 n. 16 Jul-dez.
7	2006	Leituras de anarquistas brasileiros na primeira década do século XX	Dagoberto Buim Arena	Vol. 10 n. 19 Jan-jun.
8	2008	A trajetória profissional de uma educadora: Maria Guilhermina e a pedagogia norte-americana	Carla Simone Chaman	Vol. 12 n. 24 Jan-abr.
9		As Notas de Sílvio Romero e o culturalismo do século XIX	Jorge Carvalho do Nascimento	Vol. 12 n. 25 Mai-ago.
10	2010	A Leitura entre táticas e estratégias? Consumo cultural e práticas epistolares	Mateus Henrique de Faria Pereira Flávia Medeiros Sarti	Vol. 14 n. 31 Mai-ago.
11	2017	Tobias Barreto de Menezes e a educação para um Brasil moderno (Século XIX)	Raylane Andreza Dias Navarro Barreto	Vol. 21 n. 53 Set-dez.

Fonte: Quadro elaborado pela autora mediante informações contidas no endereço eletrônico: <https://seer.ufrgs.br/asphe> Acesso em 30.09.2017.

O artigo *As Notas de Sílvio Romero e o culturalismo no século XIX* foi publicado na RHE, em 2008, no volume 12, nº 25, quadrimestre maio/agosto. De modo semelhante ao artigo publicado em 2006, na RBHE, esse trabalho faz uma análise das obras do jurista sergipano a

partir dos livros que compõem sua biblioteca²³. Carvalho analisou o projeto pedagógico do intelectual, bem como sua ação na reconstrução do ideário no final do século XIX e início do século XX, encontrando, em parte dos livros, grande número de marginalias deixadas por Romero no seu acervo. Essas notas desvelam práticas de leitura desenvolvidas, provavelmente, no final do século XIX e, evidenciam o alerta de Darnton (2011) acerca da riqueza das anotações particulares de leitores, bem como a importância delas para a apreensão de práticas de leitura em momentos históricos distintos, deixadas para a posteridade.

De forma análoga, a busca por trabalhos publicados nos *Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE)*²⁴ que se debruçaram sobre o tema da leitura e da escrita de intelectuais incidu sobre o período compreendido entre o primeiro congresso, em 2000, e o último, realizado em 2017. Para apresentação em cada congresso, os trabalhos são agrupados em eixos temáticos que não são, necessariamente, os mesmos em cada edição. Dessa forma, a pesquisa nos anais se revelou uma atividade complexa, considerando a quantidade de temas ofertados em cada evento, além do número de trabalhos submetidos e aceitos nas diferentes áreas temáticas. As três últimas edições do evento ofereceram dez eixos temáticos, enquanto as demais edições disponibilizaram entre sete e nove possibilidades de temas para inscrição de trabalhos.

Dentro da especificidade da temática aqui estudada, foram selecionados como universo de busca os eixos que evidenciavam, em sua nomenclatura, uma aproximação com o objeto de estudo: “Cultura escolar e práticas educacionais”; “Intelectuais e memória da educação no Brasil”; “Políticas educacionais, intelectuais da educação e pensamento pedagógico”; “Impressos, intelectuais e história da educação”; “Intelectuais, pensamento social e história da educação”. A partir da leitura dos resumos dos trabalhos inscritos nesses eixos, foram catalogados treze artigos que, não obstante parte deles não tratar da temática específica, intelectuais leitores, apresentam, em certa medida, aspectos que se assemelham com a investigação dessa tese, seja pelo foco nas práticas de leitura e escrita, seja pelo referencial teórico tomado como base, conforme demonstrado no **Quadro 4**.

²³ O acervo que pertenceu a Sílvia Romero foi adquirido pelo Governo do Estado de Sergipe em 1918 e encontra-se no arquivo da Biblioteca Epifânio Dória.

²⁴ Promovido pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), o evento acontece a cada dois anos e reúne pesquisadores e estudiosos do país e do exterior, em torno de temáticas próprias do campo, desde o ano 2000. O primeiro encontro foi realizado no Rio de Janeiro, sendo sequenciado nas cidades de Natal (RN), Curitiba (PR), Goiânia (GO), Aracaju (SE), Vitória (ES), Cuiabá (MT), Maringá (PR) e João Pessoa (PB).

Quadro 4 – Artigos localizados nos anais do *Congresso Brasileiro de História da Educação* a partir da busca sobre práticas de leitura e escrita de intelectuais (2002-2015).

Nº	Título	Autor/Filiação	Eixo Temático
Ano: 2002			
1	Uma História de leituras para professores em Portugal e no Brasil (1930-1971)	Atonio Carlos Luz Correia (Universidade de Lisboa) Vivian Batista da Silva (Universidade de São Paulo)	Intelectuais e memória da educação no Brasil
Ano: 2004			
2	O Ensino regular da caligrafia: a experiência da Escola Americana de Curitiba no final do século XIX e início do século XX	Geysa Spitz A. de Abreu (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)	Cultura escolar e práticas educacionais
3	Imagens em livros escolares denominados cartilhas	Isabel Cristina da S. Frade Priscila Maria de Lana (Universidade Federal de Minas Gerais)	Cultura escolar e práticas educacionais
4	Educação e nação: um estudo preliminar das leituras pedagógicas na biblioteca de Sílvio Romero (1851-1914)	Cristiane Vitória de Souza (Universidade Federal de Sergipe)	Cultura escolar e práticas educacionais
5	A Produção de Lourenço Filho <i>de e sobre</i> literatura infantil (1940 a 1970)	Estela Natalina M. Bertoletti (Universidade Estadual de São Paulo)	Cultura escolar e práticas educacionais
6	Livros escolares no século XIX: a presença de Pestalozzi?	Giselle Baptista Teixeira (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)	Cultura escolar e práticas educacionais
Ano: 2006			
7	As leituras de José Veríssimo Dias de Mattos	Rosana Llopis (Universidade Federal Fluminense)	Intelectuais, pensamento social e educação
Ano: 2008			
8	As Leituras pedagógicas de Sílvio Romero	Cristiane Vitória de Souza (Faculdade Atlântico-SE)	Políticas educacionais, intelectuais da educação e pensamento pedagógico
Ano: 2011			
9	Práticas de leitura de um sujeito proveniente dos meios populares em Caetité-Bahia (séculos XIX e XX)	Joseni Pereira Meira Reis (Universidade Estadual da Bahia)/Ana Maria de Oliveira Galvão (Universidade Federal de Minas Gerais)	Impressos, intelectuais e história da educação
10	Ofensia Soares Freire: professora, escritora e jornalista sergipana – uma intelectual da educação (1941-1966)	Ieda Maria Leal Vilela (Universidade Federal de Sergipe)	Impressos, intelectuais e história da educação
Ano: 2013			
11	Circulação da cultura letrada e a comunidade de leitores em Caetité-Bahia (1897-1930)	Joseni Pereira Meira Reis (Universidade Estadual da Bahia)	Impressos, intelectuais e história da educação
Ano: 2015			
12	Memórias de leitura de Erico Veríssimo ao solo de clarineta (1912-1922)	Michelle Ribeiro de Carvalho (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)	Impressos, intelectuais e história da educação
13	Viajantes de Clio: intelectuais, intercâmbios e formação	Alexandra Lima da Silva (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)	Impressos, intelectuais e história da educação

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das informações coletadas no endereço eletrônico: <http://www.sbhe.org.br/anais-cbhe> Acesso em 07.02.2018.

Apresentado no III Congresso Brasileiro de História da Educação realizado na cidade de Curitiba – PR, em 2004, o trabalho intitulado *Educação e nação: um estudo preliminar das leituras pedagógicas de Sílvio Romero (1851-1914)* foi escrito por Cristiane Vitória Souza, tendo como objeto as leituras pedagógicas feitas pelo sergipano. As fontes utilizadas para o desenvolvimento desse estudo foram as obras que compõem a biblioteca de Sílvio Romero, localizadas na Biblioteca Pública Epifânio Dória, além de obras escritas pelo jurista sergipano sobre o tema da educação, principalmente. Para empreender o estudo, a autora utilizou os conceitos de apropriação e representações, de Roger Chartier, analisando as leituras feitas pelo intelectual e percebendo suas impressões de leitura, através das marginalias por ele deixadas nas obras que leu. O objetivo do artigo foi identificar quais as obras pedagógicas lidas por Romero, relacionar essas leituras aos textos que ele produziu, além de compreender suas formas de apropriação e as representações construídas.

Com o mesmo objetivo, a autora apresentou o artigo *Leituras pedagógicas de Sílvio Romero* no V CBHE, realizado na cidade de Aracaju, em Sergipe, no ano de 2008, levantando três hipóteses para desenvolver sua ideia central. A primeira hipótese formulada foi que o intelectual desenvolveu práticas de leitura que o tornaram um leitor crítico; a segunda, que autores, editores e tipógrafos deram legitimidade às leituras realizadas por ele e a terceira, que Sílvio Romero selecionou, nas suas leituras, autores com concepções teóricas que lhes pareceram mais adequadas para pensar nos rumos do país. As fontes utilizadas foram os livros pertencentes à biblioteca do intelectual que têm como tema a educação, os textos que produziu sobre o mesmo tema, além de cartas trocadas com amigos. O subsídio teórico para compreender as leituras apreendidas foi retirado do projeto intelectual do historiador francês Roger Chartier.

O último trabalho analisado foi escrito por Michele Ribeiro de Carvalho e apresentada no VIII CBHE, em 2015, na Universidade Estadual de Maringá, no Paraná, com o título *Memórias de leitura de Erico Veríssimo ao solo de clarineta (1912-1922)*. A autora fez uma investigação sobre as lembranças de leituras do escritor gaúcho, através de suas obras, em especial as de cunho autobiográfico, nas quais ele narra suas experiências literárias, rememorando os sentimentos despertados pelas leituras realizadas durante a sua infância. Esse artigo apresenta um profícuo debate acerca das concepções de práticas de leitura a partir das noções de Chartier (1991, 1994, 1999, 2001, 2004), além de inventariar a obra de Érico Veríssimo.

Os três trabalhos acima contribuem com essa tese para o entendimento a respeito das representações de leitura e escrita de intelectuais, como a memória opera para formar essas

representações, as experiências literárias e suas implicações no processo formativo das integrantes da pesquisa.

A busca demonstrou que algumas tendências têm se mantido na produção historiográfica, tanto nos periódicos científicos, quanto nos anais do CBHE, desde 1997, ano tomado como marco inicial na busca, uma vez que foi o ano de criação da primeira revista especializada na área. Nos estudos sobre “intelectuais”, há uma incidência na relação com os aspectos políticos, principalmente aqueles voltados para as reformas educacionais, além de análises comparativas desses aspectos, entre o Brasil e Portugal. São recorrentes, ainda, as pesquisas sobre as trajetórias da intelectualidade brasileira ligada ao movimento da Escola Nova, seja ressaltando apologeticamente seus feitos, seja demonstrando aspectos da conduta pragmatista dos pensadores.

Investigar práticas de leitura “implica na compreensão da tensão existente entre o poder do livro sobre o leitor e a liberdade do leitor na criação de sentidos no contato com os textos” (TEIXEIRA, 2011, p. 44). Implica, nesse estudo, na busca por valores intrínsecos às relações familiares, pelas concepções de leitura, sejam elas pessoais, coletivas, inerentes à escola, ou ainda, à família, entendendo a intelectual em estudo como parte de uma comunidade de leitores que são “aquelas ‘comunidades interpretativas’ cujos membros compartilham os mesmos estilos de leitura e as mesmas estratégias de interpretação” (CHARTIER, 2001, p.216). O estudo, portanto, escrutina as feições de origem de uma trajetória social que possibilitam um ponto de vista, por meio do qual o pesquisador abre questionamentos sobre os indivíduos e suas relações sociais inseridas na criação da “rede de compromissos, das expectativas e dos laços de reciprocidade que a vida em sociedade lhes impõe” (CERUTTI, 1998, p. 240), permitindo uma reconstituição das experiências, alianças, correlações e, também, possíveis antagonismos.

Esse ponto de vista desvela sinais através dos quais é possível construir perspectivas para o delineamento de trajetórias que são configuradas e povoadas por memórias e lembranças de leituras e de escritas. Assim, é possível retomar uma trajetória de vida tendo como fio condutor as leituras recordadas e o que elas significaram, bem como utilizar essas recordações como indícios para restabelecer possíveis usos e modos de circulação dessas leituras, em contextos sociais, econômicos e políticos distintos e específicos.

Uma outra perspectiva é a retomada de trajetórias dos indivíduos que contribuíram para o processo de formação da leitora e posteriormente escritora, em maior ou menor medida, interferindo e participando dele, seja por meio de indicações acadêmicas, como é o caso de professores e orientadores, seja através do convívio intelectual, estabelecendo configurações de relacionamentos sociais. Além dessas, outra possibilidade que emerge a partir das práticas de

leitura e escrita está relacionada à vinculação com os ciclos vitais, como infância, juventude, vida adulta, relacionamentos, casamento, vida profissional.

Apresentando as práticas de leitura e escrita da antropóloga Beatriz Góis Dantas, a tese foi estruturada com a seguinte forma: na primeira seção, que serve como marco introdutório, intitulada **Introdução**, são apresentadas as motivações e a origem do estudo, os objetivos, os fundamentos teóricos que alicerçam a pesquisa, os marcos conceituais basilares, bem como os procedimentos metodológicos e a busca por produções já existentes sobre a temática investigada, mostrando um panorama dos estudos realizados na área.

Para compreender a leitura como uma prática social historicamente constituída, distinguindo aspectos da leitura feminina dentro de uma concepção histórica, a segunda seção, intitulada **Costurando histórias: as práticas de leitura nas lembranças de uma intelectual**, traça um panorama sobre a história da leitura e de suas práticas, estabelecendo um diálogo com as teorias de Roger Chartier e Robert Darnton, principalmente, relacionando-as com autores brasileiros que se dedicam à mesma temática, dentro de uma perspectiva histórica. Apresenta um esboço biográfico de Beatriz Góis Dantas, a partir da sua constituição como leitora, desde o contato com as primeiras letras, até suas práticas de leitura desenvolvidas nos ambientes escolares por onde passou, destacando as leituras, os autores e indivíduos que deixaram marcas significativas nas suas lembranças

A forma de estar no mundo, terceira seção, cujo título revela a percepção da intelectual sobre sua relação com a pesquisa e a docência, aponta os professores que deixaram marcas no processo de formação da intelectual, contribuindo para sua escolha da área de atuação profissional, revelando aspectos de suas atividades na docência e na pesquisa, ao tempo em que demonstra a contribuição da intelectual nos momentos em que esteve à frente de órgãos públicos voltados para a preservação da cultura e do patrimônio cultural do Estado.

Em seguida, na quarta seção intitulada **A posse do livro: constituição de uma biblioteca**, a ênfase recai nos aspectos relacionados à aquisição de livros, ao apego e cuidado com a preservação dos impressos, bem como traça um panorama da rede de sociabilidades acadêmicas angariada em torno de livros e leituras, além de apresentar de que forma se constituiu sua biblioteca particular.

As práticas de escrita configuram o foco da quinta seção cujo título é **O escrever da intelectual**. Seu objetivo é evidenciar a produção escrita de Beatriz, não somente a de natureza acadêmica, mas também, outros segmentos das práticas de escrita desenvolvidas a partir de

formas de representação de realidades diversas. A seção apresenta um mapeamento²⁵ das suas produções publicadas em veículos de comunicação distintos, sua inserção no mercado editorial brasileiro e internacional, assim como a circulação dessas obras entre os pares.

Por fim, nas **Considerações finais** são retomadas as abordagens de cada seção, buscando alinhar o que foi coletado através das narrativas e do levantamento documental à linha teórica escolhida e aos conceitos utilizados, respondendo às questões norteadoras levantadas ao longo da investigação.

Em uma pesquisa que aborda, em maior ou menor medida, aspectos de uma trajetória de vida, não é imprescindível que os aspectos cronológicos determinem a linearidade dos acontecimentos, ao contrário, certos fatos expostos podem surgir recorrentemente e, a cada reincidência, revelar questões diversas, tornando possível novos entendimentos. Não obstante as práticas de leitura e de escrita ocuparem, dentro da organização da escrita do texto, seções específicas, por vezes elas aparecem indissociadas, visto que não estão desvinculadas das práticas cotidianas, surgindo de forma concomitante, ocasionalmente fazendo parte de uma mesma abordagem.

Mais do que obter respostas, essa pesquisa terá atingido seu objetivo se levantar outras indagações e abrir novas perspectivas de buscas, deixando em aberto questões que poderão ser retomadas em estudos futuros.

²⁵ Não serão elencados, no mapeamento apresentado nessa tese, os textos publicados em Resumos e Anais de congressos nos quais a antropóloga apresentou trabalhos oriundos de suas pesquisas.

2 COSTURANDO HISTÓRIAS: AS PRÁTICAS DE LEITURA NAS LEMBRANÇAS DE UMA INTELLECTUAL

O cordel, como é sabido, era nessa época um livro de folhas soltas que com manuseio inadequado poderiam ser levadas pelo vento ou simplesmente desprendidas do volume original, ficarem ao léu sem se saber a que romance pertenciam. [...] Depois de recompô-los, encapei-os com papel de embrulho na cor parda e costurei-os pela borda esquerda fixando a capa e o corpo do texto. Os livros mais finos, os que tinham entre 8 e 36 páginas, costurei-os à máquina.

(DANTAS, 2018)

A prática descrita no relato contido na epígrafe acima revela um tipo específico de relação entre leitor e texto, confirmando que “os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler” (CHARTIER, 1998), afirmação demonstrada na ação de Beatriz ao costurar as folhas soltas dos livrinhos de cordel que faziam parte da biblioteca de seu pai, no segundo quartel do século XX, utilizando essa estratégia para assegurar a integridade dos exemplares. Costurando as folhas dos livretos de cordel, Beatriz costurava as histórias que fizeram parte da vida de seu pai, de sua própria vida, transitando entre fazendas, em função da ocupação de seu genitor.

O ingresso de Beatriz no universo letrado foi estimulado, ainda bem cedo, no ambiente familiar, por meio do convívio com livros, revistas e impressos em geral, proporcionando a vivência de práticas culturais que possibilitaram o seu acesso às instituições educacionais já sendo detentora de um repertório cultural obtido a partir das experiências de leitura.

Os primeiros anos foram vividos em terras isoladas, época que a memória não alcança, ouvindo falar dela tempos depois, criando, na mente, as imagens formadas por meio dos relatos da mãe acerca das atividades no local ermo, pouco habitado e distante de localidades povoadas. Fugindo das adversidades que o distanciamento poderia acarretar a uma família com crianças pequenas, Antônio Germano procurou outros rumos, levando a família composta pela mulher

e três filhos, acomodando seus pertences em carros de bois e se estabelecendo em terras localizada no município de Boquim²⁶, fazenda São Francisco.

Antônio Germano, pai de Beatriz, nasceu no dia 9 de outubro de 1916, em Frei Paulo²⁷, região do sertão sergipano, em uma família cujos filhos foram educados para lidar com as plantações na roça, na colheita de algodão e no cultivo de subsistência. Antônio Germano viveu sua infância no cotidiano de isoladas áreas rurais e viu o pai se transformar em um senhor de muitas terras, aprendendo desde cedo a cuidar de plantações e gado. Depois da iniciação escolar em Boquim, foi enviado para dar continuidade aos estudos no Colégio Tobias Barreto²⁸, na capital Aracaju, em regime de internato, juntamente com filhos de outros fazendeiros e negociantes que possuíam situação financeira abastada. A índole de fazendeiro já se avizinhava do jovem, que trazia no espírito as práticas aprendidas no labor do campo e, por discordar dos ensinamentos de um professor a respeito de práticas de criação de animais, decidiu interromper os estudos e retornar para auxiliar o pai na condução das fazendas, estabelecendo sua vida de fazendeiro, seguindo os passos do seu genitor.

Em 1940, casou com a filha de um amigo de seu pai, começando a constituir família numa pequena fazenda em um local isolado e pouco habitado, às margens do rio Vaza-Barris²⁹. Foram muitas as dificuldades iniciais da família em função da distância e da solidão do local, agravadas pelos rigores da Segunda Guerra Mundial, que impossibilitavam a chegada dos suprimentos e das necessidades básicas, não obstante, foi lá que nasceram os três primeiros filhos³⁰ do casal. Beatriz foi a primeira e teve sua infância vivida por entre as fazendas que

²⁶ Distante 84,8 km da capital Aracaju, o município de Boquim está localizado na região sul do Estado. Fundado como povoado de Lagoa Vermelha, na primeira metade do século XIX, foi transformado em sede do município de mesmo nome, em 1857, através da Lei Provincial nº 462. Enchentes que causavam transtornos à população ocasionaram a transferência para outra localidade denominada Buquinha da Mata que, após sucessivas alternâncias de grafia entre os termos Boquim e Buquim, teve a designação consolidada como Boquim. O município já teve destaque pela citricultura, produzindo laranja, tangerina, limão e maracujá. Informações sobre a história do município, população, curiosidades, tradições, população, podem ser obtidas em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/boquim> Acesso em 20.05.2020.

²⁷ Distando 74 km da capital sergipana, o município teve suas terras descobertas nos anos 1860 por missionários capuchinhos, entre eles, o frei Paulo Casanova, que deu nome ao local, região propícia para criação de gado e cultivo de algodão. Inicialmente na condição de distrito, foi elevado à categoria de vila com a denominação de São Paulo, passando à condição de cidade, em 1920, com a mesma designação. Recebeu o nome Frei Paulo em 1944. Informações sobre o município, sua história, características, economia, aspectos sociais, bem como população, podem ser consultados em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/frei-paulo/historico>. Acessado em 18 de novembro de 2019.

²⁸ Fundado no dia 09 de maio de 1909, na cidade de Estância/SE, por José de Alencar Cardoso, foi transferido em 1913 para Aracaju. Sobre o Colégio Tobias Barreto, seu criador e aspectos da educação escolar sergipana nos anos 1920, ver AZEVEDO (2013).

²⁹ O rio Vaza-Barris nasce na Bahia e deságua em Sergipe banhando os dois estados nordestinos.

³⁰ Além de Beatriz, nascida em 1941, o casal Antônio Germano de Góis e Ana Ribeiro de Góis teve mais seis filhos: Berlangue (1942); José (1944); Maria Bernadete (1946); Neuza (1947); Flávio (1948); Ana Maria (1954).

Antônio Germano ia adquirindo, vendendo, trocando, mudando de localidade quando vislumbrava melhorias para a família e para os negócios e, com disposição para o trabalho com plantações e gados, foi, aos poucos, prosperando e se transformando, a exemplo do pai, em um senhor de muitas terras.

Figura 1 – Fotografia de Beatriz Góis Dantas aos 3 anos de idade³¹ (1944).



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

Dessa forma o fazendeiro ia aumentando os rebanhos, diversificando as atividades, dividindo o tempo entre viagens a cavalo para se inteirar das ocorrências nos locais de sua propriedade, benefícios e prejuízos, que caracterizavam a sazonalidade específica da vida de senhores de terras e, assim, “cadenciado pelas condições do clima e pedindo ajuda aos santos, o fazendeiro Antônio trabalhava muito” (DANTAS, 2016, p. 36), igualmente preocupado com a educação dos filhos. Com esse intuito, o chefe da família adquiriu, dessa feita, terras de um antigo engenho, onde “tudo estava por ser feito”, em Itabaininha³², registrando a propriedade com a denominação Santo Antônio da Glória. A **Figura 2** reproduz a fachada da casa da fazenda em Itabaianinha.

³¹ Fotografia feita em Aracaju, à época da mudança da família do município de Lagarto para o município de Boquim.

³² Conhecido como “Princesa das Montanhas” pela localização privilegiada de planalto, o povoado foi elevado à categoria de vila em 1832, com o nome de Itabaianinha em alusão a pequenas pedras que abundavam naquela localidade, adquirindo a condição de cidade em 1891. Separada da capital por 118 km, a cidade se destaca na economia do Estado na indústria têxtil de médio porte. Ver <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/itabaianinha> Acesso em 20.05.2020.

Figura 2 – Casa da fazenda Santo Antônio da Glória, pertencente ao pai de Beatriz Góis Dantas, em Itabaianinha, onde o fazendeiro se estabeleceu, em 1949.



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

A imagem registrada em 2013, retrata a casa da fazenda na qual Beatriz viveu momentos de descanso e de reencontro com os familiares e de leituras, durante os períodos de férias escolares. A casa, edificada em 1949, era uma construção simples, com poucos cômodos e varandas em volta, foi crescendo ao longo dos anos, passando por reformas frequentes em função das necessidades da família, intermediadas pela mãe. De acordo com Beatriz, “apesar das muitas adaptações, o aspecto geral da velha casa permaneceu o mesmo, se vista de frente, desde muito embelezada pelos alegres emaranhados de generosas flores amarelas que nossa mãe plantou e cultivou com carinho” (DANTAS, 2016, p.35), como se pode perceber na fotografia acima.

Ana Ribeiro de Góis, mãe de Beatriz, era a mais velha de treze filhos de uma família de agricultores radicados no município de Lagarto, que se transformaram em proprietários de numerosas terras. Casou muito jovem, aos 14 anos, em 1940, indo residir na Fazenda Vaza-Barris, onde nasceram os primeiros filhos. Donana, como era conhecida e chamada por todos, viveu dedicada às atividades do lar, administrando a rotina das casas nas fazendas e nas cidades onde a família se estabelecia, organizando as tarefas dos empregados domésticos, participando da formação e do desenvolvimento dos filhos.

2.1 UM ESBOÇO BIOGRÁFICO

Transitando, assim, entre fazendas, Beatriz viveu suas primeiras experiências com textos impressos e livros no interior sergipano, teve professor de primeiras letras contratado pelo genitor para ministrar aulas aos filhos em idade escolar. Em 1949, foi matriculada no curso primário do Ginásio Santa Teresinha³³, em Boquim, instituição de ensino privado, fundada em 1947, que atendia os filhos das famílias abastadas da região. Fundada pelo padre José Gumercindo Santos, a Congregação Santa Terezinha foi idealizada para ser uma associação de cunho beneficente, educacional e pastoral, gratuita, para atender meninas órfãs de pai e mãe, no entanto, era necessário criar meios de garantir a manutenção financeira da instituição, tendo origem, assim, o ginásio de mesmo nome. A **Figura 3** mostra as alunas do Ginásio Santa Teresinha vestidas com o fardamento de gala, no dia do desfile cívico de 7 de setembro de 1949. Beatriz é a primeira à direita na primeira fila da formação, contada a partir de baixo.

Figura 3 – Beatriz em formação no prédio do Ginásio Santa Teresinha, em Boquim
Fardamento de gala feminino – Desfile cívico de 7 de setembro (1949).



Fonte: RODRIGUES, Simone Paixão. Dissertação de mestrado – UFS, 2008.

Na fotografia acima, pode ser observado que as alunas estão organizadas em posição disciplinada, com as mãos para trás, com exceção da estudante localizada ao centro, que empunha uma bandeira, provavelmente a bandeira do Brasil. Ao centro, sentadas, as sete

³³ A história da fundação da Congregação Santa Teresinha, as dificuldades enfrentadas pelo padre José Gumercindo na implantação de sua obra educacional pode ser conferida em RODRIGUES (2008).

mulheres vestidas de forma diferente são, possivelmente, as jovens freiras co-fundadoras da Sociedade Santa Teresinha, professoras destituídas dos seus hábitos³⁴.

Nova mudança da família para Itabaianinha, em 1951, levou Beatriz a continuar o curso primário no Grêmio Escolar Serrano³⁵, estabelecimento educacional que ofertava o ensino primário misto, com sistema de internato, semi-internato e externato, fundado pelo casal Antônio Ayres e Alzira Cedro Lobão Ayres, ele, farmacêutico prático, ela, professora.

Em 1953, ingressou no Colégio Nossa Senhora de Lourdes³⁶, em Aracaju, onde permaneceria durante sete anos, seis dos quais como aluna interna, cursando o pedagógico e o científico, concluídos em 1958 e 1959, respectivamente. Ingressou, em 1960, na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS) para cursar Geografia e História, recebendo o grau de licenciada em 1963.

Sua primeira experiência como professora foi no Colégio do Salvador, em Aracaju, lecionando Geografia, no período compreendido entre 01.08.1963 e 31.01.1964, ainda concluindo o curso na FCFS. Três anos depois, passou a fazer parte do corpo de professores da faculdade, sendo incorporada pela universidade nascente, em 1968, exercendo, ali, atividades de ensino e de pesquisa durante 23 anos, 8 meses e 23 dias nos cursos das áreas das ciências humanas.

Após sua aposentadoria em 1991, retornou à UFS, como professora contratada por tempo determinado, pelo prazo de dois anos, de 22.09.1994 a 21.09.1996, para atender “necessidade temporária de excepcional interesse público” (Termo Aditivo, 1994)³⁷, de acordo com o que está definido no Termo Aditivo. A “necessidade temporária” diz respeito à oferta de cursos de especialização nas áreas de Educação e de Ciências Sociais. A **Figura 4** apresenta a linha do tempo que resume aspectos da trajetória de Beatriz.

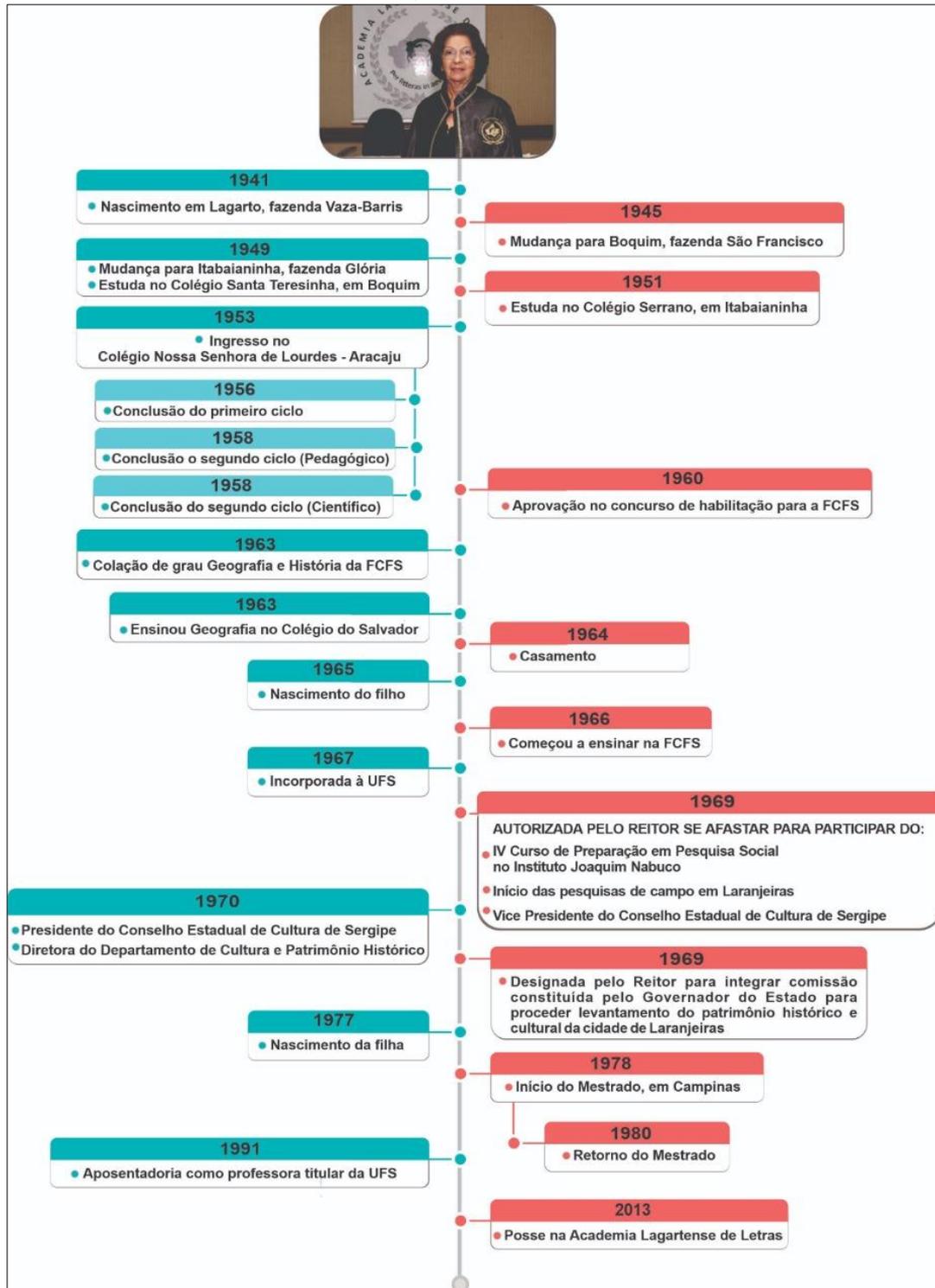
³⁴ O padre Gumercindo foi informado pelo bispo D. José, um mês após a criação da Sociedade Santa Teresinha, que deveria desistir da instalação da congregação, alegando que havia recebido uma carta da Nunciatura Apostólica solicitando esclarecimentos sobre a sociedade religiosa. O bispo argumentou não querer se indispor com os padres salesianos, que não aceitavam a criação de uma outra congregação por um padre salesiano, resolvendo retirar o direito de uso do hábito pelas freiras da Santa Teresinha. Ver RODRIGUES (2008).

³⁵ Fundado em 1930, na cidade de Itabaianinha, atendia as famílias abastadas da região.

³⁶ Aspectos da relação de Beatriz com o colégio dirigido pela Congregação Sacramentina serão tratados em seção posterior.

³⁷ Documento localizado no arquivo setorial do Departamento de Pessoal/UFS.

Figura 4 – Linha do tempo de Beatriz Góis Dantas contendo aspectos significativos da sua trajetória. (1941-2013)



Fonte: Linha do tempo elaborada pela autora.

Na trajetória de Beatriz Góis Dantas a leitura se mostrou, desde cedo, como uma prática prazerosa, envolvendo diferentes momentos da vida, demonstrada em suas diversas

possibilidades, tais como expressas nas observações do escritor de origem portuguesa, José Morais:

Os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar (MORAIS, 1996, p. 12).

A leitura é uma prática social que coloca em jogo a relação entre o corpo e o texto, bem como os usos da escrita e as técnicas intelectuais necessárias à sua compreensão. A leitura em suas mais diversas possibilidades – de livros, de placas sinalizadoras, de jornais, de revistas, de sinais, de obras de arte, entre tantas outras – é uma atividade do cotidiano, uma atividade humana, e portanto, tem sua historicidade.

2.2 A HISTÓRIA DA LEITURA E SUAS DIFERENTES PRÁTICAS

De acordo com Darnton (2011), “a leitura tem uma história” e ela foi se modificando em função do tempo e dos lugares.

A leitura tem uma história. Não foi sempre a mesma em todos os lugares. Podemos imaginá-la como um processo direto de extrair informação de uma página, mas, considerando-a um pouco mais além, concordaríamos que a informação precisa ser peneirada, classificada e interpretada. Os esquemas interpretativos fazem parte de configurações culturais, que variam imensamente ao longo do tempo (DARNTON, 2011, p. 238).

Os “esquemas interpretativos” que circundam o ato de ler estão relacionados à existência de cada leitor, em uma articulação dinâmica entre realidade e linguagem integrantes do seu próprio contexto, que define as “configurações culturais” nas quais o leitor se encontra inserido, na interlocução com outras realidades, imprimindo à leitura a característica de uma prática social. É uma atividade que cria convergências de sentidos, de percursos e de possibilidades que levam o leitor a se aventurar entre imaginação e criação, entre o sensorial e o racional, que permeiam situações sociais singulares. A leitura é uma ferramenta formativa capaz de auxiliar na socialização e no desenvolvimento de um repertório intelectual, que pode possibilitar a inserção em diferentes segmentos, além de servir de instrumento significativo de comunicação. No entendimento de Chartier (1998), a leitura é uma atividade que desencadeia

a invenção de significados próprios, postos em evidência pelo leitor no momento em que ele desenvolve o ato de ler. Assim, a leitura é uma aventura específica para cada um.

Retomando o que afirma Darnton (2011), “a leitura tem uma história” e essa história tem se modificado sistematicamente com o passar dos anos, em função das formas escritas, em uma correlação direta entre textos e leitores. Um texto só existe a partir de um leitor para lhe dar um significado e as maneiras de ler estão diretamente relacionadas com a materialidade desses textos, sendo determinadas por ela desde tempos remotos. Destarte, é importante retroceder para entender, a partir daí, como as práticas de leitura foram se constituindo juntamente com as práticas de escrita.

A historicidade da leitura põe em evidência transformações nas técnicas de impressão que se efetivaram a partir de diversas demandas, permeando as maneiras de ler e as formas de disseminação da escrita. O surgimento do códex³⁸ facilitou o manuseio dos escritos e permitiu uma nova experiência de leitura, propiciando ao leitor uma nova forma de relação com o texto, tornando possível, por exemplo, apontamentos durante a leitura, além da localização de trechos garantida pela paginação, viabilizando práticas antes impensáveis.

Outra transformação refere-se aos modos de reprodução dos textos escritos. Embora Roger Chartier (1999) advirta contra o eurocentrismo através do qual, durante muito tempo, os historiadores ocidentais creditaram à invenção de Gutenberg a formação de leitores e atividades de publicação intensa, é inegável que a prensa de impressão se propagou de forma intensa, no século XV, levando o livro a um número considerável de leitores, induzindo o surgimento de distintas práticas de leitura e escrita.

A história da leitura e de suas práticas é, portanto, uma história de livros, de objetos escritos, de tradições de leitura, de maneiras de ler, de sentidos, portanto, uma história da leitura e de leitores não pode prescindir das formas pelas quais os leitores utilizam, compreendem e se apropriam de diferentes textos, em determinados lugares, tempos e distintas formas culturais, nem das representações de leitura como indícios do processo de constituição do ser leitor. A cronologia da história da leitura não tem uma linearidade sequencial precisa, conforme afirma Chartier (1999), e não está diretamente vinculada às alterações nas formas de impressão, mas elas determinam significativas mudanças nas maneiras de ler, nas práticas de leitura. Três momentos distintos com características específicas foram estabelecidos pelo historiador francês para definir essas mudanças, que ele denominou “revoluções da leitura”.

³⁸ Livro composto de folhas dobradas e encadernadas.

A primeira revolução refere-se ao longo processo da passagem da leitura oral para uma leitura silenciosa, visual, transformando a função da palavra escrita. Inicialmente restrita aos escribas nas suas atividades monásticas, com objetivo de preservação, passou para um modelo escolástico, no qual o livro e a leitura tornaram-se instrumentos de atividade intelectual. A leitura silenciosa chegou às universidades no século XII e tornou-se uma prática comum na aristocracia laica a partir do século XIV. Essa prática possibilitou uma leitura mais rápida e, portanto, de uma maior quantidade de textos, permitindo ao leitor estabelecer uma relação mais intensa entre o discurso e suas interpretações. O crescimento da produção de livros de pequeno formato e a multiplicação de instituições voltadas para leitores (bibliotecas de empréstimo, sociedades de leitura), impulsionados pelas técnicas de impressão, levaram ao surgimento de novas práticas e modos de ler. A uma leitura impregnada de sacralidade restrita a um número limitado de livros, uma leitura intensiva, sucedeu uma leitura extensiva, característica de um leitor que lê com rapidez e ânsia crescentes.

A terceira revolução da leitura foi deflagrada pela transmissão eletrônica, com o advento do computador e da internet, acarretando, mais uma vez, significativas mudanças no mundo da leitura, reconfigurando suas práticas e redefinindo a materialidade dos textos. Surge um novo tipo de leitor que pode relacionar-se de forma diferente com o escrito, instado a adquirir novas atitudes e desenvolver novas práticas intelectuais.

Embora discordando de Chartier quanto ao emprego da expressão “revoluções da leitura”, Robert Darnton (2011) concorda que não há linearidade temporal na história da leitura. Afirma ele que “a leitura assumiu muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais em diferentes épocas” (DARNTON, 2011, p. 217), o que não caracteriza propriamente uma revolução, mas uma transformação nos hábitos dos leitores, a partir do desenvolvimento de novas tecnologias.

A inovação digital configura uma alteração de tripla natureza: modificam-se o suporte da escrita; as técnicas de reprodução e distribuição; as maneiras de ler, que definem novas práticas de leitura. Os limites impostos pela paginação do códex são agora suprimidos pelas infinitas possibilidades de uma tela luminosa que, ao se deslocar verticalmente, proporciona ligações textuais antes inimagináveis.

A superabundância de textos caracteriza o mundo da comunicação eletrônica com a oferta ultrapassando a procura, mas os vínculos hipertextuais possibilitam ao leitor comprovar a validade do que está demonstrado, alterando-se, assim, a credibilidade dos discursos do saber. O suporte eletrônico não significa, contudo, o fim do livro impresso. Eles vão continuar existindo, simultaneamente, e as variadas maneiras de ler vão continuar sendo configuradas a

partir dos diferentes suportes: as aproximações corporais inerentes ao texto impresso, assim como as possibilidades de viagens hipertextuais incorporadas às leituras nos monitores. O desafio que se impõe é como discernir, ante a multiplicidade de informações disponíveis em um mesmo instante, em um mesmo ambiente e, ante a técnica que permite que se vá de um texto a outros com apenas um toque dos dedos, o que deve ser preservado e considerado.

Ao afirmar que “a representação eletrônica dos textos não deve, de modo algum implicar o rebaixamento, o esquecimento ou, pior ainda, a destruição dos objetos que encarnaram, e encarnam, originalmente, os trabalhos do passado e do presente”, Roger Chartier (1999, p. 30) proclama que a convivência simultânea de distintas técnicas de disseminação e preservação da cultura escrita vai permanecer e estará subsumida nas formas como os leitores se apropriarão dos textos.

Uma investigação sobre quem lê o quê em épocas, lugares e circunstâncias variadas leva, indubitavelmente, a estágios de declínios e ascensões de modelos, linguagens, gêneros de impressos ofertados, proibições, normas e transgressões, indicando que a leitura “assumiu muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais em diferentes épocas” (DARNTON, 2011, p. 217). No que se refere às mulheres, essas mudanças evidenciam, sobretudo a partir do final do século XIX, os papéis sociais, as variações e permanências desses papéis ao longo dos anos, veiculados nas leituras que foram sendo a elas destinadas.

Ao investigar práticas em torno da leitura feminina, essa pesquisa recupera um panorama do passado e, através dele, um conjunto de condições e de possibilidades de leitura em um determinado contexto a partir das primeiras décadas do século XX, circulação de impressos variados, articulações que se forjaram em função de práticas de leitura e de escrita. A relação entre intelectuais integrantes de comunidades leitoras pode revelar, igualmente, espaços de sociabilidades que, tanto aproximam quanto separam interesses e conflitos moldados pela valorização da cultura impressa.

Essa valorização atraiu, anteriormente, a atenção de livreiros e tipógrafos estrangeiros que vieram se instalar em terras brasileiras³⁹, trazendo experiência na área e estabelecendo um mercado editorial que se instalou e perdurou. Embora tardiamente, a implantação da imprensa, no Brasil, fez com que livros e outros impressos deixassem de ser objetos estranhos na vida

³⁹ Com a chegada da família real cresceu a demanda por novos produtos, inclusive livros e demais formas de impressos, em função de mudanças que alteraram o panorama social, econômico e cultural do Rio de Janeiro, estendendo-se, progressivamente, a outras partes do território brasileiro. Para conhecer detalhes da história da expansão do mercado editorial brasileiro em função da abertura dos portos, conferir EL FAR (2006).

brasileira e a literatura pudesse fazer parte do cotidiano das famílias, sem que fosse necessário a mediação de órgãos censores na aquisição⁴⁰.

Na segunda metade do século XIX livros em brochura começaram a ser vendidos nas livrarias e, também, por vendedores ambulantes, com baixos preços, pondo em circulação autores em evidência na crítica literária da época. Embora o Rio de Janeiro fosse a maior referência na área editorial, livros e outros impressos eram adquiridos por encomendas oriundas de várias partes do território brasileiro, passando cada vez mais a fazer parte da vida de uma parcela da população. As mulheres passaram a ser vistas, pelos editores, como um público leitor em potencial e as leituras direcionadas a um público feminino começaram a circular em seções de jornais e revistas ilustradas, para serem lidas no ambiente doméstico, onde a leitura passou a ser praticada como um passatempo, uma vez que a elas era proibida a livre circulação em espaços públicos.

O século XX foi pródigo em coleções de livros para “moças de boa família”, com o objetivo de divertir e informar, nas quais eram evidenciados o casamento, a família e as boas maneiras, retomando os finais de contos de fadas, enaltecendo qualidades virtuosas e condutas recatadas. A *Biblioteca das Moças*, como era intitulada a coleção que começou a circular na década de 20, era composta por vários romances, vendidos em livrarias e bancas de jornal, especializada em literatura destinada a jovens mulheres. Por meio deles houve a “importação de um modelo aristocrático notadamente francês para a educação feminina, como ler romances, por exemplo, dispositivos que vão ajudando a constituir culturalmente uma imagem da mulher burguesa” (CUNHA, 1995), evidenciando o perfil feminino da elite brasileira. Os romances disseminavam normas de conduta para mulheres, uma vez que estimulavam comportamentos através das virtudes que caracterizavam seus personagens.

Publicada pela Companhia Editora Nacional⁴¹, a coleção trazia, entre outras obras, os livros de autoria de M. Delly, pseudônimo utilizado pelos irmãos franceses Frédéric Henri Petijean de la Rosière e Jeanne Marie Henriette Petijean de la Rosière⁴². Os livros publicados pelos irmãos, juntos, foram popularizados em uma época em que a leitura de romances se

⁴⁰ Para acompanhar o processo de conscientização literária no Brasil, a implantação de estratégias de produção e circulação de obras literárias, a criação da Imprensa Régia, entre outros aspectos que permearam a consolidação de um perfil leitor, em terras brasileiras, a partir do século XIX, ver LAJOLO e ZILBERMAN, (2002), bem como ABREU (2003).

⁴¹ Fundada em 1925 por Monteiro Lobato, foi responsável, nos anos 1920, pela publicação de livros em um período no qual o mercado editorial brasileiro era fortemente marcado por importação de impressos estrangeiros, sobretudo da França e Portugal. Mais detalhes podem ser conferidos em KIRCHNER (2016).

⁴² Para um maior aprofundamento sobre os romances de M. Delly, ver CUNHA (1995).

tornava acessível ao público feminino. Os romances tinham, sempre, um final feliz e incentivavam, nas leitoras, o sonho do amor romântico.

A partir dessa década, outras leituras direcionadas às mulheres foram surgindo no mercado editorial brasileiro, a exemplo das revistas femininas que, além de compostas por diversas seções de conselhos e ensinamentos de cunho culinário, conjugal, estético, farmacêutico, traziam, também, histórias de amor em quadrinhos que tanto encantaram as mocinhas e senhoras: as fotonovelas. As fotonovelas eram histórias compostas de fotografias e textos, com sua origem remontando à época pós Segunda Guerra Mundial, na Itália, em virtude da dificuldade de cunho econômico na difusão do cinema. A indústria das revistas de fotonovelas expandiu-se, no Brasil, na década de 50 do século XX. As revistas foram aceitas pela maioria das mulheres pelo seu conteúdo de romance e pela praticidade no manuseio, além dos outros temas que eram oferecidos, como regras de boa conduta, testes de autoconhecimento e publicidade de produtos para o consumo feminino.

Eram leituras que incentivavam a aquisição dos bens de consumo direcionados à mulher moderna, integrando-a à sociedade industrializada pois, “[...] ainda que o ideal da ‘mulher de prendas domésticas’ continue extremamente forte, passam a fazer parte da realidade doméstica os enlatados, os eletrodomésticos e os descartáveis” (PINSKY, 2014, p. 20), ao tempo em que a afetividade e os amores das tramas com final feliz, proporcionava momentos de devaneio e escape da vida real e por vezes monótona de esposa, dona de casa e mãe. De forma gradativa, foi sendo proporcionado, à mulher, o direito de escolher como ocupar seu tempo livre, seus espaços de lazer e as leituras que desejasse, sem interferência de censores domésticos e, principalmente sem o estigma da leitura proibida.

Investigar a leitura e a escrita e suas práticas é de significativa importância para entender as práticas culturais em momentos e contextos históricos específicos, representações de leitura, usos e maneiras de ler, circulação de impressos, permitindo entender o universo de uma comunidade leitora que, para Chartier (2001), são “aquelas comunidades interpretativas cujos membros compartilham os mesmos estilos de leitura e as mesmas estratégias de interpretação” (CHARTIER, 2001, p. 216), permeadas pela singularidade de cada indivíduo. Assim, é importante conhecer o entorno no qual essas comunidades transitam, uma vez que “[...] não existe texto fora do contexto no qual é lido” (CHARTIER e CAVALLO, 1998, p. 9), por isso, entender o panorama histórico, social, político e cultural da sociedade aracajuana na segunda metade do século XX, possibilita vislumbrar o cenário no qual Beatriz desenvolveu suas práticas de leitura, manifestando suas preferências e seus interesses.

2.3 CONFIGURAÇÃO DE UM PANORAMA CULTURAL

Aracaju enveredou por uma onda de modernização que já vinha trazendo contornos de cidade próspera desde os anos iniciais do século XX, quando foram sendo implantadas melhorias que dava à cidade feições urbanas, como medidas para abastecimento de água, energia elétrica, serviços de esgotamento, rede de telefonia, substituição de bondes de tração animal por bondes elétricos, que desapareceram nos anos 1950, “[...] cedendo lugar às kombes e marinetes que expandiram suas redes pelos diversos bairros da capital” (DANTAS, 2004, p. 157), construção de praças e parques públicos na parte central da cidade.

O campo educacional iniciou uma ampliação das faculdades que já existiam, sob a tutela do governo estadual, inicialmente a de Economia, depois a de Química, a partir de 1948, de acordo com Dantas (2004). Não obstante as dificuldades existentes, os anos 1950 foram fomentadores de mudanças no panorama cultural de Sergipe, com a criação da Faculdade de Direito por uma sociedade mantenedora (1951), a FCFS (1951), a Faculdade de Serviço Social (1954), as duas últimas ligadas à Igreja Católica, com pouco subsídio estatal, sobrevivendo em função da atitude abnegada de professores imbuídos do desejo de ver florescerem oportunidades de mobilidade social para os jovens sergipanos.

Em 1961, a criação da Faculdade de Ciências Médicas e a conseqüente estruturação da Faculdade de Medicina, fomentou a possibilidade de, cumpridas as exigências formais, ser instalada a Universidade Federal de Sergipe, o que se concretizou seis anos depois.

A descoberta de petróleo⁴³ em terras sergipanas também aconteceu nos anos 1960 e, a partir desse fato, empresas se instalaram com seus quadros de funcionários especializados, gerando empregabilidade e proporcionando a corrida para as áreas urbanas de candidatos aos postos que eram oferecidos. Conforme Santos (2010), a partir de então, houve um impulso da construção civil na edificação de moradias, modificando o cenário arquitetônico da cidade, ampliando logradouros, estimulando o surgimento de bairros e conjuntos habitacionais. A diversificação de serviços, a instalação de estabelecimentos bancários, entre outras melhorias urbanas, fizeram o centro da cidade se constituir como o ponto para onde convergiam as atividades administrativas, de comércio, de lazer, e a cidade passou a concentrar, naquela região, a oferta de teatros, cinemas, lojas, cafés e restaurantes.

⁴³ Informações acerca da descoberta de petróleo no litoral sergipano, a instalação dos escritórios administrativos e os aspectos modernizantes acarretados por esse fato estão disponíveis em <https://www.agenciapetrobras.com.br> Acesso em 21.05.2020.

Os aspectos culturais se diversificaram e Sergipe chegou aos anos 1960 com cerca de 45 cinemas, de acordo com Dantas (2004), a maior parte deles situada nas cidades do interior do Estado. Na capital, o Vera Cruz, no bairro Siqueira Campos, o Tupi, no bairro Santo Antônio e o Guarany, no bairro Cirurgia, enquanto as salas de exibição da sétima arte se modernizavam, a exemplo da introdução do cinemascope pelo Rio Branco, em 1955, e a inauguração do Cine Palace com suas instalações modernas, em 1956.

Figura 5 – Fotografia do Cine Palace. Aracaju-SE.
(195?)



Fonte: Biblioteca Central do IBGE.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/sobre-a-biblioteca.html>⁴⁴

O Cine Palace foi inaugurado dentro das comemorações do centenário de Aracaju. Localizado na rua João Pessoa, esquina da praça Fausto Cardoso, no espaço que abrigou, em anos anteriores, outros locais de entretenimento e de encontros⁴⁵, apresentava uma suntuosidade que atraía multidões para ver os espetáculos proporcionados pela sétima arte, confortavelmente instalados em poltronas acolchoadas, embalados ao som de orquestras que reproduziam sucessos musicais, enquanto aguardavam o início das projeções cinematográficas. Foi naquela casa de espetáculos que, em 1961, Beatriz descobriria o anúncio da apresentação do filme *Guerra e Paz*, cuja história era baseada no livro homônimo, do escritor russo Leon Tolstói, considerada por ela como “o livro que mais me marcou na vida” (Beatriz Góis Dantas, 2018).

⁴⁴ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=441145>
Acesso em 14.05.2020.

⁴⁵ Primeiro cinema aracajuano com ar refrigerado, poltronas acolchoadas e cortina motorizada.

Outros eventos culturais ganhavam forma nas décadas que se seguiam. Nas manifestações musicais, de acordo com Melo (2019)

[...] nos idos de 60 uma plêiade de intelectuais sergipanos tinha sido contaminada pelo vírus dos festivais de música do eixo Rio/São Paulo, jornalistas, poetas, músicos, intérpretes, dispuseram suas verves criativas para concorrer ao I Encontro Sergipano de Música, sob os auspícios dos Diários Associados de Aracaju, no período de 11 a 18 de outubro de 1969 (Roberto Calazans Melo, 2019).

O evento repercutiu de forma que desencadeou, pela década seguinte, a ocorrência de concursos de poesia falada, de cinema amador e certames literários com a participação de nomes da intelectualidade sergipana, além de manifestações artísticas que foram incluídas no Festival de Arte de São Cristóvão (FASC)⁴⁶, promovido pela UFS, a partir de 1972.

Aracaju apresentava, assim, aspectos resultantes de um processo de urbanização e modernização, tendo uma “vida cultural calcada nas ruas do centro e no entorno”, de acordo com Oliveira (2015, p. 21), com seus cinemas, pastelarias, bares, sorveterias, hotéis, cafés e livrarias, onde a intelectualidade se reunia para conversar e para observar o movimento dos transeuntes que por ali passavam. A rua de maior movimento da região central abrigava, ainda, uma editora e livrarias e, por ali, a vida cultural fervilhava em espaços que

[...] eram frequentados pelos intelectuais sergipanos que ali localizavam os lançamentos da área em estudo, seus autores prediletos ou uma novidade qualquer. Nas livrarias, em cafés na casa dos amigos, nas reuniões em diferentes locais, falava-se sobre distintos autores, discutia-se sobre estudos, assuntos publicados na imprensa, leituras despreziosas e, também, alusivas aos assuntos em questão (OLIVEIRA, 2015, p. 21).

Um desses locais era a Livraria Regina, localizada na rua João Pessoa, reduto da intelectualidade sergipana, funcionando, também, como papelaria e tipografia, a exemplo das congêneres nacionais. Era o local de encontro para onde convergiam os intelectuais em busca das novidades em termos de lançamentos literários, além das possibilidades de intermediação para aquisição de livros de outras localidades do país.

⁴⁶ Criado em 1972, o Festival de Arte de São Cristóvão surgiu a partir do movimento do Governo Federal conclamando Estados e universidades para promover eventos em comemoração aos 150 anos da Independência do Brasil. A UFS promoveu um evento que se consolidou como aglutinador de uma diversidade cultural, congregando linguagens como dança, teatro, música, literatura, cinema, inaugurando a extensão universitária. A partir de então, a universidade continuou buscando parcerias com ministérios, governo estadual, governos municipais, empresariado, enquanto o festival adquiria uma maior dimensão a cada ano de realização. O FASC aconteceu, sem interrupção, até 1995, ressurgindo, em 2017. Para saber mais detalhes a respeito do FASC, ver SANTOS (2014) e SOUZA (2015).

O nome Regina, conforme Elissandra Santos (2004), foi uma homenagem do seu primeiro proprietário, Agripino Leite, à sua esposa, Regina do Prado Leite. Com ele, a Livraria Regina seguiu a mesma linha das concorrentes, sendo papelaria e tipografia. Santos identificou duas fases distintas na história daquele estabelecimento. A primeira compreende o período entre 1918 e 1939, sob a gestão do primeiro proprietário, no qual predominou a função de papelaria, não havendo modernização tipográfica. Na segunda fase, de 1940 a 1976, tendo à frente José Apóstolo de Oliveira Neto, além de livraria, foi transformada na gráfica mais moderna do Estado⁴⁷, se convertendo em um importante espaço de sociabilidade e encontro da intelectualidade sergipana. A **Figura 6** mostra um aglomerado de pessoas em frente à Livraria Regina, em uma aparente situação festiva, com homens e mulheres conversando entre si. Provavelmente o lançamento de livro de algum autor sergipano, ou de algum título de outro centro, ou, ainda, uma reunião da intelectualidade para debater ideias, como costumava acontecer naquele espaço de divulgação das letras.

Figura 6 – Fachada da Livraria Regina, em solenidade festiva.
Aracaju-SE (1960)



Fonte: Acervo do Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura⁴⁸.

⁴⁷ Em 19 de outubro de 1976 o Conselho Superior da UFS (CONSU/UFS) autorizou a reitoria, através da Resolução nº 29/1976/CONSU, adquirir, por compra, o parque gráfico da Livraria Regina Ltda., para implantação da imprensa universitária.

⁴⁸ Fundado em 1997 pelo historiador sergipano Luiz Antônio Barreto para servir como local de pesquisa e de preservação da memória da história sergipana, o ITBEC, localizado na Universidade Tiradentes (UNIT), possui um acervo composto por revistas, livros, fotografias, documentos, livros de cordel, pinturas, documentos, incluindo o memorial do patrono, o intelectual sergipano Tobias Barreto.

Como distribuidora da Editora Abril, a livraria recebeu vários prêmios por sua atuação em vendas, sendo considerada uma das maiores do Brasil. Como gráfica, imprimiu cerca de duzentos e setenta livros, entre os anos de 1920 e 1970, livros de poesia, crônicas, biografias, discursos e documentos oficiais. Entre os escritores sergipanos que tiveram seus livros impressos pela Regina, destacam-se: Mário Cabral, Santo Souza, Alberto Carvalho, José Calazans, Pires Wynne entre outros. A tarde de autógrafos destes lançamentos não só era um entretenimento da Rua João Pessoa mas, sobretudo, um encontro de intelectuais. Foi na Livraria Regina que Beatriz, anos mais tarde, encontrou e adquiriu um exemplar dos dois livros volumosos que compunham *Guerra e Paz*.

2.4 LEITURAS QUE MARCARAM UMA VIDA

As lembranças mais remotas envolvendo leitura e práticas escolares são rememoradas por Beatriz no seguinte relato: “Tinha uma folha de papel, ele fazia um furo e, como a gente decorava as letras na sequência, ele saía saltando: que letra é essa? Que letra é essa? Com o papelzinho furado” (Beatriz Góis Dantas, 2018). Não há lembrança específica de livros de leitura nem de cartilhas nesse período.

A prática educativa descrita se refere à educação dos filhos de uma família patriarcal, cujo chefe havia frequentado alguns anos de escola, contudo, abandonou os estudos e começou a lidar com gado e terras, se transformando em um fazendeiro, atividade que garantia o sustento da família. Nas atividades do campo daquele período, em Sergipe, era importante a produção algodoeira que, embora apresentasse um visível declínio, servia de insumo para a indústria têxtil, cuja produção, de acordo com o historiador Ibarê Dantas era, em 1945, “[...] o quinto Estado do país em número de empresas têxteis” (DANTAS, 2004, p. 100), enquanto que a criação de gado era um negócio que se expandia e prosperava.

A base das lembranças se encontra naquilo que já foi vivenciado, nos acontecimentos pelos quais os indivíduos passam ao longo da sua existência. Buscar o fio condutor de existências, vontades, escolhas, não parece impossível, mas, é bastante difícil quando há um passado a ser desvelado e trazido para o presente. É preciso lançar mão do “estado de consciência puramente individual”, denominado por Halbwachs de “intuição sensível” (HALBWACHS, 1990, p. 37). Essa intuição possibilita reconstituir o próprio passado de modo que ele seja identificado com o passado real, sem que se confunda com o passado de outras pessoas com as quais se conviveu. As lembranças de outras pessoas funcionam como pontos de referência para que essas recordações surjam. De acordo com essa concepção, a memória é

construída no grupo, ao mesmo tempo em que é construída pelo sujeito. Para lembrar, ele se baseia em elementos fixados pelo meio em que vive, como ideias e palavras, que não foram criadas por ele e sem os quais não seria possível a evocação da memória individual que está diretamente relacionada aos aspectos sociais.

Assim, para rememorar acontecimentos passados, é necessário que eles tenham ocorrido em um meio social, ou seja, a memória é um fenômeno de natureza social. As lembranças de tempos iniciais de escola, das atividades ali experimentadas, as relações que se formaram então, as lembranças de eventos familiares, são fruto de relações próprias de um ambiente social, coletivo. A memória de cada um está, portanto, relacionada com as memórias das outras pessoas integrantes de um mesmo meio social. Nesse sentido “[...] a sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos” (HALBWACHS, 1990, p. 51). É a partir dessas relações que as lembranças de Beatriz vão se constituindo.

A primeira lembrança efetiva de Beatriz a respeito de livros está ligada à educação formal no ensino primário vivida no Grêmio Escolar Serano, no município de Itabaianinha. O livro que a memória vincula ao referido colégio é a *Crestomatia: excerptos⁴⁹ escolhidos em prosa e verso*, publicado em 1931, organizado pelo professor gaúcho Radagasio Tabora⁵⁰. Intitulado com o vocábulo grego composto pelas expressões *khrestos* (útil) e *mathein* (saber), o livro já apontava, em sua denominação, a finalidade de livro didático que seria utilizado para levar ensinamentos proveitosos a várias gerações, com o objetivo de servir em “prol da uniformidade de grafia do nosso rico e formoso linguajar” (TABORDA, 1947, p. I), tendo como base o acordo ortográfico firmado entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa.

A obra apresentava, além dos textos, notas de rodapé explicativas dos vocábulos com grafia mais recente, orientações aos professores sobre como deveria ser ministrado o ensino de português no curso fundamental, normas para uma leitura adequada, bem como um glossário ao final.

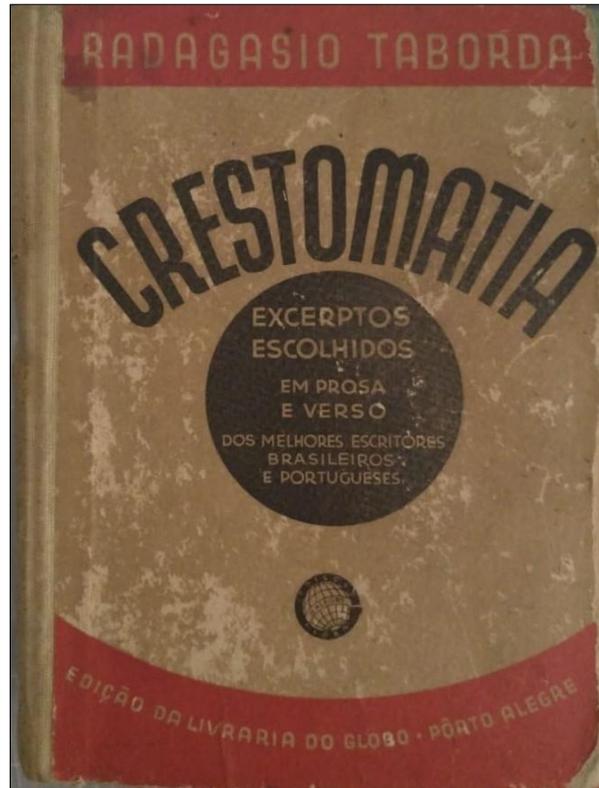
“Ali você treinava caligrafia, ali você treinava, você inculcava valores porque tinha aquela lição de moral, enfim, a *Crestomatia*, pra mim, treinou, não só leitura, mas ajudou a formar as almas” (Beatriz Góis Dantas, 2018), declara Beatriz quando se refere ao livro *Crestomatia: excerptos escolhidos em prosa e verso dos melhores escritores brasileiros e*

⁴⁹ O vocábulo aparece, na mesma edição, com a grafia *excerptos* e *excertos*.

⁵⁰ Professor gaúcho, Radagasio Tabora lecionou, também, em ginásios de São Paulo e Rio de Janeiro. Escolheu escritores brasileiros e portugueses, de diversificados gêneros literários, para compor o livro.

portugueses, publicado pela Livraria do Globo, Porto Alegre, antologia que reunia diversos gêneros literários e foi utilizado, por décadas, em escolas públicas e privadas.

Figura 7 – Capa do livro *Crestomatia*, 21ª edição. (1947)



Fonte: Acervo de Rísia Rodrigues Monteiro.

À lembrança do livro está vinculada a imagem da professora e das atividades escolares desenvolvidas por ela a partir daquele compêndio, descritas como prazerosas porque “[...] nas mãos daquela mulher, que era quase cega, a dona Zizi⁵¹, esse livro rendia maravilhas e eu, realmente, até hoje tenho lembranças maravilhosas desse livro” (DANTAS, 2018). Livro didático que tinha o objetivo de constituir, nos alunos, o gosto pela leitura e o ensino de gramática, por meio de textos em forma de narrativas, lendas, histórias religiosas, fábulas, anedotas e poesias de escritores como José de Alencar, Olavo Bilac, Eça de Queiroz, Rui Barbosa, Bocage e Camões, ficou associado à recordação de leituras prazerosas.

Variadas linguagens estão inscritas na materialidade dos textos, entre as quais, como aponta Cunha (1995), a “linguagem das imagens”, a “linguagem dos títulos”, além da

⁵¹ Dona Zizi, como era chamada carinhosamente a professora Alzira Lobão, perdeu a visão após 32 anos de magistério, vítima de glaucoma, no entanto, continuou exercendo as atividades docentes, aplicando alternativas para driblar a deficiência. Outros detalhes a respeito da professora, ver MENDONÇA; SILVA (2017).

“linguagem das disposições tipográficas”, todas elas, em seu conjunto, estimulam a imaginação e organizam a leitura. A materialidade dos textos não está restrita à dimensão física, apenas, mas se encontra circunscrita, também, no encadeamento entre os aspectos formais e os gêneros textuais, por esse motivo, quando um livro permanece na lembrança durante muito tempo, depois de lido, além dos elementos componentes da capa, figuras e ilustrações diversas, permanecem, também, alguns fragmentos do texto, ou partes significativas dele. Beatriz recorda, com exatidão, alguns fragmentos dos textos que leu na *Crestomatia*, como do “cachorro chamado Veludo”⁵², cujo dono resolveu matar, jogando o animal em alto mar:

Então, ele resolve matar Veludo, leva pro alto mar e abandona o Veludo lá no alto mar e quando ele volta pra casa, que fecha a porta, ele sente arranhar a porta. Era Veludo que vinha trazendo uma medalhinha pendurada numa corrente, que era da mãe dele e, quando ele jogou Veludo fora da barca, a corrente foi junto e ele veio trazer a corrente de volta. Ainda hoje eu me arrepio. Eu lembro disso com uma força! (Beatriz Góis Dantas, 2018).

E um outro que aflora à lembrança recorrentemente:

Esse outro texto ficou na minha memória, eu acho que era pelo nível de dificuldade. Era um texto de um autor português, eu não lembro o nome dos autores. Era *A Última Corrida de Touros em Salvaterra*⁵³, que era a descrição de uma tourada em Portugal na qual morria uma pessoa da nobreza e, com isso, teria acabado as touradas em Portugal. Mas era um texto muito rebuscado, longo, e eu acho que foi o nível de dificuldade, que esse nome ficou na minha cabeça até hoje: *A última corrida de touros em Salvaterra* (Beatriz Góis Dantas, 2018).

Os dois textos que foram lidos na *Crestomatia* e lembrados depois de mais de cinco décadas atestam a assertiva de Halbwachs (1990) a respeito de a memória ter como base aquilo que foi vivenciado. É provável que o sentimento de afeição por cães desenvolvido por Beatriz tenha sido tocado, emocionalmente, na leitura do texto sobre o “cachorro chamado Veludo”, assim como a erudição da “Última Corrida de Touros em Salvaterra”, indubitavelmente exercitada nas leituras de textos que ela iria encontrar no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e na FCFS, nas etapas subsequentes de sua trajetória escolar.

No contraponto, ainda dessa época, aos dez anos de idade, em 1951, outro livro cujo título era *Os Manuscritos*, composto por textos grafados “de próprio punho” por escritores brasileiros como Joaquim Nabuco e Olavo Bilac, permaneceu na memória por motivo contrário,

⁵² Anexo 1.

⁵³ Anexo 2.

como uma leitura da qual não gostava, associada a atividades desagradáveis. Ainda assim, anos mais tarde, no trabalho desenvolvido em arquivos⁵⁴, a lembrança de *Os Manuscritos* aflorou em todas as ocasiões de manipulação de documentos que encontrou no desenvolvimento de organização do patrimônio estadual. Em suas atividades de pesquisas sobre a história dos índigenas sergipanos, desenvolvidas nos anos 1970, Beatriz encontrou documentos oficiais datados do século XIX, manuscritos quase ilegíveis e, a memória do livro *Os Manuscritos*, lido nos idos de 1950, aflorou.

As lembranças não são muito claras a respeito de *Os Manuscritos*, no entanto, é provável que elas se refiram a um tipo de publicação destinada ao ensino de caligrafia difundida nas escolas brasileiras por mais de meio século: *Leitura Manuscripta – lições colligidas*, brochura composta por textos impressos em litografia, reproduzindo diferentes caligrafias. Conforme Bertolotti (2015), não era a única publicação dessa natureza a circular à época, no entanto, pelas características recordadas por Beatriz, sobretudo pela lembrança que ela tem dos autores brasileiros presentes no texto, é possível inferir que se trata dessa publicação.

Leitura Manuscripta – lições colligidas, publicado pela Editora Francisco Alves⁵⁵, propunha uma forma de leitura que rompia com a tradição dos manuais de caligrafia usuais. Constituído por uma compilação de textos de autores nacionais, tinha funções valorativas, patrióticas, emocionais e morais, mais do que pedagógicas e de conteúdos escolares, “por isso a ideia de levar ensinamento útil de modo agradável prevaleceu nos protocolos de leitura do texto, seja de seus autores, seja de seus editores” (BERTOLETTI, 2015, p. 51), embora não fossem, em maioria, autores que escreviam especificamente para crianças⁵⁶.

As lembranças de livros e leituras em momentos específicos, escolares ou para entretenimento, vêm à tona vinculadas à figura paterna. Filha mais velha de uma prole de sete, Beatriz teve uma infância vivida em um ambiente favorável ao desenvolvimento de hábitos de leitura e aprendizado, com uma participação efetiva e muito marcante do pai que, durante as férias escolares “[...] não se conformava com essa história de três meses de férias” (Beatriz Góis Dantas, 2018), receoso de que os filhos esquecessem tudo o que tinham aprendido no período escolar. Beatriz recorda as palavras do pai.

⁵⁴ O trabalho de pesquisa desenvolvido por Beatriz Góis Dantas no Arquivo Público do Estado de Sergipe, bem como as atividades visando a organização e a preservação do patrimônio serão relatados em seção posterior.

⁵⁵ A primeira edição, provavelmente em 1901, foi feita pela Tipografia Siqueira, passando, a partir da nona edição, para a Francisco Alves, de acordo com BERTOLETTI (2015).

⁵⁶ Estudos sobre paleografia, escritos manuscritos, manuscritos impressos podem ser consultados em BATISTA (2005); ABREU (2005); BERTOLETTI (2015).

Esses meninos esquecem tudo que aprenderam durante o período escolar. Então, ele (dizia): “Todo mundo leva os livros pra fazenda”. Todo dia ele passava uma lição pra todo mundo. Ele saía de manhã pra o campo, deixava: “Vai estudar isso daqui até aqui; quando chegar, meio dia, eu tomo a lição. Se souber, vai brincar, se não, fica de castigo, vai dar a lição de noite” (Beatriz Góis Dantas, 2018).

A alternativa encontrada por ele para impedir o esquecimento era fazer com que todos levassem os livros para a fazenda e, lá, ele estabelecia horários de estudo, marcando lições que conferia no horário do almoço “[...] e, assim, ele foi criando o gosto da gente fazer as coisas” (Beatriz Góis Dantas, 2018), entre essas coisas, o gosto pela leitura. A educação escolar era, assim, acompanhada de perto pelo patriarca, que demonstrava, desde então, uma preocupação cuidadosa com a educação dos filhos.

Em seus estudos a respeito da formação familiar e dos aspectos cotidianos da vida privada, Michelle Perrot (2009) aponta algumas características que se forjaram ainda no século XIX, conformando uma “[...] idade de ouro do privado, onde as palavras e as coisas se precisam e as noções se refinam” (PERROT, 2009, p. 9), especialmente no que se refere ao papel do pai nesse universo sagrado que é a família e as relações entre seus membros. Ao pai cabia tanto o poder político e econômico na administração e determinação dos rumos da família, quanto o poder doméstico e, mesmo se ausentando por determinados períodos, em função das responsabilidades inerentes aos negócios, ele domina a casa, cabendo-lhe, também, “as decisões pedagógicas, principalmente no que se refere aos filhos” (PERROT, 2009, p.111).

Não obstante a historiadora francesa lançar seu olhar sobre as constituições de parentesco, ressaltando os aspectos cotidianos da vida privada no século XIX, ela se incorpora a essa pesquisa em função da similitude que se espraia para os anos iniciais do século XX, especialmente no que se refere ao poder pátrio e à formação familiar nos meios rurais.

As decisões pedagógicas tomadas pelo pai de Beatriz refletiam, em alguma medida, as concepções educacionais de um homem que, ao seu modo e ao seu tempo, considerava estar tomando decisões baseadas na “ciência e na razão”, o que, provavelmente, estava por trás da determinação de enviar a filha mais velha para estudar em regime de internamento escolar na capital, tempos depois.

E foi durante períodos de férias que ela se acostumou a ver seu pai adquirir, e ler, uma literatura à qual ele dava o nome de “livrinhos de feira”, por ser a feira o local onde comprava frequentemente os tais livros pelos quais também foi “criando gosto”. Eram livros apresentados em folhas soltas, contendo histórias contadas em linguagem específica, com versos de pequenas sílabas, ilustradas com gravuras que a menina Beatriz começou a ler e reler muito cedo. “Meu

pai estava sempre trazendo livros novos, quando não tinha livro novo eu relia os velhos” (Beatriz Góis Dantas, 2018). A atividade relatada pode ser relacionada ao conceito de leitura intensiva apontado por Chartier (1998) a respeito de práticas desenvolvidas no século XVIII, época em que havia um número insignificante de impressos, demonstrando que as práticas não desaparecem; elas permanecem e continuam a se manifestar em contextos diferenciados e ambientes distintos.

O fazendeiro encantado pelas histórias contadas dentro de determinadas regras de rima e versificação usadas na oralidade das cantorias do Nordeste brasileiro estava, sem ter consciência disso, provavelmente, fomentando e possibilitando o acesso da filha mais velha ao mundo das letras. Aqueles “livros de feira”, tempos depois, seriam conhecidos como livros de cordel⁵⁷.

A literatura de cordel surgiu no século XVI com a vulgarização dos relatos orais dos trovadores renascentistas. No século XVIII, esse tipo de texto se popularizou em Portugal, sendo chamada de literatura de cego, em virtude de uma lei criada por D. João V, permitindo à irmandade dos cegos de Lisboa comercializar esse tipo de publicação.

No Brasil, esse tipo de literatura foi introduzido pelos colonizadores portugueses, em Salvador/BA, de onde se espalhou para outros estados, posteriormente, adquirindo popularidade e incorporando traços da cultura brasileira. A chegada desse tipo de literatura, especificamente por aquela região brasileira, ocorreu em face daquela localidade ser a capital, a primeira capital, assim permanecendo até 1763, quando foi transferida para o Rio de Janeiro.

O senso comum relativo à literatura popular sustenta que a denominação “cordel” é derivada do fato de os livros serem vendidos expostos em varais de cordas nas feiras livres nordestinas. Em detalhado estudo comparativo entre os folhetos brasileiros e a literatura de cordel portuguesa, Márcia Abreu (2004) contesta essa ideia ao demonstrar que em terras brasileiras a denominação corrente variava entre os termos “livretos”, “folhetos”, “romances”, sendo vendidos em tabuleiros e não em cordas, como em terras lusitanas. De acordo com a pesquisadora, os livretos passaram a ser denominados “literatura de cordel”, no Brasil, entre os anos 1960 e 1970, no intuito de assemelhar as origens nos dois países.

⁵⁷ A Guerra de Canudos, que trata do conflito entre Antônio Conselheiro e o Exército Brasileiro (1896-1897), foi um dos primeiros cordéis brasileiros, contado em versos por João Melquíades Ferreira da Silva, soldado nas batalhas e um dos primeiros cordelistas do Brasil. A Academia Brasileira de Literatura de Cordel foi criada em 1988, com sede no Rio de Janeiro. Outras informações sobre a história do cordel, membros, principais cordelistas e curiosidades, além de imagens de capas podem ser conferidas em www.ablc.com.br Acessado em 15.10.2018 e 16.01.2019.

A materialidade dos textos circunscrita nas capas, nas contracapas, gravuras, ilustrações, é um aspecto da relação estabelecida entre o leitor e o livro que se mantém na lembrança, ainda que “o leitor não se garante contra o gasto do tempo” (CERTEAU, 2014, p. 48) e esqueça o conteúdo, no todo ou em parte. Na memória de Beatriz, ainda afloram as lembranças de “livrinhos de feira” que leu e releu muitas vezes nas férias passadas: “a história do touro que engoliu o fazendeiro” (Beatriz Góis Dantas, 2018), “pavão misterioso”, “a menina Josina”.

Figura 8 – Capa de livro de cordel.



Fonte: Acervo da autora.

Presenciando o costume do pai de ler os livretos ou livrinhos de feira que, à época, eram apresentados em forma de folhas dobradas umas sobre as outras, Beatriz testemunhou práticas de leitura cotidianas consolidadas nas maneiras de ler:

O cordel, principalmente o cordel antigo, o de hoje não, que ele está com grampo, ou costurado, enfim, mas o cordel antigo, ele era de folhas soltas. Ele lia e se não tivesse muito cuidado as folhas soltavam. Meu pai lia na rede, cochilava, dormia e, muitas vezes o vento levava as folhas (Beatriz Góis Dantas, 2018).

Também tomada de encantamento com a leitura dos livrinhos de feira, Beatriz tomou as providências necessárias para evitar que as folhas soltas acabassem se perdendo, levadas pelo vento:

Quando eu cheguei uma vez na fazenda, que eu abri a escrivantina dele [...] eu peguei aqueles livrinhos todos, juntei tudo, arrumei direitinho, [...], botei capa em tudo pra poder proteger aquela xilogravura⁵⁸ que eu achava tão bonita e aí costurei os livrinhos todos (Beatriz Góis Dantas, 2018).

Os livrinhos, agora com outra materialidade, costurados, continuaram encantando o pai de Beatriz que, a partir daquele momento, não teria mais risco de perder alguma folha e ele podia desfrutar do tipo de leitura que fazia a diversão dele nas horas livres. Ele continuou adquirindo livros de cordel, que continuaram sendo costurados e, muitos anos depois, já na fase adulta e lançando o olhar da antropóloga na qual se transformou, entendendo aquele tipo de literatura como um elemento da cultura popular, Beatriz juntou todos eles, criou uma capa com texto explicativo sobre a origem e doou à Biblioteca Epifânio Dória para compor o acervo de literatura de cordel daquela instituição, com o título: *Os Livros de meu pai*⁵⁹.

A relação de Beatriz com o pai, portanto, é marcada pela lembrança da presença da leitura desde o tempo da infância vivida nas fazendas, nas idas e vindas entre casas na cidade e casas no campo, incluindo leituras voltadas para auxiliar o dia a dia dos camponeses de uma forma geral. Nesse tipo de impresso se enquadra o *Almanaque d'o Pensamento*.

Era uma espécie de roteiro para o homem do campo. Era um calendário, dia por dia, aí trazia o santo do dia, sugestão de nome pra criança que nascia naquele dia, as atividades, as fases da lua, as atividades do campo que seriam necessárias pra fazer naquele período, se era uma época boa de cortar madeira, de cortar cabelo, [...], enfim, todas essas coisas bem práticas do homem do campo, e eu lia esse almanaque, assim, de cabo a rabo, como se diz, de ponta a ponta, porque me influenciava com aquelas coisas (Beatriz Góis Dantas, 2018).

Os almanaques se constituíram em um gênero de impresso que ganhou popularidade, com formato gráfico, editorial e linguagem próprias, publicados, em geral, ao final ou início do ano, destinado a segmentos específicos, auxiliando e contribuindo para a solução de determinadas atividades caseiras e cotidianas, com temas utilitários. Beatriz recorda:

[...] e quando chegava uma trabalhadora: “veja aí, minha filha, se tá uma quadra boa de dar remédio de verme pros meninos”, eu ia no almanaquezinho, que tinha essa parte, mas tinha, também, piadas, tinha textos curtos sobre pirâmides do Egito, missionários ingleses que descobriam coisas da África, então, eu me lembro, assim, de muitas leituras soltas, mas muito importantes.

⁵⁸ Técnica artesanal de origem chinesa que consiste na confecção de entalhes em madeira, utilizando um instrumento de corte afiado, deixando em relevo os contornos da imagem que vai ser reproduzida.

⁵⁹ O exemplar existente na Biblioteca Epifânio Dória foi localizado em 2018, no entanto, após uma reforma realizada no prédio da instituição, em 2019, o exemplar não retornou ao acervo exposto.

Então, eu acho que a minha formação como leitora começa com isso aí (Beatriz Góis Dantas, 2018).

O *Almanaque d'o Pensamento* teve sua primeira edição em 1913⁶⁰ e trazia uma gama de informações de utilidade pública, entretenimento, provérbios, poesia, história, verbetes. Em algumas regiões rurais era, no início do século XX, a única fonte de informação e de leitura e trazia informações importantes para o homem do campo. Trazia numerosas gravuras, ilustrando as informações, tornando mais convidativa a leitura para o público a quem se destinava. As lembranças de leituras dessa época incitam a reflexão de Beatriz sobre a sua constituição como leitora, afirmando que no almanaque

Tinha essa parte, mas tinha, também, textos curtos sobre pirâmides do Egito, missionários ingleses que descobriam coisas da África. Então, eu me lembro, assim, de muitas leituras soltas, mas muito importantes. (Beatriz Góis Dantas, 2018).

Abordando assuntos que giram em torno do tempo, meses do ano, fases da lua, santos do dia, festividades, horóscopos, apresentados em uma linguagem acessível a variados tipos de público, os almanaques⁶¹ são publicações que circulam, ainda nos dias de hoje, fazendo as vezes de calendário, visando, similarmente, aos aspectos relacionados à saúde, trazendo conselhos nutricionais, receitas e outros conteúdos de entretenimento, como piadas, charadas e crônicas.

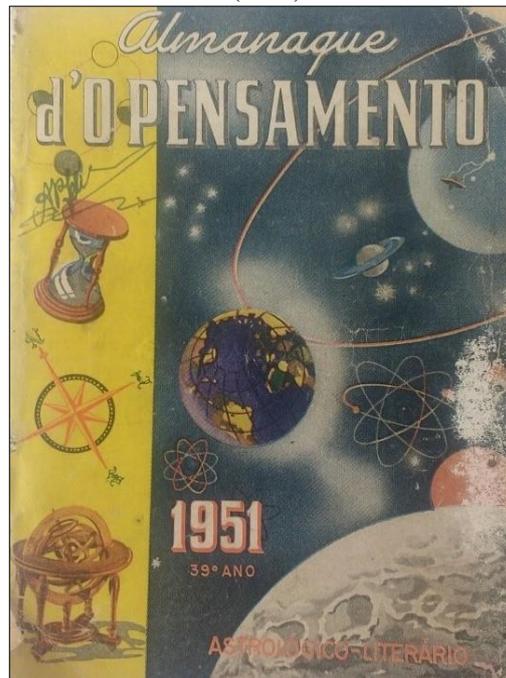
Além de induzir práticas de leitura diversificadas, a exemplo da leitura imagética, textual, numérica, em face dos múltiplos conteúdos trazidos, os almanaques suscitam práticas de escrita, por meio dos espaços em branco próprios para anotações, existentes em muitos deles.

“Astrológico-Literário” era o tema anunciado na capa do *Almanaque d'o Pensamento* na edição de 1951, induzindo o leitor a conhecer, de antemão, os conteúdos que seriam abordados. A **Figura 9** mostra a capa dessa edição.

⁶⁰ O Almanaque do Pensamento continua sendo publicado pela Editora Pensamento-Cultrix.

⁶¹ O almanaque de circulação mais antiga, no Brasil, foi o *Almanak Laemmert*, conhecido como *Almanaque Administrativo Mercantil e Industrial*, publicado entre 1844 e 1889, pelos irmãos Eduard e Heinrich Laemmert, originários da cidade alemã Rosenberg, fundadores da Livraria Universal e da Tipografia Laemmert, pioneira no mercado tipográfico brasileiro. Divulgava a relação dos oficiais da corte e dos ministérios, além de dados demográficos e propaganda comercial. Estudos que tomam almanaques como objeto de pesquisa podem ser encontrados em Abreu (1999); Dutra (1999), *Almanaque Garnier: ensinando a ler o Brasil, ensinando o Brasil a ler*; Park (1999), *Histórias e leitura de almanaques no Brasil*.

Figura 9 – Capa do *Almanaque d'o Pensamento*.
(1951)



Fonte: Editora Pensamento-Cultrix <https://www.amazon.com.br>
Acesso em 10.11.2018

Além dos *Livrinhos de Feira*, existiam outros tipos de impressos consumidos durante as férias, enquanto que a leitura com fins escolares fosse desaconselhada, fato lembrado por Beatriz com satisfação e saudosa admiração pela mestra de antanho:

Ela (Josefina) me orientava não só na Antropologia, nas leituras de Antropologia, mas por exemplo, quando eu ia pras férias ela perguntava: “e você, o que é que vai ler nas férias? Não leve livro de Antropologia pra ler, férias são férias”. Aí me emprestava livro de História da Música, da biblioteca dela, emprestava vários livros pra que eu tivesse uma formação maior (Beatriz Góis Dantas, 2018).

O período de férias escolares era o tempo do descanso, do lazer e de mais leituras, muitas leituras. A atitude de Josefina Sampaio Leite relatada por Beatriz sugere dois tipos de conduta no cuidado da professora com a aluna: o primeiro possibilita inferir que as leituras de livros de Antropologia deveriam ficar restritas ao ano letivo, visto que eram leituras obrigatórias, afinal, “férias são férias”, o segundo indica a precaução ante a eventualidade de interrupção da prática da leitura, induzindo a temas mais amenos como a história da música, por exemplo.

O tempo na fazenda era preenchido, também, com a leitura de revistas, especialmente *Capricho*, mas também, *Cruzeiro* e gibis quadrinizados do oeste americano, *Durango Kid*, *Cassidy Kid*. Nunca houve nenhum tipo de leitura que fosse proibido, na casa de Antônio Germano, ao contrário, as fotonovelas eram adquiridas por meio de empréstimo da “filha do bodegueiro”, enquanto que os gibis eram levados pelos irmãos que, por sua vez, trocavam com amigos, evidenciando estratégias para circulação de impressos. A indústria das revistas de fotonovelas se expandiu, no Brasil, na década de 50 do século XX, conforme Melo (2015).

As revistas foram aceitas pela maioria das mulheres pelo seu conteúdo de romance e pela praticidade no manuseio, além dos outros temas que eram oferecidos, como regras de boa conduta, testes de autoconhecimento e propaganda de produtos para o consumo feminino que lembravam os afazeres domésticos, o lugar a ela destinado na família, seu papel de esposa e mãe, além de determinar os valores morais vigentes à época, afirmando o casamento e a maternidade como sendo os caminhos possíveis naturais.

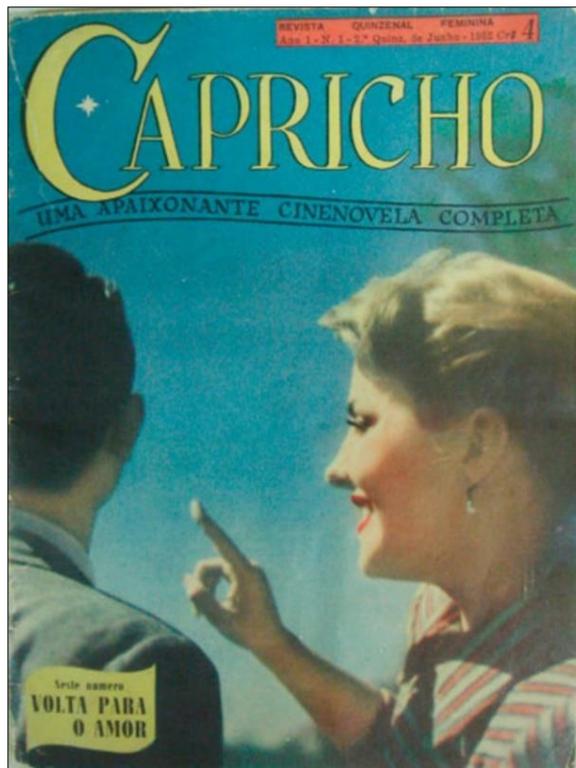
A revista *Capricho* foi lançada pela Editora Abril, nos anos 1950 e, ao final da década, a circulação foi se expandindo, acompanhando o processo de modernização e avanço industrial, acesso a bens de consumo, contribuindo, através de um conteúdo romanesco, para a criação de um novo imaginário, levando não apenas as mulheres, mas, homens também, preocupados, talvez, em acompanhar e vigiar o que as mulheres liam.

Criada em 1952, foi a segunda revista mais antiga da Editora Abril que, até então, publicava apenas os gibis do Pato Donald, da Walt Disney. Seu conteúdo era constituído de fotonovelas, dirigidas a um público mais adulto. Ainda nesse ano, a revista foi ampliada e passou a abordar temas como moda, beleza, comportamento, contos e variedades, contemplando assuntos como técnicas de conquista, namoro e virgindade. No ano de 1956, a *Capricho* atingiu a, até então, maior tiragem de uma revista da América Latina, rompendo a marca dos quinhentos mil exemplares. Este sucesso perdurou ao longo dos anos 1960 e estava relacionado, especialmente, às fotonovelas.

A publicação de *Capricho* implantou “um novo período no mercado editorial brasileiro, além de se ter inaugurado uma imprensa moderna feminina, lançada como revista ideal para a mulher” (MELO, 2015, p. 64), proporcionando a esse público acesso à informação, além da garantia de inserção na categoria “mulher moderna”, conforme sugeria a classificação impressa em quase todas as capas, “A Revista da Mulher Moderna”, além do destaque “A maior revista feminina da América do Sul”.

A **Figura 10** apresenta a capa da primeira edição da revista, publicada em 1952.

Figura 10 – Capa da primeira edição da Revista *Capricho*. (1952)



Fonte: Acervo de Sônia Pinto Albuquerque Melo.

A maior novidade trazida pela revista foi a fotonovela completa, sem obrigar a espera dos próximos números para conhecer o final da história, como era costume até então, nos outros impressos do gênero. As capas das revistas estampavam parte do conteúdo, especialmente, dados que remetiam à fotonovela, bem como às matérias que poderiam despertar mais curiosidade das leitoras, considerando as características do universo feminino nos anos 1950 e 1960. No início dos anos 1980, as fotonovelas deixaram de ser publicadas na revista, que ganhou um novo formato, sendo direcionada a outro tipo de público.

Outra revista lida por Beatriz nos períodos de férias foi a revista *O Cruzeiro*. Revista de circulação semanal, ilustrada, fundada pelo jornalista Assis Chateaubriand, no Rio de Janeiro, começou a circular em 10 de novembro de 1928, já anunciando seu projeto editorial ambicioso. Na semana de lançamento, panfletos foram jogados do alto de edifícios apresentando a publicação. O potencial político do periódico se manifestou logo no início da circulação, na

intermediação de financiamento do projeto junto a instituições bancárias, pelo então Ministro da Fazenda, Getúlio Vargas⁶².

Figura 11 – Capa da revista O Cruzeiro, edição de 1 de Janeiro. (1955)



Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico>⁶³

A revista apresentava seções de beleza, crônicas, culinária, eletrodomésticos, fatos referentes à vida de celebridades, considerados assuntos femininos, além de seções destinadas a notícias da política, expressando o posicionamento do proprietário, demonstrado na disparidade das coberturas que oscilavam entre apoios a candidaturas diversas. Publicada em papel de qualidade e com muitas ilustrações, *O Cruzeiro* possuía uma seção destinada a obras literárias, divulgando lançamentos de obras brasileiras, além de promover concursos de contos. Até decretar falência, em 1975, a revista teve posição de destaque na política e nas grandes reportagens, a exemplo da inauguração do Cristo Redentor.

⁶² Para maiores informações a respeito da criação, circulação, número de exemplares e curiosidades envolvendo o mercado editorial em torno de *O Cruzeiro*, acessar <http://www.fgv.br/cpdoc> Acesso em 10.08.2018.

⁶³ Acesso em 10.08.2018.

2.5 NOVOS MUNDOS SE DESCORTINAM ATRAVÉS DA LEITURA

Ao concluir o ensino primário, em 1953, era chegado o momento de Beatriz galgar outro nível de ensino e, como consequência, mudar de escola, dado que o Colégio Serrano ofertava apenas o curso primário, como acontecia com grande parte das escolas do interior sergipano. Era necessário que a família decidisse onde a filha iria estudar nos anos subsequentes e, assim, como todas as famílias “[...] que por qualquer razão continuavam residindo no interior, encontravam nos internatos uma estratégia educativa ideal para manter os seus filhos estudando na capital” (CONCEIÇÃO, 2017, p. 369), Beatriz foi matriculada no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, onde passaria os próximos anos em regime de internato.

Figura 12 – Fotografia da fachada frontal do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. (1950).



Fonte: BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sinopse Estatística do Município de Aracaju. Rio de Janeiro: IBGE, 1951.

A fotografia acima, início do segundo quartel do século XX, mostra a frente do colégio localizado na região central de Aracaju, uma região com pouca movimentação de transeuntes, alguns vendedores ambulantes circulando, evidenciando a aparente clausura da edificação, janelas cerradas, sem nenhum vislumbre das jovens que se encontravam no seu interior. Segundo Conceição (2017), o prédio foi construído especificamente com a finalidade de colégio para internamento feminino.

O edifício, construído em dois pavimentos, possuía as principais divisões indicadas para o funcionamento de um internato (dormitórios, refeitório, rouparia, instalações sanitárias, cozinha, copa, despensa). Esse modelo de prédio escolar inaugurado em Sergipe pelas irmãs do Santíssimo Sacramento, com a fundação do Colégio N. S. de Lourdes, representou a concretização do ideal higiênico pedagógico de um edifício especialmente projetado e construído para o funcionamento de colégio-internato (CONCEIÇÃO, 2017, p. 431).

Instalado em Aracaju no ano de 1903, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes foi responsável pela educação de moças oriundas de famílias de diversas regiões do estado, assim como de estados vizinhos, recebendo alunas em regime de externato, semi-internato e internato. A prática de internamento escolar, no Brasil, se consolidou na segunda metade do século XIX (CONCEIÇÃO, 2012), trazendo nos seus fundamentos as raízes da pedagogia jesuítica, além da influência dos colégios europeus como modelo, especialmente os franceses.

O modelo de internamento europeu adentrou e dominou o cenário educacional brasileiro, seja motivado pelas necessidades de uma vida rural marcada pelas grandes distâncias, seja como “princípio pedagógico” que recepcionou o internamento como ferramenta ideal para “endireitar” meninos e meninas (CONCEIÇÃO, 2012, p. 34).

Em Sergipe, nos anos iniciais do século XX, os internatos estavam localizados em alguns municípios e na capital, permanecendo em funcionamento para atendimento, principalmente, às famílias mais abastadas, detentoras de condições financeiras para arcar com o custos dessa prática educativa, que ainda persistiria por outras décadas.

As razões para a permanência do internato na cultura escolar sergipana durante boa parte do século XX foram, entre outras, a inexistência, deficiências ou o pequeno número de colégios no interior do estado, situação caracterizada pelo “déficit escolar”. A rede de escolas públicas era ponderavelmente inferior em relação à população em idade escolar . [...] Também o isolamento geográfico causado pelas longas distâncias, além das dificuldades de transporte e comunicação entre as localidades (do interior para a capital ou sede do município), dificultavam o retorno àquelas residências localizadas na zona rural (CONCEIÇÃO, 2017, p. 374).

Beatriz ingressou no internato das sacramentinas⁶⁴ em virtude “das necessidades de uma vida rural”, uma vez que as atividades de seu pai como fazendeiro mantinha a família em

⁶⁴ A Congregação das Irmãs Sacramentinas foi fundada na França, pelo padre Pierre Vigne, tendo como princípios basilares a caridade, a vida oculta, o silêncio e a oração. Para outras informações a esse respeito, consultar BERGER e SOUZA (2002).

municípios do interior sergipano. Assim como nos demais estados brasileiros, em Sergipe, o ensino secundário com finalidades propedêuticas era frequentado por filhos das famílias que detinham um poder aquisitivo alto e, nos internatos particulares, isso era ainda mais notório.

O colégio atendia às famílias da elite sergipana e de outros estados da região, proporcionando uma educação pautada nos princípios da religiosidade e da civilidade, especialmente nos moldes franceses, favorecendo o controle e a disciplina dentro dos preceitos da igreja católica, impondo normas e comportamentos que direcionassem as jovens à prática de uma vida cristã. Os preceitos da congregação foram adaptados para o cotidiano dos internamentos, sendo assim, os alunos deviam cumprir a rigidez dos horários, o regramento das atividades religiosas, além da “[...] guarda do silêncio, especialmente no refeitório e dormitórios, o comedimento nos gestos e nas brincadeiras, o cuidado com a seriedade das roupas” (CONCEIÇÃO, 2017, p. 377), estabelecendo a obediência e a ordem nas ações diárias do internato.

Ao evocar as lembranças das práticas educativas vivenciadas no “Colégio das Freiras” como era conhecida aquela instituição, Beatriz lembra nitidamente a figura do professor que lecionava História no início dos anos 1950, aulas das quais ela gostava muito.

O professor de História falava muito da Literatura. Virgínio de Santana⁶⁵, um velhinho [...] um professor à antiga, um narrador. Ele sentava na sala, pegava o charuto, passava a perna, e aí, fumava, falava da Grécia, de Roma, das obras de arte, da literatura, do teatro, enfim, literatura, então, ele se perdia. Eu adorava as aulas de Virgínio, porque era um mundo que se descortinava pra mim (Beatriz Góis Dantas, 2018).

De acordo com Halbwachs (1990), a memória reconstrói acontecimentos vividos anteriormente e, nesse processo de reconstrução, deve ser considerado o fato de que evocar um acontecimento do passado não é repetir sequencialmente esse acontecimento à luz dos interesses do momento atual. De outra perspectiva, essa reconstrução traz ao presente fatos que ocorreram dentro de um conjunto de relações sociais, no convívio com outras pessoas ou grupos nos quais o indivíduo que lembra está ou esteve inserido.

A memória individual é, assim, formada a partir da junção das memórias desses grupos que podem ser constituídos pela família, por amigos, por colegas de trabalho ou de escola. Dito

⁶⁵ Virgínio de Santana era professor catedrático de Filosofia do Colégio Estadual de Sergipe e professor de História Geral e História do Brasil no Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Outras informações podem ser verificadas em COSTA (2003).

de outra forma, a memória se forma no indivíduo, porém, em um contexto social no qual ele vive e do qual sempre terá referências, uma vez que a memória individual se apoia na coletiva.

Ao falar desse mundo que se descortinava, surgem as lembranças de leituras e de uma biblioteca que “[...] não era nada mais nada menos do que um armário, pequeno, que tinha na sala dos professores, onde você tinha dicionários, alguns livros, e tinha uma coleção de M. Delly, aqueles romances de M. Delly, aquela Coleção das Moças e Vidas de Santos” (Beatriz Góis Dantas, 2018). A jovem foi convidada por uma das freiras do colégio para “tomar conta” da biblioteca, o que significava administrar o sistema de empréstimo de livros às alunas internas, que podiam permanecer com os livros da sexta-feira à noite até o final de tarde do domingo.

Figura 13 – Fotografia de Beatriz no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, entre artefatos educativos integrantes da cultura escolar .
(1958)



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

Sobre as práticas de leitura desenvolvidas no colégio das sacramentinas, Costa (2003) afirma que as freiras prezavam pelos padrões de moralidade cristã e pelos preceitos católicos, exercendo controle sobre as alunas, escolhendo as leituras permitidas e proibindo aquelas que consideravam “nocivas” e “perigosas”, entre as quais estavam os romances de M. Delly, de acordo com o depoimento de uma ex-aluna que ali estudou nos anos 1930, colhido durante o estudo realizado a respeito da instituição religiosa. Essa afirmação vai de encontro ao que vivenciou Beatriz durante a sua incumbência de distribuição de livros entre as internas, durante

os anos 1950, uma vez que os livros de M. Delly “[...] eram procuradíssimos, tinha fila de espera” (Beatriz Góis Dantas, 2018).

É provável que existisse uma censura prévia por parte das freiras, no que se refere à existência de determinados livros no armário que fazia as vezes de biblioteca e, principalmente, à permissão para que as alunas tivessem contato com a literatura romanesca de origem francesa, mas é possível que, por outro lado, a congregação tivesse, quase duas décadas depois, outra concepção pedagógica a respeito da educação feminina e outro entendimento acerca das possibilidades de leitura naquele período.

Beatriz cursava, concomitantemente, os cursos científico e pedagógico. O pedagógico funcionava com algumas disciplinas sendo ministradas no turno da tarde, enquanto que as aulas do científico ocorriam pela manhã, tendo algumas aulas comuns aos dois níveis, provavelmente abrandando a carga de estudos. Havia professores e disciplinas específicos do pedagógico, que se somavam às aulas do científico. Beatriz afirma que tem

lembranças um tanto diluídas desse período. Lembro, contudo, que, eu pelo menos, considerava o curso científico mais importante. Não queria ficar só com o pedagógico. Queria fazer curso superior. Mas sabia que o pedagógico dava uma formatura e o científico não, e isso fez com que meu pai aceitasse ampliar as despesas (Beatriz Góis Dantas, 2019).

No relato acima é possível vislumbrar a intenção de Beatriz em seguir para um curso superior, no entanto, ao mesmo tempo, queria garantir a terminalidade que o curso pedagógico possibilitava. Os gastos financeiros foram, dessa forma, minimizados, uma vez que, essa característica assegurava uma profissão. A imagem em sequência apresenta a turma de formandas do curso pedagógico do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em 1958. Beatriz é a oitava, da esquerda para a direita, na fila central da fotografia.

Figura 14 – Fotografia da turma de formandas do curso pedagógico no Colégio Nossa Senhora de Lourdes. (1958)



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

Na fotografia podem ser identificados, da esquerda para a direita, parte superior: Aneci; Carmem Rosa; Edirani; Terezinha; Djalma; Sônia Gimaraes; não identificada. Da esquerda para a direita, parte central: Sônia Oliveira; Babi; Dolores; Juvandi; Tereza Newma; Maria José Cardoso; Evanda; Beatriz Góis Dantas; Aline; Edna Cavalcanti. Da esquerda para a direita, sentados: Prof^ª. Maria Blandina; Irmã Júlia, madre superiora; padre Almiro; Marcos Ferreira (autoridade presente à solenidade, provável inspetor de ensino); Prof^ª. Carmosina.

Após a conclusão do curso pedagógico, Beatriz passou mais um ano como aluna do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, não mais em regime de internato, uma vez que seu pai adquiriu uma casa em Aracaju, com o intuito de estabelecer toda a família e providenciar a escolarização para os outros filhos.

Em 1958, um novo mundo se descortinou para Beatriz a partir de um acontecimento que iria alterar as suas opções de leitura, bem como as possibilidades de aquisição e disponibilidade de livros e impressos, conforme atesta:

Eu conheci Ibarê⁶⁶, meu marido. Ibarê estudava na Bahia e já nessa época, ele e o irmão gostavam muito de livros [...] e na Bahia eles tinham trânsito [...]

⁶⁶ A trajetória em comum, a constituição de uma biblioteca particular pelo casal José Ibarê Costa Dantas/Beatriz Góis Dantas, bem como a formação de uma rede de sociabilidades em função das práticas de leitura e escrita estão demonstradas em seções posteriores.

com livrarias e compravam livros. Quando eu começo a namorar com Ibarê, então descortina um novo horizonte pra mim, porque antes eu ficava sem orientação, eu lia o que me caía nas mãos, eu tinha vontade de ler, mas não tinha nem orientação, nem tinha disponibilidade de ter coisas pra ler constantemente [...] aí a coisa muda de figura, porque eu passei a conviver com uma pessoa que tinha hábito de leitura, gostava de ler, gostava de livro, comprava livro e passou a me orientar. Então, com isso aí, foi um novo momento na minha vida, foi uma influência, assim, marcante. A partir daí essa relação minha com os livros, ela muda significativamente (Beatriz Góis Dantas, 2018).

Em uma prática que se consolidaria como uma relação intensa com o universo da leitura, ela foi presenteada com um livro logo no início do namoro: o romance *Éramos Seis*⁶⁷, escrito por Maria José Dupré, que narrava a história de Dona Lola, seu marido e quatro filhos, uma família ambientada na São Paulo dos anos 1920, quando a história tem início, terminando durante a Segunda Guerra Mundial, nos anos 1940.

Cada leitor faz a leitura de um texto de forma singular. São definidores das maneiras de ler, aspectos dados pelas técnicas editoriais de impressão, capas, tipo de papel e de letra, gravuras, contracapas, cores e texturas que caracterizam a materialidade, que é indissociável das práticas de leitura. A esse respeito alerta Chartier: “[...] é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor” (CHARTIER, 1995, p.220). O aspecto físico dos livros e dos impressos em geral pode definir a atratividade ou a repulsa de um leitor pelo objeto a ser escolhido.

O livro presenteado marcou o início de uma outra relação entre texto e leitor. A partir daquele momento, as práticas de leitura passaram a fazer o contraponto com a leitura de fotonovelas e gibis. Beatriz passou a ter contato com biografias, além de contos e outros gêneros que eram trazidos da capital baiana, onde o namorado tinha acesso a uma literatura que não era encontrada facilmente em terras sergipanas.

Ibarê começa a me dar livro. Era biografia de Castro Alves, e romances, e contos e novelas, então, uma quantidade imensa eu passei a ler, nessa época. Então, quando eu fui pra faculdade, eu já fui com uma bagagem de leitura considerável por conta dessa convivência com Ibarê, que ia contrabalançando aquela literatura das fotonovelas, gibis e outras coisas (Beatriz Góis Dantas, 2018).

⁶⁷ Maria José Dupré iniciou sua vida de escritora assinando como Senhora Leandro Dupré, que era o nome do seu esposo. *Éramos Seis* foi publicado em 1943, pela Editora Nacional, recebendo, em 1944, da Academia Brasileira de Letras, o prêmio Raul Pompéia.

Ao findar o ano de 1959, Aracaju reluzia iluminada pelas festividades das comemorações natalinas de tradição cristã, que tinham início com a procissão consagrada a Nossa Senhora da Conceição, em 8 de dezembro e se estendiam até o dia 6 de janeiro, dia que homenageava os Reis Magos, levando as famílias a se concentrarem no Parque Teófilo Dantas, belo logradouro central para onde as celebrações tinham retornado após quase duas décadas.⁶⁸ Final de ano significava, entre outros aspectos, término de ano letivo e expectativas referentes às próximas etapas e níveis educacionais, para aqueles que tinham logrado êxito nos estudos.

A euforia tomava conta dos jovens que iriam ingressar em novas etapas educacionais, reencontrar colegas ou fazer novas amizades, conhecer outros mestres ou, quem sabe, para deleite de alguns, continuar com alguns dos professores preferidos, ministrando disciplinas diferentes. Era esse o “clima” de final de ano. Na edição do dia 24 de dezembro, o jornal A Cruzada estampava em sua página 6:

De ordem do Sr. Diretor da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Torno público que as inscrições ao CONCURSO DE HABILITAÇÃO para matrícula inicial nos cursos de: - Geografia e História, Letras Neo-Latinas e Letras Anglo-Germânicas, estarão abertas de 4 a 20 de janeiro, devendo os interessados comparecerem à Secretaria da Faculdade, entre 8,00 hs e 12,00 horas (Jornal A CRUZADA, 24 de dezembro de 1959).

Criada em 1951, a FCFS começou a funcionar no prédio do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, ocupando salas de aula no turno noturno, sob a direção do padre Luciano José Cabral Duarte⁶⁹, que, no ano anterior, pedalando sua bicicleta pelas ruas de Aracaju, parava em algumas casas, conversava com jovens, moças e rapazes. A busca por ele empreendida não era aleatória. Ele tinha um propósito definido e aqueles rapazes e moças haviam sido previamente identificados como aptos a servir àquele propósito que não era apenas dele, mas de um grupo

⁶⁸ Nos anos 1920 as festas natalinas e de ano novo foram transferidas para a Praça Pinheiro Machado, hoje denominada Praça Tobias Barreto, em razão da preservação das árvores recentemente plantadas para embelezamento dos jardins que compunham o Parque Teófilo Dantas, localizado na Praça Olímpio Campos. O objetivo, então, era reduzir os danos que seriam causados pelos transeuntes durante o vai-e-vem entre as barracas de guloseimas e os diversos brinquedos instalados pela ocasião das festas. Essa Providência foi tomada pelo poder municipal através do Edital n° 49, publicado na edição de 18 de dezembro de 1929, do Diário Oficial do Estado. Outras informações a respeito podem ser localizadas em:

<http://sergipesuaterraesuagente.blogspot.com/2017/02/a-historia-do-parque-teofilo-dantas-em.html>

Acesso em 06.10.2018.

⁶⁹ Primeiro diretor da FCFS, Luciano José Cabral Duarte nasceu em 21 de janeiro de 1925, em Aracaju/SE. Foi ordenado no sacerdócio em 1948, recebeu o título de doutor na Sorbonne, em 1957 e, em 1966 foi designado bispo auxiliar do arcebispo de Aracaju, Dom José Vicente Távora. Em 1971 foi nomeado arcebispo, permanecendo à frente da Arquidiocese até 1998.

imbuído da criação de uma “[...] instituição voltada para a formação de docentes” (OLIVEIRA, 2011, p. 42).

Ofertou, inicialmente, os cursos de Filosofia; Matemática; Geografia e História, no entanto, o decreto de autorização de funcionamento da faculdade concedia licença para a oferta de cinco cursos⁷⁰. As dificuldades financeiras, aliadas à escassez de recursos humanos, provavelmente, restringiram os objetivos iniciais, além da inexistência de uma sede própria, obrigando a utilização de um colégio que ofertava o ensino secundário durante o dia. A sede própria foi inaugurada em 1959, após tentativas de superação das dificuldades, situada na rua Campos, em um bairro localizado na zona sul da cidade⁷¹.

Figura 15 – Monsenhor Luciano José Cabral Duarte
ao lado do prédio da FCFS.
(1959)



Fonte: MACIEL, Ane Rose de Jesus Santos. Dissertação de mestrado – UFS, 2016.

Foi exatamente no ano da inauguração do prédio próprio da faculdade que Beatriz concluiu o curso científico no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e se deparou com o chamado para as inscrições ao concurso de habilitação da instituição. O edital conclamava quem assim o

⁷⁰ Foram autorizados por meio do Decreto nº 29.311, de 28 de fevereiro de 1951, os cursos: Filosofia; Geografia e História; Letra Anglo-Germânicas; Pedagogia; Matemática. Para conhecer detalhes da criação da FCFS, consultar Moraes (2008); Oliveira (2011; 2013).

⁷¹ Aspectos da criação da FCFS podem ser consultados em MORAIS (2008) e OLIVEIRA (2011).

desejasse, para efetuar, na secretaria da FCFS, inscrição para participar do concurso de habilitação aos cursos ofertados. O concurso aconteceria entre os dias 15 e 25 de fevereiro de 1960 e o conteúdo que seria avaliado estava definido no referido documento publicado. Seguindo as orientações contidas no referido edital, a jovem Beatriz Ribeiro Góis compareceu à secretaria da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, no dia 19 de janeiro de 1960, como mostra o documento da **Figura 16**, para requerer sua inscrição no concurso de habilitação ao curso de Geografia e História.

Figura 16 – Requerimento feito por Beatriz ao Diretor da FCFS para inscrição no concurso de habilitação. (1960)

ILMO. SNR. DIRETOR DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE

Prot. 9/60
MARTE

COMO PEDE

VISTO

Diretor

Inspetor Federal



Beatriz Ribeiro Góis, filho de Antônio Gennaro de Góis e Ona Ribeiro Góis natural de Magartó, nascido a 21 de Setembro de 1941 achando-se habilitado a prestar o CONCURSO DE HABILITAÇÃO para fins de matrícula inicial no Curso de Geografia e História, e tendo cumprido todas as exigências regulamentares, requer a V. S. que se digne de mandar inscrevê-lo na lista dos candidatos ao referido Concurso.

O requerente fez o seu curso fundamental no Colégio N. 9 de Lourdes e o Colegial no Colégio N. 9 de Lourdes.

Nestes termos,
pede deferimento

Aracaju, 19 de Jan de 1960

Beatriz Ribeiro Góis

Fonte: Dossiê de aluna. Arquivo Setorial do DAA/UFS.

O requerimento era um documento padrão existente na secretaria da FCFS, para aqueles que, “achando-se habilitados”, gostariam de participar do concurso de habilitação para

ingresso no curso pretendido. O registro dessa solicitação foi lançado no Livro de Inscrições mantido pela instituição, no dia 22 de janeiro, assinado pela candidata, contendo, também, assinatura do secretário da faculdade e da inspetoria federal, como atesta a **Figura 17**.

Figura 17 – Registro de inscrição de Beatriz Góis Dantas para concurso de habilitação à FCFS. (1960)

6 Beatriz Ribeiro de Góis	<p>Aos dezanove dias do mês de janeiro de mil novecentos e sessenta, Beatriz Ribeiro de Góis, filha de Antônio Germano de Góis e d. Ana Ribeiro de Góis, natural de Bagartó, Estado de Sergipe, nascida a vinte e um de setembro de mil novecentos e quarenta e um (21.9.1941), inscreveu-se ao concurso de habilitação para o curso de Geografia e História.</p> <p>Aracaju, 22 de janeiro de 1960.</p> <p>Beatriz Ribeiro de Góis Candidata</p> <p>Hélio de Lencastre Secretário</p> <p>Inspetor Federal</p>	Observações:
------------------------------	--	--------------

Fonte: Livro de inscrições curso de Geografia e História – 1951 a 1969. Arquivo CECH, Cx. nº. 104.

Os exames, realizados no período entre 15 e 25 de fevereiro de 1960, foram compostos de provas escritas e orais, cujos conteúdos estavam definidos à luz da legislação educacional vigente e expostos no Edital publicado na edição do jornal A Cruzada do dia 24 de dezembro de 1959⁷². Dos treze candidatos inscritos, sete foram aprovados⁷³, entre os quais estava Beatriz. Cumpridas as exigências documentais, ela iniciou sua vida de estudante do ensino superior com a convicção de que “[...] a decisão de ingressar em curso superior era circunscrita por opções excessivamente limitadas, a menos que se migrasse para outros estados como fizeram muitos das gerações que me precederam” (DANTAS, 2018, no prelo), escolhendo, assim, permanecer no seu estado e, optando por um curso composto por duas áreas que, mais tarde, dariam origem

⁷² As disciplinas exigidas para os diferentes cursos estavam assim definidas no edital: para o curso de GEOGRAFIA E HISTÓRIA – História Geral e do Brasil; Geografia Geral e do Brasil; Português; Francês ou Inglês. Para o curso de LETRAS NEO-LATINAS – Português; Latim; Francês; Inglês. Para o curso de LETRAS ANGLO-GERMÂNICAS – Português; Latim; Francês; Inglês ou Alemão. Para os candidatos que tivessem cursado, na etapa anterior, o curso Técnico Comercial, seriam acrescidas as disciplinas História da Civilização e Geografia, para qualquer curso pretendido.

⁷³ Acervo do Arquivo Central de UFS, Relatórios de Exames de Habilitação.

a dois cursos distintos⁷⁴. É desse período a lembrança em torno da leitura mais marcante da sua vida.

Foi no primeiro ano na FCFS, na disciplina História da Civilização, ministrada pelo professor Gonçalo Rollemberg Leite, que Beatriz teve contato com a leitura indicada pelo docente: *Guerra e Paz*, romance escrito pelo russo Leon Tolstói⁷⁵, que conta a história da Rússia durante as invasões napoleônicas. De acordo com a fala da entrevistada, Gonçalo era um professor que lembrava bastante o professor Virgínio, do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. As aulas eram ministradas de forma semelhante: envolto em fumaça do cigarro que fumava sem parar, Gonçalo andava pela sala, dissertando de forma pausada, numa linguagem agradável, mesclando história com literatura. Em uma de suas aulas, ao falar sobre a Rússia, o professor mencionou o livro, conforme relato a seguir:

Falando de guerras napoleônicas, daí ele fala do *Guerra e Paz*: “monumental livro da literatura russa, era um primor da literatura universal, mas é um livro pouco lido porque as pessoas têm dificuldade, por conta da quantidade de guerras que existe no livro. Alguns não passam da décima página”. Aquilo ficou na minha cabeça e me gerou uma curiosidade: por que esse livro que é tão famoso as pessoas não conseguem ler? Acontece que nessa época se anuncia no Palace o filme *Guerra e Paz*. Acertei pra ver o filme. O filme passava na matinê do domingo, a abertura. Nós estávamos entrando de férias. Férias, pra gente, significava fechar a casa da cidade e ir todo mundo pra fazenda com os pais. Meu pai costumava viajar na segunda-feira. Ele vinha no sábado e voltava na segunda e, dessa vez, ia levar a família toda. Meu pai antecipa a viagem. Um negócio importante, um gado, não sei o quê, “a gente vai viajar no domingo de madrugada”. Eu disse: meu pai! Não teve negociação! Por uma dessas coisas a minha mãe me manda comprar umas coisas lá no comércio. Quando eu chego na Regina, que era antiga livraria ali do calçadão da João Pessoa hoje, que eu olho pra uma banca, assim na frente ... *Guerra e Paz*! Dois volumes imensos. Eu voltei pra casa, disse: “Minha mãe, me dê dinheiro que eu vou comprar aquele livro”. Ela me deu dinheiro, eu voltei, levei o livro pra fazenda. Isso... janeiro de 61. As férias foram o livro (Beatriz Góis Dantas, 2018).

O livro *Guerra e Paz* é um romance histórico escrito pelo russo Leon Tolstói, publicado em 1869, que narra a história da Rússia na época de Napoleão Bonaparte, mais precisamente, narra as guerras napoleônicas na Rússia. Considerada uma das obras mais volumosas da literatura universal, apresenta Napoleão como feroz, vaidoso e cruel, tratando,

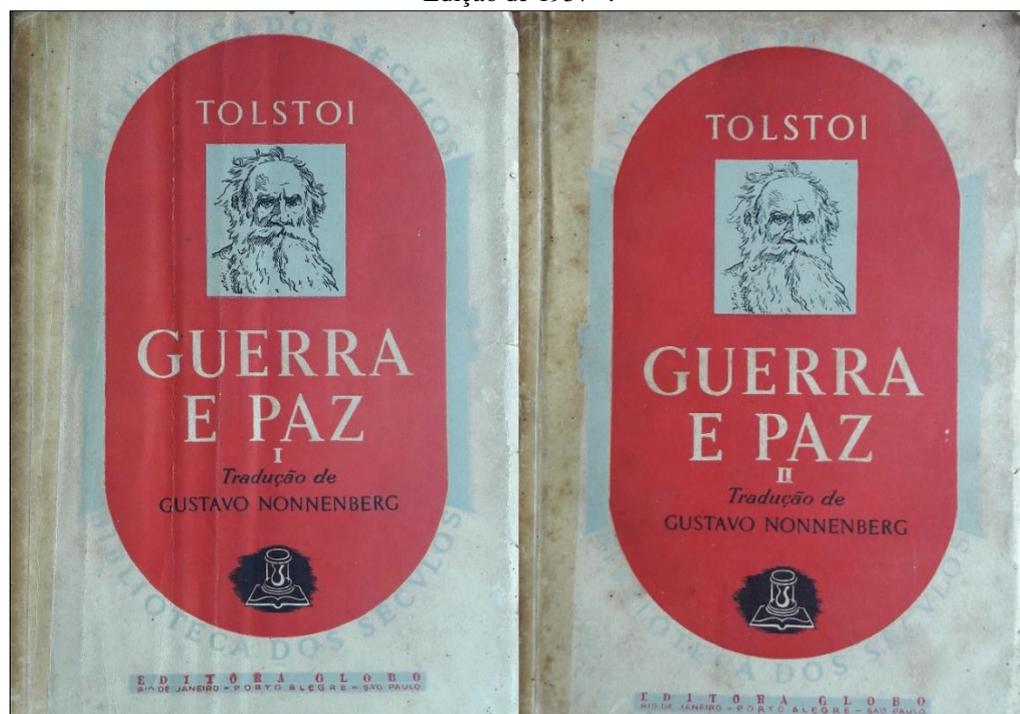
⁷⁴ Em estudo acerca da formação de professores de História da FCFS, Oliveira (2013) detectou, ao analisar as cadernetas, curso de História e curso de Geografia separados, a partir do mês de março de 1963.

⁷⁵ Liev Nikoláievich Tolstói nasceu em 1828, nos arredores de Moscou e morreu em 1910, deixando como obras mais conhecidas, *Guerra e Paz* (1869) e *Anna Karenina* (1877).

em linhas gerais, da experiência humana personificada no embate de cada um dos personagens, entre o temor do extermínio e as comodidades de uma vida em sociedade.

O romance conta a história de famílias da aristocracia russa, enfatizando os Bezoukhovs, os Bolkonskys e os Rostovs, as relações entre suas vidas pessoais, abordando com detalhes questões inerentes à nobreza, além de temas como servos e sociedades secretas. Tolstói descreve detalhadamente cada personagem, mesclando à narrativa suas reflexões pessoais, quebrando a sequência da escrita, adensando e dificultando a linearidade da leitura.

Figura 18 – Capa dos dois volumes do romance *Guerra e Paz*.
Edição de 1957⁷⁶.



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

Diferentemente da maioria das pessoas que não conseguiram passar da décima página na tentativa da leitura, Beatriz não só conseguiu superar esse obstáculo, como estabeleceu uma relação de cumplicidade entre texto e leitor, criando técnicas próprias que possibilitaram o acompanhamento da extensa trama narrada pelo autor russo.

Tinha dias que eu lia cento e cinquenta páginas desse livro, você acredita uma coisa dessas? Descobri, assim, duas personagens que me envolveram, né, um príncipe todo herático, todo sério, compenetrado e uma adolescente irreverente, irrequieta, que eu me apaixonei pelo casal. Quando eu vi, chegavam as guerras e eu embalei nas guerras com aquele pessoal todo, nome

⁷⁶ O exemplar fotografado é o mesmo adquirido e lido por Beatriz em 1961 e integra a biblioteca particular da intelectual.

de gente que era uma fábula, tudo com esses nomes russos arrevezados, aí, eu fazia um caderninho com o nome de cada um pra não me perder. Olhe, foram umas férias, assim, fabulosas. Em um dia, entrei pela noite, até que minha mãe mandou apagar o candeeiro. Não tinha luz na fazenda nessa época. Pois, *Guerra e Paz* foi o livro que mais me marcou na vida. Li, reli e, recentemente encontrei uma edição fabulosa. Comprei e reli novamente. Tem uns três anos que eu reli novamente esse livro e com a mesma emoção de antes. Foi um livro que me marcou, realmente (Beatriz Góis Dantas, 2018).

A abundância de personagens aliada ao “arrevezamento” das denominações russas, tornaram possível a Beatriz dispor a leitura e a escrita como um mundo indivisível, no qual “[...] era possível navegar [...] utilizando a leitura e, ao manter um registro do que lia, você criava seu próprio livro, um livro com a marca de sua personalidade” (Darnton, 2010, p. 165), sinalizando para uma prática de escrita indissociável das práticas de leitura, indicando que a leitura de um livro pode gerar outras práticas criadoras.

O acesso a livros não era muito fácil nos anos 1960, uma vez que, além do preço elevado, não existia a facilidade de aquisição. Os livros e impressos em geral, eram raros, mesmo nos casos em que o professor adotava o livro para ser seguido pelos alunos durante o ano letivo. Não obstante a faculdade possuir uma biblioteca⁷⁷, eram adotadas, nas aulas, procedimentos que possibilitassem uma forma viável de aproveitamento dos conteúdos passados para serem cobrados nas provas.

A cultura do caderno era a gente escutar o que o professor falava, anotar e reproduzir nas provas. Só que eu não me contentava com isso. Eu pegava as anotações, eu ia pra biblioteca e agora eu consultava os livros e fazia o meu caderno, com as anotações do professor e ampliada pelos cadernos. Daí que alguns colegas descobriram isso e disseram: “Beatriz, você vai fazer isso com ... vai botar um carbono. E aí eu copiava o caderno e botava uma cópia de carbono que era pra uma colega que eu gostava muito, que era Marta Barreto. Aí eu passava pra Marta as anotações. Depois uma outra descobriu e diz: “Bota um carbono mais pra mim” Mas eu digo não dá, porque aí precisava muita força no braço e no terceiro já saía ... (DANTAS, 2018).

O relato revela o cotidiano vivido pelos alunos da FCFS, em especial, do curso de Geografia e História, bem como as alternativas utilizadas para que os conteúdos ministrados fossem aprendidos. Escrevendo a partir dos apontamentos feitos durante as aulas e complementando com leituras nos livros existentes na biblioteca, Beatriz desenvolvia, novamente, a prática da escrita indissociável da leitura, que servia de suporte para a própria

⁷⁷ Os livros das áreas de Geografia e Antropologia foram doados à FCFS por Felte Bezerra quando o professor se mudou para o Rio de Janeiro. Para conhecer detalhes da trajetória de Felte Bezerra, consultar OLIVEIRA (2015); DANTAS e NUNES (2009).

aprendizagem e, nesse caso específico, para a aprendizagem dos colegas de sala, além de consolidar um estilo singular usado para expandir suas práticas de leitura e escrita.

Figura 19 – Fotografia de alunos da FCFS no pátio interno do prédio da FCFS. (1963)



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas. Só foram identificados os alunos do curso Geografia e História. Da direita para a esquerda: Irmã Mauristela, Marta Maria Rabelo Barreto, Beatriz Góis Dantas, Irmã Betânia, Ivani Machado de Souza e Alexandre Felizola Diniz (em pé).

A fotografia mostra um grupo de alunos da FCFS, entre os quais, os estudantes do curso de Geografia e História que, de acordo com Beatriz, era uma turma que possuía “um clima muito bom”, de camaradagem, amizades e brincadeiras, mas de estudos intensos, também, imbuídos do propósito de acompanhar as aulas e os ensinamentos dos professores. Essa camaradagem se fazia presente, também, nos momentos em que um dos alunos entendia mais de determinados assuntos e a leitura de autores específicos demandava ajuda para uma adequada compreensão. Conforme Beatriz (2018), o colega Alexandre Diniz “[...] era quem entendia mais o marxismo, era envolvido com movimento estudantil e todas essas categorias eram discutidas no movimento estudantil”, motivo pelo qual ele foi “convocado” a ajudar na assimilação da leitura das concepções abordadas na obra de Caio Prado Júnior⁷⁸.

⁷⁸ Nasceu em 1907, na cidade de São Paulo. Ingressou na política em 1928, ano em que recebeu o grau de bacharel em Direito, sendo filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCB), em 1931. Atuou na política levantando bandeiras contra o fascismo, foi preso e exilado, regressando em 1937. Foi um dos fundadores da Editora Brasiliense e teve uma significativa produção intelectual. Suas obras instauraram, no Brasil, uma vertente historiográfica identificada com o marxismo. Durante a ditadura militar, seus livros foram censurados e proibidos pelo exército. A vida de Caio Prado Júnior pode ser conhecida em PERICÁS (2016).

Aí a gente formou um grupo de estudo, aí eu ia pro São José⁷⁹, a gente juntava lá, ficava uma ali, outra ali, de vez em quando Alexandre aparecia, a gente convocou, disse: “Alexandre, vá dar uma luz pra gente” (Beatriz Góis Dantas, 2018).

As categorias referidas nessa fala faziam parte dos conteúdos da disciplina ministrada pelo professor José Silvério Leite Fontes⁸⁰, estando enquadradas no segmento de leituras caracterizadas por Dantas (2018) como “[...] uma leitura difícil pra gente, porque a gente não tinha preparo pra ler Caio Prado sozinha, não tinha, não tinha domínio das categorias marxistas”, havendo necessidade de uma mediação do colega. A narrativa de Beatriz pode dar uma dimensão do volume de leituras e estudos que eram exigidos dos alunos. Outras leituras, com graus de dificuldade variados ficaram gravadas na memória a respeito das aulas, dos professores, das práticas escolares e das alternativas criadas para sanar as dificuldades que precisavam ser vencidas.

A gente tinha que ler Geografia Física em francês. Era um livro chamado Geografia Física de De Martonne,⁸¹ tudo em francês. Geografia Física já era uma coisa difícil, imagine em francês. Eu vinha das sacramentinas, tinha uma cultura de francês, mas não era tanto, essa desenvoltura toda. Ou então a gente lia muito uns livros com tradução espanhola, então, tinha muito livro de Geografia traduzido em espanhol. A Geografia Física que a gente fazia com Fernando Porto e a Geografia Humana com Bonifácio, nesses livros traduzidos (Beatriz Góis Dantas, 2018).

As leituras desenvolvidas na FCFS durante os quatro anos do curso de Geografia e História, especialmente, as disciplinas componentes das áreas antropológicas, conformaram, em grande medida, as temáticas que seriam abraçadas, por Beatriz, nas suas pesquisas futuras. As disciplinas cursadas no decorrer do curso, na FCFS, estão dispostas no **Quadro 5**, elaborado a partir de fontes distintas:

Quadro 5 – Disciplinas cursadas por Beatriz no curso de Geografia e História da FCFS. (1960 – 1963)

Primeiro Ano – Ano Letivo 1960	
Disciplinas	Professor
Geografia Física	Fernando Figueiredo Porto
Geografia Humana	José Bonifácio Fortes Neto
Antropologia	Paulo de Carvalho

⁷⁹ Duas colegas que integravam a turma eram freiras pertencentes à Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, congregação que dirigia o Colégio Patrocínio de São José, motivo pelo qual as reuniões aconteciam naquele estabelecimento.

⁸⁰ A disciplina Teologia era ministrada pelo padre Luciano Duarte e compunha o currículo do curso de Geografia e História.

⁸¹ Emmanuel De Martonne era um geógrafo francês que se notabilizou por difundir a geografia como ciência experimental.

História da Civilização	Gonçalo Rollemberg Leite
Introdução à Filosofia	Luciano José Cabral Duarte
Teologia	Luciano José Cabral Duarte
Segundo Ano – Ano Letivo 1961	
Geografia Física	Fernando Figueiredo Porto
Geografia Humana	José Bonifácio Fortes Neto
História Moderna	Gonçalo Rollemberg Leite
História do Brasil	José Silvério Leite Fontes
Etnografia	Josefina Leite Campos
Teologia	Luciano José Cabral Duarte
Terceiro Ano – Ano Letivo 1962	
Geografia do Brasil	Severino Pessoa Uchoa
História Contemporânea	Gonçalo Rollemberg Leite
História do Brasil	José Silvério Leite Fontes
História da América	Luiz Rabelo Leite
Etnografia do Brasil	Josefina Leite Campos
Teologia	Luciano José Cabral Duarte
Quarto Ano – Ano Letivo 1963	
Curso de Didática	
Didática Geral	Gizelda Santana Morais
Didática Especial Geografia e História	Josefina Leite Campos
Psicologia da Educação	Luciano José Cabral Duarte
Administração Escolar	Arivaldo Fontes
Sociologia da Educação	Manoel Cabral Machado
Pedagogia da Religião	Luciano José Cabral Duarte

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nas informações contidas no Dossiê de Aluna localizado no Arquivo Central/UFS⁸².

No curso, com duração de quatro anos, o último ano era composto por disciplinas⁸³ pedagógicas, destinado a formar professores para o ensino secundário, enquanto nos três anos anteriores os conteúdos da área de Antropologia tinham uma presença marcante. Ao relembrar os conteúdos aprendidos durante o desenvolvimento do curso, Beatriz relata que

Algumas noções sobre Arqueologia clássica eram vistas em disciplinas de História, somando-se às informações sobre povos pré-históricos, passadas por Etnologia. Esta era uma disciplina do segundo ano e apresentava um roteiro geral sobre teorias antropológicas e as ciências auxiliares no estudo do homem em sua rota da pré-história até os chamados “povos primitivos” da atualidade (Beatriz Góis Dantas, 2018, no prelo).

⁸² As disciplinas foram retiradas do histórico escolar de Beatriz Góis Dantas. A coluna com os nomes dos professores foi elaborada tendo como base relatórios semestrais da FCFS, entrevistas com a intelectual, cadernetas e demais documentos da FCFS, localizados no Arquivo Central/UFS e no Arquivo do CECH/UFS.

⁸³ Embora essa tese não faça uso do conceito de disciplina, cabe esclarecer a utilização do vocábulo no contexto da FCFS. A denominação é utilizada como matéria que fazia parte das cátedras que formavam o curso, especificamente, a cátedra de Antropologia. Da mesma forma o conceito de cátedra não é explorado, importando explicar que cada cátedra correspondia a uma determinada área do saber. O conjunto de cátedras integrava uma série e a sucessão delas formava um curso, conforme CUNHA (2007).

No histórico escolar da aluna, curiosamente, não existe menção à disciplina Etnologia⁸⁴, que ela afirma ter cursado no segundo ano. A disciplina da área antropológica cursada no segundo ano, de acordo com o documento, era Etnografia, ministrada pela professora Josefina Leite. Para Meihy e Holanda (2015), “[...] as histórias de vida são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até contradições naturais da fala” (MEIHY; HOLANDA, 2015, p. 35), sendo esses aspectos definidores da subjetividade que caracteriza a força da História Oral. No entanto, no diário de classe da professora Josefina Leite, constam, nos registros do mês de março de 1961, a disciplina Etnologia, ministrada na segunda série, com as anotações dos assuntos abordados em cada dia de aula.

Na literatura da ciência antropológica, tanto a Etnografia quanto a Etnologia aparecem como disciplinas complementares entre si, a primeira sendo apresentada de maneira simplista, como a coleta de dados e informações sobre culturas humanas, enquanto a segunda analisa os dados que foram levantados na pesquisa de campo. Talvez esteja aí a explicação para a confusão instalada entre as duas disciplinas, como elas são expostas de formas distintas em documentos diversos.

Outro aspecto evidenciado no quadro acima diz respeito aos professores que atuavam na FCFS. Eram figuras que faziam parte da intelectualidade sergipana, circulando nos meios culturais e políticos, transitando como escritores na imprensa local, como professores das instituições educativas tradicionais, a exemplo do Atheneu Sergipense e Colégio Nossa Senhora de Lourdes, além de pertencerem aos quadros de membros de agremiações literárias. Eram professores que, conforme Oliveira, “distantes das práticas de especialização, ensinavam por afinidade com as disciplinas, pela sua formação ampla e experiência docente” (OLIVEIRA, 2013, p. 37), atendendo, muitas vezes, ao chamado da direção da faculdade, pelo notório saber que detinham, suprimindo a carência de docentes com formação acadêmica.

Dessa maneira, no percurso da vida estudantil da FCFS, entre 1960 e 1963, Beatriz conviveu com professores que eram provenientes de formação em áreas distintas, com predominância na área do Direito, não possuindo, em grande parte dos casos, formação na área específica da docência, “autodidatas que, de conformidade com o interesse, capacidade e disponibilidade de cada um, acumularam um conhecimento que repassavam para seus alunos” (DANTAS, 1999), ministrando aulas eminentemente expositivas, eruditas, que exigiam atenção

⁸⁴ Oliveira (2013) apresenta um quadro elaborado com base em entrevistas e documentos da FCFS, no qual consta que a professora Josefina Leite Campos ministrou a disciplina Etnologia no curso de Geografia e História nos anos 1960 a 1963.

Figura 21 – Fotografia da turma de licenciados da FCFS, no dia da colação de grau. (1963)



Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Góis Dantas. De pé, Beatriz, terceira da direita para a esquerda⁸⁶.

Na fotografia é possível vislumbrar o contentamento estampado nas fisionomias dos licenciados, vestidos com as becas apropriadas para a ocasião, empunhando os capelos que complementam o traje, com exceção das três freiras que utilizam suas indumentárias religiosas, o hábito, provavelmente por exigência ou orientação da congregação à qual elas pertenciam.

Um ano após a conclusão do curso, Beatriz e Ibarê se casaram. As conversas sobre livros, leituras e autores começaram a fazer parte da rotina do casal logo no início do namoro. José Ibarê Costa Dantas, descendente de proprietários rurais, nasceu em 1939, no município sergipano de Riachão do Dantas, onde viveu parte de sua infância dividida entre a casa dos pais e a dos avós maternos, eles também, proprietários de terras. Coursou os estudos básicos no Educandário D. Bosco, na sede do município, sendo encaminhado pelo pai, para a capital, Aracaju, em 1951, para iniciar o ginásio como aluno interno do Colégio Jackson de Figueiredo, após os exames de admissão, concluindo esse nível de ensino no Colégio Maristas, em

⁸⁶ Na obra *D. Luciano José Cabral Duarte: relato biográfico* Giselda Moraes apresenta a composição da turma de formandos de 1963 da FCFS: Irmã Auristela; Beatriz Góis Dantas; Irmã Betânia; Clodoaldo de Alencar Filho; Ivani de S. Abud; José Alexandre de F. Diniz; Lea L. Andrade; Maria do Carmo P. Lobão; Maria Dulce A. Boto; Maria Isabel S. Santos; Maria Luíza S. Simões; Maria Sônia Oliveira. Conferir MORAIS (2008).

Salvador/BA. Em busca de independência financeira, trabalhou como bancário, em São Paulo, em 1962, retornando a Aracaju e ingressando, por concurso, no Banco do Brasil.

O início do namoro com Ibarê, para Beatriz, “[...] descortina um novo horizonte pra mim [...] porque eu passei a conviver com uma pessoa que tinha hábito de leitura, gostava de ler, gostava de livro, comprava livros e passou a me orientar” (Beatriz Góis Dantas, 2019), alterando, “significativamente”, a relação anterior com livros e leituras, possibilitando o contraponto com as leituras de gibis e fotonovelas que foram mantidas, mas dali em diante, Beatriz passou a visualizar um outro horizonte para as suas práticas.

A respeito dos hábitos de leitura da, então, namorada, Ibarê afirma:

Quando conheci Beatriz, eu tinha despertado para a leitura há pouco mais de um ano. Como ela já tinha uma carga de leitura razoável, era aluna aplicada e demonstrava lucidez em suas observações, os livros passaram a ser assunto de nossas cartas e de nossos encontros. Nessa interlocução contínua, cada vez mais motivados, crescemos juntos ou a distância (Ibarê Dantas, 2020).

É possível perceber, nos relatos acima, que as práticas de leitura de Beatriz, embora já consolidadas pelos hábitos adquiridos anteriormente, foram se diversificando, na medida em que outras possibilidades de leitura se afiguraram e novos mercados editoriais foram sendo conhecidos, em função daquela nova interlocução.

Enquanto cursava Geografia e História, as leituras desenvolvidas em função dos estudos eram complementadas pelos apontamentos que fazia em cadernos, a partir dos temas expostos pelos professores nas aulas, e dos livros que tomava de empréstimo na biblioteca da faculdade. Eram leituras mescladas com a função de orientar a formação escolar dos irmãos mais novos.

Como eu tinha muitos irmãos e a minha mãe vivia mais na fazenda com meu pai, eu era responsável por gerir a casa. Eu tinha dezessete, dezoito anos [...] banca pra todo mundo, eram sete comigo, eram seis, então tinha gente de tudo quanto era faixa de idade [...] eu ficava em casa orientando e copiando as coisas no caderno (Beatriz Góis Dantas, 2019).

Além disso, as leituras passaram a ser divididas com os preparativos para o casamento, que aconteceu em 1964, no dia 15 de abril, na Catedral Metropolitana, em Aracaju.

Figura 22 – Fotografia de casamento de Beatriz e Ibarê.
(1964)



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

À época, Beatriz havia deixado o ensino de Geografia no Colégio do Salvador, após lecionar durante cinco meses, ficando para trás, também, aquela ciência como área profissional. Após o casamento, Beatriz teve, assim, um período de dedicação à leitura, diversificando o campo de interesses que, naquele momento, se voltaram para obras literárias e de caráter histórico. A *Coleção de História Geral das Civilizações*⁸⁷, composta por dezessete volumes, foi lida nesse período, de forma vagarosa e atenta. Era, então, a obra que mais se destacava na biblioteca que ia sendo formada e se diversificando, incluindo títulos da Antropologia, que seria, assim, tomada como objeto de estudos e área de atuação profissional e intelectual. Convidada pelo diretor da FCFS para fazer parte do corpo de professores nessa área, aceitou convicta de que estava no caminho certo.

O padre Luciano, assim que eu me formei, me convidou pra ser professora na Faculdade de Filosofia, professora de História da América. Eu não sentia empolgação pra ensinar. Eu só gosto de fazer as coisas apaixonada, eu sou uma pessoa assim, quando eu entro, eu entro de cabeça. Aí eu disse: “Não, padre. História da América não me interessa, não”, mas quando chegou a vez

⁸⁷ Essa coleção é mais detalhada na seção 5 dessa tese.

de Antropologia, eu aceitei e acho que me dei bem (Beatriz Góis Dantas, 2019).

As leituras realizadas por Beatriz no decorrer da sua vida, seja no ambiente familiar, na infância e na adolescência, seja nos ambientes dos variados níveis escolares, acrescidas das experiências individuais e coletivas a partir das quais foram se acumulando informações e conhecimentos distintos, configuraram a sua trajetória intelectual de docente e pesquisadora que será tratada na seção que se segue.

3 A FORMA DE ESTAR NO MUNDO

Sou uma intelectual que, orientada pela perspectiva da Antropologia, fez do ensino e da pesquisa a sua forma de estar no mundo, buscar entendê-lo e com ele interagir⁸⁸.

(DANTAS, 1999)

Foi pela perspectiva da Antropologia, conforme demonstrado nas seções anteriores, que Beatriz desenvolveu sua trajetória de docente e pesquisadora, tendo na combinação dessas duas atividades a base de uma trajetória profissional voltada para a construção de um conhecimento pautado no respeito às diferentes manifestações de cunho cultural, artístico, religioso e histórico, fazendo delas o ponto fulcral para as suas pesquisas.

O ensino e a pesquisa se mostraram indissociáveis desde o início da prática docente de Beatriz e as atividades desenvolvidas foram impulsionadas, conforme mencionado na seção anterior, pelos questionamentos de alunos surgidos nas aulas a partir das explanações a respeito de determinados conteúdos levantados pela professora, dentro de critérios pedagógicos previamente observados.

A decisão de estudar elementos culturais e históricos da sua terra natal, elegendo Sergipe como local hegemônico de suas pesquisas, surgiu durante a participação no IV Curso de Preparação em Pesquisa Social do Instituto Joaquim Nabuco, em Recife, em 1969⁸⁹. O afastamento da professora Beatriz Góis Dantas da cadeira de Antropologia Brasileira do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFS para participar do curso, foi autorizado pelo reitor João Cardoso Nascimento, por meio da Portaria n. 28, de 24 de fevereiro de 1969, pelo período compreendido entre 23 de fevereiro e 3 de maio de 1969. Isso caracterizou uma produção escrita que, sem fazer das regras acadêmicas camisa de força, consolidou o trabalho de investigação fundado nas marcas da Antropologia Social, que orientava para o trabalho de campo como adequada conduta de ação na pesquisa nas ciências sociais.

As tradições antropológicas brasileiras têm suas raízes na convergência “entre nativos que se interessavam pelo estudo de ‘estrangeiros’ [...] e estrangeiros que se interessavam pelos

⁸⁸ Trecho de entrevista concedida por Beatriz Góis Dantas ao professor Afonso Nascimento em 1999, publicada na Revista Tomo, do Núcleo de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da UFS. Aracaju, UFS. Tomo, 2, 1999, p. 11-32. Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/tomo/issue/view/447> Acesso em 19.03.2019.

⁸⁹ Portaria localizada no dossiê de servidor aposentado, Arquivo Setorial DIMOR/UFS/GRH/DP.

nativos” (CORRÊA, 2013, p. 37), em um traçado de contornos imprecisos que, a partir do final dos anos 1930, com a institucionalização das ciências sociais, foi se definindo. De maneira externa a esses contornos, foram se estabelecendo relações dialógicas com a sociologia, enquanto que, no nível interno, o diálogo se constituiu “como uma eventual distinção entre a etnologia indígena feita no Brasil e as investigações antropológicas sobre o Brasil” (PEIRANO, 2000, p. 224), delineando, aos poucos, uma área que foi se firmando sobre bases epistemológicas trazidas por intelectuais estrangeiros, porém, consolidando, também, uma plêiade de pensadores brasileiros que se consagraram pelos estudos e contribuições à esfera antropológica, embora oriundos de setores diversos, naquele momento hegemonicamente das ciências médicas.

O surgimento, nos anos 1940 e 1950, de associações com o intuito de congregar antropólogos de todo o país, estabelecendo espaços de debates e trocas de experiências, como a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, no Rio de Janeiro, fundada por Arthur Ramos e a Associação Brasileira de Antropologia, criada na Segunda Reunião Brasileira de Antropologia, em 1955, realizada na cidade de Salvador, contribuiu para que a área fosse sendo, gradativamente, consolidada como integrante das ciências sociais.

Ainda que, na primeira metade do século XX, a Antropologia, como também a Sociologia, estivessem despontando como ciências sociais, já existia, em locais esparsos e específicos do país, práticas de pesquisa por iniciativas isoladas em andamento e levadas a cabo por intelectuais, a exemplo de Sérgio Buarque de Holanda⁹⁰ e Gilberto Freyre⁹¹, em períodos que antecederam a reforma universitária institucionalizadora dos programas de pós-graduação no Brasil.

A criação dos Programas de Pós-graduação na área – em Antropologia Social no Museu Nacional (1968), o curso de Mestrado na Unicamp (1971), o Mestrado na Universidade de Brasília (1972) e a reformulação, na mesma década, da Pós-graduação da Universidade de São Paulo, no bojo do Parecer Sucupira⁹² – estabeleceu uma ampliação das relações acadêmicas

⁹⁰ Historiador, escritor, sociólogo, crítico literário e jornalista, bacharel em Direito, nasceu na cidade de São Paulo, em 1902. Atuou como correspondente internacional, em Berlim, a convite do magnata da imprensa brasileira, Assis Chateaubriand. Retornou ao Brasil, em 1930, escrevendo sua obra *Raízes do Brasil*, a respeito da formação do país, publicado em 1936. Assumiu a cátedra de História da Civilização Brasileira, na Universidade de São Paulo (USP), em 1956, ali permanecendo até 1969, quando requereu sua aposentadoria, em protesto contra o afastamento de professores da universidade pelo Ato Institucional nº 5. Morreu em 24.04.1982, na cidade onde nasceu.

⁹¹ Sociólogo, historiador e ensaísta nascido em Recife no dia 15.05.1900. Estudou no Colégio Americano Batista de Recife, de onde saiu bacharelado em Letras. Estudou Artes Liberais, no Texas, e se especializou em Ciências Políticas e Sociais, na Universidade de Baylor. Obteve o grau de Mestre na Universidade de Columbia, Nova Iorque, orientado pelo antropólogo Franz Boas. Morreu em Recife, em 1987.

⁹² O Parecer do Conselho Federal de Educação nº. 977/65, aprovado em 31 de dezembro de 1965, teve como relator Newton Sucupira, organizando o sistema de pós-graduação no Brasil.

entre os antropólogos desses programas que, até então, formavam centros isolados, com participações individuais, não configurando uma comunidade. Até então a presença de antropólogos estrangeiros ainda era constante e a tendência teórica e metodológica hegemônica era a da Antropologia norte-americana⁹³.

A presença predominante de profissionais oriundos das ciências médicas no ensino da Antropologia era determinada “em função do interesse pelo conhecimento das raças humanas e das diferenças de características antropofísicas, fisiológicas e psicológicas” (AZEVEDO, 1996, p. 262), conteúdos presentes nos currículos dos cursos ministrados nas Faculdades de Medicina do país, de onde eram recrutados os professores das nascentes Faculdades de Filosofia.

Em Sergipe, com a criação da FCFS, a Antropologia, incluída no currículo dos cursos ofertados, começou a ser ensinada a alunos de diferentes cursos que formavam profissionais de áreas distintas, por professores com formação na área da saúde, vinculada à concepção da evolução das raças e mediações osteométricas. Professores recrutados das ciências médicas, por fazerem parte de uma elite intelectual, bem como por terem, em sua formação, conhecimentos que coadunavam com o que era definido para compor o estudo do homem na sua natureza biológica, Lucilo Costa Pinto⁹⁴, João Perez Garcia Moreno⁹⁵ e Felte Bezerra foram os integrantes do corpo de mestres que iniciaram o ensino da Antropologia em Aracaju. Até 1960, o nome de maior destaque no ensino da Antropologia foi o de Felte Bezerra, sendo sucedido, na FCFS, pela aluna Josefina Sampaio Leite, quando da sua partida para o Rio de Janeiro.

Quando o curso de Geografia e História foi desmembrado em cursos distintos, saiu do currículo de ambos a Antropologia Física, sendo abolida a vinculação dos professores oriundos da área médica. Com a implantação da substituição do sistema de cátedras pelo sistema de créditos, a partir dos primeiros anos de 1970, a Antropologia foi destituída de obrigatoriedade em alguns cursos, passando a ser ofertada, em substituição, Fundamentos de Antropologia.

⁹³ O Projeto História da Antropologia no Brasil, coordenado por Mariza Corrêa no Departamento de Antropologia da UNICAMP reuniu, em uma coletânea, textos e entrevistas publicados em periódicos da área, em um período de quase 25 anos. O livro, intitulado *Traficantes do Simbólico* (2013), demonstra o processo natural de substituição dos cientistas sociais estrangeiros pelos pesquisadores brasileiros que foram surgindo na área e se estabelecendo no cenário nacional, tecendo a história da Antropologia.

⁹⁴ Pernambucano nascido em 1913, na cidade de Olinda, se estabeleceu em Aracaju no ano de 1939, tendo obtido o título de médico no ano anterior, em Recife. Atuou no ensino secundário, lecionando no Colégio Atheneu Sergipense, no Colégio Tobias Barreto, se destacando no ensino superior, na FCFS e na Faculdade de Medicina de Sergipe. Foi Secretário de Saúde do Município de Aracaju e deputado estadual. Publicou artigos em revistas científicas e no jornal A CRUZADA. Faleceu em Aracaju, no dia 1 de fevereiro de 1995.

⁹⁵ João Perez Garcia Moreno, sergipano nascido no município de Laranjeiras, em 1910, estudou no Colégio Tobias Barreto e no Atheneu Sergipense, concluiu o curso de Medicina, em 1933, na Faculdade de Medicina da Bahia. Em Sergipe, dedicou sua trajetória profissional à Psiquiatria. Membro da Academia Sergipana de Letras e do IHGSE, exercendo a presidência desse sodalício entre 09.08.1947 e 06.08.1951.

Durante o período em que lecionou na UFS, Beatriz ministrou diferentes disciplinas, distribuídas nos níveis em que atuou, conforme consta no quadro abaixo.

Quadro 6 – Disciplinas ministradas por Beatriz Góis Dantas nos cursos de graduação, pós-graduação e no Programa de Qualificação Docente (PQD)⁹⁶. (1966-2001)

Nº	Curso/Nível de ensino	Disciplinas ministradas	Período
01	Graduação Cursos: História, Geografia, outros.	Antropologia Brasileira Antropologia Cultural Antropologia Social Etnologia Etnografia do Brasil Fundamentos de Antropologia Antropologia I Antropologia II Folclore Brasileiro	1966-1991
02	Graduação (PQD) Curso: História Polo de Lagarto		2000-2001
03	Pós-graduação Cursos: Especialização em Educação, Especialização em Ciências Sociais.	Teorias Antropológicas Educação e Cultura Popular Tópicos Especiais de Antropologia e Educação Patrimônio Imaterial	1984-1996

Fonte: Relatórios de atividades da FCFS; diários de classe.

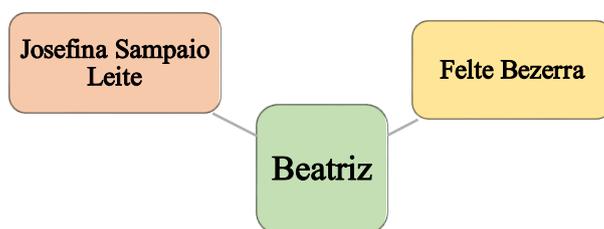
O quadro acima indica as disciplinas ministradas por Beatriz ao longo dos anos em que atuou como docente, a partir de 1966, quando iniciou na FCFS, até depois da aposentadoria, quando retornou à universidade para desenvolver atividades em cursos de especialização nas áreas de educação e de ciências sociais, bem como nos cursos de Mestrado em Educação e Mestrado em Ciências Sociais.

No universo de um intelectual, há uma história percorrida que pode levar ao entendimento de outras histórias, não necessariamente vividas em tempos paralelos, mas que tiveram uma importância nas escolhas, sejam elas de cunho teórico, conceitual, cultural, político até, que ajudaram a traçar, em maior ou menor medida, a jornada acadêmica. Pela jornada de

⁹⁶ Desenvolvido através de convênio entre a Secretaria de Estado da Educação e a UFS, com o objetivo de qualificar professores “em áreas específicas do conhecimento para o ensino de 1º e 2º graus” (Resolução nº 09/96/CONEP), em nível de licenciatura plena, contemplando municípios do interior sergipano. Foi implementado em três etapas: O PQD₁ voltado para as áreas de Letras (Português) e Ciências (Química, Matemática e Biologia), teve início em 1996, direcionado a sessenta e cinco municípios divididos em cinco polos, Estância, Lagarto, Itabaiana, Propriá e Nossa Senhora da Glória. O PQD₂ ampliou o número de vagas e aumentou a oferta para setenta e um municípios, acrescentando os cursos de Educação Física, Geografia, História, Física, Letras (Português/Inglês) e Pedagogia, iniciando em 1998. O PQD₃ teve início em 2002, com previsão para término em 2006, no entanto, foi prorrogado até 2007, em virtude de greves nas universidades federais, ocorridas em 2003 e 2005.

um intelectual, transitaram pessoas que, em momentos específicos, deixaram marcas importantes em escolhas futuras, servindo de “fermento para as gerações intelectuais seguintes” (SIRINELLI, 2003, p.246), categorizadas pelo historiador francês como “despertadores”. Na trajetória de Beatriz, pode ser detectada a presença de “intelectuais despertadores” que, em diferentes momentos e em graus distintos de motivação, exerceram importante papel na configuração da sua forma de estar no mundo.

Figura 23 – Representação gráfica dos intelectuais que serviram de estímulo a Beatriz.



Fonte: Elaborado pela autora.

3.1 “UM HOMEM FASCINADO PELA ANTROPOLOGIA”⁹⁷

Embora não tenha sido aluna de Felte Bezerra, ao ingressar na FCFS, em 1960, Beatriz ouvia relatos a respeito do intelectual que acabara de deixar as terras sergipanas em direção ao Rio de Janeiro, ao qual estava vinculada uma imagem de competência na docência e de dedicação à pesquisa. Nascido em Aracaju, em 1908, Felte Bezerra, filho de Abdias Bezerra⁹⁸ e Esmeralda Araújo, no seio de uma família de professores, finalizou os estudos básicos no Colégio Tobias Barreto, no ano de 1924, com 16 anos. Concluiu o ensino superior na Bahia, diplomado como cirurgião dentista, em 1933, apesar de ter obtido nota suficiente para pleitear

⁹⁷ *FelteBezerra: um homem fascinado pela Antropologia* é o título de artigo escrito por Beatriz, publicado na revista Tomo, do Núcleo de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da UFS. Aracaju, UFS, Tomo, 1, 1998, p. 31-46. Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/tomo/issue/view/446> Acesso em 15.11.2018.

⁹⁸ Nasceu em 7 de setembro de 1880, na então Vila de Siriri, atual município, filho de pai professor, João Amando Bezerra. Estudou em escolas em Siriri e Japarutuba e começou a cursar os estudos secundários no Atheneu Sergipense, em Aracaju, não concluindo, porém, em virtude da saúde precária de sua genitora, retornando a Siriri. Em 1990 viajou para o Rio de Janeiro, concluindo os estudos secundários na Escola Militar de Realengo, dando continuidade aos estudos na Academia Militar da Praia Vermelha, de onde foi expulso em 1904, com a acusação de ter participado da Revolta da Vacina, encaminhado ao Rio Grande do Sul e expulso do exército. Retornou a Sergipe em 1906. Aspectos mais detalhados da trajetória de Abdias Bezerra podem ser conferidos em OLIVEIRA (2015). Sobre a Revolta da Vacina consultar SEVCENKO (2018).

uma vaga em Medicina, que era seu desejo, no entanto, Odontologia era um curso com menor duração, conseqüentemente, menos dispendioso⁹⁹.

Ao retornar à cidade natal, Felte Bezerra ingressou no cenário educacional sergipano, transitando como professor de Inglês e Geografia, firmando seu nome como integrante da intelectualidade sergipana, atuando em diferentes áreas e fazendo parte do grupo que discutiu os trâmites para a fundação da FCFS, nela ingressando como professor de Antropologia. As relações estabelecidas durante a permanência nos meios educacionais da Bahia, as amizades angariadas a partir dessas relações, o trânsito entre instituições culturais nos grandes centros, que possibilitaram a publicação de trabalhos e participação em eventos, além da influência do nome do pai no panorama cultural de Sergipe, contribuíram para essa projeção intelectual.

Figura 24 – Fotografia de Felte Bezerra.



Fonte: Acervo do IHGSE.

Ocupando o cargo de primeiro secretário geral da Comissão Sergipana de Folclore, criada em 1948, teve a possibilidade de publicar em periódicos da área e de dialogar com profissionais de outros centros. No final dos anos 1940, estudou terreiros de xangô em Aracaju e Laranjeiras, enviando os resultados para divulgação em revistas de Sociologia, tendo sua obra referendada por mestres paulistas.

⁹⁹ Aspectos da trajetória de Felte Bezerra podem ser conferidos em NUNES (1992); DANTAS (1998; 2009); DANTAS e NUNES (2009); DANTAS (2012); SÁ (2009); OLIVEIRA (2015).

“Um homem fascinado pela Antropologia”! Assim Beatriz o reconhece como mestre em função do seu legado, tanto na vida intelectual sergipana, com suas obras e sua produção nos campos em que atuou, como nos sinais deixados na FCFS, com os quais conviveu, ainda que na ausência do professor reverenciado.

Habituei-me a reverenciá-lo como mestre, pois, à medida que avançava no curso e intensificava as consultas à biblioteca da Faculdade, sempre me deparava com livros – sobretudo de Antropologia mas também de outras áreas – publicados em inglês, francês, espanhol e português, evidentemente, nos quais Felte, como antigo proprietário, em letra miúda e bem delineada, na página de rosto apusera o seu nome, e no corpo do texto, riscos e comentários, sinais evidentes de uma leitura atenta das obras (DANTAS, 1998, p. 31).

No relato acima é possível identificar aspectos que revelam características do “mestre”, indicadoras de práticas de leitura e escrita realizadas por ele nas décadas iniciais do século XX: as *marginalia*. Prática recorrente nos séculos XVI e XVII, era utilizada por leitores para registrar, nas margens e espaços em branco deixados pelos autores, anotações relativas à curiosidade e impressões sobre o que estava sendo lido. Sobre seus estudos acerca da prática das *marginalia*, Chartier comenta que elas

revelam três grandes tipos de prática: as anotações dos professores e dos estudantes, tanto durante as próprias lições como durante o estudo, as dos eruditos fora de qualquer contexto pedagógico, aquelas enfim dos profissionais – por exemplo, os médicos e cirurgiões (CHARTIER, 2002, p.95).

As anotações feitas por Felte Bezerra encontradas por Beatriz nos livros doados à biblioteca da FCFS quando de sua partida, parecem demonstrar, além de “uma leitura atenta das obras”, uma erudição que remetia à necessidade de estabelecer certo diálogo entre o que estava sendo lido e outras leituras previamente realizadas. O contato de Beatriz com os livros deixados por Felte teve um efeito duradouro e de importância significativa, permanecendo na memória da antropóloga “a força e a estatura de um herói fundador, uma vez que foi um dos iniciadores do ensino da Antropologia em Sergipe” (DANTAS, 1998, p. 31).

O interesse de Beatriz pelo ensino e pela pesquisa centrados na área da Antropologia foi sendo alicerçado, também, nos livros e compêndios adotados pelo curso, existentes na biblioteca da FCFS, consultados sistematicamente. No livro de registros de empréstimos da Biblioteca Pe. Gaspar Lourenço, da FCFS, eram protocolados diariamente, em ordem numérica, as consultas feitas por alunos e professores aos impressos ali existentes. As informações eram

dispostas separadas por colunas assim definidas: n°. de ordem; data (dia do mês); título do livro; autor; nome do consulente e na última coluna a série/curso. As consultas feitas por Beatriz à biblioteca foram registradas a partir do mês de março de 1960, ano em que ela iniciou o curso, e podem dar uma ideia das leituras que ela fazia no decorrer de sua vida de estudante do nível superior¹⁰⁰. A Antropologia foi abraçada como sendo a área que, com suas variações de cunho epistemológico, seria o ponto fulcral para as suas pesquisas e para o desenvolvimento de suas práticas de escrita.

Se, para Beatriz, a figura do professor Felte teve ressonância principal nos conteúdos da Antropologia em Sergipe, para o historiador Sá, “talvez a principal contribuição do autor para a historiografia sergipana seja a leitura histórico-geográfica dos rios que banham as terras de Sergipe” (SÁ, 2009, p. 270), em uma referência ao livro *Investigações Históricas e Geográficas de Sergipe* (1952), no qual são tratadas as origens das terras sergipanas. Reforçando suas impressões a respeito de Bezerra na área da Antropologia, ele afirma haver um “estranhamento desta observação por parte de um antropólogo, na medida em que ainda expressa uma imagem do índio marcada pela inocência e docilidade, remetendo à visão presente nos relatos dos primeiros viajantes” (SÁ, 2009, p. 264), numa referência a respeito das observações feitas por Felte sobre índios, em capítulo específico na mesma obra.

Nesse sentido afirma, ainda, que “foi lendo os livros que pertenceram ao professor Felte Bezerra que me iniciei na aventura da Antropologia, sob orientação de uma das suas ex-alunas, a professora Josefina Leite Campos” (DANTAS, 1998, p.31-32), à semelhança do mestre que foi se tornando antropólogo a partir do fascínio nele exercido pela leitura de *The study of man* (1936), de autoria do americano Ralph Linton.

3.2 “A MULHER QUE ME FEZ VER O MUNDO”¹⁰¹”

Ao falar sobre a professora que serviu de incentivo para a prática da docência e da pesquisa, Beatriz afirma que “foi a grande mestra na minha vida, tanto do ponto de vista profissional, como entendimento do mundo, a mulher que me fez ver o mundo, saber respeitar as diferenças, me situar melhor” (DANTAS, 2018). Além do legado do mestre Felte Bezerra, foi nas disciplinas ministradas por Josefina Leite e na maneira como ela conduzia os alunos

¹⁰⁰ Foram pesquisados os registros dos meses de maio, junho e julho de 1960; março, abril e maio de 1961; agosto, setembro e outubro de 1962; março, maio e setembro de 1963. Os livros de registros foram localizados no Arquivo CECH/UFS. Autores como Ralph Linton, Alfred Louis Kroeber, Melville Jean Herskovits, Arthur Ramos, Robert Lowie, da área da Antropologia, aparecem sistematicamente nas consultas dos dois anos iniciais.

¹⁰¹ Trecho de entrevista concedida à autora em 19 de setembro de 2018.

para a pesquisa sobre os conteúdos estudados que Beatriz teve sua atenção voltada para a Antropologia e iniciou sua carreira de pesquisadora.

Josefina Sampaio Leite nasceu na cidade sergipana de Riachuelo, em 6 de agosto de 1928, filha do médico Sylvio Cesar Leite e de Guiomar Sampaio Leite, uma família tradicional, descendente de proprietários de terras e de políticos prestigiados. Teve a infância vivida em um ambiente letrado, condição que lhe proporcionou uma educação esmerada. Estudou no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Aracaju, e no Colégio Nossa Senhora das Mercês¹⁰², em Salvador/BA. Iniciou o ensino secundário na Escola Técnica de Comércio Feminina da Bahia, em 1944, concluindo na Escola Técnica de Comércio de Sergipe, em 1946, de volta a Aracaju.

Ingressou no ensino superior em 1951, no curso de Geografia e História da FCFS, sendo, assim, integrante da primeira turma de alunas licenciadas daquela instituição, no ano de 1954¹⁰³. Ingressou como professora na FCFS em 1958, dividindo com Felte Bezerra o ensino na área de Antropologia, passando a lecionar Etnografia, em 1960, quando Felte deixou Aracaju¹⁰⁴.

Figura 25 – Fotografia de Josefina Leite Campos.
(1954)



Fonte: Acervo de Olga Andrade Barreto.

¹⁰² Criado em em 1897 para funcionar no Convento Nossa Senhora das Mercês, em Salvador, que já existia desde 1735, fundado sob os princípios da Ordem das Irmãs Ursulinas, instituída por Santa Ângela Mérci.

¹⁰³ Em 1952 Josefina e outras alunas da FCFS foram indicadas pelo padre Luciano Duarte para lecionar em alguns colégios existentes em Aracaju. No Colégio Nossa Senhora de Lourdes, lecionando História, a professora Josefina Leite teve o primeiro contato com a aluna Beatriz Góis Dantas.

¹⁰⁴ O médico Nestor Piva foi indicado para substituir Felte Bezerra em Antropologia, enquanto Josefina Leite assumiu Etnografia, conforme consta na Ata da 29ª. reunião do Conselho Técnico Administrativo da FCFS, realizada no dia 13 de fevereiro de 1960. Ata localizada nos Relatórios de Atividades da FCFS, no Arquivo Setorial do CECH/UFS.

A fotografia retrata a aluna Josefina Leite no dia da colação de grau, ocasião na qual também concluíram o curso de Geografia e História mais três alunas¹⁰⁵. Ao afirmar “apaixonei-me por esse campo de estudo durante as aulas da professora Josefina Leite Campos. Ela orientou meus primeiros passos na área e me iniciou na pesquisa” (DANTAS, 2019), Beatriz se refere à prática docente e de iniciação à pesquisa desenvolvida por Josefina Leite, que consistia em levar os alunos a desenvolver o senso investigativo, observando, dentro de uma perspectiva culturalista, a vivência de um segmento social.

Fernando de Azevedo¹⁰⁶ enfatizou, em sua obra *Princípios de Sociologia* (1944) o papel dos professores na orientação e condução dos alunos, chamando atenção para a importância da iniciação dos estudantes na prática investigativa e reflexiva.

Não se improvisa um pesquisador ou um experimentador. Nem em física, nem em química, nem em sociologia. É preciso certamente fazer observar, investigar e refletir, se queremos que aprendam a ver claro e a raciocinar sobre as realidades. [...] Essa iniciação nos trabalhos de campo e na pesquisa social, só o professor pode e deve dá-la, conduzindo os alunos à observação e à pesquisa, em campos e com objetivos limitados (AZEVEDO, 1944, p. 81).

Essa “iniciação nos trabalhos de campo e na pesquisa social” foi proporcionada, na FCFS, pela professora Josefina Leite, contribuindo para estimular e disseminar nos seus alunos e em Beatriz, especificamente, uma atitude de reflexão frente às demandas sociais. Ao levar os estudantes para conhecer centros de religião afro-brasileira, enfrentando o preconceito de alunos e, mais ainda, dos pais, em uma época de intensa recriminação das atividades dos terreiros, a professora procurava incentivar a conduta de harmonia, não dogmática e de combate ao preconceito.

Levava os alunos pra fazer pesquisa em terreiros de candomblé, pra dar aula nos terreiros e isso era um impacto grande, pra gente e pras famílias, porque era um estigma grande. Isso há mais de cinquenta anos, era um preconceito. Era o lugar do diabo, coisa de negro. E ela enfrentava isso (DANTAS, 2018).

¹⁰⁵ Colaram grau em Geografia e História, em 1955, as alunas Gildete Santos Lisboa; Josefina Sampaio Leite; Magnória de Nazareth Magno; Maria Clara Vieira Passos.

¹⁰⁶ Sociólogo e educador nascido em São Gonçalo do Sapucaí, Minas Gerais, em 1894, graduado pela Faculdade de Direito de São Paulo, teve participação de destaque no Movimento da Escola Nova, participando ativamente, também, do processo de criação da universidade brasileira. Exerceu o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal e de São Paulo, nos anos 1920 e 1930. Foi professor de Sociologia Educacional no Instituto de Educação e na Faculdade de Filosofia de São Paulo entre 1938 e 1941. Fundou e dirigiu durante mais de 15 anos, a Biblioteca Pedagógica Brasileira, na Companhia Editora Nacional, em 1951. Morreu em São Paulo, em 1934.

Prosseguindo em suas recordações a respeito da prática docente da professora, Beatriz Góis Dantas afirma que “outra vez ela levou para a faculdade dois terreiros pra fazer uma apresentação no pátio. Isso demonstrava que a faculdade pregava a tolerância” (Beatriz Góis Dantas, 2018). A presença do candomblé em uma instituição de ensino superior, que nasceu a partir de movimentos encetados por figuras ligadas à igreja católica e que tinha no seu alunado filhos de famílias tradicionais e conservadoras da sociedade sergipana, enseja reflexão e levanta questionamentos.

Se, por um lado, é possível inferir, como Beatriz, que a permissão era advinda de uma concepção acadêmica não dogmática, de aceitação e respeito, por outro, a concessão pode ter ocorrido em função de conveniência política, uma vez que a professora responsável pela iniciativa pertencia a uma família de intelectuais e políticos de prestígio, irmã do governador à época da instalação da faculdade¹⁰⁷.

Além de ministrar aulas em terreiros de candomblés, Josefina Leite estudou as relações raciais e procurou refletir sobre as práticas culturais sergipanas, desafiando o preconceito da sociedade local, determinada em proporcionar orientação adequada para o desenvolvimento da pesquisa e o trabalho de campo de seus alunos.

A relação estabelecida com a professora Josefina Leite extrapolou o ambiente de sala de aula e enveredou por um caminho de afetividade e respeito, estabelecendo troca de ideias e projetos de pesquisa, mesmo depois que Beatriz concluiu o curso superior e iniciou suas atividades de docência e pesquisa.

Só deixou de dar aula quando sua voz se tornou inaudível para os alunos. Ainda assim continuávamos a “conversar” sobre livros e pesquisas enquanto eu tentava decifrar nos seus lábios o que dizia. Estava em Recife fazendo um pequeno curso sobre Técnicas de Pesquisa em Ciências Sociais, em 1969, quando morreu aquela que foi minha iniciadora na pesquisa e na aventura da Antropologia (DANTAS, 1999).

Beatriz começou a pesquisar com a professora Josefina, “depois, a própria temática da Antropologia me fascinava. Então juntou, aí, a figura da professora com o conteúdo da Antropologia e eu acho que a cachaça tomou conta da minha vida” (DANTAS, 2019), tendo início uma carreira de docente, pesquisadora, escritora que, por sua vez, iria conduzir os alunos por trilhas acadêmicas similares.

¹⁰⁷ Natural de Riachuelo, Sergipe, nasceu em 19 de setembro de 1912 e morreu em Aracaju, em 24 de outubro de 1996. José Rollemberg Leite, engenheiro, foi eleito governador de Sergipe em 1947, com o apoio da Igreja Católica. Conferir DANTAS, (2004).

Os intelectuais que atuaram como “despertadores” tiveram um papel importante na trajetória de Beatriz, instruindo a forma de olhar para as questões culturais, históricas, sociais, norteando as atitudes e os posicionamentos diante dos desafios apresentados pelas diferentes concepções frente às escolhas necessárias. Por sua vez, ela própria atuou como intelectual despertadora para futuras gerações que, ao se tornarem seus alunos, encontraram na sua prática da docência e da pesquisa o estímulo e a configuração que adotaram em suas vidas profissionais.

3.3 DOCÊNCIA E PESQUISA

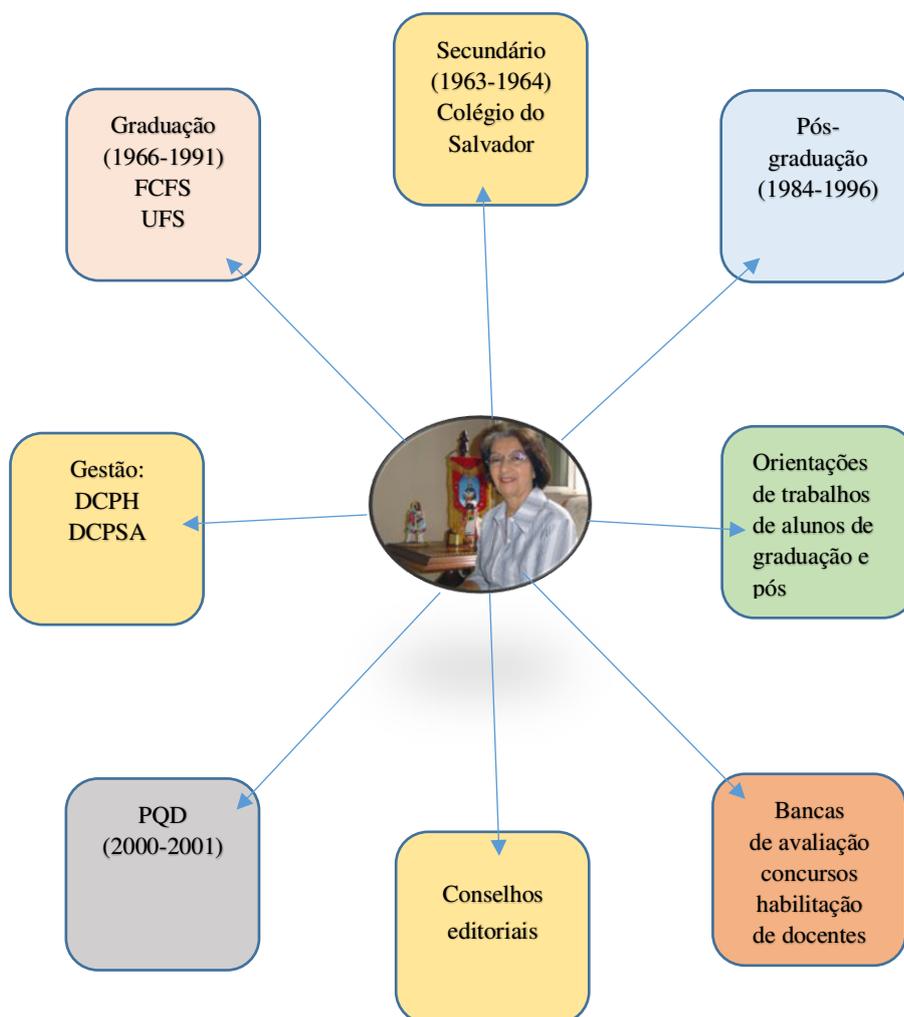
Integrante do corpo de professores da FCFS, Beatriz foi incorporada ao quadro de docentes da recém instalada UFS, quando da sua criação, em 1968, desenvolvendo atividades de pesquisa aguçada por questionamentos de alunos no decorrer de suas aulas, em uma época na qual não era usual a prática da investigação científica, embora a concepção de ensino presente na legislação de criação da universidade apontasse essa atividade como integrante do texto da lei¹⁰⁸.

Beatriz recebeu o grau de licenciada em Geografia e História no ano de 1963, passando a lecionar na FCFS três anos depois, permanecendo na UFS como pesquisadora e docente na graduação e em cursos de pós-graduação até 1991, quando se aposentou na condição de professor titular. Retornou à instituição em 1994, como professora convidada, permanecendo até 1996, desenvolvendo atividades no Núcleo de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (NPPCS), ministrando aulas e orientando pesquisas. Em 2000, foi incorporada ao Projeto de Qualificação Docente (PQD), atuando no polo de Lagarto, ministrando a disciplina História.

A **Figura 26** apresenta as distintas atividades desenvolvidas por Beatriz relacionadas à docência e à pesquisa, a partir do ano em que iniciou sua atuação no magistério.

¹⁰⁸ O Artigo 12 do Decreto-Lei nº 269, de 22 de fevereiro de 1967, que criou a Fundação Universidade Federal de Sergipe, definiu em que deveriam consistir as atividades do ensino superior: “Art. 12. Para todos os efeitos entendem-se por ensino superior quaisquer atividades que, integrantes do sistema comum do ensino e pesquisa da Universidade, se exerçam para fins de transmissão do saber, investigação científica e treinamento profissional”.

Figura 26 – Organograma das atividades relacionadas ao magistério (1966-2001).



Fonte: Currículo de Beatriz Góis Dantas, relatórios de atividades da FCFS (arquivo setorial CECH/UFS), Prontuário de Servidor Aposentado (arquivo setorial DIMOR/UFS).

Em suas reflexões acerca de professores do ensino superior, Antonio Carlos Gil afirma que é “muito frequente alunos de cursos universitários, ao fazerem a apreciação de seus professores, ressaltarem sua competência técnica e criticarem sua didática” (GIL, 2015, p.16), no entanto, quando se referem à prática da professora Beatriz, seus ex-alunos lembram tanto dos aspectos próprios dos conhecimentos da matéria lecionada, quanto das habilidades didáticas e conduta pedagógica. Sua prática na sala de aula é lembrada pela utilização de recursos didáticos construídos pela própria professora, como afirma um ex-aluno:

Clareza na exposição e domínio da matéria despertavam muito a atenção e fomentavam perguntas e debates animados. Utilizava também materiais didáticos interessantes. Um dos mais engenhosos, ao meu ver, foi um mapa

do Brasil, que ela montou, com as localizações das aldeias dos índios por estados (Ibarê Dantas, 2020).

No relato acima, chama a atenção, além da dinâmica de debates suscitados a partir do assunto exposto na aula, a iniciativa de diversificar a prática docente, construindo um mapa para demonstrar a localização das aldeias de índios distribuídas pelo território brasileiro. Tal fato atesta a concepção de uma prática pedagógica diferenciada. O relato é de Ibarê Dantas, ex-aluno da disciplina Antropologia Brasileira, do curso de graduação em História, no ano de 1969. Ibarê e Beatriz já eram casados na ocasião e isso gerou, de início, uma preocupação, por parte dela, a respeito da possibilidade de os outros alunos imaginarem uma espécie de “proteção” ao marido pela professora, no momento das avaliações através de provas. Para evitar que fosse gerado qualquer mal-entendido sobre a situação, ela resolveu o impasse adotando, para aquela turma, uma forma diferente de avaliação, “[...] inventei um sistema. Eu fazia dez ou vinte questões, não lembro bem, fazia dez ou vinte questões e dizia pra todos eles: [...] as questões são essas, todo mundo leva pra casa e vai responder. Aqui a gente sorteia na hora” (Beatriz Góis Dantas, 2018).

Essa medida evitou que se criasse uma situação de difícil solução, “se bem que Ibarê era muito discreto e, como ele era bem-sucedido em tudo, acho que não daria muita confusão, não, mas enfim, [...] não era confortável nem pra mim nem pra ele” (Beatriz Góis Dantas, 2018). Reforçando a prática descrita por Beatriz, a ex-aluna Silva comenta, lembrando.

Ibarê era da minha turma¹⁰⁹. Eles eram casados. Era engraçado porque a forma dela se dirigir a ele, nas aulas, era igual a dos outros. Não tinha que ser diferente, né, mas parecia que a gente ficava esperando que ela beneficiasse ele. Mas não! As provas da gente eram diferentes. Ela copiava um monte de perguntas, a gente levava pra casa pra estudar e no dia da prova ela sorteava qual ia cair na prova (Zenilde Silva, 2018).

A solução dada ao problema foi eficaz para que, na turma em que o marido era aluno, não fosse levantado qualquer tipo de insinuação sobre formas de benefícios a estudantes, em detrimento de outros. Ainda sobre utilização de recursos diversificados, essa mesma ex-aluna lembra de como a professora agia para tornar as aulas “diferentes”.

¹⁰⁹ A turma de Antropologia Brasileira para os alunos do curso de graduação em História, em 1969, era composta pelos alunos: Antonio Oliveira Dantas; José Ibarê Costa Dantas; Laura Maria Tourinho Ribeiro; Maria Feliciano Montalvão Costa; Maria José Costa Santos; Mércia da Silva Ferreira; Selene Andrade Almeida N. Dantas; Zenilde de Jesus Silva. Informação extraída dos diários de classe localizados no Arquivo Central/UFS. As tentativas de contato com os demais alunos não foram frutíferas.

Lembro bem daqueles livrinhos que ela levava pra sala de aula. Aqueles de cordel. Pra falar sobre cultura, folclore ... não lembro exatamente o assunto, mas era nas aulas de Antropologia Brasileira e lembro que eu gostava quando ela levava os livrinhos pra dar aula. A aula ficava bem movimentada. Não é que nos outros dias as aulas eram chatas, não. É que não era comum os outros professores fazerem coisas diferentes. Ela fazia. As aulas dela eram diferentes (Zenilde Silva, 2018).

A relação com a literatura de cordel que tornava as aulas dela diferentes das outras, na visão da aluna, teve início com as preferências literárias do pai, como já visto. Na prática docente, passou, então, a ter uma outra dimensão a partir de um direcionamento profissional que imprimia ao olhar da professora outras perspectivas, pois, “agora era a antropóloga vendo aquilo como um elemento da cultura popular, com todas as teorias na cabeça, protesto, resistência, reprodução da ideologia, enfim, essas coisas todas. Usei muitos daqueles livrinhos em sala de aula” (Beatriz Góis Dantas, 2018).

Nem todos os ex-alunos lembram, no entanto, da utilização de recursos diferentes nas aulas, apontando outras características. A tranquilidade passada pela professora no desenvolvimento das aulas é um elemento que aflora à lembrança de outra ex-aluna.

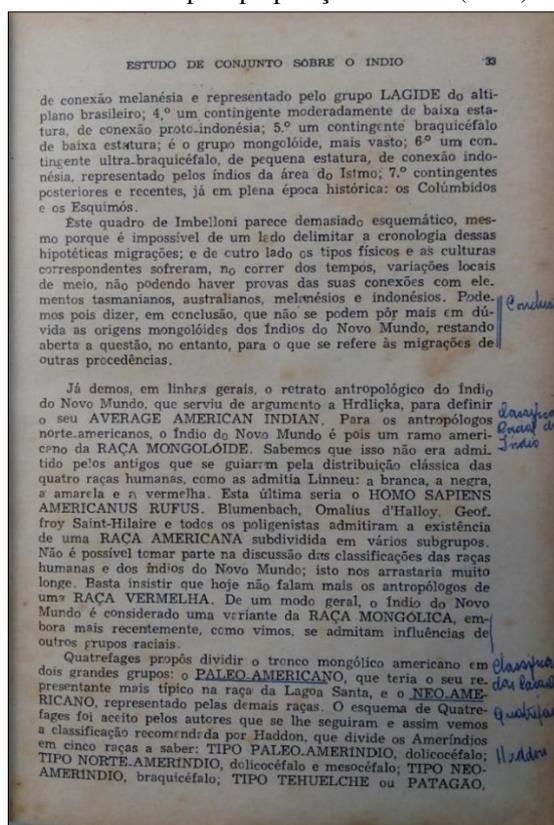
Recordo-me do prazer em ouvi-la. Sua voz calma e pausada nos envolvia, à medida que apresentava o conteúdo da aula com inteligência, coerência e competência. Outro aspecto extremamente positivo refere-se ao fato dela apresentar questões no final da aula, estimulando-nos a refletir sobre o conteúdo exposto (Eufrázia Santos, 2020).

Analisando sua própria prática docente, Beatriz afirma que procurava exercer a profissão com cuidado e responsabilidade e que o ambiente e a convivência na sala de aula sempre foram estímulos para que ela buscasse aprimorar, cada vez mais, a docência.

[...] o espaço da sala de aula e o convívio com os alunos sempre me proporcionaram grande satisfação. Exerceram em mim um grande fascínio, despertando uma força quase mágica que me impulsionava a querer sempre melhorar o programa, ter uma nova bibliografia e material didático adequado (Beatriz Góis Dantas, 1999).

Para preparar o programa das aulas, Beatriz estudava e pesquisava autores clássicos com os quais tinha familiaridade, que davam o aporte teórico necessário dentro das tendências antropológicas mais adequadas às demandas dos alunos. Um deles era Arthur Ramos e sua obra *Introdução à Antropologia Brasileira*.

Figura 27 – Imagem de marcas de leitura deixadas por Beatriz no livro utilizado para preparação de aulas (1966).



Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Góis Dantas.

Na foto do livro utilizado para a preparação das aulas, anteriormente usado para acompanhar as aulas dos professores da FCFS, é possível perceber a prática das *marginalia*, anotações que permitem, segundo Chartier (2002), a “digestão do texto” e demonstram a apropriação da leitura feita por Beatriz, intervindo, de certa forma, por meio de manuscritos, registrando ideias e indicações que serviram para consultas posteriores e para indicativos de considerações a respeito de trechos lidos.

As *marginalia*, assim, servem para encadear “remissões entre diferentes trechos do livro ou a outras obras” (CHARTIER, 2002, p. 95), permitindo que, na elaboração dos programas de aulas, outras ideias fossem utilizadas, o que se reflete na afirmação de outra ex-aluna, ao dizer que “seu plano de curso apresentava todas as teorias antropológicas vigentes naquele contexto” (Terezinha Oliva, 2018), diversificando a bibliografia oferecida.

O estilo da aula, a inteligência e o conhecimento da matéria explanada são outras características lembradas.

Não lembro com certeza o ano, mas parece que foi 68 ou 69, porque foi em 69 que eu me formei em História. Ela era bem novinha, era muito inteligente e demonstrava um conhecimento sobre o que falava! Dava pra perceber que ela estudava muito. E tinha uma sagacidade! Percebia facilmente quem tinha lido e quem não tinha (Mércia Silva, 2018).

O conhecimento relatado acima reflete a compreensão de que, para preparar aulas, era necessário estudo e leitura e, sobre esse aspecto, Beatriz diz que era fundamental dispor de tempo e investimento, além de “esforço, dedicação aos estudos, às vezes até em sacrifícios pessoais, mas fiz tudo isso com muita satisfação e consegui passar esse entusiasmo para muitos dos meus alunos” (DANTAS, 1999).

Não apenas conseguiu passar esse entusiasmo, mas teve participação como intelectual despertadora para suas alunas, atuando nas decisões profissionais futuras, incentivando outras gerações. Nesse sentido, a ex-aluna Terezinha Oliva assegura que “ela está entre os professores que mais me influenciaram na conduta docente” (2020) e Eufrázia Santos assegura que “sem dúvida alguma, foi esse lastro teórico que me permitiu participar da seleção de mestrado e ingressar no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Unicamp” e, mais que isso, “o entusiasmo com as aulas da professora Beatriz foi responsável pelo deslocamento do meu interesse da sociologia para a antropologia” (2020).

A articulação entre situações que uniam a teoria com atividades de pesquisa de campo, para as quais os alunos eram preparados dentro das concepções de respeito às diferentes manifestações culturais, é ressaltada.

Ela se destacava por ser professora e pesquisadora, num tempo em que isso não era comum [...] As aulas uniam a leitura de textos teóricos com a análise de situações práticas, o que se completava pela observação *in loco*. Nunca esqueci da visita que fizemos a um Terreiro: como Beatriz nos preparou para entrar naquele mundo com respeito, tocando em nossos preconceitos e até crenças (Terezinha Oliva, 2020).

Estimulando os alunos a um olhar destituído de preconceitos e encaminhando os sentidos para além de dogmas, a professora preparava seus alunos para o respeito e a compreensão de manifestações de cunho religioso que eram cercadas de estigmas por parte das famílias e da sociedade em geral, conduzindo seus alunos ao trabalho de campo, para conhecer as manifestações culturais existentes na cidade.

Figura 28 – Fotografia de Beatriz em aula de campo com alunos em um terreiro de candomblé em Aracaju. (1968)



Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Góis Dantas.

Na fotografia acima, é possível perceber a jovem professora em uma aula de campo, direcionando o olhar dos seus alunos para alguns aspectos da manifestação cultural estudada, todos com cadernos de anotações em mãos, atentos aos ensinamentos recebidos pela teoria utilizada na sala de aula. Era uma professora que “motivava os alunos para a pesquisa e criava atividades de campo, entre as quais as visitas com sua presença a cerimônias de grupos de cultos afro-brasileiros” (Ibarê Dantas, 2020).

O trabalho de campo pressupõe observação participante e contato direto com o segmento social que se quer analisar, sendo necessário o domínio da teoria e a inserção no modo de vida do outro, de acordo com Malinowsky¹¹⁰. Instrumento imprescindível nesse tipo de pesquisa, o diário de campo, ou caderno de campo, deve servir para anotações de todos os detalhes observados no cotidiano da localidade estudada.

A prática docente de Beatriz serviu de incentivo à conduta de alunas que se tornaram, também, professoras e recordam, da mesma forma, o exemplo dela como pesquisadora e defensora do patrimônio público, além da sua atuação como gestora.

¹¹⁰ Antropólogo polonês, doutor em Física e Matemática, ingressou na London School Economics, em 1910, se tornando antropólogo. Foi responsável pela ideia da pesquisa de campo, desenvolvendo sua própria pesquisa nas Ilhas Trobriand, na Nova Guiné. Como resultado dessas pesquisas, escreveu sua obra *Argonautas do Pacífico*, publicada em 1922. Morreu em 1942, em New Haven, onde lecionava na Universidade de Yale.

[...] o trabalho direto com as fontes da pesquisa histórica foram “aulas” inestimáveis. O valor que ela dava aos documentos, à sua organização, à sua leitura, tudo isso nos fazia praticar passos da heurística que depois incorporaríamos à pesquisa histórica (Terezinha Oliva, 2020).

Foi em busca de documentos que fornecessem respostas aos questionamentos levantados por alunos acerca dos índios sergipanos que Beatriz se deparou com a situação deplorável em que se encontrava o APES, formando uma montanha de papéis jogados uns sobre os outros, uma mistura de revistas, livros, jornais empilhados do chão ao teto, em condições insalubres para as pessoas que ali entravam.

Beatriz Dantas lançou-se num projeto ousado, que oferecia reduzidas condições de execução e desafiava um espírito verdadeiramente missionário na defesa do que hoje se chama “bens culturais”. Inicialmente aproveitou o período de férias escolares para a implantação do trabalho que envolveria cerca de uma dezena de estudantes do curso de História, sob sua liderança direta, na tarefa braçal de salvar o Arquivo. Posso falar dessa experiência como testemunha, já que fui uma entre os estudantes que participaram desse trabalho (OLIVA, 2018, p. 30).

Para desenvolver o trabalho de reorganização do APES Beatriz mobilizou seus alunos do curso de História, contando, também, com a participação da imprensa, que noticiava com frequência e acompanhava as ações envolvidas no processo de revitalização e preservação do patrimônio cultural do estado.

Figura 29 – Beatriz inspeciona os documentos do APES acompanhada de Stefânio Alves de Farias, jornalista (1970).



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

O momento foi propício para a “grande virada” que envolveu o poder público na tomada de iniciativas para atendimento às orientações emanadas dos órgãos responsáveis por fomentar as ações ligadas à preservação da cultura e do patrimônio histórico do país.

Quando eu procurei no arquivo, foi uma coisa marcante na minha vida porque o arquivo de Sergipe naquela época estava reduzido a uma montanha de papéis velhos, jogados no chão, literalmente. E daí, é onde começa uma grande virada, porque, para pesquisar esses índios primeiro tinha que se organizar o arquivo. Não havia como pesquisar nada naquele arquivo, que não era nem arquivo, na verdade era um depósito que abrigava papéis, jornais, revistas, livros, tudo misturado (Beatriz Góis Dantas, 2018)¹¹¹.

A pesquisa não seria possível sem uma organização dos documentos que jaziam em meio ao descaso. Por essa ocasião, Beatriz foi convidada pelo médico Nestor Piva, que ocupava o cargo de Secretário de Educação e Cultura do Estado, para dirigir o recém criado Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico (DCPH), criado a partir de um documento denominado *Compromisso de Brasília*¹¹². Esse documento, surgido dentro do contexto da política dos governos militares, era destinado a estados e municípios e instruía os gestores no sentido da criação de estratégias para preservação do patrimônio histórico e cultural, com o intuito de desenvolver, na população, o sentido patriótico e fomentar o turismo nas regiões do país.

A indicação do nome de Beatriz para assumir a direção de um órgão dentro da estrutura governamental, uma professora ainda iniciando na profissão docente, ingressando nos meandros da pesquisa histórica e antropológica, parece apontar para um elenco de possíveis razões que levaram à escolha feita pelo secretário. Nestor Piva era professor da UFS, oriundo do corpo docente da FCFS, conhecendo, portanto, o trabalho desenvolvido pela professora, fazendo, assim, parte das redes sociais estabelecidas naquela instituição, além de ter acompanhado, provavelmente, a conduta de Beatriz como aluna.

Não sei exatamente como Piva me descobriu. Sei que andou sondando alunos e colegas meus. Quando eu soube que seria convidada, meu primeiro impulso foi o de não aceitar o cargo, pois estava completamente fascinada por pesquisa (Beatriz Góis Dantas, 2018).

¹¹¹ Entrevista concedida a Raiane Pereira Oliveira. Maiores detalhes a respeito da passagem de Beatriz pelo DCPH, bem como sobre o trabalho desenvolvido na reestruturação do APES, podem ser conferidos em OLIVEIRA, 2019.

¹¹² O documento foi assinado pelo Ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho, pelos governadores dos Estados, por ele convocados à reunião, autoridades ligadas aos órgãos de fomento à cultura e ao patrimônio em todo o país, no dia 3 de abril de 1970, em Brasília. Documento contendo as informações disponíveis em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/CompromissodeBrasilia1970.pdf>. Acesso em 21.12.2018.

Nesse sentido, Miceli esclarece que “[...] a cooptação das novas categorias de intelectuais continua dependente do capital de relações sociais, mas passa cada vez mais a sofrer a mediação de trunfos escolares e culturais” (MICELI, 2001, p. 79), evidenciando que a escolha da diretora do DCPH não foi aleatória, mas teve como base o conhecimento prévio das atitudes e atividades desenvolvidas por ela que, certamente, se tornavam conhecidas nos meios intelectuais sergipanos. A nomeação foi noticiada na imprensa local, conforme mostra a **Figura 30**.

Figura 30 – Nota sobre a nomeação da diretora do DCPH.



Fonte: Jornal GAZETA DE SERGIPE, 24/09/1970.

O convite do secretário naquele momento foi providencial para a pesquisadora, uma vez que iria proporcionar uma estrutura institucional para a organização dos documentos, possibilitando que o APES fosse salvo das condições em que se encontrava.

[...] ponderações de pessoas do Departamento de História, como o prof. Silvério Fontes, do meu círculo de amigos, como Stefânio de Farias Alves, jornalista da *Gazeta de Sergipe* e, sobretudo, de Ibarê Dantas, meu marido, estudante de História, com quem partilhava a indignação de ter encontrado o Arquivo Público transformado num depósito de papéis velhos, levaram-me a considerar a possibilidade de reverter a situação. Assim, aceitei o convite, com a expressa condição de que me seriam assegurados os meios para reorganizar o Arquivo Público (Beatriz Góes Dantas, 2019).

A situação em que se encontrava o APES¹¹³ era reflexo do descaso do poder público com a história do povo sergipano, no âmbito local e, no mais, com a memória em todo o país. A intervenção estatal na esfera cultural, naquele momento, a partir do *Compromisso de Brasília*, pode ser entendida como impulsionada pela compreensão, por parte dos governos militares, a respeito da importância da cultura na condução da sociedade, tendo na devoção ao passado uma via para a construção de uma consciência nacional.

Para o trabalho de reorganização do APES, Beatriz contou com alunos estagiários do curso de História, que recordam as condições e as características das ações, em função da preservação do patrimônio.

Começamos o trabalho pela antiga Escola Normal, na Praça Olímpio Campos. O monte de documentos dominava uma ampla sala do prédio, numa pilha de grande altura. Até um rato seco foi localizado entre os documentos! Dali, tudo começou a ser transportado para o prédio do Atheneuzinho, na Avenida Ivo do Prado (atual Museu da Gente Sergipana) onde o arquivo passaria a funcionar [...] o trabalho de resgate prosseguiu no prédio da Assembleia Legislativa, o Palácio Fausto Cardoso e no atual Palácio Sílvio Romero, onde funcionava o Conservatório de Música, cujo porão estava abarrotado de papéis. Onde quer que houvesse documentos, a “brigada” de estudantes e a Professora Beatriz iam resgatá-los (Terezinha Oliva, 2020).

A “brigada” composta pelos estudantes e sua professora teve uma importância fundamental na preservação da documentação relativa a um período histórico que, sem a intervenção daquele grupo, tenderia a desaparecer na quase totalidade, assim como foram perdidos documentos que não puderam ser salvaguardados, devido ao grau de deterioração causada por poeira, roedores, insetos e, até, água resultante de infiltrações. Uma das estagiárias que fizeram parte do grupo que trabalhou na reorganização do APES seguiu os passos da professora, enveredando pela pesquisa histórica.

[...] fui estagiária do projeto de Reorganização do Arquivo Público do Estado que ela comandou bravamente. Mais tarde trabalhei com ela no Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico da Secretaria de Educação e Cultura, o DCPH. Que experiência incrível de amor à pesquisa, de responsabilidade e honestidade intelectual, de respeito à diferença, às culturas do povo e de humildade na busca do conhecimento! (OLIVA, 2010, p. 10).

¹¹³ O Arquivo Público do Estado de Sergipe, originalmente criado como uma seção vinculada à Biblioteca Pública Provincial, criada em 1848, foi fundado no governo de Maurício Graccho Cardoso, em 1923. Três anos depois voltou à condição de setor ligado à biblioteca, até que, em 1945, retorna à qualidade de arquivo, ligado à Secretaria de Justiça e Interior do Estado. O APES funcionou nas dependências da Assembleia Legislativa, até 1964, sendo então, removido para os porões da antiga Escola Normal. Para conhecer detalhes da história do APES, ver OLIVEIRA (2019).

À frente do DCPH¹¹⁴ Beatriz implementou não apenas o processo de organização do APES, como atuou de forma a executar ações que visavam ao conhecimento do panorama cultural do Estado, no que se refere à situação das bibliotecas públicas, aos grupos folclóricos existentes e suas condições, museus e monumentos históricos, entidades culturais, culminando na divulgação de um relatório que apontou diagnósticos e definiu parâmetros para a solução dos problemas detectados¹¹⁵.

A vinculação entre a pesquisa e a docência, definindo a “forma de estar no mundo”, consolidou uma trajetória voltada para as práticas cotidianas que envolveram alunos, buscas em arquivos, trabalho de campo, concepções teóricas construídas ao longo de uma caminhada pautada, em grande medida, pelo apego ao objeto livro e sua posse, conforme será tratado a seguir.

¹¹⁴ O governador Lourival Batista criou o DCPH em 8 de abril de 1970, por meio do Decreto-Lei nº 405, renunciando ao mandato em 14 de maio de 1970, para concorrer a uma vaga no Senado. Cumprindo o ritual da política autoritária do governo central, João Andrade Garcez foi escolhido para o mandato-tampão de nove meses. Com a mudança de governo o secretariado foi alterado, assumindo a Secretaria de Educação e Cultura, o médico Nestor Piva.

¹¹⁵ Exercendo, à época, o cargo de presidente do Conselho Estadual de Cultura, Beatriz presidiu os trabalhos que culminaram na aprovação do Plano Estadual de Cultura do Estado de Sergipe, para o quadriênio 1971-1974 (Resolução nº 01/71).

4 A POSSE DO LIVRO: CONSTITUIÇÃO DE UMA BIBLIOTECA

A significação do livro possuído permanece incerta: será que se trata de leitura pessoal ou herança conservada, instrumento de trabalho ou objeto jamais aberto, companheiro de intimidade ou atributo de aparência social?

(CHARTIER, 2004)

A leitura pode ter características utilitárias, informativas, de entretenimento, de sedução, de comunicação, de erudição. A relação de um leitor com seus livros e demais objetos impressos pode ser configurada a partir de finalidades diferenciadas que, longe de se constituírem, apenas, em habilidades específicas, são formas de alternância de significados, que variam entre pessoas e situações.

Ao afirmar que “a leitura não é somente uma operação abstrata de intelecção; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros” (CHARTIER, 1998, p.16), o estudioso francês chama a atenção, entre outros elementos, para um aspecto específico da prática da leitura: a intimidade proporcionada pela posse do livro em um espaço específico. Na constituição de sua biblioteca particular Beatriz contou, desde o início, com a participação efetiva do marido, o historiador Ibarê Dantas.

Ainda eram namorados, nos anos 1960,

quando eu estudava em Salvador, empolguei-me com uma coleção de biografias da editora Melhoramentos e passei a comprar os livros dos autores mais conhecidos da literatura brasileira, com prevalência para Machado de Assis, e aos poucos formamos nosso acervo. De volta a Aracaju em 1961, adquiri a História Geral das Civilizações de 17 volumes. No segundo semestre daquele ano, fui para São Paulo e os livros ficaram na casa dos pais de Beatriz. Retornei no fim do ano seguinte com mais alguns e quando nos casamos em 1964 já dispúnhamos de umas quinhentas obras (Ibarê Dantas, 2020).

Por ocasião do casamento de Beatriz e Ibarê, no dia 15 de abril de 1964, o casal já possuía um acervo de livros que vinha sendo adquirido gradativamente e essa aquisição começou a se intensificar com o ingresso de Beatriz na FCFS, como professora. A compra ocorria por meio de catálogos de livros, em viagens de passeio ou para apresentação em

congressos, frequentando sebos e formando uma rede socialização em torno do mercado livreiro e editorial. O retorno dessas viagens exigia uma logística diferenciada.

Certa feita, numa viagem que incluiu Rio e São Paulo, compramos um número avantajado de livros e precisamos de uma mala extra para fazer o transporte. Nessa época viajavamos de ônibus, nos confortáveis leitos da Empresa Fátima, que não tinham limite de bagagem. Caí na tentação de concentrar em uma só mala todos os livros. Na hora de tomar o táxi que nos levaria à rodoviária, ao pegar a mala pelo puxador, ante o peso excessivo, rompeu-se a fechadura e os livros se esparramaram pelo chão. Foi um Deus nos acuda e um momento de aflição, pois tínhamos pouco tempo para remediar a situação. [...] Ibarê avistou uma lojinha dessas que vendem bugigangas de todo tipo. Penduradas na porta, bem à vista, estavam umas correias de couro com fivelas nas pontas. Lembavam cinturões, só que bem mais longas e um pouco mais largas. Com três dessas cintas resolvemos nosso problema e os livros viajaram conosco, acomodados na mala arrocada com fechadura improvisada (Beatriz Góis Dantas, 2019).

A relação com impressos, especialmente com livros, o gosto pela leitura foi, assim, adquirindo uma dimensão em que o objeto passou a ser quase reverenciado, não apenas como instrumento de trabalho, mas como elemento de socialização e até de distinção, facultando o acesso e a proximidade com intelectuais em âmbito local, como também de outras cidades. Esse movimento característico da produção e mediação cultural em dado contexto iniciado com o ingresso de Beatriz no mercado editorial, possibilitou que o casal passasse a frequentar e ser recebido na intimidade de uma elite cultural já estabelecida, para conversas e troca de ideias em torno de livros e leituras. É pertinente, portanto, observar a rede de contatos estabelecida em torno de interesses afins.

Em Natal, no Rio Grande do Norte, a escritora sergipana esteve na residência de Luiz da Câmara Cascudo¹¹⁶:

¹¹⁶ Luiz da Câmara Cascudo nasceu em 1898, em Natal/RN, no nordeste brasileiro. Presenciou, durante a infância, reuniões literárias que aconteciam em sua casa, fato que pode ter contribuído para definir sua natureza de criança precoce, que já lia nos primeiros anos de vida. Aos 19 anos começou a trabalhar no jornal de propriedade de seu pai e em 1921, publicou seu primeiro livro, fazendo um estudo bibliográfico sobre escritores rio-grandenses. Câmara Cascudo foi um pesquisador do folclore brasileiro, fundou a Sociedade Brasileira de Folclore, em 1941 e lançou, em 1954, o Dicionário do Folclore Brasileiro, trabalho de referência na área. Formado em Direito pela Faculdade de Direito de Recife, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o conjunto de sua obra compreende escritos em áreas como história, antropologia, literatura, crítica literária, cultura popular, religião, geografia e folclore. Morreu em Natal, em 30 de julho de 1986. O acervo do intelectual é mantido pelo Instituto Câmara Cascudo que funciona na casa onde viveu, em Natal. Sobre a vida e a obra de Luiz da Câmara Cascudo, ver <http://www.cascudo.org.br/home>. Acesso em 21.04.2020.

Cascudo era um apaixonado por livros como nós, e a planejada visita rápida alongou-se entremeada por animada conversa sobre livros que, com frequência, eram retirados das estantes e mostrados com orgulho, contando-nos como os obtivera. Destaque especial era dado às obras raras, muitas delas adquiridas na Europa. Essa imagem de Cascudo mostrando seus livros ficou fixada em minha lembrança e, sempre que lia algum dos seus trabalhos, vinha-me à mente a cena do velho de cabelos brancos e fala mansa no meio dos livros a invadir parapeito de janelas que permaneciam fechadas, pois suas janelas para o mundo eram seus livros (Beatriz Góis Dantas, 2020).

A visita relatada acima aconteceu no início dos anos 1970, após a publicação do livro *A Taieira de Sergipe*, demonstrando a intenção de aprofundar a rede de sociabilidade formada em torno de inclinações comuns. Na mesma década outro intelectual com uma relação marcante com livros foi, também, visitado por Beatriz.

Outro momento inesquecível foi vivido junto a Frederico Edelweiss¹¹⁷, um professor de Antropologia da Universidade Federal da Bahia, cuja biblioteca monumental, de mais de 20 mil títulos, Ibarê e eu visitamos no início da década de 70 em sua residência, antes que fosse adquirida pela UFBA (1974) e incorporada ao Centro de Estudos Baianos. O velho e consagrado professor Edelweiss, que, entre outras disciplinas, ensinava língua tupi, foi de uma generosidade imensa recebendo em sua biblioteca os dois jovens e desconhecidos sergipanos com quem manteve demorada e agradável conversa sobre livros e pesquisas (Beatriz Góis Dantas, 2020).

O significado da posse do livro não é preciso. Os impressos são adquiridos de maneiras diversas e, nem sempre são escolhidos a partir de critérios pessoais, no entanto, uma biblioteca vai sendo constituída, indubitavelmente, em torno de um refinamento intelectual que se estabelece, também, em função de laços de sociabilidades angariadas intencionalmente.

¹¹⁷ Frederico Edelweiss nasceu em 1892, em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, antiga localidade jesuítica de índios guaranis, o que lhe possibilitou contato com os sons do idioma indígena ensinado pelos padres que foram seus primeiros mestres, estímulo que direcionou os estudos para a área das letras, particularmente por assuntos relacionados à etnologia e etnografia. O fato de conhecer várias línguas e ser identificado como um homem culto e bem informado rendeu a Edelweiss uma oportunidade profissional na Bahia, anos depois, onde firmou seu nome na intelectualidade local. Professor da Faculdade de Filosofia da Bahia, pesquisou as variantes da língua Tupi-Guarani, assunto sobre o qual escreveu livros, artigos em revistas, proferiu conferências e palestras. Detentor de uma compulsão por leitura, foi montando, ao longo da vida, uma biblioteca orientada pelas suas preferências intelectuais, atualmente incorporada ao acervo da Universidade Federal da Bahia. Frederico Edelweiss morreu em Salvador, no dia 15 de outubro de 1976.

Após a orfandade intelectual sentida com a morte de Josefina Leite, foi em Théo Brandão¹¹⁸ que Beatriz encontrou uma interlocução para os assuntos da Antropologia e com quem estabeleceu profícuos diálogos em Maceió/AL, cidade na qual ele residia.

Nos repetidos encontros que tivemos naquela cidade, quando convidada para dar palestras ou participar de seminários sobre cultura popular, conheci mais de perto sua biblioteca. Além dos livros, mostrava-me pastas e mais pastas classificadoras repletas de material folclórico coletado em campo e não trabalhado. E dizia: “vou mandar tudo para o Museu, pois já vi que não vou mais ter condições de escrever”. Envolvido com a administração de uma unidade de ensino, não encontrava tempo para retomar as pesquisas. Seu acervo foi encaminhado para o Museu Théo Brandão, e lá permanece como acervo da UFAL (Beatriz Góis Dantas, 2020).

No âmbito local, Beatriz também conquistou interlocutores com os quais entabulou diálogos em face da relação com livros, leituras e bibliotecas. Assim foi com Alberto Carvalho¹¹⁹.

Visitamos sua biblioteca quando, já velho e doente, ele se debatia com a angústia do destino a ser dado aos seus livros, que os descendentes muito lutaram para incorporar ao acervo da Biblioteca Epifânio Dória e, ao que tudo indica, hoje se encontra abrigada no Campus da UFS em Itabaiana, que traz o seu nome, pois era sua cidade natal (Beatriz Góis Dantas, 2020).

Nesse “pequeno mundo estreito, onde os laços se atam” (SIRINELLI, 2013, p. 248) que caracteriza o meio intelectual, uma rede de sociabilidades se forma em torno de aspectos específicos ou estruturas que definem afinidades e intencionalidades. Beatriz buscou criar essa

¹¹⁸ Theotônio Vilela Brandão nasceu em Viçosa/AL, filho de médico e farmacêutico, em janeiro de 1907. Aos 10 anos de idade, a família mudou para a capital alagoana, Maceió, onde completou os estudos primários, além do curso preparatório. Em 1923, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, concluindo o curso, porém, no Rio de Janeiro, em 1929, recebendo, também, o grau de bacharel em Farmácia, em 1928, seguindo os passos profissionais do seu genitor. Retornando a Maceió, instalou sua clínica voltada para a Obstetícia e Pediatria, ramos da Medicina que possibilitaram o contato com mães e suas crenças populares a respeito de remédios, começando a pesquisar sobre o assunto. Indicado para o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL), em 1937, passou a se dedicar ao folclore, estudando medicina popular, integrando as atividades de médico e folclorista. Nos anos 1960, abandonou a Medicina para consagrar seu tempo, integralmente, ao folclore, sendo nomeado, em 1961, para compor o Conselho Nacional do Folclore. Theo Brandão morreu em Maceió, no dia 29 de setembro de 1981.

¹¹⁹ Alberto Carvalho nasceu em novembro de 1923, em Itabaiana/SE, onde cursou os estudos primários. Em Aracaju concluiu o ensino secundário, em 1951 e, em 1956 recebeu o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, curso no qual teve a oportunidade de conviver com jovens que, assim como ele, eram engajados na política estudantil, ingressando no Centro Acadêmico Sílvio Romero, sendo escolhido para dirigir o jornal da agremiação, ali começando a publicar artigos. Ingressou na Faculdade de Ciências Econômicas, como professor, em 1964, incorporado à UFS quando da sua criação. Memorialista, poeta, escritor, crítico de artes, escreveu o hino do time futebolístico de sua terra natal, Associação Olímpica de Itabaiana. Possuía uma biblioteca volumosa e bem cuidada. Alberto Carvalho morreu em 2000. Para outros aspectos sobre a vida de Alberto Carvalho, ver SOUZA (2015).

disposição em volta de um elemento que foi ganhando importância cada vez maior em sua vida: livros, leituras e impressos e foi, gradativamente, ampliando as relações com pares que, além de interlocutores, encontravam, também, a mesma inspiração nos livros.

A biblioteca do ex-professor Silvério Fontes¹²⁰, embora não tivesse uma organização adequada, também era um espaço utilizado para conversas e troca de conhecimento.

Tertúlias, tendo os livros por testemunhas, eram realizadas, sobretudo na biblioteca de Silvério Fontes, que foi meu professor na Faculdade de Filosofia. Mas a ligação maior era por conta de Ibarê, de quem se tornou grande amigo. Era uma biblioteca muito desordenada, com livros frequentemente dispostos em duas fileiras numa mesma prateleira, de modo que tinha dificuldade em encontrá-los. Muito me valia dos livros por ele emprestados a mim (Beatriz Góis Dantas, 2020).

Indivíduos que possuem livros e buscam uma organização e conservação dos seus impressos em geral, o fazem por razões específicas. Para Chartier (2004), três motivos levam as pessoas a buscar a conservação dos livros em um ou mais locais específicos para esse fim, sendo eles o sentimento de paixão pela coleção do objeto, a aparência apropriada a um local de sociabilidade e a preparação para que a biblioteca seja um local de trabalho. Todos os três motivos são pertinentes à biblioteca pessoal de Beatriz.

Como “uma vez possuído, o livro deve ser guardado” Chartier (2004, p.191), para proporcionar uma guarda adequada aos livros, que cresciam em quantidade, a casa foi sendo adaptada, espaços domésticos mudaram de função, paredes receberam estantes que, logo, foram se tornando insuficientes e se espalharam por outros cômodos, sempre em função da conservação e da proteção do objeto livro, orientada pela paixão nutrida.

A primeira casa, adquirida logo após o casamento, abrigou os livros possuídos então, em estantes de madeira rústica, estreitas e altas, nas quais cabiam as quase cinco centenas de títulos, instaladas em um espaço que, segundo Beatriz (2019), era sujeito aos ruídos presentes na casa e no entorno. O problema foi resolvido com a construção

¹²⁰ José Silvério Leite Fontes nasceu em 1925, em Aracaju/SE, teve contato com as primeiras letras por meio de uma professora particular, estudando parte do ensino secundário no Colégio Tobias Barrerto, no Atheneu Sergipense, concluindo esse nível no Ginásio da Bahia, em 1941, na cidade de Salvador, onde também recebeu o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, no ano de 1946. Preferindo o magistério à advocacia, em 1947, ingressou, como professor, na Escola Técnica de Comércio Conselheiro Orlando, em Aracaju. Ensinou em instituições que congregavam em seus quadros nomes da intelectualidade local, a exemplo do Instituto de Educação Rui Barbosa, Colégio do Patrocínio São José, Faculdade Católica de Filosofia, Faculdade de Direito. Incorporado à UFS, a partir de 1968, participou do processo de criação da universidade. Silvério Fontes morreu em dezembro de 2005. Sobre o percurso do intelectual sergipano, ver DANTAS (2012) e OLIVEIRA (2015).

de um espaço específico, aproveitando um terreno no fundo do quintal. No início da década de 70, lá sediamos a biblioteca. Ficava separada do corpo da casa, com entrada opcional independente desta, com área coberta de 18 metros quadrados, com varanda para armar redes e circundada por muitas plantas (Beatriz Góis Dantas, 2019).

Na medida em que a aquisição de livros foi se tornando mais intensa e os impressos mais numerosos, os espaços foram sendo adaptados, gradativamente, nas casas em que o casal morou, incluindo a casa em Campinas, para onde foi transportada parte do acervo, enquanto cursavam o mestrado, lá permanecendo durante os anos 1978 e 1979.

Figura 31 – Biblioteca da casa em Campinas (1979).



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

As práticas de leitura desenvolvidas na cidade de Campinas giravam em torno do curso, divididas entre os cuidados com o casal de filhos pequenos e as atividades acadêmicas. A opção pela Unicamp para o desenvolvimento do mestrado não foi aleatória.

Depois que Ibarê ingressou na UFS (1975), começamos a pensar na possibilidade de irmos juntos fazer mestrado. Tinha que ser numa cidade que tivesse mestrado em Antropologia e em Ciência Política, pois no nosso Departamento havia necessidade de professor com formação nessa área e Ibarê trabalhava com história política (Beatriz Góis Dantas, 2019).

Após cogitar outras instituições no Nordeste e Sudeste, a Unicamp foi a escolhida por distintos fatores, inclusive em função das características da cidade que, aparentemente, oferecia condições de adaptação para uma família com uma criança de colo. O antropólogo Luiz Roberto

de Barros Mott¹²¹, professor da instituição à época, ajudou na decisão, sugerindo a ida do casal para a cidade de Campinas. Luiz Mott e Beatriz se conheceram em 1972, pesquisando no APES, sobre aspectos étnico-raciais presentes na população sergipana, iniciando uma interlocução que se transformaria em amizade anos mais tarde.

O contato com Mott foi muito rico. Permitiu-me ter acesso a cópia de alguns documentos de outros arquivos estaduais, nacionais e europeus por ele pesquisados e, em contrapartida, eu o auxiliiei com o meu conhecimento sobre o acervo do Arquivo Público de Sergipe, onde ele muito pesquisou. Mott se tornou um grande interlocutor: publicou uma boa resenha sobre o livro *Taieira* numa revista da USP, líamos e comentávamos trabalhos um do outro, enfim, conversávamos muito sobre projetos acadêmicos e trabalhávamos fazendo pontes entre Antropologia e História. Ibarê participava dessas discussões e, com o tempo, Mott terminou se tornando amigo de toda a família (Beatriz Góis Dantas, 2019).

No retorno a Aracaju, após o mestrado em Campinas, para onde foram levadas caixas contendo livros dos quais iriam precisar, a quantidade de livros foi multiplicada e o espaço teve que ser, novamente, ampliado para receber as novas aquisições feitas ao longo de dois anos e, dessa vez, a ampliação contemplou a construção de estantes que cobriam todas as paredes. O espaço continuou servindo como lugar de conversação com amigos.

Tenho lembranças de Luiz Mott, na década de 70, de vez em quando levantando da rede armada na varanda ao lado da biblioteca, interrompendo momentaneamente a conversa sobre livros, para pegar pitangas nos galhos que [...] se ofereciam abundantes e bem vermelhinhas ao alcance da mão (Beatriz Góis Dantas, 2020).

As novas instalações para os livros ganharam maior dimensão, com as paredes revestidas de estantes que se estendiam até a altura do teto, inicialmente não ocupadas na totalidade, sobrando espaço nas prateleiras para objetos decorativos que, após algum tempo, tiveram que ceder o lugar para novas aquisições.

¹²¹ Nasceu em 1946, em São Paulo, possui graduação em Ciências Sociais pela USP, mestrado em Etnologia, pela Sorbonne, defendendo uma dissertação com material de campo coletado em Brejo Grande/SE e doutorado em Antropologia, pela Unicamp. Professor aposentado da Universidade Federal da Bahia, fundou o Grupo Gay daquele Estado, instituição que atua na defesa dos direitos humanos dos LGBTs no Brasil. Conferir em <https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/luizmott> Acesso em 21.01.2020.

Figura 32 – Biblioteca na casa da rua Maruim, Aracaju.
(2000)



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

Considerar a leitura a partir de sua caracterização como um fenômeno social permite identificar aspectos específicos das práticas que, para Darnton, não são fáceis de detectar. Segundo o historiador, “o estudo das bibliotecas particulares tem a vantagem de ligar o ‘quê’ com o ‘quem’ da leitura” (DARNTON, 2010, p. 176) e possibilita a contextualização do “onde”, fornecendo a visualização das experiências vividas em torno do ato de ler.

A biblioteca constituída por Beatriz e pelo marido foi se transformando em gabinete de estudos e local de trabalho, além de ambiente de conversas e espaço para receber amigos. Sobre essa prática a antropóloga considera que

a prática de receber amigos intelectuais na biblioteca e ficar conversando no meio dos livros parece mais acentuada no Nordeste que no Sudeste. Talvez porque os nordestinos tenham que investir mais em livros para sua formação em face da carência das bibliotecas públicas e de universidades. Ao lado dessa razão prática, é possível pensar que nossa formação bacharelesca confira ao livro significados que extrapolam a sua utilidade, transformando-o em sinal de distinção (Beatriz Góis Dantas, 2020).

A mudança de domicílio para outro local interrompeu essa prática, embora o espaço destinado aos livros no novo endereço tenha sido ampliado ainda mais.

Na casa da Atalaia¹²², a biblioteca perdeu essa característica de fácil acessibilidade e local de conversas. Situada no andar superior, após os

¹²² Bairro nobre localizado na zona sul, distante 15 km do centro da cidade, caracterizado pela presença da praia de mesmo nome.

dormitórios, o acesso ficou restrito aos moradores da casa ou algum amigo mais próximo. Para chegar a ela, tinha que se passar pelo quarto do casal. A escada externa que lhe daria acesso foi desaconselhada pelo arquiteto como medida de segurança (Beatriz Góis Dantas, 2019).

A biblioteca de Beatriz em ambientes ocupados anteriormente sempre foi facultada aos alunos e pesquisadores que necessitavam de material para suas pesquisas, no entanto, a nova disposição, aliada às características arquitetônicas, dificultou o acesso e restringiu as práticas de sociabilidade.

Figura 33 – Visão parcial da biblioteca particular de Beatriz Góis Dantas e Ibarê Dantas, na residência atual (2020).



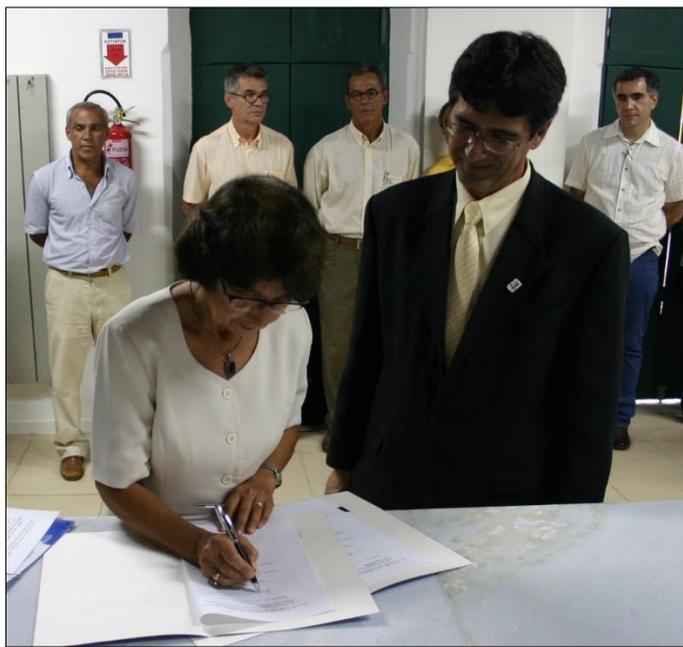
Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

O acervo conta hoje com, aproximadamente, seis mil exemplares distribuídos em mais de um ambiente, em face do crescimento exponencial de títulos que foram sendo adquiridos gradativamente. Em 2013, foram doados à Biblioteca Pública Epifânio Dória, um total de cento e cinquenta e nove livros, divididos em três lotes, cada um com características distintas. O primeiro lote continha cento e trinta e quatro livros de cordel adquiridos pessoalmente ou presenteados por amigos, parentes e alunos; um outro lote era composto por dezessete exemplares da coleção do pai de Beatriz, organizados e encapados em forma de livro único, com o título *Os Livros de meu pai*, e um terceiro conjunto de livros relacionados ao tema cordel. A doação foi acompanhada por uma carta na qual ela dizia:

Estou me desfazendo de livros de cordel que, sob condições diversas, deram entrada em minha biblioteca particular, ao longo de muitos anos. Considerando que eles podem ser úteis para ampliar ou renovar o acervo de livros de cordel dessa instituição, estou enviando-os devidamente acompanhados de uma relação contendo título, autor, local e ano de edição e número de páginas de cada folheto para que possa submeter à avaliação do setor competente (DANTAS, 2013).

Além da Biblioteca Pública Epifânio Dória, a biblioteca do Campus de Laranjeiras da UFS também recebeu livros em doação¹²³. Para formalização da entrega dos títulos e exemplares, foi preparada uma solenidade como uma espécie de reconhecimento à trajetória da professora integrada à história da UFS, que iniciou sua caminhada de pesquisadora na cidade de Laranjeiras.

Figura 34 – Solenidade de doação de livros ao Campus de Laranjeiras.
2008



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

A doação de livros se configura em uma maneira de perpetuação da posse do livro, na medida em que o nome do doador fica vinculado ao objeto doado, se constituindo em uma via de duplo benefício, uma vez que há proveito para quem recebe e garantia de preservação para quem oferta. A escolha do Campus de Laranjeiras para receber uma parte do acervo da professora Beatriz demonstra um sentimento de identidade duplamente significativo. Por um lado, com a universidade na qual desempenhou, por tantos anos, a prática da docência e da pesquisa, por outro, o fato de contribuir com o exercício da gestão, muitas vezes e, com a cidade que definiu como lócus de investigação de tantas manifestações culturais.

A trajetória da professora Beatriz Góis Dantas como professora, pesquisadora e escritora foi sendo consolidada por meio da sua atuação junto aos alunos, aos seus pares, às

¹²³ Mais de dois mil impressos foram doados para bibliotecas públicas e particulares, entre títulos e exemplares de livros, periódicos e folhetos.

instituições ligadas à educação e à cultura sergipanas, além da sua produção intelectual. Composta por “livros, catálogos, relatórios, pareceres, artigos, entre outros, temas como religião, folclore, patrimônio cultural, fazeres populares, danças, folguedos e índios” (SANTOS, 2014), sua obra, em conjunto, caracteriza suas práticas de escrita, elencadas na próxima seção.

5 O “ESCREVER” DA INTELLECTUAL

A cultura do escrito vai desde o livro ou o jornal impressos até a mais ordinária, a mais cotidiana das produções escritas, as notas feitas em um caderno, as cartas enviadas, o escrito para si mesmo, etc. Parece-me que na escrita há um continuum desde a prática da escrita ordinária até a prática da escrita literária.

(CHARTIER, 2001)

A história das práticas de escrita femininas, em seus mais diversificados gêneros, mostra que a atividade literária se tornou, ao final do século XIX¹²⁴, admissível para mulheres pertencentes às classes abastadas que, passaram a quebrar as fronteiras entre o privado e o público publicando em jornais, em princípio, camufladas por pseudônimos. Inicialmente restritas a uma escrita no âmbito privado da família, as mulheres se apropriaram, conforme Perrot (2005), “[...] de todos os campos da comunicação e da criação: poesia, romance sobretudo, história, às vezes, ciência e filosofia mais dificilmente” (PERROT, 2005, p. 13), passando, progressivamente, a ocupar um cenário outrora eminentemente masculino.

Chartier conduz a pensar, a partir da definição de homem letrado, nos motivos pelos quais a mulher tardou a ser introduzida no mundo das letras e da intelectualidade. Durante muito tempo, à mulher foi negado o acesso ao conhecimento letrado e, na medida em que foi sendo conquistado o direito à educação, a formação feminina era direcionada aos cuidados com o lar, com os filhos e o marido: uma educação para a submissão. Representado como detentor de um brilhantismo intelectual, o “homem letrado” prosseguiu, por anos, dificultando a mulher de ocupar os espaços públicos. Superando as objeções e barreiras impostas, a mulher foi encontrando, gradativamente, uma via para o ingresso no ambiente público: a literatura que, aos poucos e a muito custo, a transformou na “mulher de letras”, passando a frequentar ambientes culturais e a publicar em jornais e revistas direcionadas à leitura feminina.

Durante anos, o controle que incidiu sobre a escrita feminina tolheu a participação das mulheres, impedindo-as de expressar o pensamento através da linguagem escrita, impondo uma

¹²⁴ Para uma visão do panorama da história das mulheres, no Brasil, em uma abordagem que apresenta temas como família, trabalho, educação, violência, direitos, ver PINSKY e PEDRO (2016).

história de silenciamento e opressão, negando-lhes o direito de romper com o pensamento hegemônico através do qual a esfera do privado era destinada às mulheres, enquanto que o domínio da função produtiva pública era exclusivo dos homens. Para que a mulher pudesse “[...] mostrar-se, dar-se a ver, a fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro” (FOUCAULT, 1992, p. 151), foi preciso uma desconstrução de valores e concepções vinculadas a uma forma específica de ser mulher que só começou a ser rompida no final do século XIX. Para Nunes (2007)

ao supor a passividade das mulheres e a atividade dos homens, a cultura ocidental e mais especificamente as culturas latino-americanas as empurraram para a renúncia como sujeitos pensantes, mas nem todas submeteram-se a esse padrão (NUNES, 2007, p. 406-407).

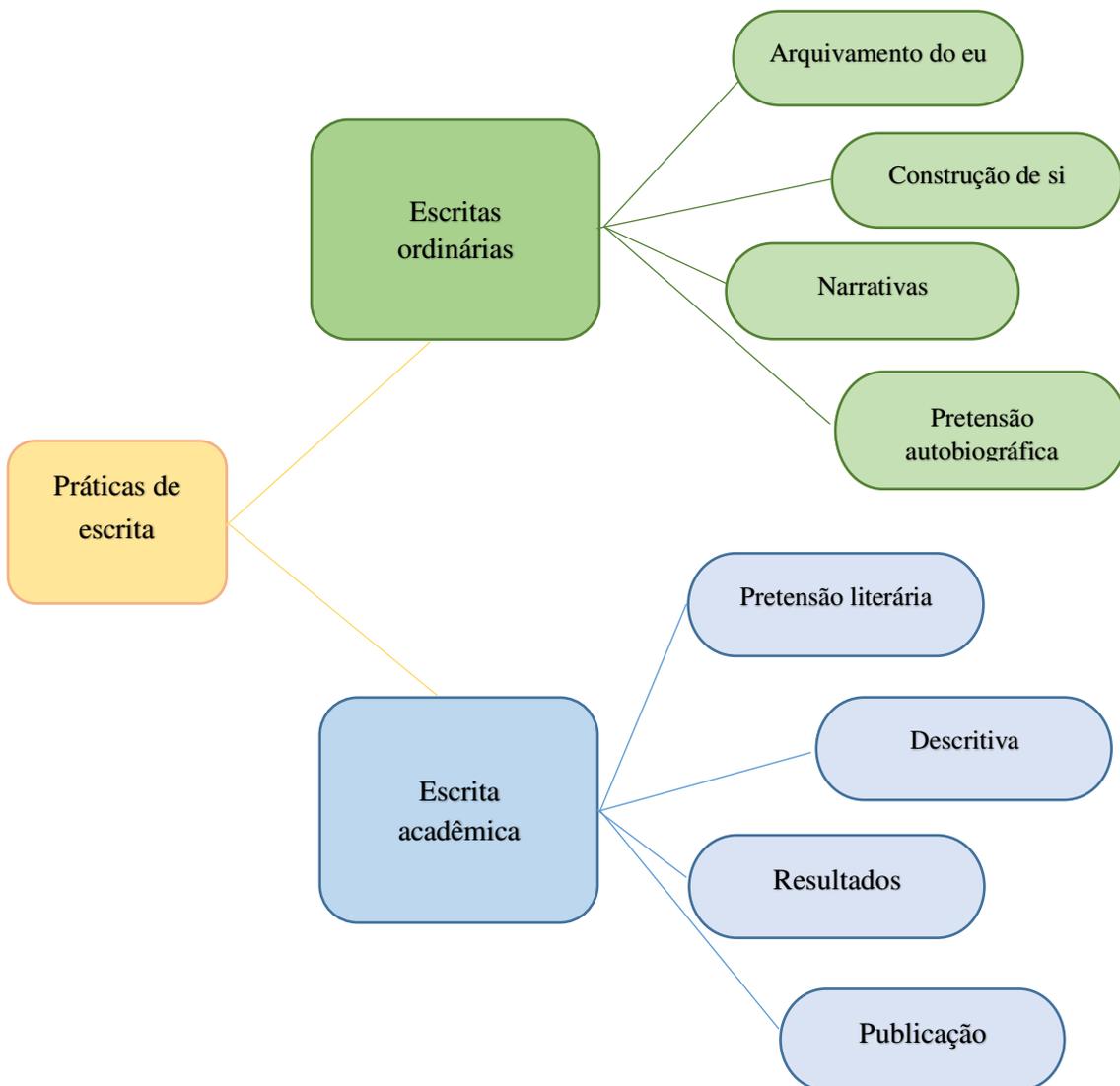
Gradativamente, as mulheres foram quebrando o isolamento e ocupando posições de prestígio no mundo da intelectualidade e da produção cultural. As recordações de Beatriz mais longínquas a respeito de textos produzidos por ela remetem aos discursos que ela escrevia por solicitação das freiras do Colégio Nossa Senhora de Lourdes no período em que estudou na instituição. As sacramentinas estimulavam a produção literária, provavelmente acompanhando as aptidões das alunas, tornando costumeira a ocorrência de discursos no colégio, especialmente nas solenidades, tanto de início quanto de encerramento das aulas, nas quais eram produzidos e lidos por alunas e também por professores (COSTA, 2003), traços de uma cultura escolar que expressava o caráter solene das cerimônias e festividades que marcavam o cotidiano da instituição.

Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (1996), o “momento mais fecundo da interpretação” é uma das etapas componentes da tríade “olhar”, “ouvir”, “escrever”, que caracteriza o trabalho desenvolvido pelo antropólogo na assimilação dos eventos sociais durante uma investigação científica. Se o “olhar” e o “ouvir” são talhados pelos esquemas teóricos e conceituais previamente apreendidos durante a jornada acadêmica, é o “escrever” que articula a empiria com a interpretação criativa e se constitui no momento da comunicação das ideias e da criação de um conhecimento resultante da interação entre o pesquisador e as distintas realidades estudadas.

O “escrever” que caracteriza as práticas de escrita não é exclusivo do fazer antropológico, ao contrário, ele se mostra em sua plenitude subsumido, também, em outras esferas da atividade literária que ensejam representações de um tempo no qual a escrita parece cumprir a função de embelezamento da vida cotidiana, bem como de perpetuar uma época e uma atividade, não necessariamente vinculada às práticas escolares ou profissionais e

acadêmicas. A **Figura 35** aponta as características encontradas nas escritas ordinárias, bem como na escrita acadêmica de Beatriz Góis Dantas.

Figura 35 – Caracterização das práticas de escrita de Beatriz Góis Dantas.



Fonte: Elaborado pela autora.

A “plena criatividade” referida por Oliveira (1996) emerge, também, nos escritos que, não fazendo parte de um ordenamento escolar estabelecido institucionalmente, exercem a função de possibilitar a circulação de um dado conhecimento, além de servirem como espaços de memória e de recordação de práticas cotidianas exercidas em contextos históricos específicos, proporcionando entendimento acerca de relações fraternas, imbuídos de significados surgidos nos detalhes das “escritas ordinárias” que carregam as marcas da história.

5.1 ESCRITAS ORDINÁRIAS

Repletas de vestígios da vida diária, essas escritas cotidianas trazem, na sua essência, as representações de rituais repetidos em outros tempos com o objetivo, em grande parte, de dar leveza e adornar a vida, sem a preocupação imediata de produção de obra literária e se inserem na concepção de Fabre (1993), identificando na vida rotineira, objetos que expõem histórias de quem os possui.

Enquadrados nas histórias de vida, esses objetos são mensageiros de lembranças e demonstram as experiências e as singularidades de uma época, valores, crenças e hábitos que simbolizam referências a lugares, pessoas e encaixam-se em artefatos variados como é o caso de diários¹²⁵, álbuns de fotografias, recortes de jornais, cartas, livros e outros que compõem os “objetos biográficos” (MORIN, 1969), assim chamados porque “ils sont en symbiose vivante avec leur possesseur ; jugés par ce dernier précisément irremplaçables, ils vieillissent au même pas que lui, ils s'incorporent à la durée de ses activités”¹²⁶ (p. 133). São, portanto, objetos detentores de significações, que fazem parte da vida e retratam histórias cotidianas.

Nesse segmento estão inseridos os “objetos-relíquia”¹²⁷ (RANUM, 2009), carregados de memória e de história, dos quais é exemplo o caderno que Beatriz transformou em álbum de poesias que denominou *Meu Álbum*. É um caderno de capa dura, medindo 22x15cm, cor bordô, no qual ela copiou, “ao longo do tempo, poesias que achava bonitas. Tem de tudo: tema do amor, mãe e filho, mas também poemas épicos celebrando feitos de guerra, de cunho social” (Beatriz Góis Dantas, 2020). Não há uma precisão sobre o início da escrita do álbum, tampouco da sua finalização, no entanto, ao final de um soneto de Álvares de Azevedo foi feita a indicação de que foi escrito no dia 21 de setembro de 1956, data em que Beatriz completou 15 anos.

O objeto-relíquia produzido por Beatriz em 1956, um caderno no qual transcreveu as poesias de que gostava, de autores com os quais se identificava, teve a contracapa ornamentada com uma imagem de flores em decalque que se colava à página após mergulhado em água, para dar embelezamento, sendo transformado em álbum de poesias. O decalque, tomando quase toda

¹²⁵ Nos anos 1960, Beatriz escrevia diários nos quais anotava as leituras que fazia diariamente, prática encerrada em 1964, na implantação do período de ditadura no Brasil. Esses objetos foram descartados, sendo retirados, deles, relação dos livros lidos nas décadas iniciais dos anos 1960.

¹²⁶ Tradução livre: Eles vivem em simbiose com o dono; julgados por este último como precisamente insubstituíveis, envelhecem no mesmo ritmo que ele, tornam-se incorporados na duração de suas atividades.

¹²⁷ Objetos-relíquia, conforme Ranum (2009), fazem parte do elenco de lembranças-objeto que pertenceram ou pertencem particularmente a um indivíduo, mas seu sentido é compreendido por outras pessoas, ainda que eles sejam analisados ou observados muito depois que foram produzidos, adquiridos ou presenteados. Pertencem a esse segmento livros, cadernos escolares, cadernos de recordações, objetos íntimos. A esse respeito podem ser consultados RANUM (2009); CUNHA (2009).

a extensão da página, foi emoldurado pelas expressões “Meu Álbum” na parte superior e o nome “Beatriz Ribeiro Góis” na parte inferior, grafadas com letras góticas¹²⁸, imprimindo a incontestável posse do objeto.

Figura 36 – Contracapa do caderno transformado em caderno de poesias
Meu Álbum (1956).



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

O ritual da cópia de poesias revela uma época da adolescência de Beatriz na qual ela manifestou a sua predileção por um gênero literário e por uma experiência individual que não era muito comum nas práticas do cotidiano escolar à época.

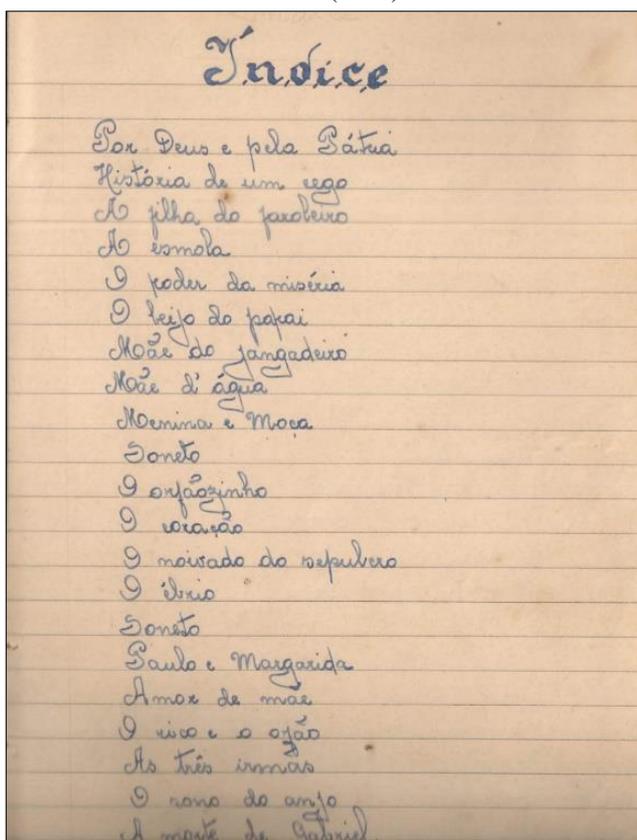
O que era mais comum na minha época do colégio era um caderno em que as colegas, em geral no final do curso, deixavam registradas opiniões sobre a dona do caderno. Algumas acrescentavam uma foto 3x4, ou um cromo como fiz no meu álbum de poesias. Outras copiavam pensamentos, enfim era um trabalho mais coletivo, uma tentativa de imortalizar momentos da vida, das

¹²⁸ Letras formadas por linhas quebradas, criadas entre os séculos XII e XIII.

colegas e dos anseios das jovens. Eu me dediquei ao trabalho solitário de copiar poesias (Beatriz Góis Dantas, 2020).

Escrita de diários, pensamentos, manifestações elogiosas a respeito de colegas, sobre páginas ornamentadas com letras cuidadosamente desenhadas, decalques, fotografias, integravam hábitos adquiridos como formas de socialização que, possivelmente, abrandavam o confinamento do internato. A prática da cópia de poesias revela as contingências de um período em que, em meio às obrigações escolares e ao distanciamento dos familiares, era vital o registro de emoções, ainda que apenas para si, transformando esse registro em um repositório de lembranças. As poesias foram organizadas por um índice. A figura em sequência apresenta a primeira página que compõe o índice criado por Beatriz.

Figura 37 – Índice do *Meu Álbum* elaborado por Beatriz. (1956)

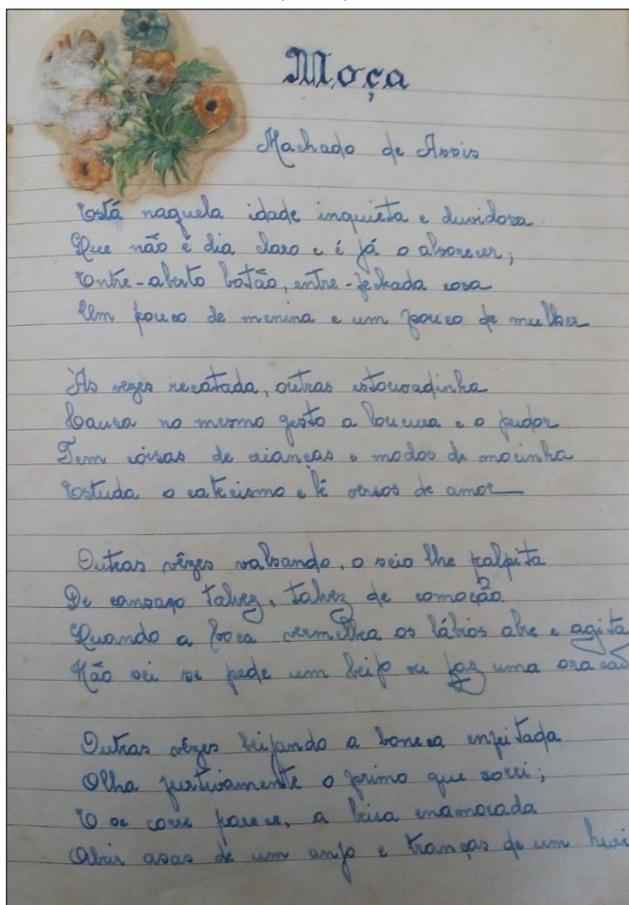


Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

O índice preparado por Beatriz em *Meu Álbum* mostra uma variedade de escrita lírica de autores distintos, ocupando três páginas do caderno, apresentando os títulos dos poemas, sem mostrar a autoria. São sessenta e duas obras de escritores de nacionalidades distintas, como Alberto Lamego, Camões, Castro Alves, Olavo Bilac, Tobias Barreto, Machado de Assis,

Rudyard Kipling, que estão dispostos nas páginas envelhecidas, sem uma ordem definida, em uma sequência aleatória. No interior do caderno, nem todas as produções trazem as indicações de autoria, no entanto, as que apresentam o autor mostram seu nome logo abaixo do título, conforme na poesia de Machado de Assis, expressa na **Figura 38**.

Figura 38 – Página do *Meu Álbum* contendo poema de Machado de Assis. (1956)¹²⁹



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

Seguindo a forma gráfica do caderno, preenchendo cada linha de cada página, obedecendo espaçamentos e pontuações, imprimindo uma organização ao texto escrito, a escrita ordinária foi traçada com letra elegante, firme e arredondada, “cujo talhe imprimia uma particularização definitiva aos documentos: letra de professora!” (MIGNOT; CUNHA, 2006, p. 42), resultado provável de um treinamento caligráfico esmerado nos tempos das primeiras letras.

¹²⁹ O poema é denominado *Menina Moça*, escrito por Joaquim Maria Machado de Assis, integrando o livro *Falenas*, seu segundo livro de poemas, publicado em 1870.

Outro “objeto-relíquia” começou a ser produzido em 1964, após o casamento, quando Beatriz iniciou uma catalogação dos livros que o casal possuía até então, com a intenção de continuar atualizando as informações na medida em que mais títulos fossem sendo adquiridos. Para tanto, páginas foram deixadas em branco entre blocos de informações agrupadas por temas, em um caderno medindo 22x15cm, com capa dura, na cor cinza.

Os títulos das obras foram organizados em três tipos de disposição, distribuídos por todo o caderno. Um primeiro bloco de títulos apresenta relações contendo livros em ordem alfabética; o segundo é composto de livros divididos por assunto, enquanto o terceiro bloco traz uma relação contendo os nomes dos autores, em ordem alfabética, alguns apontando o prenome, outros o último sobrenome, sem um padrão configurado, a não ser a letra delineada. A quantidade de livros e a organização por assunto estão demonstrados no quadro abaixo:

Quadro 7 – Quantidade de livros organizados por assunto no caderno de inventário ¹³⁰

Assunto	Quantidade
Filosofia	13
Problemas sociais	14
Religião	17
Política e Economia	09
História Literária	18
Crítica	08
Biografias	34
Poesias	19
Contos	07
Romances	50
Crônicas	08
Memórias	04
Formação	07
Psicologia	08
Português	09
Arte	06
Ideologias	03
Estudos nacionalistas	16
História	20
Antropologia	04

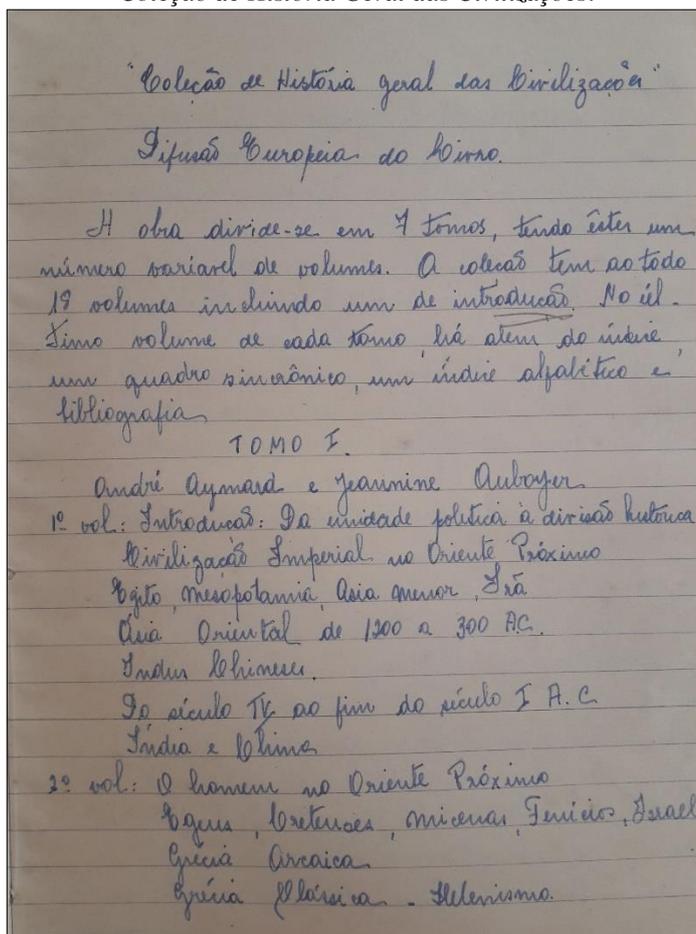
Fonte: Caderno de inventário de livros de Beatriz Góis Dantas.

Organizados entre os vinte temas, estão distribuídos duzentos e setenta e quatro títulos de livros que nem sempre se repetem nos outros blocos. No bloco disposto em ordem alfabética constam quatrocentos e oito livros, sem contabilizar a *Coleção de História Geral das*

¹³⁰ A disposição dos assuntos no quadro seguiu a ordem que se encontra no caderno.

*Civilizações*¹³¹, composta por dezessete volumes, distribuídos em sete tomos, adquirida por Ibarê Dantas, em 1961, quando ainda eram namorados, conforme já mencionado, dando início à formação da biblioteca do casal. Essa obra aparece, no caderno, descrita com detalhes, reproduzindo os temas tratados em todos os volumes, conforme aparecem nos livros da coleção.

Figura 39 – Página do caderno de inventário de livros contendo descritivo da *Coleção de História Geral das Civilizações*.

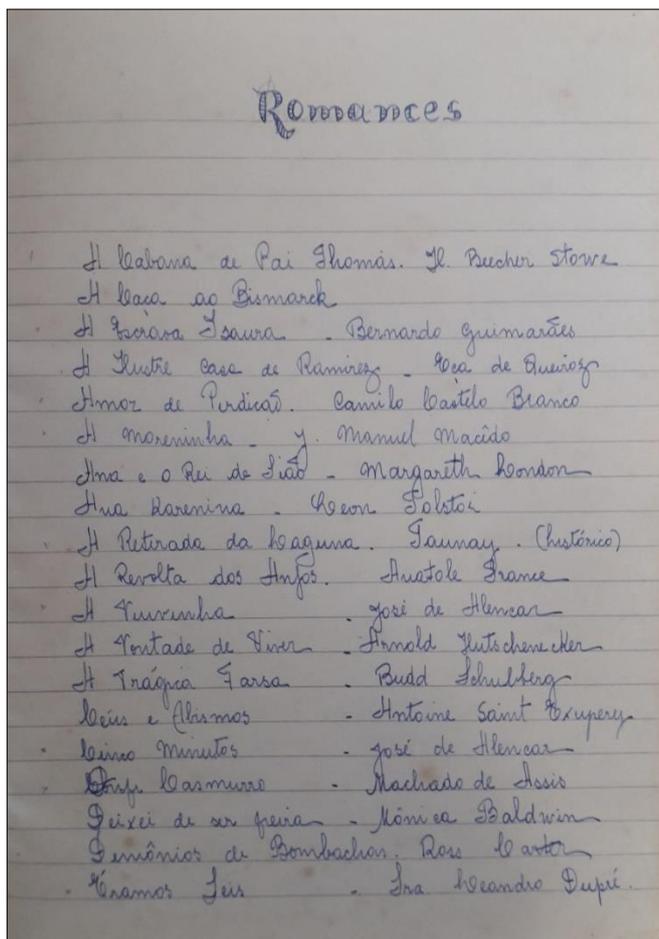


Fonte: Caderno de inventário de livros de Beatriz Góis Dantas.

A descrição dos tomos e volumes ocupa cinco páginas do caderno, indicando os autores de cada tomo, contendo os temas distribuídos nos volumes que compõem cada um dos tomos da coleção. No bloco dos livros apresentados por assunto, os títulos de cada relação estão grafados com letras desenhadas, conforme a figura abaixo.

¹³¹ Coleção publicada na França, em 1957, pela Presses Universitaires de France, sob a direção do historiador Maurice Crouzet, autor do tomo VII, que trata da Época Contemporânea.

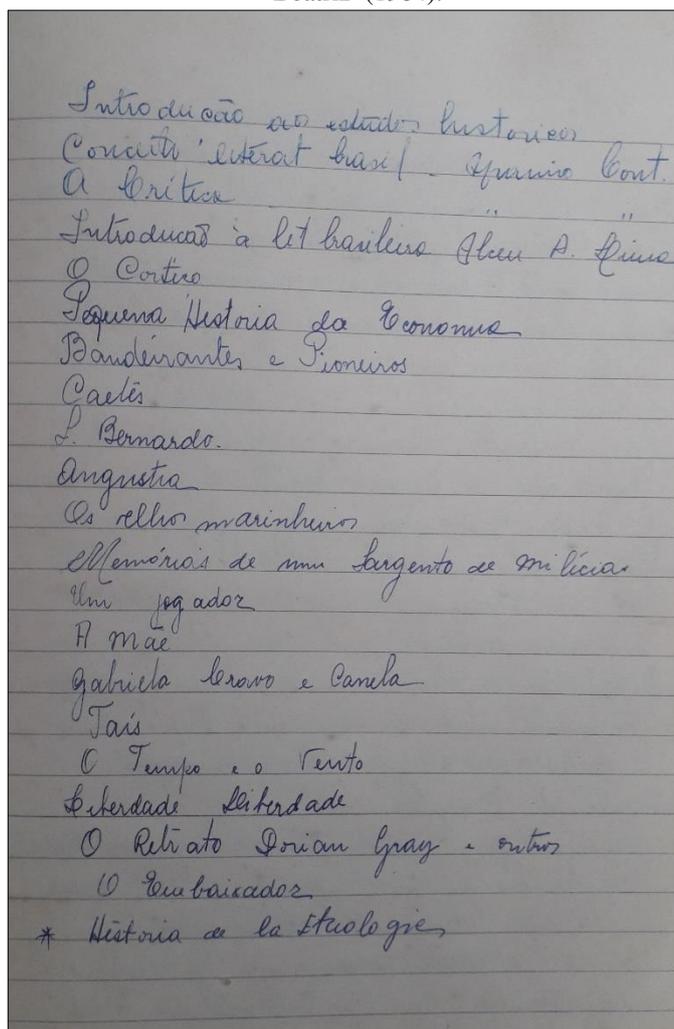
Figura 40 – Página do inventário de livros de romances da biblioteca de Beatriz 1964.



Fonte: Caderno de inventário de livros de Beatriz Góis Dantas.

A maior parte das anotações foi feita em 1964, às quais foram sendo acrescentados livros adquiridos em 1965, conforme anotações escritas a lápis ao lado de alguns títulos. Ao final do caderno, ocupando as seis últimas páginas, estão dispostos cento e trinta e cinco títulos que, segundo informação colocada a posteriori, foram lidos por Beatriz. Não há precisão das datas em que foram lidos, no entanto, a presença, na relação, do livro *Guerra e Paz*, sugere leituras no ano de 1961. A página que antecede a lista com os livros lidos traz um comentário escrito em data posterior, indicando que, duas entre as obras inventariadas, constavam na biblioteca da FCFS: *Historia de la etnologia*, escrita por Robert H. Lowie, em 1946 e *Una teoria científica de la cultura*, de autoria do antropólogo Bronislaw Malinowski, escrita em 1948, ressaltadas, no caderno, com um asterisco. A **Figura 41**, abaixo, reproduz a primeira das seis páginas que contêm as anotações dos livros lidos.

Figura 41 – Página do caderno de inventário contendo relação de livros lidos por Beatriz (1964).



Fonte: Caderno de inventário de livros de Beatriz Góis Dantas.

Não obstante o projeto de catalogação dos livros ter sido interrompido, o caderno que serviu para fazer o inventário demonstra a circulação de obras em um determinado período histórico, assim como proporciona a compreensão acerca de interesses, preferências e, sobretudo, explicita uma prática singular de escrita, que teve como objetivo a preservação das memórias de leitura desenvolvidas em momentos específicos.

Nesse sentido, é possível destacar obras de autores brasileiros, a exemplo de Machado de Assis, Jorge Amado, Aluísio Azevedo, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, José de Alencar, Visconde de Taunay, Luciano José Cabral Duarte, Manuel Antonio de Almeida. Sobre os autores estrangeiros foram especificadas obras de Leon Tolstói, Fiódor Dostoiévski, Maxim Gorki, Oscar Wilde, Juan Ramon Jimenez, Walter Scott, Roger Dombre, Antoine de Saint-

Exupéry, além dos nomes ligados à Antropologia, como Bronislaw Malinowsky e Robert Lowie.

Entre os brasileiros destacam-se, principalmente, pela recorrência de obras, Machado de Assis, Graciliano Ramos e José de Alencar, demonstrando uma predileção por contos, crônicas, poemas, sonetos e romances, gêneros literários desses autores. Convém assinalar, na relação de livros lidos, a presença de títulos pertencentes à *Coleção Menina e Moça*¹³², publicada pela editora José Olympio¹³³, destinada à formação de meninas leitoras.

Ao elaborar um inventário dos livros adquiridos, bem como dos livros lidos, Beatriz exercitou aquilo que Artières (1998) expressa como “arquivar a própria vida” e que consiste em preservar pertences, papéis, guardar objetos, classificar e categorizar elementos do cotidiano, registrando, por meio da escrita, uma prática comezinha. No entanto, nesse arquivamento há uma escolha, uma intencionalidade e os registros não são aleatórios, nem tudo é, efetivamente, arquivado.

5.2 ESCRITAS DE SI

Uma das formas desse arquivamento da vida a ser ressaltada consiste numa intenção autobiográfica. Segundo o historiador francês, “numa autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa” (ARTIÈRES, 1998, p. 11), demarcando uma “construção de si”. Ao escrever um texto sobre aspectos de sua vida pessoal, o escritor parte do presente em busca do passado e refaz situações que já ocorreram, referenciadas pelo que Pollak (1992) define como sendo os elementos constitutivos da memória, acontecimentos, pessoas e lugares.

No momento em que são lembrados, esses elementos adquirem uma significação consistente quando são relacionados a grupos de convívio social, tais como a escola, a família, espaços de coletividade aos quais os indivíduos estão, em maior ou menor medida, ligados. No ordenamento de suas reminiscências, Beatriz rememora parte do passado que, apesar das

¹³² Coleção publicada a partir de 1934, composta de livros traduzidos da coleção francesa *Bibliothèque de Suzette*, que circulou na França a partir de 1920. A *Coleção Menina e Moça*, assim como a original, era voltada para meninas católicas, pertencentes a famílias de classe mais abastada. De acordo com estudo realizado por Mirian Hisae Yaegashi Zappone, o editor José Olympio assegurou a recepção da coleção, especialmente por parte dos pais, inserindo no grupo de avaliadores da obra, além de intelectuais brasileiros reconhecidos no campo literário, o padre Álvaro Negromonte, assegurando o valor moral das obras. Detalhes acerca da coleção, ver ZAPPONE (2013).

¹³³ Fundada em 1931, na cidade de São Paulo, foi ponto de encontro de grandes escritores e intelectuais a partir da sua criação. Além da *Menina e Moça*, publicou coleções como *Documentos Brasileiros*, coordenada por Sérgio Buarque de Holanda. A história da editora pode ser conferida em SOARES (2006).

imprecisões próprias do ato de lembrar, associadas às interposições do presente, permaneceu configurado na memória pela importância afetiva, retornando como uma recordação delineada pela vontade de perenizar os momentos longínquos.

“Iniciados como rabiscos despreziosos, quase desabafos de saudade” (DANTAS, 2011), Beatriz escreveu, entre 1985 e 2011, quatro pequenos textos que ela denominou “registro de memórias” e reuniu em uma pequena encadernação com 84 páginas presas por capa e espiral de material plástico, com intenção de fazer circular no seio familiar.

Figura 42 – Capa do impresso *Figuras da Infância* (2011).



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

Já no preâmbulo, a autora mostra que se tratam das “lembranças de quatro figuras, de certo modo dependentes de meu pai, com quem convivi no espaço das fazendas no final da década de quarenta e ao longo dos anos cinquenta do século XX” (DANTAS, 2011), escritas ao sabor das recordações afloradas pela morte de algumas delas, ou levada por aqueles momentos em que o passado insiste em se fazer presente. E foi esse passado que ela quis compartilhar com um “[...] jovem nascido e criado na cidade, geração *shopping-center*”, seu neto, mais de cinco décadas após ter vivenciado aventuras inesquecíveis com as suas “Figuras da Infância”.

A dedicatória em uma obra escrita compreende um ritual, afirma Chartier, sendo revestida de aspectos formais. Nessa formalidade, o autor transmite ao leitor o texto que escreveu, conferindo a destinação que deseja dar à sua produção. É ato de troca, de permuta, no qual aquele que escreveu “com bela caligrafia e ricamente ornamentada” (CHARTIER, 1998, p. 39) espera receber em troca “manifestações de benevolência” que, no caso de Beatriz, se consolidariam na leitura do texto ofertado. A **Figura 43** mostra a dedicatória de Beatriz para o neto.

Figura 43 – Dedicatória feita por Beatriz para seu neto no impresso *Figuras da infância* (2011).

Para você, jovem nascido e criado
no século, gerados shopping-centers e
conectado com o mundo através das
máquinas, esses textos de lembranças
de gente nascida e criada em fazendas
no início da década de 40, são, no
mínimo, chatos de ler.

Se algum dia, porém, você se
armar de coragem e se der ao tra-
balho de lê-los, verá que, à parte
a especificidade da infância de sua
avó, alguns temas, como poder, sa-
gacidade, sabedoria de viver, recípro-
cidade, solidariedade, vocação artística
e tanto outro, são recorrentes em
diferentes formas de sociedade e
se expressam de modo diverso na
vida de cada um, mas estão sempre
presentes.

Com um afetuoso abraço de
vó Beatriz, no dia em que
completa 70 anos.

Apr. 21.09.2011.

Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

Na mensagem de oferecimento do texto, são elencados argumentos para a efetivação da leitura por parte do receptor, carregados de estímulos reunidos nas temáticas existentes na história contada. “Poder”, “sagacidade”, “solidariedade”, “sabedoria” são algumas características apontadas como estando presentes nas memórias consolidadas nas “Figuras da Infância”, que Beatriz registrou com uma leveza de estilo peculiar, livre das amarras

acadêmicas. Sem pretensão de publicação, intencionando a construção de uma memória familiar, o texto revela situações envolvendo quatro mulheres, Bernardina, Juana, Dona Anjinha e Josina, que conviveram com Beatriz e seus irmãos no início do século XX, final dos anos 1940 e no decorrer dos anos 1950. Remete ao cotidiano da vida nas fazendas, sem preocupação com uma cronologia linear, ressaltando os traços da personalidade de cada uma delas, apontados na condução dos trabalhos desenvolvidos na hierarquia familiar, bem como nos afazeres domésticos mesclados com a devoção aos seus patrões.

Fixar a memória familiar significa refletir sobre histórias de vida e sobre fatos que constituíram uma trajetória na qual memória e acontecimentos estão intimamente associados. Essa reflexão sobre fatos relacionados com a sua própria história de vida resultou em outra publicação de Beatriz, dessa feita, tendo como foco a figura de seu pai, Antônio Germano de Góis¹³⁴.

De circulação restrita entre os familiares, o texto apresenta, na introdução, o esclarecimento da autora, afirmando que possuía uma antiga pretensão de escrever sobre a história de seu genitor, situando o fazendeiro no contexto histórico sergipano em que viveu e, para isso, ouviu irmãos, empregados, parentes em geral, e consultou velhos papéis guardados. No entanto, “o projeto desandou, sempre adiado por outras solicitações mais urgentes” (DANTAS, 2016, p.9), até que “o amor filial falou mais alto”.

O livro apresenta a trajetória de Antônio Germano de Góis, um próspero senhor de muitas terras, em uma narrativa que abrange o nascimento no sertão sergipano, a infância, a descoberta da aptidão para a lida no campo, casamento, nascimento dos filhos, netos e bisnetos, a trajetória de vida que inclui as atividades de Beatriz. Elaborado para circulação entre os membros da família, é dedicado aos descendentes de Antônio Germano de Góis em uma epígrafe nas primeiras páginas.

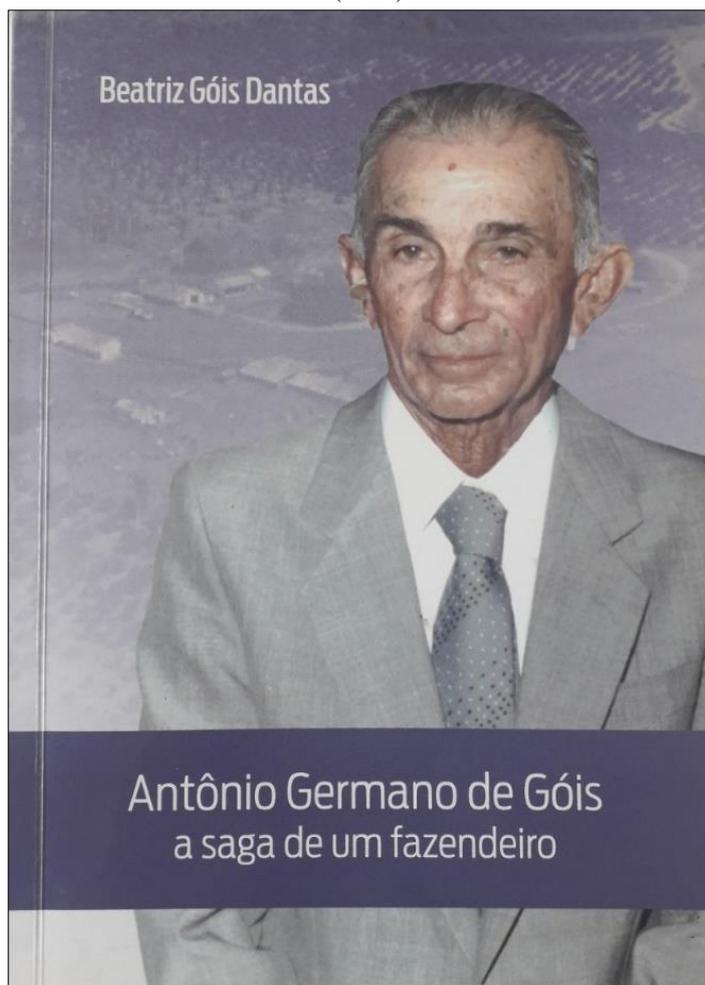
Este livro é dedicado aos descendentes de Antônio Germano de Góis que fazem da terra a sua labuta diária¹³⁵, trabalhando entre plantações e criações, semeando bons exemplos, cultivando esperanças e eternizando a sua memória (DANTAS, 2016, p. 7).

¹³⁴ Embora tenha sido publicado em 2016, extrapolando o limite temporal dessa tese, o texto é apresentado por ter sua escrita iniciada em anos anteriores, fazendo parte de um projeto de investigação e registro da história familiar, além de mostrar aspectos pertinentes às práticas de leitura e escrita de Beatriz Góis Dantas.

¹³⁵ Os três filhos de Antônio Germano, irmãos de Beatriz, seguiram as atividades do pai e se transformaram, também, em fazendeiros.

Medindo 21,5cmx15,5cm, o livro foi impresso em papel brilhoso resistente, ricamente ilustrado com quarenta fotografias distribuídas ao longo de suas oitenta páginas. Ao final, apresenta uma cronologia que, embora considerada “breve”, resume os principais acontecimentos da vida do fazendeiro. A capa da única edição está reproduzida na **Figura 44**.

Figura 44 – Capa do livro *Antônio Germano de Góis: a saga de um fazendeiro*. (2016)



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

Na introdução, Beatriz explica o caminho percorrido para a elaboração do texto em homenagem aos 100 anos de nascimento de seu pai, afirmando que “resumi tudo que havia laboriosamente levantado ao longo dos anos, e vali-me muito das minhas lembranças pessoais e experiências vividas ao seu lado, como a filha mais velha” (DANTAS, 2016, p. 10). Outras lembranças também foram importantes na construção do material, como demonstrado nessa mesma parte do livro.

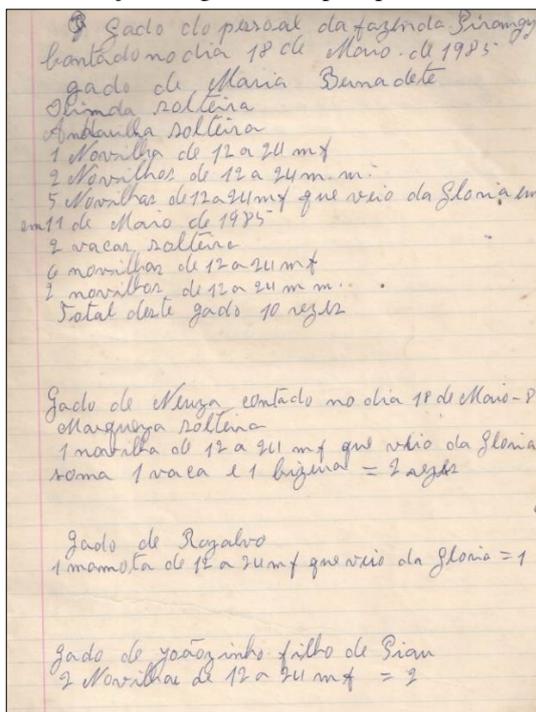
Os irmãos Berlangue, José, Maria Bernadete, Neuza, Flávio e Ana Maria, aqui anunciados por ordem de nascimento, prestaram sua colaboração em vários momentos. Os irmãos homens, todos eles fazendeiros, auxiliaram nos deslocamentos de campo e nas informações mais técnicas. Dividi com as irmãs, todas elas professoras, a busca de fontes escritas e orais e a leitura final do texto. [...] Um agradecimento especial a Ibarê, meu marido, pelo estímulo e sugestões; ao filho Ibarê Júnior, pela leitura e observações derivadas de intenso convívio com o avô Antônio; à filha Sílvia, pelos cuidados na apresentação do trabalho (DANTAS, 2016, p. 10-11).

Além da introdução, o livro está dividido em nove capítulos que, pelos títulos apresentados, dão uma ideia do que está sendo descrito em cada um deles: Do sertão ao agreste; No Vaza-Barris: aprendendo a ser fazendeiro; No São Francisco: administrando o que era dos outros; Na Glória: senhor de si e do seu cabedal; Cadernos de anotações das fazendas; Os livros e as leituras de meu pai; O legado de Antônio Germano; Descendência; Breve cronologia.

Cumprido ressaltar duas práticas desenvolvidas por Antônio Germano, relatadas por Beatriz em dois capítulos do livro acima. No capítulo *Os livros e as leituras de meu pai*, são descritos os hábitos e as preferências de leitura demonstradas por meio do *Almanaque do Pensamento* e dos livros de cordel, já mencionados na seção 2, referentes às práticas de leitura da intelectual. A prática de ler almanaques tinha, para o fazendeiro, o sentido utilitário de consulta a respeito de práticas agrícolas a serem desenvolvidas nas suas terras, seguindo as orientações adequadas ao calendário anual. As indicações eram atualizadas a cada ano, tão logo chegava a edição nova e o exemplar do ano que findava ia ocupar um lugar na escrivaninha. Os livrinhos de cordel eram adquiridos semanalmente, aos sábados, nas feiras e lidos em silêncio, por vezes quebrado com uma gargalhada e alguns comentários a respeito do tema.

No capítulo *Cadernos de anotações das fazendas*, Beatriz apresenta a escrituração das fazendas que seu pai fazia em cadernos de folhas pautadas, às vezes em folhas soltas, destinados à administração dos bens e das atividades relativas ao trabalho nas suas terras. A **Figura 45** mostra uma das fotografias que ilustram o livro, referente às anotações feitas por Antônio Germano em um caderno, iniciado em 1985, reservado aos apontamentos sobre o gado de sua propriedade.

Figura 45 – Fotografia existente no livro *A saga de um fazendeiro*
Folha de anotações de gado feitas pelo pai de Beatriz (1985).



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

Nas anotações de Antônio Germano, é possível vislumbrar a contabilidade que o fazendeiro fazia após as atividades de contagem dos gados existentes nas suas fazendas, cuidando de registrar a quem pertenciam, entre filhos e empregados incluindo, nesses registros, a movimentação entre as diferentes propriedades.

Para escrever sobre a trajetória de vida de seu pai, Beatriz utilizou a narrativa para expressar as lembranças de experiências vividas por ela própria, além de outras pessoas que participaram dos mesmos acontecimentos, caracterizando a escrita autobiográfica que “é uma forma de história autorreferente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais” (ABRAHÃO, 2004, p. 202), na qual o uso da memória é condição indispensável.

Segundo a concepção de Halbwachs, nunca se está só, visto que todos são seres sociais, por isso “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos” (HALBWACHS, 1968, p. 26). Sendo assim, o indivíduo que lembra é alguém que está inserido em um determinado grupo social, dele participando ou já tendo participado, por conseguinte, seus pensamentos estão, de certa forma, vinculados a outras existências e são remetidos a outras pessoas, por isso as lembranças são construídas socialmente. Rememorando o passado, Beatriz evocou, também, as lembranças de outras pessoas, dentro de um limite de espaço e de tempo,

para construir uma produção biográfica e autobiográfica, caracterizando suas escritas ordinárias, com singularidades distintas das escritas que possuem, efetivamente, pretensões literárias e científicas.

5.3 DAS ALDEIAS AOS TERREIROS: A ESCRITA ACADÊMICA

As atividades de pesquisa desenvolvidas por Beatriz surgiram vinculadas às atividades de docência, a partir do ingresso na FCFS, como professora na área da Antropologia, como visto anteriormente. Essas atividades tiveram início em função dos questionamentos de alunos a respeito dos índios em Sergipe¹³⁶. A procura pela resposta a essas e outras tantas indagações levaram a professora aos arquivos, e a partir das informações encontradas, bem como das inúmeras não localizadas, foi se delineando uma produção escrita que, gradativamente, elegeu outros temas de interesse, consolidando uma produção multifacetada e plural dentro da Antropologia.

Dessa busca resultaram alguns trabalhos já publicados, nos quais o desaparecimento dos índios é analisado como um processo de negação de identidades articulado à expropriação de terras indígenas, no bojo de construção da nação concebida como entidade monolítica. Desse interesse inicial pela história dos índios [...] alarguei a investigação para outros campos (DANTAS, 1999).

Ampliando sua atuação como pesquisadora, a antropóloga estabeleceu ligação entre temas que tinham como finalidade a investigação social, transpondo e unindo os limites entre ciências afins. Para Darnton, “[...] o contato entre a antropologia e a história foi benéfico para ambas, na medida em que oferecem vias complementares de atingir o mesmo objetivo: a interpretação da cultura” (DARNTON, 2010, p. 228). Na interpretação dos aspectos culturais investigados, a escrita foi, assim, se configurando em temas surgidos nas suas incursões pelo “mundo do outro”, atenta às diversidades sociais, respeitando as diferentes manifestações culturais, ancorada pelas concepções de interação e observação direta, singularidades da observação participante, base do trabalho de campo, característica da pesquisa etnográfica.

A pesquisa etnográfica pressupõe a imersão do pesquisador no ambiente que ele quer investigar, participando de forma ativa do cotidiano das pessoas que formam uma comunidade

¹³⁶ Na literatura específica, escritores afirmavam que, a partir da segunda metade do século XIX, não havia registros de índios em Sergipe, apenas mestiços, no entanto, no início da centúria, apareciam nos textos, cinco aldeias reconhecidas oficialmente como povoações indígenas. Ver DANTAS (1980).

específica ou um grupo, penetrando nas vivências diárias dos componentes da realidade que ele deseja tomar como objeto de estudo.

Figura 46 – Beatriz em trabalho de campo na Ilha de São Pedro.
(1980)



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

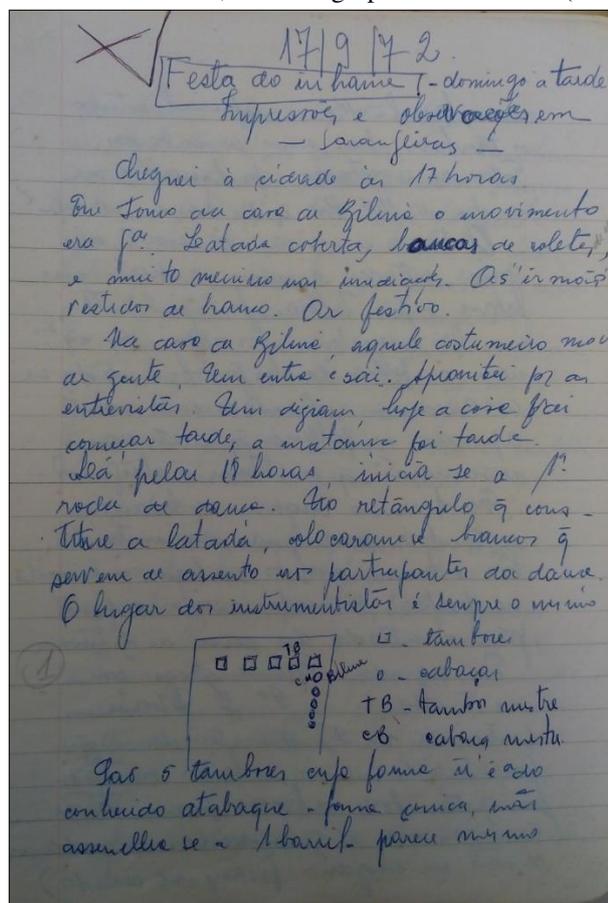
Na fotografia acima, a pesquisadora conversa com uma remanescente dos índios Xocó¹³⁷, coletando e anotando dados que servirão, algum tempo depois, para subsidiar a produção de trabalhos escritos dentro do tema da etnohistória indígena. A pesquisa sobre os índios sergipanos foi iniciada em 1968, em princípio uma busca por documentos, que se estendeu por mais de uma década.

Para consolidar seus estudos o pesquisador precisa registrar o que observa, da forma mais detalhada possível, criando notas de campo que descrevem as experiências vividas no decorrer dos movimentos do grupo analisado. Esse é o processo central da etnografia, assim caracterizado por Geertz: “O etnógrafo inscreve o discurso social, ele o põe no papel. Procedendo deste modo, ele o transforma [...] em um relato, que existe em sua inscrição e pode ser novamente consultado” (GEERTZ, 1973, p.19). As anotações de campo preservam as percepções do pesquisador, que são estimuladas pelas experiências vividas em situação de proximidade e a longo prazo. Na verdade, é exatamente essa imersão que habilita o etnógrafo a inscrever as notas de campo detalhadas que Geertz denomina como “descrição densa”

¹³⁷ Comunidade indígena localizada na Ilha de São Pedro, no município de Porto da Folha/SE, no alto sertão sergipano. Expulsos em função da política indianista durante o Império, o povo xocó recuperou a posse da terra depois de anos de luta e embates com fazendeiros da região. Para conhecer detalhes da história dos índios xocó e dos aspectos legais que envolveram a recuperação da posse do território sergipano, conferir DANTAS e DALLARI (1980).

(GEERTZ, 1973). A **Figura 47** demonstra um exemplo das anotações de campo feitas por Beatriz.

Figura 47 – Anotações feitas por Beatriz na pesquisa de campo no terreiro de Bilina, chefe do grupo das Taieiras¹³⁸ (1972).



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

Na “descrição densa” acima, Beatriz anotou as observações e impressões que teve em trabalho de campo desenvolvido em 1972, e representam o que estava sendo observado na preparação de um ritual de dança do terreiro de Bilina, em Laranjeiras, cidade na qual iniciou suas atividades de pesquisa em 1969.

Situada a 18 km da capital Aracaju, Laranjeiras já foi apelidada de Atenas Sergipana, em função de sua importância cultural, econômica e política que lhe deram um significativo grau de desenvolvimento no século XIX. A riqueza era proveniente do açúcar que era produzido nos engenhos estabelecidos às margens do rio Cotinguiba, favorecidos pelo tipo de terreno e pelo porto que auxiliava o fluxo da produção açucareira. Localizada na região que se consolidou

¹³⁸ Grupo folclórico de dança ritual vinculada à tradição religiosa em torno da devoção aos santos negros. Para detalhes sobre o folguedo, sua história, importância e constituição, ver DANTAS, 1ª. edição (1972), 2ª. edição (2013).

como a principal zona açucareira de Sergipe, no século XIX, a cidade concentrava uma população de origem africana, da qual ficou marcada, na cultura local, uma influência determinante.

A atividade produtiva dos engenhos era garantida por um significativo contingente de negros escravos dispersos pelas fazendas e pela cidade e essa numerosa população acarretava uma divisão social, tanto nas ocupações quanto nas diversões. Nos ritos religiosos, a divisão social também se fazia sentir e destinava cada segmento a uma irmandade específica, coexistindo as religiões católica e africana com seus ritos próprios. “Transitando entre o terreiro e a igreja, os negros engendraram formas de preservar suas tradições” (DANTAS, 2007, p. 12), que se mantiveram na forma de manifestações culturais e religiosas ao longo dos séculos, mesmo após a perda do apogeu econômico da cidade.

As manifestações culturais acompanhadas de perto por Beatriz na cidade de Laranjeiras possibilitaram as produções que tiveram como tema as expressões folclóricas e as atividades relacionadas à religiosidade dos cultos afro-brasileiros. A pesquisa de campo ali desenvolvida foi originada na interação com alunos em sala de aula. Ministrando Etnografia do Brasil, no ano de 1969, discorrendo sobre o negro e a cultura brasileira, a professora Beatriz afirmou que “[...] a Taieira era uma expressão folclórica extinta [...]” (DANTAS, 2013, p.13), tomando como suporte teórico a bibliografia consultada¹³⁹, sendo contestada por um aluno que assegurava haver apresentações anuais de um grupo da dança-cortejo, na cidade em que morava, Laranjeiras, em comemoração ao Dia de Reis¹⁴⁰.

Foi a Taieira que me levou a Laranjeiras em meados de 1969. Acompanhada por meu aluno Paulo, filho de Juca Leite, à época zelador da Igreja de São Benedito e reorganizador da irmandade homônima, fui apresentada a Bilina, como a professora da universidade que queria pesquisar a Taieira (DANTAS, p. 56).

Entre 1969 e 1978 Beatriz desenvolveu suas pesquisas de campo naquela cidade, tempo durante o qual conviveu com manifestações culturais, rituais folclóricos, dramatizações populares impregnadas de significados revelados nas representações dos atores sociais inseridos nas brincadeiras¹⁴¹ que já existiam, no município, desde o século XIX, descobrindo

¹³⁹ *Danças dramáticas do Brasil* (ANDRADE, 1959); *Dinâmica do folclore* (CARNEIRO, 1965).

¹⁴⁰ Na tradição cristã o Dia de Reis, também chamado Dia de Santos Reis, é comemorado no dia 6 de janeiro, finalizando as festividades referentes ao nascimento de Cristo. A data é relativa ao dia em que os três reis magos visitaram Jesus Cristo, levando como presentes ouro, incenso e mirra, originários da região de cada um deles, respectivamente Europa, Índia e África.

¹⁴¹ A expressão remete à capacidade humana de se manifestar de maneira lúdica, alegre, divertida, festiva. A aplicação do termo às formas culturais pode ser conferida em HUIZINGA (1971).

“então que havia na cidade uma grande variedade de expressões artístico-culturais populares referidas comumente pelos nativos como brincadeiras” (DANTAS, 2013, p. 13), compondo as diversas manifestações que se materializavam em danças, folguedos, música, coreografia, encenações, brincadeiras que faziam dos componentes, os brincantes¹⁴², denominados “mensageiros do lúdico”.

Figura 48 – Beatriz em interação com o grupo dos Lambe-sujos¹⁴³.
Pesquisa de campo em Laranjeiras (1987).



Fonte: Acervo de Beatriz Góis Dantas.

O acompanhamento dessas manifestações fez germinar uma escrita na qual estão expressos o colorido das vestimentas, saias, fitas, chapéus, estandartes, tambores que imprimem ritmo às procissões e folguedos que toman conta das ruas e ladeiras da cidade, os brincantes se movendo com sua musicalidade cadenciada, festejando e celebrando ritos, cada grupo possuindo uma organização própria na qual é definida uma hierarquia a ser seguida e obedecida naqueles espaços de mediação cultural.

Os conteúdos apreendidos por Beatriz nesse trajeto, os autores estudados desde os primeiros contatos com a área antropológica, aliados aos ensinamentos dos professores que deixaram marcas e ajudaram a compor seu repertório intelectual, direcionaram a pesquisadora

¹⁴² Na mesma categorização antropológica da “brincadeira” está inserido o termo “brincante”, que diz respeito aos participantes das diferentes tradições populares.

¹⁴³ Grupo integrante da manifestação cultural que representa uma batalha entre negros escravos e índios. Os lambe-sujos são os escravos, na luta contra os caboclinhos, que representam os índios. Conferir os detalhes da alegoria em DANTAS (2013b).

para os temas sobre os quais ela iria delinear as suas linhas de pesquisa, estabelecendo interfaces com distintos campos do conhecimento, cruzando fronteiras sem, contudo, retirar do foco das ações o Estado de Sergipe.

A publicação, afirma Darnton (2010, p. 110) “é uma estratégia de sobrevivência para autores acadêmicos”, servindo tanto como meio de distinção entre pares, na conquista de um espaço delimitado, quanto para comunicar as ideias levantadas em suas pesquisas e transmitir um conhecimento, podendo utilizar, para isso, diferentes veículos de difusão.

5.3.1 Artigos publicados em revistas

A publicação em uma revista pode significar distinção intelectual e, de acordo com Sirinelli (2003), revista é o local de movimentação de ideias, de “fermentação intelectual”, ao mesmo tempo em que se constitui em “espaço de sociabilidade”. Escrevendo sobre as manifestações culturais que investigava, Beatriz começou a publicar suas pesquisas logo após iniciar sua trajetória na docência. O quadro abaixo apresenta os artigos publicados por Beatriz em revistas de diferentes localidades.

Quadro 8 – Artigos publicados por Beatriz em revistas locais e nacionais
1967-2009

	Ano	Título do artigo	Revista
1	1967	Visitando Candomblés	Revista Alvorada. Ano 1 Nº 3 Aracaju.
2	1976	Nota prévia sobre rituais folclóricos numa festa de igreja, Festa de São Benedito na cidade de Laranjeiras	Revista Sergipana de Folclore. Ano 1 Nº1. Aracaju.
3	1976	Índios e brancos em conflito pela posse da terra - Aldeia de Água Azeda: século XIX	Revista de História. Nº LXV v.II São Paulo.
4	1978	Considerações sobre o tempo e o contexto de autos e danças folclóricas em Laranjeiras	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe Nº 27 Aracaju.
5	1979	A organização econômica de um terreiro de Xangô	Religião e Sociedade. Nº 4. Rio de Janeiro.
6	1982	Repensando a pureza nagô	Religião e Sociedade. Nº 8. São Paulo.
7	1982	A missão Indígena do Geru	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe Nº 28 Aracaju.
8	1984	De feiticeiros a comunistas: acusações sobre o candomblé.	Dédalo - Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Nº 23. São Paulo.
9	1985	História de grupos indígenas e fontes escritas: o caso de Sergipe	Revista de Aracaju. Nº 8. Aracaju
10	1987	A mão e o torno: a divisão sexual do trabalho entre produtores de cerâmica.	Revista de Ciências Sociais. Nº.1 Fortaleza.

			Revista Geo-Nordeste. Nº 1 Aracaju.
11	1987	A tupimania na historiografia sergipana	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe Nº 29 Aracaju.
12	1989	História de grupos indígenas e fontes escritas: o caso de Sergipe	Revista de Antropologia. Vol. 30 São Paulo.
13	1990	Parentesco de sangre y herencia de los "santos" en el culto xangó	Revista Montalban, Caracas. Nº 22
14	1992 1996	A interdisciplinaridade como processo de trabalho: um estudo de caso envolvendo pesquisa e extensão	Ciências e Museus. vol. 4 out. p. 67-68 São Paulo.
15	1997	Fontes para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos de Aracaju	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe Nº 31 Aracaju.
16	1998	Felte Bezerra, um homem fascinado pela Antropologia	Tomo (Revista do NPCS/UFS). Nº1 Aracaju.
17	1998	Do Campus para as Escolas: uso da fotografia na divulgação de pesquisas e na integração de saberes.	Revista do Mestrado em Educação. Nº1 São Cristóvão/SE.
18	1999	O índio em Sergipe no século XIX	Judiciarium. n. 34, p. 10-12 Aracaju.
19	1999	Uma festa de negros e caboclos	Cadernos UFS Comunicação. Nº 5 São Cristóvão/SE.
20	1999	Arquivo Judiciário	Cadernos UFS Direito. Vol. 1 fasc.2 São Cristóvão/SE.
21	1999	História Indígena no Nordeste: fontes e instrumentos de pesquisas	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe Nº 32 Aracaju.
22	2002	Da Taba de Serigy ao Balão do Porvir: representações sobre índios em Sergipe no século XIX	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe Nº 33 Aracaju.
23	2003	Artur Ramos - entre rendas de bilro e o sertão do São Francisco	Canindé (Revista do Museu de Arqueologia de Xingó). Nº 3 Aracaju.
24	2003	Rendas e Bordados: alinhavos de história e debuxos de formas	Revista do Artesanato Solidário. São Paulo.
25	2005	“Tu me ensina a fazer renda”: gerações e processos de aprendizagem de ofícios tradicionais	Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Nº 32 Brasília.
26	2006	Representações sobre índios em danças e folguedos folclóricos	Revista do 6º Festival Nacional de Danças Folclóricas de Blumenau
27	2006	Representações sobre índios em danças e folguedos folclóricos	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Nº 35 Aracaju.
28	2007	Divulgando saberes e fazeres: entre o local e o global	Canindé (Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. Nº10 Aracaju.
29	2008	Artesanato e turismo: notas sobre as miniaturas de Carrapicho/SE	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Nº 37 Aracaju.
30	2009	Felte Bezerra e a fase heróica da Antropologia em Sergipe.1950-59	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Nº 39 Aracaju.

Fonte: Currículo de Beatriz Góis Dantas, revistas, RIHGSE.

Dos trinta artigos publicados entre os anos de 1967 e 2009, nove se referem à temática do índio, seis ao folclore, cinco apresentam questões relativas aos cultos afro-brasileiros, cinco estão inseridos no tema artesanato, três são escritos sobre intelectuais, enquanto dois expõem elementos ligados a aspectos operacionais da prática da pesquisa. Onze desses trabalhos foram publicados em revistas fora do âmbito local, seis em São Paulo, quatro distribuídos entre São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Blumenau e Fortaleza, enquanto uma das publicações foi feita na cidade de Caracas. Entre os vinte trabalhos publicados em Sergipe, nove foram editados na RIHGSE, periódico para o qual Beatriz continuou escrevendo de forma frequente, além do limite temporal dessa pesquisa¹⁴⁴.

A RIHGSE foi fundada no dia 27 de agosto de 1912, com a publicação do estatuto do Instituto que definia como uma das suas finalidades a divulgação dos nomes dos sócios, das atas, dos discursos e dos trabalhos literários, com uma programação de circulação definida, que era “para circular trimestralmente, periodicidade que não chegou a ser respeitada para além do primeiro ano” (FREITAS, 2002, p. 21), começando a circular anualmente, quatro anos depois.

A periodicidade anual também não foi cumprida em face de problemas de natureza financeira e administrativa, causando, no decorrer dos anos, intervalos lacunares na edição do periódico¹⁴⁵. Em que pese a incidência de obstáculos diversos, a revista se mantém como o periódico mais antigo em circulação no Estado, fazendo circular as publicações da intelectualidade local e nacional, sobre temáticas variadas, biografias, autobiografias, relatórios, resultados de pesquisas científicas, entre tantas que trazem a lume o panorama histórico e cultural. Durante mais de duas décadas, as publicações na revista foram eminentemente masculinas, espelhando épocas em que à intelectualidade estava vinculada a figura do “homem letrado”. Nesse sentido, é ilustrativa a definição proposta por Voltaire e retomada por Chartier (1997) em sua obra *O homem de Letras*, que atrela a este o conhecimento de todas as coisas, um ser estudioso e leitor, um “belo espírito” que gozava de intenso convívio social no qual se anunciava uma “imaginação brilhante” alimentada por leituras constantes que, por sua vez, emolduravam agradáveis conversas nas rodas sociais que frequentava.

¹⁴⁴ Beatriz Góis Dantas continuou publicando textos na RIHGSE, a partir de 2014, no entanto, no limite temporal dessa tese, o quadro apresenta as publicações até o ano 2009.

¹⁴⁵ Em estudo que contemplou o período compreendido entre 1913 e 1999, Freitas constata os momentos nos quais a revista interrompeu sua periodicidade regular, por longos períodos: 1929 a 1939; 1965 a 1978; 1992 a 1999. A interrupção aconteceu, também, em períodos mais curtos, com a redução de números de exemplares em números únicos: 1921/1925; 1926/1927; 1941/1942; 1945/1948; 1949/1951; 1955/1958; 1962/1965/1979/1982; 1983/1985; 1988/1989; 1990/1992. Uma leitura mais aprofundada a respeito da RHGSE pode ser efetuada em FREITAS, (2002).

Inicialmente com uma participação incipiente, a mulher foi conquistando espaço na RIHGSE e, a partir dos anos 1970, essa participação foi aumentando, gradativamente, até que, nos anos 2000, a partir da segunda década, a publicação feminina suplantou a produção masculina em algumas edições. Com uma maior frequência de trabalhos femininos, os temas abordados foram se diversificando e começaram a surgir escritos sobre a economia sergipana, gestão governamental, documentos históricos, aspectos culturais, intelectuais e suas contribuições, práticas pedagógicas, políticas públicas educacionais e médicas, instituições educativas, culturais, religiosas, além de temas específicos relacionados às pesquisas acadêmicas e aos estudos desenvolvidos pelas intelectuais escritoras.

Os primeiros textos femininos publicados na revista em 1939, reproduziram os discursos proferidos por ocasião das comemorações do centenário de nascimento de Tobias Barreto, em edição especial, refletindo uma marca das instituições congêneres, capitaneadas pelas diretrizes gerais emanadas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro¹⁴⁶. Nelas, assim como na forma seguida pelo sodalício sergipano, a difusão do conhecimento produzido, a construção da memória, a exaltação dos heróis locais, bem como a perpetuação de acontecimentos históricos, sociais e políticos foram, desde a fundação, objetivos expressos na regulamentação de seu funcionamento, afirmando sua existência como veículo “[...] portador de discursos acadêmicos produzidos ao longo do século XX e suas adequações às novas demandas emergidas tanto na esfera acadêmica, como também na sociopolítica” (SANTOS, 2014, p.124).

A intelectualidade feminina presente nas publicações da RIHGSE tem concordância com as concepções de Gomes e Hansen, que as colocam na condição de mulheres de “[...] produção de conhecimentos e comunicação de ideias [...]” (GOMES; HANSEN, 2016, p.10), ocupando, assim, uma posição reconhecida nas áreas da cultura, da ciência e da política. Elas escreveram a respeito de temas com os quais mais se familiarizavam, seja por questões de afetividade e orgulho ufanista, quando escolhiam divulgar as ações de notáveis sergipanos, seja por questões acadêmicas a partir da institucionalização da pesquisa científica.

Depois da edição de 1939, demorou quase uma década para que outro escrito feminino fosse publicado, a autobiografia de uma cidadã laranjeirense, esposa de magistrado, sócio do IHGSE. Nos anos 1950 e 1960, com a presença da mulher ainda incipiente na imprensa, a publicação de discursos e biografias se manteve como tema hegemônico, situação que começou

¹⁴⁶ Fundado em 1838, sua revista começou a ser publicada em 1839 e permanece em edição até os dias de hoje. Informações disponíveis em <https://www.ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb.html> Acesso em 15.02.2020

a ser alterada a partir dos anos 1970, tanto no que se refere a uma maior diversidade temática, como no que tange à presença da mulher escritora.

A escrita feminina mais recorrente na revista durante o período em análise foi a respeito de vultos históricos, hegemonicamente sergipanos, não se restringindo a biografias, mas incidindo sobre sua atuação, seja no campo educacional, seja no campo político, na gestão pública, bem como na divulgação das ideias e concepções, ressaltando a importância que tiveram em suas áreas de ação.

Beatriz ingressou no IHGSE nos anos 1970, a convite de Maria Thétis Nunes¹⁴⁷, tendo escrito seu primeiro artigo, naquele sodalício, em 1978, dentro da temática indígena que marcou grande parte da sua produção escrita. Os textos publicados pela antropóloga na RIHGSE, no período compreendido entre 1978 e 2009, demonstram a diversidade temática que marcam a sua produção científica. No período em questão, foram publicados nove textos na RIHGSE. O primeiro texto, publicado no final dos anos 1970, versa sobre as manifestações culturais, Taieira, Chegança, Cacumbi, Lambe-sujo e Caboclinhos, folguedos folclóricos acompanhadas de perto por ela durante grande parte da década, na cidade de Laranjeiras, relacionando essas manifestações culturais com o tempo social de cada uma. O segundo artigo, de 1982, apresenta um relato histórico do aldeamento de Geru¹⁴⁸ e suas relações com o mundo dito “civilizado”.

O texto publicado em 1987 dispõe sobre as manifestações da tupimania na historiografia sergipana, problematização das classificações linguísticas com indicação dos meios para suprir lacunas neste estudo. Em 1992, a antropóloga apresentou aos leitores da RIHGSE os resultados de pesquisa documental nos arquivos sergipanos sobre a temática indígena, reforçando o tema no texto de 1999, ao estabelecer o mapa das fontes, instrumentos de pesquisas e instituições que cuidam desse acervo na região Nordeste.

Os artigos que foram publicados em 2002 e 2006 dizem respeito, também, à temática do índio. O primeiro deles analisa as diversas representações do índio, no decorrer do século XIX, produzidos pelos intelectuais sergipanos, enquanto o outro traz as representações dos

¹⁴⁷Maria Thétis Nunes nasceu em Itabaiana/SE, em 1923. Graduada em Geografia e História pela Faculdade Católica da Bahia, em 1946, ano em que passou a exercer o magistério no Colégio Atheneu Sergipense, em Aracaju, aprovada em concurso público para a cátedra de Geografia, instituição onde ocupou o cargo de direção entre 1954 e 1956. Ingressou no magistério superior com a criação da FCFS, em 1951, fazendo parte do grupo de professores fundadores, primeira mulher a atuar no magistério superior.

¹⁴⁸Povoamento de gentios, antes das invasões holandesas, em Sergipe, elevado à categoria de município, em 1954, passou a ser denominado Tomar do Geru. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/tomar-do-geru> Acesso em 01/07/2020.

índios no folclore. Os penúltimo texto apresenta o artesanato de Carrapicho¹⁴⁹ e o último faz um pequeno esboço biográfico de Felte Bezerra em período específico.

5.3.2 Publicações em jornais

Assim como a publicação em revistas, a escrita em jornais também implica em pertencimento a uma determinada rede social, construída a partir de fatores que, no caso específico dos intelectuais, pressupõem uma chancela para fazer circular ideias. O **Quadro 9** apresenta os textos publicados por Beatriz em jornais locais em um intervalo de 30 anos.

Quadro 9 – Textos publicados por Beatriz em jornais sergipanos.
(1974-2004)

Nº	Ano	Título	Periódico
1	1974	A festa de São Benedito na cidade de Laranjeiras	Jornal da Cidade Aracaju: 6 e 7 .01.1974
2		Bilina de Laranjeiras	Jornal da Cidade Aracaju: 20 e 21.11.74
3	1977	O Folclore em Sergipe. Jackson da Silva Lima. Rio de Janeiro, Cátedra/MEC, 1977 (Resenha)	Jornal da Cidade Aracaju: 20 e 21. 11.1977
4	1981	Os Xocó e a questão da indianidade	Gazeta de Sergipe Aracaju: 19.04.81
5	1982	O nu e o vestido	Folha da Praia Aracaju: 17.04.1982
6	1983	O nu e o vestido	Jornal Pripiri. Aracaju: 12.05.1983
7	1984	Os índios e nós	Gazeta de Sergipe Aracaju: 13.04.84
8	1990	O passado é urgente	Jornal da Manhã Aracaju: 24.10.90
9	1993	Arquivo Público de Sergipe - 70 anos	Gazeta de Sergipe Aracaju: 15.10.93
10	1994	A Reabertura do Arquivo Público	Gazeta de Sergipe Aracaju: 20.11.1994
11	1995	Aracaju de Outrora (sobre exposição fotográfica)	Gazeta de Sergipe Aracaju: 17/18 de março de 1995
12	1997	Arquivo Judiciário	Jornal da Cidade Aracaju: 04.02.97
13	2000	Química e Economia: marcos do ensino superior em Sergipe	Jornal da Cidade Aracaju: 27 de março de 2000
14	2003	IHGS: história e arte de Sergipe	Jornal da Cidade Aracaju: 03.06.2003
15		O IHGS Depositário da memória histórica e artística de Sergipe	Correio de Sergipe. Especial Memórias de Sergipe Caderno 4. Cultura. Aracaju, 13.06.2003
16		Os santos de junho nos terreiros de Aracaju	Jornal da Cidade Aracaju: 22/23.06.2003

¹⁴⁹ Município sergipano localizado às margens do Rio São Francisco, distante 125 km da capital, tem grande parte de sua população vivendo da cerâmica local. Teve sua denominação modificada para Santana do São Francisco, em 1964. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/santana-do-sao-francisco> Acesso em 01/07/2020.

17		Centenário de Artur Ramos	Jornal da Cidade Aracaju: 17.07.2003
18	2004	O Colégio das freiras e o Padre Pierre Vigne	Jornal da Cidade Aracaju: 25.09.2004
19		Rendas e Bordados: alinhavos de história e debuxos de formas	Jornal da Cidade Aracaju: 25/26.07.2004

Fonte: Currículo de Beatriz Góis Dantas, jornais.

No total do conjunto, os dezenove artigos publicados entre 1974 e 2004 versam sobre aspectos relacionados às pesquisas realizadas dentro da diversidade temática que caracteriza a sua produção acadêmica. Desses, sete se referem a instituições, públicas e privadas, tecendo considerações sobre arquivos, práticas educativas religiosas, ensino superior sergipano e sobre o IHGSE; quatro mostram aspectos relativos às pesquisas sobre índios; dois tratam sobre personalidades que se destacaram dentro de temáticas pesquisadas; dois versam sobre aspectos gerais da prática da pesquisa; enquanto os outros quatro incidem, cada um, a respeito de religiosidade, artesanato e folclore, incluída nesse último tema uma resenha.

5.3.3 Livros publicados

A produção intelectual de Beatriz contempla, também, além da escrita em revistas e jornais, publicação de livros.

Quadro 10 – Livros publicados por Beatriz.
(1972-2013)

Ano	Título	Editora
1972	A Taieira de Sergipe - Pesquisa sobre uma dança tradicional do Nordeste	Petrópolis/RJ: Vozes
1980	Terra dos Índios Xocó (co-autoria Dalmo Dallari)	São Paulo: Comissão Pró-Índio/ Ed.Parma
1988	Vovó Nagô e Papai Branco - Usos e abusos da África no Brasil	Rio de Janeiro/RJ: Graal
1993	Repertório de Documentos para a História Indígena - Arquivo Público Estadual e Sergipe: Coleções Clero e Câmaras Municipais. (vol.1)	São Paulo/SP: NHII/USP/FAPESP
2002	Rendeiras de Poço Redondo: vida e arte de mulheres que batem bilros no sertão do São Francisco	Aracaju/SE: Instituto Xingó/ CENDOP
2006	Rendas e Rendeiras no São Francisco: estudos e documentos sobre a renda de bilro de Poço Redondo – SE	Paulo Afonso/BA: Fonte Viva
2009	Destinatário Felte Bezerra: cartas a um antropólogo sergipano (1948-59 e 1973-85). Org. em Parceria com Verônica Nunes	São Cristóvão/SE: Editora UFS
2009	Nagô Grandma & White Papa: Candomblé and the creation of afro-brazilian identity. Translated by Stephen Berg	The University of North Carolina Press
2013	A Taieira de Sergipe: uma dança folclórica. 2ª edição	São Cristóvão/SE: Editora UFS Aracaju: IHGSE

2013	Mensageiros do lúdico, mestres de brincadeiras em Laranjeiras	Aracaju/SE: Criação
------	---	---------------------

Fonte: Currículo de Beatriz Góis Dantas, catálogos de editoras, jornais.

O primeiro livro publicado por Beatriz foi editado pela Editora Vozes¹⁵⁰, em 1972, com o título *A Taieira de Sergipe: pesquisa exhaustiva sobre uma dança tradicional do Nordeste*. Professora da recém-instalada UFS, a intelectual estava, à época, firmando seu nome entre os pares, tanto em Sergipe quanto em outras localidades e, assim, fortalecendo sua rede de sociabilidade. Nos anos 1970, não existia uma linha editorial consistente em Aracaju e, para a intelectualidade sergipana, era difícil publicar, em virtude da não existência de editoras, sendo essa função exercida, de maneira incipiente, pela Livraria Regina, que fazia as vezes de estabelecimento que vendia livros e gráfica de pequeno porte, graças ao empenho do seu proprietário, como já explanado na seção 2.

A antropóloga relembra o caminho percorrido para que a publicação se materializasse. “Antes de tudo, eu precisava me certificar de que meu trabalho merecia publicação. Consultei intelectuais que pudessem avaliar o valor da obra, produzida de forma quase autodidata, sem orientador” (Beatriz Góis Dantas, 2019) e, para tanto,

[...] fui a Maceió, onde vivia Théo Brandão¹⁵¹, folclorista muito conceituado e professor de Antropologia da Universidade Federal de Alagoas, pedir-lhe um parecer. Leu o trabalho e, generoso, recebeu-me com um forte abraço e uma frase que guardei até hoje: “Este é um trabalho que eu gostaria de ter escrito”. Ouvir isso do Théo, intelectual destacado entre seus pares, encorajou-me (Beatriz Góis Dantas, 2019).

Após a leitura, o folclorista enviou uma carta ao Magnífico Reitor da UFS¹⁵², elogiando o trabalho de “uma jovem escritora que já se inicia no seu ofício com esporas de cavaleiro da mais alta valia e competência”, sugerindo a publicação do livro pela universidade, “uma das melhores monografias já escritas sobre os nossos autos e danças populares e

¹⁵⁰ Criada em 1901, na cidade de Petrópolis, imprimindo livros didáticos para distribuição em uma escola religiosa. Até 1950, as vendas ocorriam por meio de catálogos, sem estrutura comercial. A situação começou a mudar a partir da abertura de filiais em Belo Horizonte, São Paulo e outras cidades do Rio de Janeiro. Após a realização do Concílio Vaticano II, a editora passou a ser a sua principal divulgadora no Brasil. Detalhes da história da editora podem ser encontradas em <http://www.universovozes.com.br> Acesso em 3 de junho de 2020.

¹⁵¹ Theotônio Vilela Brandão era, à época, diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Faculdade Federal de Alagoas e membro do Conselho Nacional do Folclore, vinculado à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do Ministério da Educação.

¹⁵² Exercia o cargo de Reitor da instituição o médico pediatra João Cardoso do Nascimento Júnior.

tradicionais”, lamentando a existência de poucos estudiosos do assunto. Afirma Théo Brandão em sua carta:

A ciência do folclore brasileiro, e os estudos de folclore de Sergipe que, após Sílvia Romero, contaram com tão poucos estudiosos de suas tradições entre os quais há a destacar apenas os nomes de José Calazans, Paulo de Carvalho Neto e poucos mais, ficarão sem nenhuma dúvida enriquecidos com a publicação desse estudo da jovem professora de Antropologia Cultural da Universidade Federal de Sergipe (BRANDÃO, 1971)¹⁵³.

Apesar do empenho do intelectual alagoano, a publicação não foi adiante. Fazendo uso da familiaridade que tinha angariado nos meios editoriais e de circulação de impressos, juntamente com o marido, em viagens anteriores para aquisição de livros, em alguns círculos livreiros no Rio de Janeiro, os dois se dirigiram até lá e apresentaram os originais a duas editoras. A primeira considerou que não se encaixava na sua linha de trabalho, mas a Editora Vozes aceitou os originais da obra. Beatriz comprou uma parte da edição para o mercado de Aracaju, a editora se encarregou da venda e da distribuição em âmbito nacional.

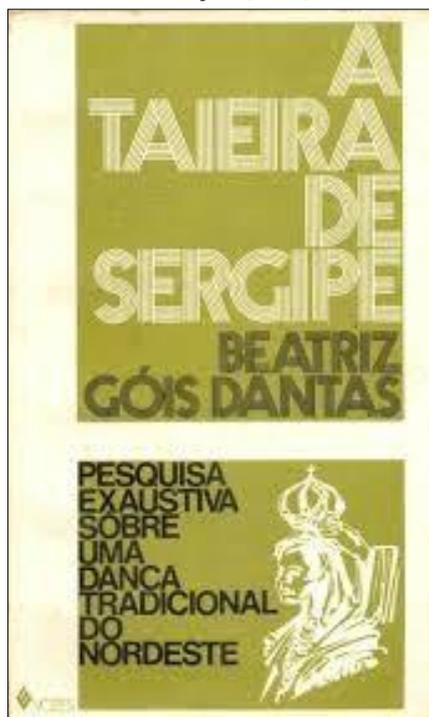
Os originais da obra foram entregues no mês de dezembro de 1971, sem acompanhamento do processo de edição nem revisão de provas.

Recebi o livro pronto em julho de 1972. Foi uma emoção grande. Mas fiquei descontente com a capa. Apesar de muito bonita, desagradou-me o subtítulo que acrescentaram sem me consultar: “pesquisa exaustiva sobre uma dança tradicional do Nordeste”. A qualificação de exaustiva não combinava com um trabalho de iniciante. Quando reclamei, eles argumentaram que livro é objeto comercial, precisa vender e a capa é do editor (Beatriz Góis Dantas, 2019).

Segundo Chartier, no processo de publicação da obra de um autor, os “acréscimos ou cortes feitos em suas páginas oferece exemplos espetaculares das alterações de texto envolvidas na técnica de composição” (CHARTIER, 2014, p.41), e a interferência dos editores durante o processo de publicação de uma obra pode distorcer, por vezes, as ideias do autor. No caso do livro *A Taieira de Sergipe*, os originais entregues à editora não continham a expressão que caracterizava a pesquisa como exaustiva, no entanto, para fins editoriais, ela daria uma supremacia à obra, que poderia, assim, atrair um maior número de compradores, segundo a “ideia que têm os editores das competências e dos hábitos de leitura do público que procuram atrair” (CHARTIER, 2002, p. 69), garantindo um retorno financeiro ao ramo editorial. A expressão acrescentada pela editora é observada na **Figura 49**.

¹⁵³ Ver Anexo 3.

Figura 49 – Capa do livro *A Taieira de Sergipe*
1ª edição (1972).



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Após a publicação, o livro foi analisado por intelectuais da área, por solicitação da antropóloga, possibilitando, assim, que a obra circulasse, inclusive, fora do país. O antropólogo Edison de Souza Carneiro¹⁵⁴ enviou uma carta com questionamentos a respeito de expressões próprias do folguedo¹⁵⁵ utilizadas no texto e concluiu dizendo esperar “[...] que você continue a estudar o comportamento popular em Sergipe e nos brinde, de vez em quando, com ensaios sérios, equilibrados, em linguagem simples e clara, que façam justiça ao povo, como este” (CARNEIRO, 1972).

A socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz¹⁵⁶, depois da leitura, também escreveu uma carta endereçada a Beatriz apontando importantes aspectos sociológicos detectados¹⁵⁷, sugerindo desdobramentos e solicitando, como um favor, “enviar o livro ao Prof. Roger Bastide,

¹⁵⁴ Escritor brasileiro nascido na cidade de Salvador, em 1912, recebeu o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Bahia, em 1936. Etnólogo que se dedicou ao estudo da cultura afro-brasileira, foi um dos inspiradores da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, criada em 1958. Sobre a trajetória de Edson de Souza Carneiro, ver OLIVEIRA e LIMA (1987).

¹⁵⁵ Ver Anexo 4.

¹⁵⁶ Pioneira entre as mulheres no ensino e na pesquisa nas Ciências Sociais, nasceu em São Paulo, no ano de 1918. Filha de família tradicional de fazendeiros de café, do Vale do Paraíba, formada na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, da USP, em 1949, concluiu o doutorado na *École Pratique de Haute Études*, em 1955, defendendo sua tese diante de uma banca formada por Roger Bastide, Claude Lévi-Strauss e Gabriel Le Bras. <https://bvps.fiocruz.br/vhl/interpretes> Acesso em 3 de junho de 2020.

¹⁵⁷ Anexo 5.

48 *rue du Gal. Delestraint, Paris (16e)*”, afirmando que “ele vai gostar” (QUEIROZ, 1972). Atendendo ao pedido, Beatriz encaminhou *A Taieira de Sergipe* ao sociólogo francês, recebendo dele uma resposta com suas considerações sobre a obra lida no sul da França, onde passava suas férias de verão. Na carta¹⁵⁸ Bastide afirma que o livro apresenta uma excelente análise sobre a dança, tendo apreciado, em particular, o capítulo que apresenta a dinâmica e o caráter sociológico do folguedo, mostrando como ele evolui na medida em que mudam os aspectos sociais e os valores sociais.

O livro *Terra dos Índios Xocó* foi publicado por iniciativa da Comissão Pró-Índio de São Paulo, em 1980. Escrito em Campinas, enquanto cursava o mestrado, o estudo fazia parte do projeto acadêmico que tinha como objetivo registrar a trajetória de cada uma das aldeias indígenas de Sergipe, como já acontecera com Geru e Água Azeda nos anos 1970, no entanto, foi necessário a produção em regime de urgência, visando auxiliar na comprovação dos direitos do grupo indígena da antiga Missão de São Pedro de Porto da Folha com base na documentação histórica pesquisada nos arquivos.

O livro foi escrito em condições adversas, em curto espaço de tempo, em um período no qual a Funai e os órgãos competentes tinham que se pronunciar sobre conflitos e demandas indígenas. A obra destacou a documentação que subsidiava os direitos dos índios e, nela, o jurista Dalmo de Abreu Dallari¹⁵⁹, professor da USP, escreveu uma curta peça jurídica intitulada *Direitos sobre terras indígenas*¹⁶⁰, com a seguinte conclusão:

Em conclusão, apesar de todas as variações havidas na legislação portuguesa e brasileira relativa às terras ocupadas pelos silvícolas, prevalecem os dispositivos da atual Constituição, contra os quais ninguém pode alegar direitos adquiridos. E nos termos da Constituição vigente pertencem ao patrimônio da União as terras ocupadas pelos silvícolas, mas estes têm direito à posse permanente dessas terras, tendo direito à proteção judicial dessa posse, sendo de nenhum valor um título de propriedade que afronte o domínio da União ou a posse dos silvícolas (DANTAS e DALLARI, 1980, p. 11).

¹⁵⁸ Conferir a carta de Roger Bastide no Anexo 6.

¹⁵⁹ Jurista brasileiro, nasceu em 1931, na cidade de Serra Negra. Recebeu o grau de bacharel pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, em 1957, passando a integrar o corpo docente em 1964. Organizou a Comissão Pontifícia de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, atuando na defesa dos direitos humanos. http://www.direito.usp.br/faculdade/diretores/index_faculdade_diretor_34.php Acesso em 03.06.2020.

¹⁶⁰ As considerações jurídicas de Dalmo de Abreu Dallari podem ser lidas no Anexo 7.

A apresentação da obra foi elaborada pela antropóloga Manuela Carneiro da Cunha¹⁶¹, da Unicamp, orientadora de Beatriz. O conteúdo do livro é um relato histórico intitulado *A antiga missão de São Pedro de Porto da Folha e a recente questão dos Xocó de Sergipe*, escrito por Beatriz. A obra teve importante função social no reconhecimento dos índios e regularização de suas terras pelo governo brasileiro.

O caso específico do trabalho de campo desenvolvido na Ilha de São Pedro, subsidiado pela documentação levantada nos arquivos, resultou na “recuperação da terra da antiga aldeia de São Pedro de Porto da Folha, como território Xocó” (DANTAS, 2018, no prelo), ação reconhecida como exemplo de trabalho que forneceu subsídios para o debate em torno dos direitos dos índios sobre a terra. A esse respeito Manuela Carneiro da Cunha afirmou que

um exemplo é o estudo de Beatriz Góis Dantas sobre os xocós, de Sergipe. Ela estudou o percurso histórico deles no momento em que disputavam uma área numa ilha do rio São Francisco, num conflito judicial. Beatriz inventariou a representação histórica sobre eles e mostrou que tinham direitos históricos sobre a terra (CUNHA, 2000)¹⁶².

Na mesma linha de publicação de documentos sobre índios, em 1993, o *Repertório de Documentos para a História Indígena* foi publicado pelo Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo (NHII/USP). Resume manuscritos das Coleções Clero e Câmaras Municipais do APES, sendo um instrumento de ajuda para pesquisadores. Teve continuidade numa obra coletiva que saiu logo em seguida, na qual, além de documentos do governo de Sergipe, divulgou acervos do Ceará e do Rio Grande do Norte e foi publicado pela mesma instituição de São Paulo.

Ainda na temática do índio, Beatriz escreveu, por encomenda da Secretaria de Educação de Sergipe, através do Núcleo de Educação Indígena (NEI), uma cartilha destinada a professores com o objetivo de fornecer material para a abordagem do tema indígena na escola trabalhando, sobretudo, as questões locais. O livro de quarenta e cinco páginas intitulado *Xokó: Grupo indígena de Sergipe*, serviu de base para oficinas realizadas na rede estadual de ensino nos anos 1990.

No início dos anos 2000, Beatriz enveredou por um campo novo de pesquisa. As rendas, um trabalho feminino que permitia estreitar laços com mulheres idosas da família.

¹⁶¹ Orientadora de Beatriz no mestrado, cursado na Unicamp, Manuela Carneiro criou, na USP, o Núcleo de História Indígena e do Indigenismo (NHII), onde desenvolveu trabalhos na área e articulou uma rede de pesquisadores que tratavam da documentação sobre índios, em diversos Estados.

¹⁶² Entrevista concedida a Renato Sztutman, da Folha Uol, em 20.03.2000. Disponível em https://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/entre_7.htm Acesso em: 04.01.2019.

Conversar sobre o fazer das rendas com aquelas mulheres formadas para as prendas do lar proporcionou munção para a escrita sobre renda irlandesa e renda de bilro. O Centro Nacional de Folclore, do Rio de Janeiro, publicou, em 2001, *Renda Irlandesa de Divina Pastora*, reeditado em 2011, enquanto o Instituto Xingó fez a publicação de *Rendas e Rendeiras no São Francisco: estudos e documentos sobre a renda de bilro de Poço Redondo/SE*, 2006.

Com a chancela da UFS, veio a lume, em 2009, *Destinatário: Felte Bezerra - cartas a um antropólogo sergipano (1948-59 e 19703-85)*. Organizado em parceria com Verônica Maria Meneses Nunes¹⁶³, o livro documenta e divulga a coleção da correspondência desse pioneiro do ensino da Antropologia em Sergipe. Ao lado de dois ensaios, são transcritas as cartas que foram doadas pela viúva de Felte, integradas ao acervo do Museu do Homem Sergipano, órgão da UFS desativado em 2012. O livro possibilita, através do conteúdo das missivas, a reconstituição de panoramas históricos, bem como revela as articulações em torno de redes de sociabilidade construídas nos círculos intelectuais e políticos de determinados períodos, além de evidenciar a circulação e repercussão das obras do sergipano.

O último livro publicado dentro dos marcos temporais dessa tese, *Mensageiros do lúdico* (2012), mostra os itinerários intelectuais e afetivos das pesquisas sobre cultura popular realizadas em Laranjeiras. Versa sobre a relação com os líderes das manifestações culturais locais pesquisados nos anos 1970, mesma época em que foram publicadas, nos *Cadernos do Folclore*, da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB/MEC), três pequenos textos que enfocam a *Taieira*, a *Chegança* e a *Dança de São Gonçalo*. Essas publicações, que vieram a lume em 1976, eram acompanhadas de pequenos discos de vinil com registro do som e tiveram ampla circulação. Foram esgotados e, em 2015, reunidos no livro *Devotos Dançantes*, fora dos limites temporais desse estudo.

O livro de Beatriz mais referenciado é *Vovó Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil*, resultado da dissertação de Mestrado em Antropologia defendida na Unicamp em 1982. Foi recomendado pela banca para publicação e um dos examinadores entrou em contato com a Editora Brasiliense¹⁶⁴, àquela época, editora de grande prestígio acadêmico. Já de volta a Aracaju, Beatriz foi contactada por Luiz Schwarcz¹⁶⁵, que era diretor da Editora, interessado em fazer a publicação. Para tanto, as características de trabalho acadêmico deveriam

¹⁶³ Professora vinculada ao Departamento de Museologia da UFS, licenciada em História, pela UFS, mestre em Memória Social e Documento, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Uni-Rio). Membro do IHGSE.

¹⁶⁴ Fundada em 1943 pelo historiador Caio Prado Júnior, pelo escritor José Bento Monteiro Lobato e pela também escritora Maria José Dupré, em cuja residência foi instalada a primeira sede, a editora ainda se mantém em atividade. Para informações a respeito da linha editorial, bem como da história do empreendimento, conferir <http://www.editorabrasiliense.com.br> Acesso em 27.05.2020.

¹⁶⁵ Atual proprietário da Editora Companhia das Letras.

ser retiradas, no entanto, em função de fatores diversos, pesquisas e outras atividades retomadas, ela não conseguiu atender às diretrizes editoriais. O editor propôs edição conjunta com a UFS, mas o projeto não foi adiante. Os originais datilografados permaneceram durante seis anos engavetados, de onde saíam para reprodução em xerox, atendendo pedidos de alunos de pós-graduação. Embora começasse a ganhar visibilidade, com referências e citações em várias obras, esmaecera o empenho pessoal da autora pela publicação.

Em 1988, a dissertação tomou forma de livro, publicado pela Editora Graal do Rio de Janeiro, graças ao empenho de Rubem César Fernandes¹⁶⁶, que tinha sido professor de Beatriz na Unicamp, mas se transferira para o Rio de Janeiro e utilizava a dissertação nos seus cursos de Antropologia no Museu Nacional. Ele intermediou o contato com a Editora Graal, interessada em publicar a dissertação e lançar o livro na Bienal do Livro daquele ano, em comemoração ao Centenário da Abolição da Escravatura.

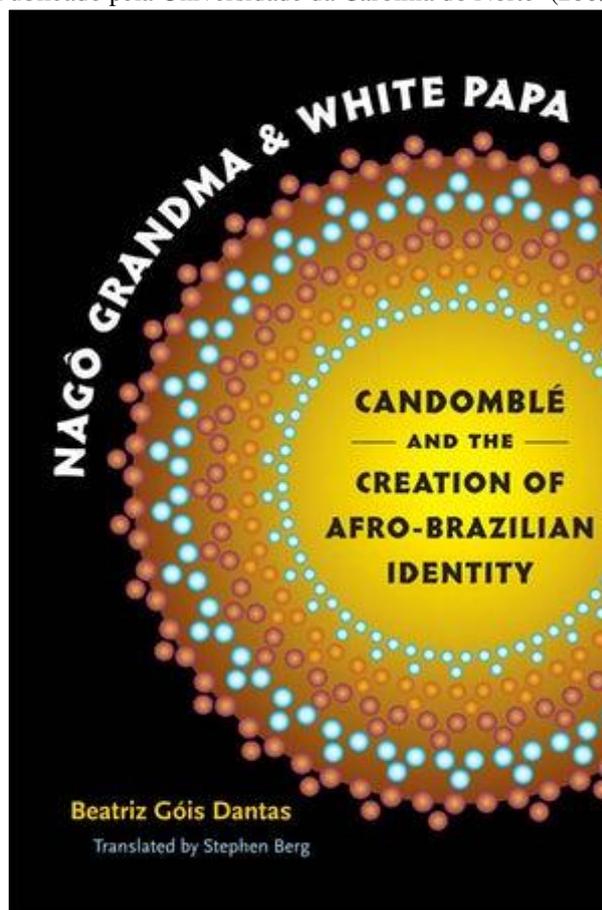
Em julho de 1988, recebi o livro pelas mãos de meu esposo, Ibarê, que fora ao Encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em São Paulo e o encontrou nas livrarias. Gostei muito da capa e da edição, cujo processo não acompanhei. Preparando-me para uma grande cirurgia, eu andava meio reclusa, enquanto *Vovó Nagô* iniciava sua trajetória pública que se fez com a substancial ajuda de muitos intelectuais e amigos interessados em divulgá-lo. De toda minha obra, esse é o livro mais citado (Beatriz Góis Dantas, 2019).

Aclamado por uns, criticado por outros, o livro foi ganhando visibilidade em função, tanto dos méritos acadêmicos e de cunho antropológico da obra, quanto das citações e das referências dos estudiosos do tema, a partir dos elementos que foram trazidos na análise da antropóloga a respeito da religiosidade afro-brasileira. A abordagem dada ao tema por Beatriz, ao revelar suas concepções sobre a organização do terreiro estudado em Laranjeiras, motivou manifestações por parte de intelectuais da área.

Anos mais tarde, o livro atrairia a atenção da editora da Universidade da Carolina do Norte, culminando na publicação em versão inglesa, cuja capa está reproduzida na **Figura 50**.

¹⁶⁶ Nasceu em Niterói/RJ, em 1943. Graduado em Filosofia pela Universidade de Varsóvia, na Polônia, concluiu o mestrado em História Social, em 1969, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, concluiu o mestrado em História do Pensamento, em 1972, onde se encontrava em exílio após problemas com o regime militar. Nessa mesma universidade, concluiu o doutorado, em 1976, ano em que retornou ao Brasil. Fundou a ONG Viva Rio, voltada para a promoção de políticas públicas que combatam a violência e promovam a paz, depois do pai ter sido baleado em um assalto em casa. Sobre a vida de Rubem César Fernandes, ver LIPPI e PANDOLFI (2014).

Figura 50 – Capa do livro *Nagô Grandma & White Papa* Publicado pela Universidade da Carolina do Norte (2009).



Fonte: <https://uncpress.org/book/>

A Universidade da Carolina do Norte¹⁶⁷, nos Estados Unidos, por meio de um programa voltado para divulgação de trabalhos sobre a América Latina, demonstrou interesse na obra de Beatriz, enviando um representante até Sergipe, mantendo contato com a UFS, através do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB), criado em 1986, organizado para a realização de pesquisas voltadas às questões raciais. À época da visita Beatriz não pertencia mais ao quadro de docentes ativos da universidade, tendo sido aposentada em 1991. O professor Paulo Sérgio da Costa Neves, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da UFS, coordenador do NEAB, foi o responsável pela negociação e pela intermediação junto a Beatriz. Segundo Neves, o programa consistia em buscar, pela América Latina, obras que pudessem servir de referência para o Brasil, dentro de critérios previamente definidos.

¹⁶⁷ A Universidade da Carolina do Norte possui uma linha editorial diversificada. O catálogo de obras anuncia mais de 100 títulos, entre os quais *Nagô Grandma & White Papa: Candomblé and the creation of afro-brazilian identity*. <https://uncpress.org/book/9780807859759/nago-grandma-and-white-papa/> Acesso em 03.06.2020.

Durante o período em que durou o processo de seleção para a escolha dos títulos que comporiam o catálogo americano, professores da UFS foram instados pelos idealizadores do programa à emissão de pareceres sobre a obra de Beatriz. O professor Paulo Neves foi um dos convidados a atestar o valor da produção e o fez com uma crítica explícita à falta de atenção devida ao livro à época em que foi publicado no Brasil.

Publicado na década de 80, quando alguns supunham que nada de novo ainda poderia ser dito sobre as religiões afro-brasileiras – o que explica a pouca atenção dada pela academia a este objeto de estudo naquele momento -, este livro vai não só avançar ideias extremamente originais sobre o tema como também contestar algumas das certezas estabelecidas, tidas como verdades absolutas desde os estudos sócio-antropológicos de pioneiros (NEVES, 2009).

Para Neves, a originalidade existente no estudo de Beatriz proporcionaria visibilidade às questões raciais, especialmente aos aspectos ligados à religiosidade, e a tradução estimularia o interesse do “mundo de fala inglesa” pelas religiões afro-brasileiras. Paulo Sérgio afirma que o livro *Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil* está entre os poucos que são alçados à categoria de obra clássica logo após sua publicação.

Na mesma direção, o parecer de Eufrázia Cristina Menezes Santos ressalta a contribuição do livro às percepções acerca da africanidade na caracterização dos cultos afro-brasileiros pelos intelectuais, bem como pelos negros descendentes da África. Segundo Santos, a obra “impõe ao leitor uma revisão das noções de religião, magia, feitiço, bem como a utilização das mesmas ao lado de adjetivos como alto e baixo, puro e impuro, autêntico e inautêntico” (SANTOS, 2001), tendo se tornado leitura referencial em cursos de graduação e de pós-graduação após a sua publicação.

5.3.4 Capítulos de livros

A parceria com outros intelectuais, evidenciando “microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos” (SIRINELLI, 2010, p. 252), ressalta os laços estabelecidos em torno de interesses afins, engendrados por meio de “articulações fundamentais”, que se materializaram em outro tipo de produção. Nessa perspectiva, Beatriz participou de obras coletivas, escrevendo capítulos de livros em parceria, enfatizando a rede de sociabilidade construída ao longo da sua trajetória acadêmica.

O **Quadro 11** apresenta a escrita de capítulos de livros, demonstrando a participação de Beatriz em obras coletivas.

Quadro 11 – Capítulos de livros publicados em obras coletivas.

Ano	Título (capítulo/obra)	Organizadores	Publicação
1987	Pureza e Poder no mundo dos candomblés. In: Candombé, desvendando identidades.	MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de	São Paulo/SP: EMW
1989	A religiosidade em Juazeiro. In: O Subsistema urbano regional de Crato Juazeiro do Norte.	DINIZ, José Alexandre Felizola	Recife/PE: SUDENE
1991	O Jogo da Memória: dos registros das lembranças às representações sobre as etnias no Lambe x sujo X Caboclinho. In: Estudos de Folclore em homenagem a Manuel Diégues Júnior	NASCIMENTO, Bráulio do	Rio de Janeiro/RJ: Comissão de Folclore; Maceió/Instituto Arnon de Mello
1991	Os Índios em Sergipe. In: Textos para a História de Sergipe	DINIZ, Diana Maria de Faro Leal	Aracaju/SE: UFS/BANESE
1992	Os Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro: um esboço histórico. In: História dos Índios no Brasil. (Escrito em parceria com José Augusto L. Sampaio e Maria Rosário G. de Carvalho)	CUNHA, Manuela Carneiro da	São Paulo/SP: FAPESP/Companhia das Letras
1995	Repertório de Documentos sobre Sergipe. Documentos para a História Indígena no Nordeste	MARIZ, Marlene; DANTAS, Beatriz Góis	São Paulo/SP: NHII/USP/FAPESP
1995	Documentos para a História Indígena em Sergipe. In: Guia de Fontes Para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos Brasileiros	MONTEIRO, John Manuel	São Paulo/SP: NHII/USP/FAPESP
1998	Do Campus para as escolas: o uso da fotografia na divulgação de pesquisa e na integração de saberes. In: Imagens e Ciências Sociais	KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro	João Pessoa/PB: Editora Universitária/UFPB
1999	História Indígena no Nordeste: fontes e instrumentos de pesquisas. In: Índios no Nordeste: temas e problemas	ALMEIDA, Luiz Sávio; GALINDO, Marcos; SILVA, Edison	Maceió/AL: EDUFAL
2002	Nanã de Aracaju: trajetória de uma mãe plural. In: Caminhos da Alma: memória afro-brasileira	SILVA, Vagner Gonçalves da	São Paulo/SP: Summus
2005	Rendeiras no São Francisco: século XIX a XXI. In: Rio sem História? Leituras sobre o Rio São Francisco	SÁ, Fernando; BRASIL, Vanessa	Aracaju/SE: FAPESP/UFS
2005	Com quantos fios se faz uma rendeira: gênero, trabalho e identidade. In: Feminismo, Desenvolvimento e Direitos Humanos	CRUZ, Maria Helena Santana; ALVES, Amy Adelino Coutinho	Aracaju/SE: FSP/UFS
2006	Entre o sagrado e o profano. In: Senhor de Todos os Passos	VIEIRA, José Mário Garcez	Aracaju: J. Andrade/BNB
2007	Cultura Sergipana. In: Atlas Escolar Sergipe, Espaço Geo-histórico e cultural	FRANÇA, Vera Lúcia Alves; CRUZ, Maria Teresa Souza	João Pessoa/PB: Grafset

2009	Calendários e festas na antiga São Cristóvão. In: Anuario Christovense ou Cidade de São Cristóvão	FREITAS, Itamar	São Cristóvão/SE: Editora UFS
2009	Laranjeiras, entre o passado e o presente. In: O Despertar da Colina Azulada: a Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras – Vol II	NOGUEIRA, Adriana Dantas; SILVA, Eder Donizeti da;	São Cristóvão/SE: Editora UFS
2011	Mestra Manuela e as interfaces da etnicidade. In: Manuela Carneiro da Cunha: o lugar da cultura e o papel da Antropologia	LÉPINE, Claude; HOFBAUER, Andreas; SCHWARCZ, Lília	Rio de Janeiro/RJ: Beco do Azougue
2012	Lambe-sujo x caboclinho. In: Lambe-sujo caboclinho	GARCEZ, Márcio	Aracaju/SE: Editora Diário Oficial Editora Bilíngue
2013	Dos baús às passarelas: trajetória e desafios da renda irlandesa de Divina Pastora. In: Divina Pastora, Caminhos da renda irlandesa	FIGUEIREDO, Wilmara; ZACCHI, Marina	Rio de Janeiro/RJ: IPHAN/CNFCP
2013	Roberto Benjamin: pesquisador versátil e generoso. In: Roberto Benjamin por alguns dos seus amigos	MACIEL, Betânia; SOUZA, José Fernando	João Pessoa/PB: Grafset

Fonte: Currículo de Beatriz Góis Dantas.

Os capítulos de livros integrantes de obras escritas em parceria, dispostos no quadro acima, além de reafirmarem a rede de sociabilidade intelectual da antropóloga, ressaltam a diversidade temática que caracteriza sua produção acadêmica.

5.3.5 Folhetos

A produção acadêmica escrita de Beatriz conta com outro tipo de publicação, os folhetos, textos com menos de cinquenta páginas, pequenos cadernos, catálogos, aulas inaugurais, conforme elencados no **Quadro 12**.

Quadro 12 – Folhetos publicados.

Ano	Título	Tipo	Publicação
1976	Taieira	Caderno de Folclore nº. 4 – 34 p Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro	Rio de Janeiro MEC/DAC/FUNARTE
1976	Dança de São Gonçalo	Caderno de Folclore nº. 9 – 32 p Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro	Rio de Janeiro MEC/DAC/FUNARTE
1976	Chegança	Caderno de Folclore nº. 14 – 40 p Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro	Rio de Janeiro MEC/DAC/FUNARTE
1996	Xocó: Presença Indígena em Sergipe	Catálogo de exposição – 10 p	Aracaju/SE: CEAV/UFS
1997	Xokó: Grupo indígena de Sergipe	Livreto para utilização nas escolas estaduais – 45 p	Aracaju/SE: SEED/NEI

2001	Renda de Divina Pastora	Catálogo de exposição – 32 p	Rio de Janeiro/RJ: FUNARTE, CNFCP Museu do Folclore Édison Carneiro CNFCP/FUNARTE
2004	Trabalho Social com Idosos no SESC - Sergipe: 20 anos fazendo história	Catálogo – 25 p	Aracaju/SE: SESC
2007	Laranjeiras, entre o passado e o presente	Aula inaugural do Campus de Laranjeiras/SE – 24 p	São Cristóvão/SE: Editora UFS/FAPESE/CESAD
2011	Renda de Divina Pastora	Catálogo etnográfico, originalmente Sala do Artista Popular, n. 92 – 44 p	Rio de Janeiro/RJ: IPHAN/CNFCP
2011	Casa de Ti Herculano: lugar nagô em Laranjeiras (em parceria com Verônica Nunes e Juliano Carvalho)	Catálogo de exposição virtual – 22 p	Aracaju/SE: IPHAN

Fonte: Currículo de Beatriz Góis Dantas.

Pelo conjunto da sua obra, a atuação na docência e na pesquisa e pelo que Beatriz representa, em termos culturais no Estado, tendo sua origem ligada à cidade sergipana de Lagarto, os envolvidos na fundação da Academia Lagartense de Letras convidaram a intelectual para fazer parte daquele sodalício.

5.4 A ACADEMIA LAGARTENSE DE LETRAS

Quando se reuniram para a criação de uma academia literária, na cidade de Lagarto, nos moldes da Academia Sergipana de Letras, os professores Claudefranklin Monteiro Santos, Rusel Marcos Batista Barroso, Asuero Cardoso Barbosa e Emerson da Silva Carvalho pensaram, inicialmente, nos patronos que comporiam o sodalício para, em um segundo momento, escolherem os nomes daqueles que iriam representá-los na cidade e em todo o Estado. O nome de Beatriz Góis Dantas foi um dos primeiros a surgir, não apenas porque era filha da terra, mas sobretudo em virtude da referência intelectual que representava.

Figura 51 – Beatriz Góis Dantas na posse como imortal da ALL.
(2013)



Fonte: Academia Lagartense de Letras.

A **Figura 51**, acima, registra o momento da solenidade de posse da intelectual na Academia Lagartense de Letras, no dia em que o sodalício foi instalado naquela cidade, no dia 19 de abril de 2013. Beatriz ocupa a cadeira nº 14, tendo como patrono o pesquisador e historiador Adalberto Fonseca¹⁶⁸, natural de Campo do Brito/SE, com uma história intelectual ligada à cidade de Lagarto, escrevendo e participando da história do município desde 1940.

A escolha do patrono para Beatriz considerou afinidades intelectuais que, no caso específico, teve como vínculo o tema do folclore. A respeito do patrono, Beatriz escreveu que Adalberto Fonseca era um

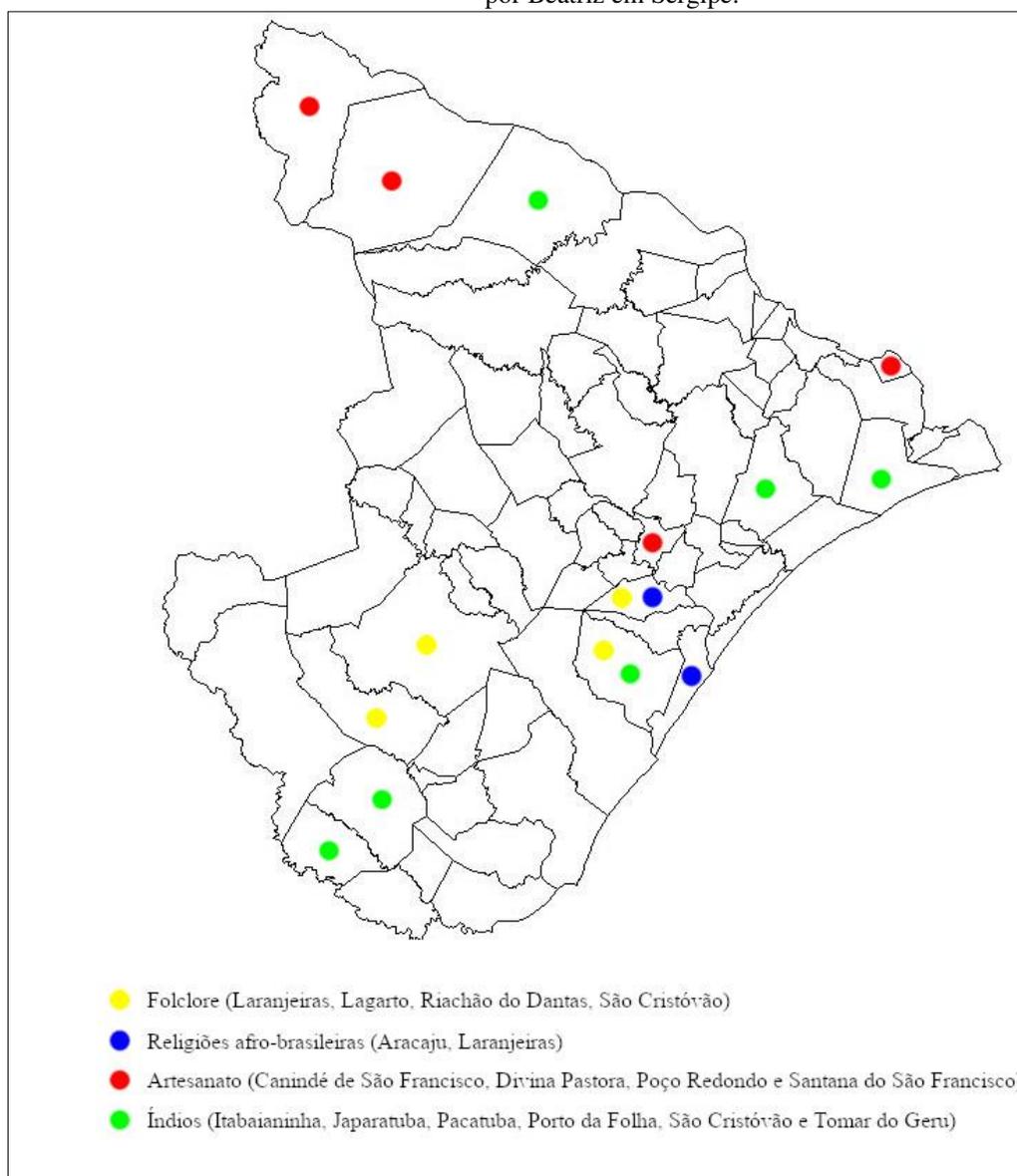
Homem de múltiplas facetas, Adalberto era um autodidata, com antenas ligadas para as coisas que importavam ao mundo da cultura e da sociedade do seu tempo e da cidade que adotou para viver. Além de construir uma narrativa histórica sobre o passado de Lagarto, atuava no presente empenhado em registrar, defender, restaurar ou recriar tradições folclóricas que divulgava em outros meios. (DANTAS, 2018, p. 23).

¹⁶⁸ Adalberto Fonseca nasceu em 1917, em Campo do Brito/SE, no entanto, se destacou como intelectual pesquisando a história do município de Lagarto, se inserindo na vida da cidade, escrevendo em jornais. Participou da criação do hino, do brasão e da bandeira do município.

Beatriz participa das atividades da ALL, contribuindo para o engrandecimento intelectual e literário do sodalício, pesquisando e publicando na revista da academia, criada, em 2017, para ser o veículo divulgador das produções de seus membros, assim como da sociedade em geral. Para Claudefranklin Monteiro Santos (2020), a antropóloga representa “com muita galhardia” a cidade de Lagarto fora do município e também em outros estados.

As interfaces estabelecidas por Beatriz na sua produção intelectual disseminaram o olhar da pesquisadora por diferentes localidades sergipanas, conforme esquema esboçado na figura abaixo, demonstrando a incidência das pesquisas realizadas.

Figura 52 – Municípios de incidência das pesquisas realizadas por Beatriz em Sergipe.



Fonte: Elaborado pela autora.

Beatriz Góis Dantas mantém atividades de pesquisa, atualmente com outras configurações, continua produzindo artigos que publica, ocasionalmente, em revistas, atua como consultora quando chamada para se manifestar acerca de assuntos relacionados à sua área de atuação profissional, profere palestras e participa de debates, contribuindo para o engrandecimento cultural de sua terra natal. Parte significativa de sua produção foi originada na atuação como docente e pesquisadora da UFS, articulando o ensino com a pesquisa e a extensão e publicada em distintos veículos de divulgação, no entanto, uma considerável quantidade de textos permanece inédita, ainda sem publicação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pesquisa não se faz de forma linear. Tampouco é linear uma investigação que percorre trajetórias de vida incidindo sobre aspectos específicos, como as práticas de leitura e de escrita aqui tomadas como objeto de estudo, sob a perspectiva de práticas sociais historicamente constituídas, sem levar em conta aspectos do ponto de vista da linguística. Foram considerados, no desenvolvimento desse estudo, os usos e funções da leitura e da escrita, práticas de leitura intensiva e extensiva, gostos e preferências.

Os caminhos percorridos nessa investigação traçaram limites na trajetória de vida da intelectual sergipana Beatriz Góis Dantas, em busca de elementos que revelaram leituras vinculadas aos ciclos vitais, infância, juventude, fase adulta, delineando preferências, gostos, formas de leitura, condições de acesso a livros e impressos em geral, reconstruindo as memórias vinculadas à vida privada, além da educação familiar e escolar.

Beatriz teve a infância vivida em um ambiente favorável à formação de hábitos de leitura. As primeiras lições, aprendidas nos bancos das fazendas por meio de professores contratados pelo pai revelam, as condições socioeconômicas da filha de um fazendeiro que, aos poucos e à custa de determinação e trabalho, foi se constituindo um próspero senhor proprietário de muitas terras, bem como demonstram a preocupação em prover uma educação adequada para os filhos. Além disso, os próprios hábitos de leitura demonstrados pelo genitor, proporcionando uma circulação de material impresso, livros de cordel e almanaques, contribuíram para a descoberta da leitura como uma prática prazerosa e útil.

A inexistência de coerções e proibições em torno da leitura, na trajetória da antropóloga, é um indicativo de importância significativa para a compreensão das concepções pedagógicas adotadas em uma família patriarcal, especialmente durante as fases iniciais de formação familiar.

Assim, o livro passou a ser, para Beatriz, desde cedo, um objeto que extrapolou a função de base de estudos e trabalho, passando a se delinear como um utensílio valioso que requeria cuidados especiais, guarda especial, além de se constituir em um veículo de formação de redes de sociabilidades e de distinção social.

Um aspecto evidenciado pela pesquisa diz respeito ao que Chartier (2004) indica como sendo determinado pela condição e pela fortuna: o número de livros possuídos e os cuidados que eles requerem em termos de guarda e conservação. O apego por livros e o gosto pela leitura levaram, posteriormente, à constituição de uma biblioteca que foi sendo montada com livros e

impressos em geral, obtidos de formas variadas, como compras em sebos, em livrarias e livreiros, por meio de catálogos, demonstrando maneiras diferenciadas de aquisição desse material no Brasil.

A análise de práticas de leitura realizada nesse estudo permitiu o esclarecimento acerca da nem sempre pacífica relação passado/presente, mediada pela memória, fazendo entender que a memória é construída no presente, tomando como referência o passado que foi vivenciado, e agora se ordena considerando experiências ocorridas no período decorrido entre o momento vivido e o momento em que lembra. As trajetórias de leitura contidas nas narrativas permitiram perceber como o ato de ler constituiu-se em um importante meio de socialização de costumes, demonstrando, também, as formas de aquisição e de circulação de impressos variados no contexto familiar, através de estratégias como compras, assinaturas, empréstimos e trocas.

Suas lembranças de leitora traçam panoramas e situações que ocorreram em tempos e espaços próprios do ambiente familiar, escolar, acadêmicos e outros diluídos na memória individual e coletiva. À leitura intensiva de textos presentes na *Crestomatia*, emocionantes e portadores de normas de conduta implícitas, específicas para a formação do caráter proposta pelo regramento escolar, se contrapôs a leitura extensiva do livro *Guerra e Paz*, lido à luz de candeeiros, em noites escuras, no afã de compreender a realidade russa em meio aos horrores da guerra mesclados com romances e amores proibidos.

As lembranças de aulas e do cotidiano escolar fizeram emergir nomes de professores que se destacaram na sociedade sergipana, tendo participação determinante na sua formação como leitora e, posteriormente, como escritora. Foram lembrados pelo amor ao magistério, pelo domínio que demonstravam na condução das aulas e pelo trânsito que tiveram na intelectualidade local, contudo, os que mais se distinguiram foram aqueles que Sirinelli (2003) denominou “intelectuais despertadores”, responsáveis pelo interesse de Beatriz pela área antropológica.

Felte Bezerra e Josefina Leite foram os nomes que mais se destacaram como tendo importante contribuição na formação intelectual de Beatriz. Em que pese a ausência da relação professor/aluno, Felte Bezerra deixou um legado erudito que marcou, sobretudo, pela relação com a Antropologia e pela obra escrita. Josefina Leite é lembrada como a responsável pelo ingresso na pesquisa, pelo exemplo de respeito às diferenças e pela abertura ao diálogo.

O nome que expressa outra significativa contribuição para a antropóloga evidenciada no decorrer dessa pesquisa foi o do historiador José Ibarê Costa Dantas, marido de Beatriz, ele próprio um intelectual que, para ela, delimitou novas opções de leitura e novos rumos na relação com os livros. Essa pesquisa demonstrou a reciprocidade e a cumplicidade no que se refere às

preferências e aos gostos de leitura, as práticas intimistas de conversas em torno de autores e títulos, a constituição de redes de sociabilidade comuns e específicas, bem como o respeito às opiniões mútuas na produção intelectual de ambos.

O estudo distinguiu, nos relatos de ex-alunos da intelectual, a motivação que os levou a seguir os passos da professora, evidenciando uma “sensibilidade ideológica ou cultural comum”, atuando, ela também, como intelectual despertadora para gerações futuras. Beatriz consolidou sua trajetória profissional imprimindo sua marca como docente e pesquisadora à luz de ensinamentos e leituras, criando um diálogo com seus pares, entretanto, trilhando um caminho acadêmico baseado na multidisciplinaridade e no engajamento na área cultural sergipana.

Sua atuação em áreas administrativas, embora fujam ao escopo dessa pesquisa, apontam para uma contribuição à criação da memória histórica patrimonial e cultural sergipana, consolidando a recuperação de arquivos e fontes documentais relegadas ao esquecimento e ao descaso. Além disso, no âmbito da única instituição universitária pública do Estado, que viu nascer, fazendo parte como docente e pesquisadora, esteve à frente de Departamentos, participou de órgãos de representação institucional, bem como de grupos de trabalho que levaram o nome da UFS a circular no cenário do ensino superior no país.

As práticas de escrita revelaram o potencial memorialista da intelectual, materializado nas escritas ordinárias produzidas por Beatriz que, sem pretensão de cientificidade ou de publicação, apontaram não só elementos afetivos referentes ao convívio com pessoas que passaram por sua vida em épocas e lugares distantes, mas a prática da escrita de si da intelectual. Escrevendo para um círculo restrito, sobre aspectos específicos, a memória familiar e intimista foi fixada intencionalmente, caracterizando o “arquivamento” da própria vida que, conforme Artières (1998), é feito com o propósito de perpetuar uma identidade. A relação de livros e autores lidos registrada em cadernos destinados a essa finalidade é um exemplo do desejo de manter a lembrança de atitudes e momentos que foram importantes e que devem ser guardados, selecionados na triagem que mantém uma relativa organização da vida cotidiana que se quer preservar.

A produção escrita acadêmica, fruto das atividades de pesquisa vinculadas às atividades da docência, foram delineadas nas interfaces entre áreas afins em um campo específico, a Antropologia, para o qual convergiu uma produção que alçou o nome da intelectual no mercado editorial nacional e internacional. A dissertação de mestrado, cursado na Unicamp, foi transformada em livro seis anos após a defesa naquela instituição, no entanto, já circulavam cópias utilizadas como referência na área por professores de cursos de graduação e de pós-

graduação de universidades distintas. O livro *Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*, publicado em 1988, fruto da dissertação, foi responsável pela fortuna crítica mais acentuada entre os títulos da obra da antropóloga. Aclamada e criticada, a obra levou o nome da antropóloga a se destacar no programa editorial da Universidade da Carolina do Norte, destinado à divulgação de trabalhos sobre a América Latina.

No entanto, do ponto de vista da inserção da intelectual no mercado editorial, bem como no que se refere ao fortalecimento das relações sociais entre os pares e o intercâmbio em torno de uma publicação, o primeiro livro publicado por Beatriz Góis Dantas, pela Editora Vozes, em 1972, *A Taieira de Sergipe*, teve uma importância mais significativa para a ascensão do nome da professora sergipana que, à época, iniciava uma carreira universitária.

Para além das questões que nortearam essa pesquisa, é inequívoco que o trabalho desenvolvido pela antropóloga sobre o tema indígena, nos limites entre a Antropologia e a História, marcou a constituição do campo da história do índio em Sergipe, definindo ações sociais e práticas, traçando caminhos e delimitando marcos para futuros pesquisadores da área.

Mais que isso, porém, o trabalho em busca da documentação relativa aos índios sergipanos foi significativa e decisiva em sua função social, subsidiando o debate acerca dos direitos dos índios sobre a terra. Inventariando o percurso histórico dos índios xocó, a pesquisa da antropóloga Beatriz Góis Dantas demonstrou que eles possuíam direitos históricos, o que resultou na recuperação de antigas aldeias que vinham sendo objeto de conflito judicial entre os remanescentes e fazendeiros da região.

Os meandros da constituição da biblioteca particular da intelectual revelaram aspectos significativos que envolvem a posse do livro, o cuidado com os objetos impressos, a guarda em ambientes específicos e a preocupação em criar locais de trabalho, de conversação e de sociabilidades em torno da leitura e da escrita. Esses aspectos foram de fundamental importância na delimitação do vínculo entre o “onde”, e o “quem” da leitura, possibilitando vislumbrar as experiências vividas em função do ato de ler.

Dentro da paisagem configurada ao final da pesquisa, algumas omissões se revelam, não em função de intencionalidades, mas em virtude da forma de condução do estudo, privilegiando elementos em detrimento de outros, face a natureza das fontes e a especificidade do objeto de pesquisa. Uma dessas omissões é relativa às memórias de leitura no período vivido em internamento escolar. Foram poucas as manifestações a respeito de uma prática educativa que teve expressividade na sociedade brasileira e, particularmente, sergipana, no período em estudo.

À luz dessas considerações é possível inferir que as práticas de leitura e escrita desenvolvidas durante o processo formativo, bem como as redes de relações sociais estabelecidas proporcionaram um repertório intelectual que oportunizou a inserção da antropóloga em espaços acadêmicos e culturais. Uma pesquisa nunca encerra totalmente. Os meandros da leitura e da escrita aqui percorridos apontam para pistas que poderão ser seguidas em novos estudos.

FONTES

1 Acervo de Beatriz Góis Dantas

1.1 Livros

DANTAS, Beatriz Góis. **A Taieira de Sergipe**: pesquisa exaustiva sobre uma dança tradicional do Nordeste. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

DANTAS, Beatriz Góis. Considerações sobre o tempo e o contexto de autos e danças folclóricas em Laranjeiras. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, n. 7, p. 63-69, 1978.

DANTAS, Beatriz Góis; DALLARI, Dalmo de Abreu. **Terra dos índios xocó**: estudos e documentos. São Paulo: Editora Parma, 1980.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó nagô e papai branco**: usos e abusos da África no Brasil. 1982. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP. 1982, 220 p.

DANTAS, Beatriz Góis. A missão Indígena do Geru. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, n. 28, p.65-87, 1982.

DANTAS, Beatriz Góis. A tupimania na historiografia sergipana. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, n. 29, p. 39-47, 1987.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó nagô e papai branco**: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DANTAS, Beatriz Góis. Fontes para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos de Aracaju. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, n 31, p. 13- 30. 1992.

DANTAS, Beatriz Góis. **Repertório de Documentos para a História Indígena** - Arquivo Público Estadual e Sergipe: Coleções Clero e Câmaras Municipais. (vol.1). São Paulo/SP: NHII/USP/FAPESP, 1993.

DANTAS, Beatriz Góis. Felte Bezerra, um homem fascinado pela Antropologia. **Tomo**, Aracaju, 1, junho, 1998, p.31-46.

DANTAS, Beatriz Góis. História Indígena no Nordeste: fontes e instrumentos de pesquisas. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, n. 32. p. 19-39.1999.

DANTAS, Beatriz Góis. Antropóloga. Entrevista concedida ao professor Afonso Nascimento em janeiro de 1999. In: **Revista Tomo**. N° 2. São Cristóvão – SE: CIMPE, 1999. p. 11-29.

DANTAS, Beatriz Góis. Da Taba de Serigy ao Balão do Porvir: representações sobre índios em Sergipe no século XIX. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, n. 33, p.20-45, 2000-2002.

DANTAS, Beatriz Góis. **Rendeiras de Poço Redondo:** vida e arte de mulheres que batem bilros no sertão do São Francisco. Aracaju/SE: Instituto Xingó/CENDOP, 2002.

DANTAS, Beatriz Góis. **Rendas e Rendeiras no São Francisco:** estudos e documentos sobre a renda de bilro de Poço Redondo – SE. Paulo Afonso/BA: Fonte Viva, 2006.

DANTAS, Beatriz Góis. Representações sobre índios em danças e folguedos folclóricos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, n. 35, p. 89-104, 2006.

DANTAS, Beatriz Góis. **Laranjeiras:** entre o passado e o presente. (Aula inaugural do Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe). São Cristóvão, 2007.

DANTAS, Beatriz Góis. Artesanato e turismo: notas sobre as miniaturas de Carrapicho/SE. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, n. 37, p.193- 214, 2008.

DANTAS, Beatriz Góis. Felte Bezerra e a fase heroica da Antropologia em Sergipe: 1950-1959. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, 2009, p. 227-255.

DANTAS, Beatriz Góis; NUNES, Verônica Maria Meneses (orgs.). **Cartas a um antropólogo sergipano (1947-59 e 1973-85)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

DANTAS, Beatriz Góis. **A Taieira de Sergipe:** uma dança folclórica. 2. ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013.

DANTAS, Beatriz Góis. **Mensageiros do lúdico:** mestres de brincadeiras em Laranjeiras. Aracaju/SE: Criação, 2013b.

DANTAS, Beatriz Góis. **Antônio Germano de Góis:** a saga de um fazendeiro. Aracaju: Criação, 2016.

DANTAS, Beatriz Góis. **Interfaces da Antropologia, Arqueologia e Museus na Universidade Federal de Sergipe.** Versão preliminar apresentada no VIII Workshop Arqueológico de Xingó, realizado na UFS, 2018. (No prelo).

1.2 Capítulos de livros

DANTAS, Beatriz Góis. Pureza e Poder no mundo dos candomblés. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). **Candombé, desvendando identidades**. São Paulo/SP: EMW, 1987.

DANTAS, Beatriz Góis. A religiosidade em Juazeiro. In: DINIZ, José Alexandre Felizola (org.). **O Subsistema urbano regional de Crato Juazeiro do Norte**. Recife/PE: SUDENE, 1989.

DANTAS, Beatriz Góis. O Jogo da Memória: dos registros das lembranças às representações sobre as etnias no Lambe x sujo X Caboclinho. In: NASCIMENTO, Bráulio do (org.). **Estudos de Folclore em homenagem a Manuel Diégues Júnior**. Rio de Janeiro/RJ: Comissão de Folclore; Maceió/Instituto Arnon de Mello, 1991.

DANTAS, Beatriz Góis. Os Índios em Sergipe. In: DINIZ, Diana Maria de Faro Leal (org.). **Textos para a História de Sergipe**. Aracaju/SE: UFS/BANESE, 1991.

DANTAS, Beatriz Góis; SAMPAIO José Augusto; CARVALHO, Maria Rosário. Os Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro: um esboço histórico. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo/SP/FAPESP/Companhia das Letras, 1992.

DANTAS, Beatriz Góis. Contribuições Culturais do Negro em Sergipe. In: **O Negro em Sergipe**. Aracaju, FUNCAJU/CEAV/UFS, 1994.

DANTAS, Beatriz Góis. Repertório de Documentos sobre Sergipe. In: MARIZ, Marlene; DANTAS, Beatriz Góis (Org). São Paulo, NHII/USP/FAPESP, 1995.

DANTAS, Beatriz Góis. Documentos para a História Indígena em Sergipe. In: MONTEIRO, John Manuel (org.) **Guia de Fontes Para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos Brasileiros**. - Acervos das Capitais. São Paulo, NHII/USP/FAPESP, 1995.

DANTAS, Beatriz Góis. Do Campus para as escolas: o uso da fotografia na divulgação de pesquisa e na integração de saberes. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org). **Imagens e Ciências Sociais**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPb, 1998, p. 185 a 201 p.

DANTAS, Beatriz Góis. História Indígena no Nordeste: fontes e instrumentos de pesquisas. In: ALMEIDA Luiz Sávio, Galindo, Marcos e SILVA, Edison. **Índios no Nordeste: Temas e problemas**. Maceió: EDUFAL, 1999, p. 77-101.

DANTAS, Beatriz Góis. Nanã de Aracaju: trajetória de uma mãe plural. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org). **Caminhos da Alma: memória afro-brasileira**. p.89-131. São Paulo, Summus, 2002.

DANTAS, Beatriz Góis. Rendeiras no São Francisco: século XIX a XXI. In: SÁ, Fernando; BRASIL, Vanessa (orgs). **Rio sem História? Leituras sobre o Rio São Francisco**. Aracaju/SE: FAPESP/SE/UFSE, 2005.

DANTAS, Beatriz Góis. Com quantos fios se faz uma rendeira: gênero, trabalho e identidade. In: CRUZ, Maria Helena Santana; ALVES, Amy Adelino Coutinho (orgs.). **Feminismo, Desenvolvimento e Direitos Humanos**. Aracaju/SE: FAP/UFSE, 2005.

DANTAS, Beatriz Góis. Entre o sagrado e o profano. In: VIEIRA, José Márcio Garcez. **Senhor de Todos os Passos**. Aracaju: J. Andrade/ BNB, 2006.

DANTAS, Beatriz Góis. Cultura Sergipana. In: FRANÇA, Vera Lúcia Alves e CRUZ, Maria Tereza Souza (orgs). **Atlas Escolar Sergipe, Espaço Geo-Histórico e Cultural**. João Pessoa/PB: Grafset, 2007, p.177-196.

DANTAS, Beatriz Góis. Calendários e festas na antiga São Cristóvão. IN: FREITAS, Itamar (org). **Anuario Christovense ou cidade de São Cristóvão**; Ed. da UFS. 2009, 359 p.

DANTAS, Beatriz Góis. Laranjeiras, entre o passado e o presente. In: NOGUEIRA, Adriana Dantas; SILVA, Eder Donizeti da (org). **O Despertar da Colina Azulada: a Universidade**

Federal de Sergipe em Laranjeiras. Vol. II. **São Cristóvão**: Universidade Federal de Sergipe, 2009, 199 p.

DANTAS, Beatriz Góis. Mestra Manuela e as interfaces da etnicidade. IN: LÉPINE, Claude, HOFBAUER, Andreas, SCHWARCZ, Lilia (org.). **Manuela Carneiro da Cunha**: O lugar da cultura e o papel da antropologia. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011. 320p.

DANTAS, Beatriz Góis. Lambe-sujo x caboclinho. In: GARCEZ, Márcio. **Lambe-sujo caboclinho** [fotos] Aracaju: Ed. Diário Oficial, 2012, (páginas não numeradas). Ed. bilíngue.

DANTAS, Beatriz Góis. Dos baús às passarelas: trajetória e desafios da renda irlandesa de Divina Pastora. In: FIGUEIREDO, Wilmara, e ZACCHI, Marina, (orgs.). **Divina Pastora, Caminhos da renda irlandesa**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP. 2013.

DANTAS, Beatriz Góis. Roberto Benjamin: pesquisador versátil e generoso. In: MACIEL, Betânia, SOUZA, José Fernando (orgs.). **Roberto Benjamin por alguns dos seus amigos**. João Pessoa: Grafset, 2013.

DANTAS, Beatriz Góis. Cultura Sergipana p.177-196. In: FRANÇA, Vera Lúcia Alves e CRUZ, Maria Tereza Souza (orgs.). **Atlas Escolar Sergipe, Espaço Geo-Histórico e Cultural**. 2ª ed. João Pessoa/PB: Grafset, 2013.

DANTAS, Beatriz Góis. Os Índios em Sergipe. In: DINIZ, Diana Maria de Faro Leal (org.). **Textos para a História de Sergipe**. 2ª ed. São Cristóvão: Ed. da UFS; Aracaju: IHGSE, 2013.

1.3 Folhetos

Taieira. Caderno de Folclore nº 4, Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (MEC-DAC-FUNARTE), 1976, 34 p.

Dança de São Gonçalo. Caderno de Folclore nº 9, Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (MEC-DAC-FUNARTE), 1976, 32 p.

Chegança. Caderno de Folclore nº 14, Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (MEC-DAC-FUNARTE), 1976, 40 p.

Xocó: Presença Indígena em Sergipe. Catálogo de exposição. Aracaju: CEAV/UFS, 1996, 10 p.

Xokó: Grupo indígena de Sergipe. SEED/NEI. Aracaju: 1997, 45p.

Renda de Divina Pastora. Catálogo de exposição. Rio de Janeiro: FUNARTE, CNFCP, Museu do Folclore Edison Carneiro/ CNFCP/FUNARTE, 2001, 32p.

Trabalho Social com Idosos no SESC - Sergipe: 20 anos fazendo história. (Catálogo) Aracaju: SESC - SE, 2004. 25 p.

Laranjeiras, entre o passado e o presente. (Aula inaugural do Campus de Laranjeiras). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão: Ed. da UFS/ FAPES/CECAD. Aracaju, 2007, 24p.

Renda de Divina Pastora. Catálogo etnográfico, originalmente Sala do Artista Popular, n. 92, 2001. Rio de Janeiro: IPHAN, CNPCP, 2011. 44 p.

Casa de Ti Herculano lugar nagô em Laranjeiras (Catálogo de exposição virtual) em parceria com Verônica Nunes e Juliano Carvalho. Aracaju: IPHAN, 2011, 22p.

2 Outras obras

TABORDA, Radagasio. **Crestomatia:** excertos escolhidos em prosa e verso. Rio de Janeiro – Pôrto Alegre – São Paulo: Editora ds Livraria do Globo, 1947, 21ª. edição, 111º. Milheiro.

3 Entrevistas

DANTAS, Beatriz Góis. Antropóloga. Entrevista concedida no dia 19 de setembro de 2018.

DANTAS, Beatriz Góis. Entrevista concedida no dia 07 de junho de 2019.

DANTAS, José Ibarê Costa. Depoimento escrito, 2020.

MELO, Roberto Calazans. Ex-professor de Literatura da UFS. Entrevista concedida no dia 20 de janeiro de 2019.

OLIVA, Terezinha Alves de. Depoimento escrito, 2020.

SANTOS, Eufrázia Menezes. Depoimento escrito, 2020.

SILVA, Zenilde. Técnica em Arquivística/UFS. Entrevista concedida no dia 23 de agosto de 2018.

OLIVA, Terezinha Alves de. Entrevista . **Cadernos UFS História**, Universidade Federal de Sergipe (1997-2010) vol. 1, nº 11, jan-dez. São Cristóvão, SE: Editora da UFS, 2010, p. 10-17.

4 Documentação localizada em arquivos da UFS

4.1 Arquivo Central

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE – Relatórios semestrais. 1960-1963 CECH/DHI.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE – Relatórios de atividades do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 1977 e 1985.

Resolução nº 04/1973/CEP – Aprova plano de pesquisa de professora.

Resolução nº 31/1973/CEP – Aprova plano de pesquisa de professora.

Resolução nº 18/1975/CEP – Autoriza continuidade de pesquisa.

Resolução nº 07/1996/CONSU – Confere título de professor emérito a Beatriz Góis Dantas.

Resolução nº 21/1999/CONSU – Estatuto da Universidade Federal de Sergipe.

4.2 Arquivo Setorial UFS/PROGRAD/DAA

Dossiê de aluna:

Certidão de nascimento de Beatriz Ribeiro de Góis.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL/ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE –
Certificado de conclusão do curso científico de Beatriz Ribeiro de Góis.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE – Certificado dos exames
vestibulares, 1960.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE – Requerimento de Beatriz
Ribeiro de Góis para inscrição no concurso de habilitação ao curso de Geografia e História,
1960.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE – Certificado dos exames
vestibulares, 1960.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE – Requerimento para matrícula
de Beatriz Ribeiro de Góis no primeiro ano do curso de Geografia e História, 1960.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE – Requerimento para matrícula
de Beatriz Ribeiro de Góis no curso de Didática, 1963.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE – Histórico escolar, 1963.

4.3 Arquivo Setorial UFS/GRH/DP/DIMOR

Dossiê de servidora aposentada:

Certidão de casamento de Beatriz Ribeiro de Góis e José Ibarê Costa Dantas.

Portaria nº 28/1969 – Autoriza afastamento da Professora Beatriz Góis Dantas da cadeira de
Antropologia Brasileira, para participar do IV Curso de Preparação em Pesquisa Social, no
período entre 23.02.1969 e 03.05.1969, no Instituto Joaquim Nabuco.

Portaria nº 59/1972 – Designa a professora Beatriz Góis Dantas para integrar comissão de alto
nível a ser constituída pelo governador para proceder o levantamento do Patrimônio Histórico
e Cultural da cidade de Laranjeiras.

Portaria nº 339/1991 – Concede aposentadoria a Beatriz Góis Dantas como professora titular
da Universidade Federal de Sergipe, 1991.

Termo Aditivo – Contrata, por tempo determinado, Beatriz Góis Dantas, para atender
necessidade temporária de excepcional interesse público, 1994.

4.4 Arquivo Setorial UFS/CECH

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE – Livro de atas de colação de grau.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE – Livro de registro de empréstimo da Biblioteca Pe. Gaspar Lourenço.

5 Jornais

A CRUZADA, Aracaju, 24 de dezembro de 1959.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, 19 de setembro de 1965.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, 21 de agosto de 1970.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, 24 de setembro de 1970.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, 6 de janeiro de 1971.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, 26 de fevereiro de 1971.

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, 22 e 23 de março de 1971.

CORREIO DE SERGIPE, Aracaju, 25, 26 e 27 de novembro de 2017.

6 Sites consultados

<https://www.camara.leg.br>

<https://www.sigrf.ufs.br/sigrh/public/colegiados/resolucoes.jsf>

<https://seer.ufrgs.br/asphe>

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira>

<https://www.seer.ufu.br/ndex.php/che>

<https://rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe>

www.sbhe.org.br/anais-cbhe

www.ablc.com.br

<https://www.amazon.com.br>

<http://sergipesuaterraesuagente.blogspot.com/2017/02/a-historia-do-parque-teofilo-dantas-em.html>

www.minhatterraesergipe.blogspot.com

<http://www.revistas.usp.br>

<https://cidades.ibge.gov.br>

<http://www.fgv.br/cpdoc>

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A Aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. (Coleção Histórias de Leitura).
- ABREU, Márcia. **Os Caminhos dos livros**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.
- ABREU, Márcia. Então se forma a história bonita – relações entre o cordel e cultura erudita. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 199-218, jul./dez. 2004.
- ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras, 2006.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. No centenário da Casa de Sergipe, um presente (prefácio). In: DANTAS, Ibarê. **História da Casa de Sergipe: os 100 anos do IHGSE – 1912-2012**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2012. (Coleção Biblioteca Casa de Sergipe, 15).
- AZEVEDO, Crislane Barbosa de. Graccho Cardoso, Abdias Bezerra, José de Alencar Cardoso e o Movimento Renovador na Educação Escolar Sergipana na década de 1920. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 53, p. 92-114, out 2013.
- AZEVEDO, Fernando de. **Princípios de Sociologia**. São Paulo: Nacional, 1944.
- AZEVEDO, Thales de. Primeiros mestres de Antropologia nas Faculdades de Filosofia. **Anuário Antropológico/95**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/download>
Acesso em: 15/09/2019.
- BARROS, José D'Assunção. A História cultural e a contribuição de Roger Chartier. In: **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n.1, p. 125-141, 2005.
- BERGER, Miguel André; SOUZA, Ilza Eliane de A. O Colégio Nossa Senhora de Lourdes e a formação da elite feminina. In: **Revista do Mestrado em Educação/UFS**, n.5, p.37 a 54, jul, 2002.
- BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Leituras na (con)formação da infância: um estudo de Leitura Manuscrita (1901-1955). In: **Revista Teias**, v. 16 nº 41, p. 44-51 (abr./jun. 2015): infância, literatura e educação.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O Sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- BRANDÃO, Zaia. **A intelligentsia educacional – Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil**. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 1999.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CARVALHO, Michele Ribeiro de. Memórias de leitura de Érico Veríssimo ao solo de clarineta (1912-1922). In: VIII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2015, Maringá, PR. **Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação**.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **A história da leitura no mundo ocidental**. Volume 1. São Paulo: Editora Ática, 1998.

CERUTTI, Simona. A Construção das categorias sociais. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (orgs.). **Passados recompostos: campos e canteiros da história**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. 3ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. O homem de Letras. In: VOVELLE, Michel (org.). **O homem do Iluminismo**. Lisboa: Presença, 1997.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. p. 19 – 31.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosioque, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

CHARTIER, Roger. **Os Desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **Formas e Sentido**. Cultura Escrita: entre distinção e apropriação. Mercado de Letras, Campinas, SP: 2003.

CHARTIER, Roger. Mulheres de papel (prefácio). In: LACERDA, Lilian. **Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras**. São Paulo: Editora Unesp, 2003b. p. 17 – 24.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÉS, Philippe; CHARTIER, Roger (orgs.). **História da vida privada 3: da renascença ao século das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 113-162.

CHARTIER, Roger. Uma Trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: ROCHA,

João Cezar de Castro (org.). **Roger Chartier. A força das representações: história e ficção.** Chapecó, SC: Argos, 2011.

CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

CHARTIER, Roger. **A Mão do autor e a mente do editor.** São Paulo: Editora Unesp, 2014b.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **A pedagogia de internar: história do internato no ensino agrícola federal (1934-1967).** São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **Internar para educar: colégios-internatos no Brasil (1840-1950).** Aracaju: Edise, 2017.

CORRÊA, Mariza. **Traficantes do simbólico e outros ensaios sobre a história da Antropologia.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, civilidade e ilustração: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973).** Dissertação (Mestrado em Educação), PPGED, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2003, 120 p.

CRUZ, Marta Vieira. **Brasil nacional-desenvolvimentista (1946-1964).** Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_titulos.html. Acesso em: 18/09/2019.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade crítica: o ensino superior na república populista.** 3.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Educação e sedução: normas, condutas, valores nos romances de M. Delly.** São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1995. 271 p.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. In: **Revista Patrimônio e Memória.** UNESP, v.3, n.1, 2007 p. 45-62.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Copiar para homenagear, guardar para lembrar: cultura escolar em álbuns de poesias e recordações. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil, vol. III: século XX.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CUNHA, Maria Teresa Santos. A escola, os livros e a leitura: à procura daquilo que não se fez esquecer. In: FISCHER, Beatriz T. Daudt. (org.). **Tempos de escola: memórias.** São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011. p. 121-132.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe: república (1889-2000).** Rio de Janeiro: tempo Brasileiro, 2004.

DANTAS, Ibarê. História oral e política. **Ponta de Lança,** São Cristóvão, v.4, n. 7, out. 2010-abr. 2011.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 203 – 242.

DINIZ, Diana Maria de Faro Leal (et al). **Textos para a história de Sergipe**. 2.ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. O Almanaque Garnier, 1903-1914: ensinando a ler o Brasil, ensinando o Brasil a ler. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. (Coleção Histórias de Leitura).

EL FAR, Alessandra. **O Livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

FABRE, Daniel. **Par écrit**. Ethnologie des écritures quotidiennes. Paris: Editions de la Maison des Sciences del' Homme, 1993.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FREITAS, Itamar. **A Escrita da história na Casa de Sergipe – 1913/1999**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2002.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens/Vega, 2002.

GASPARELLO, Arlette Medeiros e VILLELA, Heloísa de Oliveira Santos. Intelectuais e professores: identidades sociais em formação no século XIX brasileiro. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. v. 9, n. 3, set/dez, 2009.

GEERTZ, Clifford. Thick description: toward an interpretative theory of culture. In: *The Interpretation of Culture*. New York: Basic Books, 1973. p. 3-30.

GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do ensino superior**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2005.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). Apresentação. In: **Intelectuais Mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1971.

HUNT, Lynn. **A Nova história cultural**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KIRCHNER, Cássia Aparecida Sales Magalhães. **Práticas de leitura**: a Coleção Biblioteca das Moças no Instituto de Educação “Carlos Gomes” em Campinas (1951-1976). Tese de Doutorado, 2016, Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação da UNICAMP, 2016, Campinas, São Paulo. 270 p.

LACERDA, Lilian de. **Álbum de leitura**: memórias de vida, histórias de leitoras. São

Paulo: Editora Unesp, 2003.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. **Entre a tinta e o papel: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870 – 1920)**. Salvador: Quarteto, 2005.

LIPPI, Lúcia; PANDOLFI, Dulce. **Fora de ordem: viagens de Rubem César**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

MACIEL, Ane Rose de Jesus Santos. **Entre fatos e relatos: as trajetórias de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos na educação sergipana(1960-1991)**. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação. Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2016. 179 p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral**. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MELO, Sônia Pinto de Albuquerque. **Por uma pedagogia das fotonovelas: instruir e (in)formar leitoras do IERB durante os anos 60 e 70 do século XX**. Tese de doutorado. Doutorado em Educação. Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2015. 248 p.

MENDONÇA, Jouberto Uchôa de; SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Educadores de Sergipe à luz da república 1911-1971 (re) construindo trajetórias**. Aracaju-SE: EDUNIT, 2017.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAIS, José. **A Arte de ler**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

MORAIS, Gizelda. **Dom Luciano José Cabral Duarte: relato biográfico**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2008.

MORIN, Viollet. **L'object biographique**. Communications. Paris: École Pratiques des Hautes Études, Centre d'Études des Communications de Masse, n. 13, 1969.

MOTT, Luiz. (1974). Dantas, Beatriz Góis - A Taieira de Sergipe. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, (15), p. 102-104.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i15p102-104>

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. A Pedagogia de Sílvia Romero e as suas notas de leitura. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. v. 6, n. 1, jan/abr, 2006.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. As Notas de Sílvia Romero e o culturalismo no século XX. In: **Revista História da Educação**. v. 12, n. 25, mai/ago, 2008.

NUNES, Clarice. Dilemas da modernidade latino-americana: autoria feminina ediscuro pedagógico. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 401-422.

NUNES, Maria Thétis. Professor Felte Bezerra. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. n. 31 (Número especial comemorativo ao octogésimo aniversário de fundação).1 Aracaju, 1992. p. 197-200.

OLIVA, Terezinha Alves de. A reorganização do arquivo público e a produção historiográfica sergipana. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. N. 48, (Os arquivos e a construção do conhecimento histórico), vol. 1. Aracaju, 2018, p. 27-38.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Disciplinas, docentes e conteúdos: itinerários da história na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962)**. Dissertação. (Mestrado em Educação). São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2011. 226 p.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **A Formação do professor de História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: entre disciplinas, docentes e conteúdos (1951-1962)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Caminhos cruzados: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954)**. São Cristóvão, SE. Tese de Doutorado. (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, 2015. 319 p.

OLIVEIRA, Raianne Pereira de. **A Memória cultural sergipana na perspectiva do Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico (DCPH, 1970-1975)**. Dissertação. (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Sergipe. 2019. 128 p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 1996, vol. 39, nº. 1.

OLIVEIRA, Waldir Freitas e LIMA, Vivaldo da Costa. **Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos: de 4 de janeiro de 1936 a 6 de dezembro de 1938**. São Paulo: Corrupio, 1987.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leitura de almanaques no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

PEIRANO, Marisa Gomes de Souza. A Antropologia como ciência social no Brasil. **Etnográfica**, vol. IV (2), 2000, p. 219-232.

PERROT, Michelle (org.). Introdução. In: **História da vida privada, v. 4**. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 11-17.

PERROT, Michelle (org.). Figuras e papeis. In: **História da vida privada, v. 4**. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 107-168.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

PINSK, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v.2, n.3, 1989, p.3-15.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v.5, n.10, 1992, p.200-212.

RANUM, Orest. Os refúgios da intimidade. In: ARIÉS, Philippe; CHARTIER, Roger (orgs.). **História da vida privada 3: da renascença ao século das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 211-265.

RODRIGUES, Simone Paixão. **Por uma educação católica: um estudo sobre a disciplina Religião no Ginásio Santa Teresinha (1947-1968)**. Dissertação (Mestrado em Educação). PPGED, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2008. 170 p.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. Felte Bezerra e a historiografia sergipana. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, n. 39, 2009. p. 259-272.

SANTOS, Elissandra Silva. **Livraria Regina: notas sobre a aventura do livro em Aracaju (1918-1976)**. 2004. Monografia (Licenciatura em História). Departamento de História. CCHS. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, 2004. 91 p.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. A revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a invenção da historiografia sergipana. In: ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros; SANTOS, Magno Francisco de Jesus; SANTOS, Ane Luíse Silva Mecnas (Organizadores). **História, memória e comemorações na Casa de Sergipe: os 100 anos do IHGSE**. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2014.

SANTOS, Marluce de Souza Lopes. **Práticas de leitura: lembranças de família e histórias de vida**. 2016. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe. São Crstóvão/SE, 2016. 126p.

SANTOS, Mislene Vieira dos. **Da ditadura à democracia: o Festival de Arte de São Cristóvão (FASC) e a política cultural sergipana (1972-1995)**. Dissertação de Mestrado. Mestrado em História. Programa de pós-graduação em História. Universidade Federal de Sergipe, 2014. 183 p.

SANTOS, Vera Maria dos. **Josefina Leite Campos: vestígios de uma professora da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe**. Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação

SANTOS, Waudefrankly Rolim de Almeida. Modernidade e moradis: aspectos do pensamento sobre a habitação popular no processo de modernização das cidades sergipanas (1890-1955). In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, nº 40, 2010, p. 93-112.

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2018. Disponível em

<http://editoraunesp.com.br/blog/a-revolta-da-vacina-de-nicolau-sevcenko-ganha-nova-tiragem>

Acesso em 07.04.2020.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SIMÕES, Marco Antonio. **História da leitura**: do papiro ao papel digital. São Paulo: Terceira Margem, 2008.

SOUZA, Cristiane Vitório de. Educação e nação: um estudo preliminar das leituras pedagógicas de Sílvio Romero (1851-1914). In: III Congresso Brasileiro de História da Educação, 2004. Curitiba, PR. **Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação**.

SOUZA, Cristiane Vitório de. As Leituras pedagógicas de Sílvio Romero. In: V Congresso Brasileiro de História da Educação, 2008, Aracaju, SE. **Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação**.

SOUZA, Eliana. **História e memória**. Universidade Federal de Sergipe: 1968-2012. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

SOUZA, Rosa Fátima de. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar**, Curitiba, nº. 18, p. 75-101, 2001. Editora da UFPR.

SIRINELLI, Jean François. Os Intelectuais. In: Remond, Renné (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 2010.

TEIXEIRA, Márcia Prenda. **A Mulher como leitora**: memórias de professoras/Dourados MS (1963-1973). Dourados-MS, 2011. 166p. Dissertação de Mestrado – MS, Universidade Federal da Grande Dourados. 166 p.

VIDAL, Diana Gonçalves e FARIA FILHO, Luciano Mende de. **As lentes da história**: estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VOLPATO, Gilson. **Dicas para Redação Científica**. 2 ed. Botucatu: Diagrama Comunicação e Visual, 2006.

XAVIER, Libânia Nacif. Interfaces entre a história da educação e a história social política dos intelectuais: conceitos, questões e apropriações. In: GOMES, Angela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 464-485.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Caminhos da leitura no Brasil: a Coleção Menina e Moça e a formação de leitoras mirins nas décadas de 1930-1960. In: **Ipotesis**, Juiz de Fora, v.17, n.2, p. 63-78, jul./dez. 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data: ____/____/____

Nome Completo: _____

Profissão: _____ Data de nascimento: ____/____/____

1. Quais as lembranças mais remotas que você tem de práticas de leitura em sua vida?
2. Lembra de ter tido contato com a leitura antes de iniciar sua vida escolar?
3. Se a resposta foi sim, como foi esse contato?
4. Lembra de práticas de leitura na família? Quais? Que gêneros de leitura eram vivenciados no ambiente familiar? (livros técnicos, livros de ficção, jornais, revistas, outros).
5. Qual sua relação com a leitura atualmente?
6. Alguma leitura ficou marcada em sua memória no decorrer de sua vida, dentro ou fora da escola? Algum livro? Algum texto?
7. Lembra do primeiro livro lido por você?
8. As práticas familiares tiveram influência na sua constituição como leitora? Comente sua resposta.
9. Lembra de algum material lido “às escondidas”? Se sim, porque eles eram proibidos?
10. As práticas de leitura desenvolvidas na vida escolar eram prazerosas ou chatas? Comente sua resposta.
11. Quais as leituras desenvolvidas com fins escolares que ficaram marcadas na memória? Comente sua resposta.
12. Poderia relacionar tipos específicos de leitura às diferentes etapas de sua vida (infância, adolescência, fase adulta)?
13. Frequentava livrarias para adquirir livros ou outros materiais de leitura? Quais?
14. Qual o tempo dedicado à leitura atualmente?
15. Qual o gênero de leitura preferido atualmente?
16. Quais os mecanismos que você utiliza para ler? (deitada, sentada, rabiscando o livro, etc.)
17. Gostaria de fazer algum comentário adicional sobre as suas práticas de leitura ao longo dos anos?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista 2**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Meu trabalho de pesquisa para doutoramento tem como título *Interfaces de uma antropóloga: as práticas de leitura e escrita de Beatriz Góis Dantas (1941-2013)*. Utilizo, principalmente, a concepção de Roger Chartier acerca da leitura e da escrita como práticas sociais historicamente constituídas e de Robert Darnton a respeito da historicidade da leitura e da cultura escrita através de tempos históricos distintos.

Nesse sentido solicito os seus préstimos, no sentido de responder algumas questões que se referem a diferentes aspectos que envolvem a vida da intelectual Beatriz Góis Dantas, especialmente aqueles que dizem respeito às suas práticas de leitura e de escrita.

1. Comente um pouco sobre o processo de formação da biblioteca pessoal de vocês e a relação do casal com o objeto livro.
2. Segundo afirmação de Beatriz, ao conhecer você um novo horizonte se descortinou para ela que passou, a partir desse momento, a ter uma orientação mais definida sobre autores e títulos, adquirindo uma nova relação com a prática da leitura e com livros e impressos em geral. Como você analisa essa contribuição para a constituição da Beatriz leitora?
3. Quais as estratégias que Beatriz utilizava, em casa, para desenvolver suas práticas de leitura (local específico; fazendo anotações à parte; criando *marginalia* nos livros)?
4. E a Beatriz escritora, como se constituiu?
5. Você foi aluno de Beatriz na UFS. Como era a dinâmica das aulas dela? Lembra de alguma orientação/sugestão dela referente a autores específicos? Quais os autores que ela utilizava nos programas de aula? Havia utilização de materiais impressos que não livros? As aulas dela diferiam das demais? Se sim, em que aspectos?
6. Você contribuiu com sugestões para as produções de Beatriz enquanto elas estão sendo desenvolvidas? Ela contribuiu com as suas?
7. Como foi a permanência em Campinas? Optar pelo mestrado na mesma universidade, durante o mesmo período, favoreceu, provavelmente, as atividades acadêmicas dos dois mestrados, não obstante a diversidade de áreas. Em que medida os dois se ajudaram mutuamente nos estudos, nas leituras, na construção de uma rede de sociabilidades?
8. O contato entre a Antropologia e a História, segundo Darnton, trouxe benefícios a ambas, uma vez que elas fornecem caminhos complementares para a interpretação da cultura. Nesse sentido, como você avalia as interfaces presentes no trabalho de Beatriz?
9. Beatriz definiu como *locus* preferencial para suas pesquisas, sua terra natal, Sergipe. Qual a contribuição dela para a comunidade acadêmica sergipana e para a sociedade sergipana em geral?
10. Integrando o corpo de professores da FAFI Beatriz foi incorporada ao quadro de docentes da Universidade Federal de Sergipe, quando da sua criação, em 1968. Qual a importância da intelectual Beatriz Góis Dantas para a UFS?

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista 3

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Meu trabalho de pesquisa para doutoramento tem como título *Interfaces de uma antropóloga: as práticas de leitura e escrita de Beatriz Góis Dantas (1941-2013)*. Utilizo, principalmente, a concepção de Roger Chartier acerca da leitura e da escrita como práticas sociais historicamente constituídas e de Robert Darnton a respeito da historicidade da leitura e da cultura escrita através de tempos históricos distintos.

Nesse sentido solicito os seus préstimos, no sentido de responder algumas questões que se referem a diferentes aspectos que envolvem a vida da intelectual Beatriz Góis Dantas, especialmente aqueles que dizem respeito às suas práticas de leitura e de escrita.

1. Comente um pouco sobre a sua relação com a professora Beatriz, primeiro como aluna e estagiária, depois como colega de trabalho e amiga. Algum aspecto específico da Beatriz professora foi tomado por você como exemplo para a sua prática docente?
2. Você foi aluna de Beatriz na UFS. Como era a dinâmica das aulas dela? Lembra de alguma orientação/sugestão dela referente a autores específicos? Quais os autores que ela utilizava nos programas de aula? Havia utilização de materiais impressos que não livros? As aulas dela diferiam das demais? Se sim, em que aspectos?
3. Tem algum material guardado que remeta ao tempo em que estudou ou trabalhou com Beatriz (cadernos, anotações de aula, anotações de trabalho de campo, livros. Fotografias)? Se sim, poderia fotografar e enviar por e-mail?
4. Durante o curso você foi preparada para a pesquisa de campo? Em que lugares isso aconteceu e quais as estratégias utilizadas por Beatriz para a iniciação dos alunos nessa prática, em um tempo no qual a universidade não tinha estrutura adequada para o desenvolvimento dessas atividades?
5. Como foi o trabalho de estagiária na reestruturação do APES? A prática era diretamente vinculada à professora Beatriz?
6. No DCPH você também atuou como estagiária durante a gestão de Beatriz. Como foi essa experiência e o que ela deixou de positivo para a sua formação?
7. Você acompanhou as pesquisas que Beatriz desenvolveu na cidade de Laranjeiras? Se sim, comente um pouco da rotina dessas pesquisas, especialmente no terreiro de Bilina.
8. O contato entre a Antropologia e a História, segundo Darnton, trouxe benefícios a ambas, uma vez que elas fornecem caminhos complementares para a interpretação da cultura. Nesse sentido, como você avalia as interfaces presentes no trabalho de Beatriz?
9. Beatriz definiu como *locus* preferencial para suas pesquisas, sua terra natal, Sergipe. Qual a contribuição dela para a comunidade acadêmica sergipana e para a sociedade sergipana em geral?
10. Integrando o corpo de professores da FAFI Beatriz foi incorporada ao quadro de docentes da Universidade Federal de Sergipe, quando da sua criação, em 1968. Qual a importância da intelectual Beatriz Góis Dantas para a UFS?

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista 4

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Meu trabalho de pesquisa para doutoramento tem como título *Interfaces de uma antropóloga: as práticas de leitura e escrita de Beatriz Góis Dantas (1941-2013)*. Utilizo, principalmente, a concepção de Roger Chartier acerca da leitura e da escrita como práticas sociais historicamente constituídas e de Robert Darnton a respeito da historicidade da leitura e da cultura escrita através de tempos históricos distintos.

Nesse sentido solicito os seus préstimos, no sentido de responder algumas questões que se referem a diferentes aspectos que envolvem a vida da intelectual Beatriz Góis Dantas, especialmente aqueles que dizem respeito às suas práticas de leitura e de escrita.

1. Você foi aluna de Beatriz na UFS. Na graduação ou na pós-graduação? Como era a dinâmica das aulas dela? Lembra de alguma orientação/sugestão dela referente a autores específicos? Quais os autores que ela utilizava nos programas de aula? Havia utilização de materiais impressos que não livros? As aulas dela diferiam das demais? Se sim, em que aspectos?
2. Algum aspecto específico da Beatriz professora foi tomado por você como exemplo para a sua prática docente?
3. Tem algum material guardado que remeta ao tempo em que estudou ou trabalhou com Beatriz (cadernos, anotações de aula, anotações de trabalho de campo, livros. Fotografias)? Se sim, poderia fotografar e enviar por e-mail?
4. Durante o curso você foi preparada para a pesquisa de campo? (Se você foi aluna na graduação). Em que lugares isso aconteceu e quais as estratégias utilizadas por Beatriz para a iniciação dos alunos nessa prática, em um tempo no qual a universidade não tinha estrutura adequada para o desenvolvimento dessas atividades?
5. O contato entre a Antropologia e a História, segundo Darnton, trouxe benefícios a ambas, uma vez que elas fornecem caminhos complementares para a interpretação da cultura. Nesse sentido, como você avalia as interfaces presentes no trabalho de Beatriz?
6. Você escreveu uma resenha sobre a obra ***Vovó Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil*** que serviu como parecer para a seleção de livros sobre a América Latina para publicação pela Universidade da Carolina do Norte, obra que foi selecionada e publicada. Como se deu sua participação nessa seleção e sua consequente emissão do parecer?
7. Beatriz definiu como *locus* preferencial para suas pesquisas, sua terra natal, Sergipe. Qual a contribuição dela para a comunidade acadêmica sergipana e para a sociedade sergipana em geral?
8. Integrando o corpo de professores da FAFI Beatriz foi incorporada ao quadro de docentes da Universidade Federal de Sergipe, quando da sua criação, em 1968. Qual a importância da intelectual Beatriz Góis Dantas para a UFS?

ANEXOS

ANEXO 1 – HISTÓRIA DE UM CÃO¹⁶⁹

Eu tive um cão. Chamava-se Veludo:
Magro, asqueroso, revoltante, imundo,
Para dizer numa palavra tudo,
Foi o mais feio cão que houve no mundo

Recebi-o das mãos dum camarada,
Na hora da partida. O cão gemendo
Não me queria acompanhar por nada:
Enfim - mau grado seu - o vim trazendo.

O meu amigo, cabisbaixo, mudo,
Olhava-o ... o sol nas ondas se abismava....
“Adeus!” - me disse,- e ao afagar Veludo,
Nos olhos seus o pranto borbilhava.

“Trata-o bem. Verás como o rafeiro
Te indicará os mais subtis perigos;
Adeus! E que este amigo verdadeiro
Te console no mundo êrmo de amigos”.

Veludo a custo habituou-se à vida
Que o destino de novo lhe escolhera;
Sua rugosa pálpebra sentida
Chorava o antigo dono que perdera.

Nas longas noites de luar brilhante,
Febril, convulso, trêmulo, agitando
A sua cauda – caminhava, errante,
À luz da lua - tristemente uivando.

Toussenel, Figuier e a lista imensa
Dos modernos zoológicos doutores,
Dizem que o cão é um animal que pensa:
Talvez tenham razão estes senhores.

Lembro-me ainda. Trouxe-me o correio,
Cinco meses depois, do meu amigo
Um envelope fartamente cheio:
Era uma carta. Carta! era um artigo.

Contendo a narração miúda e exata
Da travessia. Dava-me importantes

¹⁶⁹ Extraído do livro *Crestomatia: excertos escolhidos em prosa e verso*, 21ª. edição, 1947, mantendo a forma original das estrofes.

Notícias do Brasil e de La Plata,
Falava em rios, árvores gigantes:

Gabava o steamer que o levou; dizia
Que ia tentar inúmeras emprêsas:
Contava-me também que a bordo havia
Toda a sorte de risos e belezas.

Finalmente, por baixo disso tudo,
Em nota bene do melhor cursivo,
Recomendava o pobre do Veludo,
Pedindo a Deus que o conservasse vivo.

Enquanto eu lia, o cão, tranquilo e atento,
Me contemplava, e - creia que é verdade,
Vi, comovido, vi nesse momento
Seus olhos gotejarem de saudade.

Depois lambeu-me as mãos humildemente,
Estendeu-se a meus pés silencioso,
Movendo a cauda, - e adormeceu contente,
Farto d'um puro e satisfeito gôzo.

Passou-se o tempo. Finalmente um dia
Vi-me livre d'aquela companheiro;
Para nada Veludo me servia,
Dei-o à mulher d'um velho carvoeiro.

E respirei: "Graças a Deus já posso"
Dizia eu "viver neste bom mundo,
Sem ter que dar diàriamente um osso
A um bicho vil, a um feio cão imundo".

Gosto dos animais, porém prefiro
A essa raça baixa e aduladora,
Um alazão inglês, de sela ou tiro,
Ou uma gata branca cismadora.

Mal respirei, porém! Quando dormia,
E a negra noite amortalhava tudo,
Sentí que à minha porta alguém batia:
Fui ver quem era. Abrí. Era Veludo.

Saltou-me às mãos, lambeu-me os pés ganindo,
Farejou toda a casa satisfeito;
E - de cansado - foi rolar dormindo,
Como uma pedra junto do meu leito.

Praguejei furioso. Era execrável
 Suportar êsse hóspede importuno,
 Que me seguia como o miserável
 Ladrão, ou como um pérfido gatuno.

E resolví-me enfim. Certo, é custoso
 Dizê-lo em alta voz e confessá-lo:
 Para livrar-me dêsse cão leproso
 Havia um meio só: era matá-lo

Zunia a asa fúnebre dos ventos;
 Ao longe o mar na solidão gemendo,
 Arrebatava em uivos e lamentos...
 De instante em instante ia o tufão crescendo.

Chamei Veludo: ele seguia-me. Entanto
 A fremente borrasca me arrancava
 Dos frios ombros o revólto manto
 E a chuva meus cabelos fustigava.

Despertei um barqueiro. Contra o vento,
 Contra as ondas coléricas vogámos;
 Dava-me fôrça o tôrva pensamento:
 Peguei num remo - e com furor remámos.

Veludo à proa olhava-me choroso,
 Como o cordeiro no final momento.
 Embora! Era fatal! Era forçoso
 Livrar-me enfim dêsse animal nojento.

No largo mar erguí-o nos meus braços,
 E arremessei-o às ondas de repente...
 Ele moveu gemendo os membros lassos
 Lutando contra a morte! Era pungente!

Voltei à terra - entrei em casa. O vento
 Zunia sempre na amplidão profunda.
 E pareceu-me ouvir o atroz lamento
 De Veludo nas ondas, moribundo.

Mas, ao despir dos ombros meus o manto
 Notei - oh grande dor! - haver perdido
 Uma relíquia que eu prezava tanto!
 Era um cordão de prata: - eu tinha-o unido

Contra o meu coração constantemente,
 E o conservava no maior recato,
 Pois minha mãe me dera essa corrente,

E, suspenso à corrente, o seu retrato.

Certo caíra além no mar profundo,
No eterno abismo que devora tudo;
E foi o cão, foi êsse cão imundo
A causa do meu mal! Ah, se Veludo

Duas vidas tivera - duas vidas
Eu arrancara àquela besta morta,
E àquelas vis entranhas corrompidas!
Nisto sentí uivar à minha porta.

Corrí - abrí... Era Veludo! Arfava:
Estendeu-se a meus pés, - e docemente
Deixou cair da boca, que espumava,
A medalha suspensa da corrente.

Fôra crível, oh Deus? - Ajoelhado
Junto ao cão - estupefato, absorto,
Palpei-lhe o corpo; estava enregelado;
Sacudí-o, chamei-o! Estava morto!

Luiz Guimarães.

ANEXO 2 – ÚLTIMA CORRIDA DE TOUROS EM SALVATERRA¹⁷⁰

Uma tourada real chamara a côrte à Salvaterra. Os fidalgos respiravam nesta ocasião menos oprimidos. Não os assombrava tão de perto a privança do ministro. Os touros eram bravos, os cavaleiros destros, o anfiteatro pomposo. O prazer ria na bôca de todos. Por cúmulo de venturas, o marquês de Pombal ficara em Lisboa, retido pelo conflito com o embaixador da Espanha.

Nestas funções não vigorava a severidade das últimas pragmáticas. Outro motivo de júbilo. Quem queria podia arruinar-se em luxuosos vestidos, enfeites e toucados. As bordaduras e os recamos de ouro, os veludos e sêdas de fora, talhados à francesa, resplandeciam constelados de pérolas e diamantes. Por cima dos mais ricos trajos e das mais vistosas côres desenrolavam-se os anéis ondeados das empoadas cabeleiras. As damas ostentavam as graças de seus donaires e tufados, moldurando o belo oval dos rostos nos penteados caprichosos, sorriam-se para os gentís campeadores, e seus olhos cheios de luz e de promessas estimulavam até os tímidos.

Correram-se as cortinas da tribuna real. Rompem as músicas. Chegou el-rei, e logo depois entra pelos camarotes o vistoso cortejo, e vê-se ondear um oceano de cabeças e de plumas. Na praça ressoam com brava alegria as charamelas e os timbales. Aparecem os cavaleiros, fidalgos distintos todos, com o couro das lanças nos estribos, e os brasões bordados no veludo das gualdrapas, dos cavalos. As plumas dos chapéus debruçam-se em matizados cocares, e as espadas em bainhas lavradas pendem de soberbos talins. Os capinhas e forcados vestem com garbo à castelhana antiga. No semblante de todos brilham o ardor e o entusiasmo.

O conde dos Arcos, entre os cavaleiros, era quem dava mais na vista. O seu traje, cortado à moda da côrte de Luís XV, de veludo preto, fazia realçar a elegância do corpo. Na gola da capa e no corpete, sobressaíam as finas rendas da gravata e dos punhos. Nos joelhos, as ligas bordadas deixavam escapar com artifício os tufos de cambraieta alvíssima. O conde não excedia a estatura ordinária, mas, esbelto e proporcionado, todos os seus movimentos eram graciosos. As faces eram talvez pálidas demais, porém animadas de grande expressão, e o fulgor das pupilas negras fuzilava tão vivo, e por vezes tão recobrado, que se tornava irresistível. Filho do marquês de Marialva, e discípulo querido de seu pai, do melhor cavaleiro de Portugal, e talvez da Europa, a-cavalo, a nobreza e a naturalidade do seu porte enlevavam os olhos. Êle e o corcel, como que ajustados em uma só peça, realizavam a imagem do centauro antigo.

A bizzarria com que percorreu a praça, domando sem esforço o fogoso corcel, arrancou prolongados e repetidos aplausos. Na terceira volta, obrigando o cavalo quasi a ajoelhar-se diante de um camarote, fez que uma dama escondesse torvada no lenço, as rosas vivíssimas do rosto, que, de certo, descobririam o melindroso segredo da sua alma, se em momentos rápidos como o faiscar do relâmpago, pudesse alguém adivinhar o que só dois sabiam.

El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse voltando-se: — Porque virá o conde quasi de luto à festa?

Principiou o combate.

Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos têm assistido a elas, e sabem de memória o que o espetáculo oferece de notável. Diremos só que a raça dos bois era apurada, e que os touros se corriam desembolados, à espanhola. Nada diminuía, portanto, as probabilidades do perigo e a poesia da luta.

Tinham-se picado alguns bois. Abriu-se de novo a porta do curro, e um touro preto investiu com a praça. Era um verdadeiro boi de circo. Armas compridas e reviradas na ponta, pernas compridas e delgadas, indício de grande ligeireza, e movimentos rápidos e súbitos, sinal de força prodigiosa. Apenas tocara o centro da praça, estacou como deslumbrado, sacudiu a fronte e, escarvando a terra, impaciente, soltou um mugido feroz, no meio do silêncio que sucedera às palmas e gritos dos espectadores. Dentro em pouco, os capinhas, saltando a pulo as trincheiras, fugiam à velocidade espantosa do animal, e dois ou três cavalos expirantes denunciavam a sua fúria.

¹⁷⁰ Extraído do livro *Crestomatia: excertos escolhidos em prosa e verso*, 21ª. edição, 1974, mantendo a ortografia original.

Nenhum dos cavaleiros se atreveu a sair contra êle. Fez-se uma pausa. O touro pisava a arena ameaçador, e parecia desafiar em vão um contendor. De repente, viu-se o conde dos Arcos, firme na sela, provocar o ímpeto da fera, e a haste flexível do rojão ranger e estalar, embebendo o ferro no pescoço musculoso do boi. Um rugido tremendo, uma aclamação imensa do anfiteatro inteiro, e as vozes triunfais das trombetas e charamelas encerraram esta sorte brilhante. Quando o nobre mancebo passou a galope por baixo do camarote, diante do qual pouco antes fizera ajoelhar o cavalo, a mão alva e breve de uma dama deixou cair uma rosa, e o conde, curvando-se com donaire sobre os arçõs, apanhou a flor do chão, sem afrouxar a carreira, levou-a aos lábios e meteu-a no peito. Investindo depois com o touro, tornado imóvel com a raiva concentrada, rodeou-o, estreitando em volta dêle os círculos, até chegar quasi a pôr-lhe a mão na anca.

O mancebo desprezava o perigo, e, pago até da morte pelos sorrisos que seus olhos furtavam de longe, levou o arrôjo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança. Precipitou-se então o animal, com fúria cega e irresistível. O cavalo baqueou trespassado, e o cavaleiro, ferido na perna, não pôde levantar-se. Voltando sobre êle o boi enraivecido, arremessou-o aos ares, esperou-lhe a queda nas aspas, e não se arredou senão quando, assentando-lhe as patas sobre o peito, reconheceu que o seu inimigo era um cadáver.

Êste doloroso lance ocorreu com a velocidade do raio. Estava já consumada a tragédia, e não havia expirado ainda o eco dos últimos aplausos.

De repente, um silêncio em que se conglobavam milhares de agonias, emudeceu o circo. Rei, vassallos e damas, meio corpo fora dos camarotes, fitavam a praça sem respirar, e erguiam logo depois a vista ao céu, como para seguir a alma que para lá voava envôlta em sangue.

Quando o mancebo, dobado no ar, exalava a vida antes de tocar o chão, um gemido agudo, composto de soluços e choro, caíu sobre o cadáver, como uma lágrima de fogo.

Uma dama, desmaiada nos braços de outras senhoras, soltava aquele grito estridente, derradeiro ai do coração ao rebotar no peito.

El-rei D. José, com as mãos no rosto, parecia petrificado.

A côrte desta vez acompanhava-o sinceramente na sua dor.

Mas o drama ainda não tinha concluído. Quem sabe?! O terror e a piedade iam cortar de novas máguas o peito de todos.

O marquês de Marialva assistira a tudo do seu lugar. Revendo-se na gentileza do filho, seus olhos seguiam-lhe os movimentos, brilhando radiosos a cada sorte feliz. Logo que entrou o touro preto, carregou-se de uma nuvem o semblante do ancião. Quando o conde dos Arcos saíu a farpeá-lo, as feições do pai contraíram-se e a sua vista não se despregou mais da arriscada luta.

De repente, o velho soltou um grito sufocado e cobriu os olhos, apertando depois as mãos na cabeça. Os seus receios haviam-se realizado. Cavalo e cavaleiro rolavam na arena, e a esperança pendia de um fio tênue!

Cortou-lhe rapidamente a morte, e o marquês, perdido o filho, luz da sua alma e ufania de suas cans, não proferiu uma palavra, não derramou uma lágrima; mas os joelhos fugiram-lhe trêmulos, e a elevada estatura inclinou-se, vergando ao pêso da mágua excruciante.

Volveu, porém, em si, decorridos momentos. A lívida palidez do rosto tingiu-se de vermelhidão febril, subitamente. Os cabelos, desgrehados e hirtos, revolveram-se-lhe na fronte inundada de suor frio, como as sêdas da juba de um leão irritado. Nos olhos amortecidos faiscou em instantâneo, mas terrível, o sombrio clarão de uma cólera em que todas as ânsias insofridas da vingança se acumulavam.

Em um ímpeto, a presença reassumiu as proporções majestosas e eretas, como se lhe corresse nas veias o sangue do mancebo que perdera. Levando por ato instintivo a mão ao lado para arrancar a espada, meneou tristemente a cabeça. A sua boa espada cingira-a ele próprio ao filho neste dia, que se convertera para a sua casa em dia de eterno luto!

Sem querer ouvir nada, desceu os degraus do anfiteatro, seguro e resolutivo, como se as neves de setenta anos lhe não branqueassem a cabeça.

— Sua Majestade ordena ao marquês de Marialva que aguarde as suas ordens, disse um camarista, detendo-o pelo braço.

O velho fidalgo estremeceu, como se acordasse sobressaltado, e cravou no interlocutor os olhos desvairados, em que reluzia o fulgor concentrado de um pensamento imutável. Desviando depois a mão que o suspendia, baixou mais dois degraus.

— Sua Majestade entende que êste dia foi já bastante desgraçado, e não quer perder nêle dois vassallos... O marquês desobedece às ordens de el-rei?!...

— El-rei manda nos vivos, e eu vou morrer! atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida. Aquele é o corpo de meu filho! E apontava para o cadáver. Está alí! Sua Majestade pode tudo, menos desarmar o braço do pai, menos desonrar os cabelos brancos do criado que o serve há tantos anos. Deixe-me passar, e diga isto.

D. José vira o marquês levantar-se e percebera a sua resolução. Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca desmentidas. Sabia que da sua bôca não ouvira senão a verdade, e a idéia de o perder assim era-lhe insuportável. Apenas lhe constou que êle não acedia à sua vontade, fez-se branco, cerrou os dentes convulso, e debruçado para fora da tribuna, aguardou em ansioso silêncio o desfecho da catástrofe.

A êsse tempo já o marquês pisava a praça, firme e intrépido como os antigos Romanos diante da morte. Dentro do peito o seu coração chorava, mas os olhos áridos queimavam as lágrimas, quando subiam a rebentar por êles. Primeiro do que tudo, queria a vingança.

Por impulso instantâneo, todo o ajuntamento se pôs de pé. Os semblantes consternados e os olhos arrasados de água, exprimiam aquela dolorosa contensão do espírito em que um sentido parece concentrar todos.

Deixai-o ir, ao velho fidalgo! A mágua que o traspassa, não tem igual. O que lhe presta vida e fôrças, é a desesperação. Deixai-o ir, e de joelhos! sauda majestade do infortúnio!

O pai angustiado ajoelhou junto do corpo do filho e pousou-lhe um ósculo na fronte. Desabrochou-lhe depois o talim e cingiu-o, levantou-lhe do chão a espada, e correu-lhe a vista pelo fio e pela ponta de dois gumes. Passou depois a capa no braço e cobriu-se. Decorridos instantes, estava no meio da praça e devorava o touro com a vista chamejante, provocando-o para o combate.

Cortado de comoções tão cruéis, não lhe tremia o braço, e os pés arraigavam-se na arena como se um poder oculto e superior lhos tivesse ligado repentinamente à terra.

Fez-se no circo um silêncio gélido, tremendo e tão profundo, que poderiam ouvir-se até as pulsações do coração do marquês, se naquela alma de bronze o coração valesse mais do que a vontade.

O touro arremete contra êle... Uma e muitas vezes o investe cego e irado, mas a destreza do marquês esquiva sempre a pancada.

Os ilhais da fera arfam de fadiga, a espuma franja-lhe a boca, as pernas vergam e resvalam, e os olhos amortecem de cansaço. O ancião zomba da sua fúria. Calculando as distâncias, frustra-lhe todos os golpes sem recuar um passo.

O combate demora-se.

A vida dos espectadores resume-se nos olhos.

Nenhum ousa desviar a vista de cima da praça.

A imensidade da catástrofe imobiliza todos.

De súbito, solta el-rei um grito e recolhe-se para dentro da tribuna. O velho aparava a peito descoberto a marrada do touro, e quasi todos ajoelharam para rezarem por alma do último marquês de Marialva.

A aflitiva pausa apenas durou momentos. Por entre as névoas de que a pupila trêmula se embaciava, viu-se o homem crescer para a fera, a espada fuzilar nos ares, e logo após sumir-se até ao copo dentro da nuca do animal. Um bramido que atroou o circo, e o baque do corpo agigantado na arena encerraram o extremo ato do funesto drama.

Clamores uníssonos saudaram a vitória. O marquês, que tinha dobrado o joelho com a força do golpe levantava-se mais branco do que um cadáver. Sem fazer caso dos que o rodeavam, tornou a abraçar-se com o corpo do filho, banhando-o de lágrimas e cobrindo-o de beijos.

O touro ergueu-se e, cambaleando com a seção da morte, veio apalpar o sítio aonde queria expirar. Ajuntou ali os membros e deixou-se cair sem vida, ao lado do cavalo do conde dos Arcos.

Nesse momento os espectadores, olhando para a tribuna real, estremeceram. El-rei, de pé e muito pálido, tinha junto de si o marquês de Pombal, coberto de pó com sinais de ter viajado depressa.

Sebastião José de Carvalho voltava de propósito as costas à praça, falando com o monarca. Punia assim a barbaridade do circo.

— Temos guerra com a Espanha, senhor. É inevitável. Vossa Majestade não pode consentir que os touros lhe matem o tempo e os vassallos! Se continuássemos neste caminho... cedo iria Portugal à vela.

— Foi a última corrida, Marquês. A morte do conde dos Arcos acabou os touros reais, enquanto eu reinar.

— Assim o espero da sabedoria de Vossa Majestade. Não há tanta gente nos seus reinos que possa dar-se um homem por um touro. El-rei consente que vá em seu nome consolar o marquês de Marialva?

— Vá! É pai. Sabe o que há de dizer-lhe...

— O mesmo que êle me diria a mim, se Henrique estivesse como está o conde.

El-rei saíu da tribuna, e o marquês de Pombal, entrando na praça em toda a majestade de sua elevada estatura, levantou nos braços o velho fidalgo, dizendo-lhe com voz meiga e triste:

— Senhor marquês! Os Portugueses como Vossa Excelência são para darem exemplos de grandeza d'alma, e não para os receberem. Tinha um filho e Deus levou-lho. Altos juízos seus! A Espanha declara-nos guerra e el-rei, meu amo e meu senhor, precisa do conselho e da espada de Vossa Excelência.

E travando-lhe da mão, levou-o quasi nos braços até o meterem na carruagem.

D. José I cumpriu a palavra dada ao seu ministro. No seu reinado nunca mais se picaram touros reais em Salvaterra.

Rebelo da Silva.

ANEXO 3 – CARTA DE THEOTÔNIO VILELA BRANDÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

MACEIÓ, 18 DE OUTUBRO DE 1971

MAGNÍFICO REITOR
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

PRESADO COLEGA,

A PROFA. BEATRIZ GOES DANTAS, PROFA. DE ANTROPOLOGIA CULTURAL DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DESSA UNIVERSIDADE TEVE A GENTILEZA DE APRESENTAR-ME PARA LEITURA E APRECIÇÃO OS ORIGINAIS DE SUA OBRA: "AS TAYÉRAS DE SERGIPE" QUE ELA PRETENDE PUBLICAR COM A AJUDA DESSA UNIVERSIDADE.

FÊ-LO NATURALMENTE, A MINHA PRESADA COLEGA DE / MAGISTÉRIO DE ANTROPOLOGIA CULTURAL E CULTORA E PESQUISADORA DO FOLCLORE DE SEU ESTADO, NÃO SOMENTE PELO FATO DE SER NESTE ESTADO SECRETÁRIO GERAL DA COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, MAS SOBRETUDO COMO MEMBRO QUE / SOU DO CONSELHO NACIONAL DE FOLCLORE, DA CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO, DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. ALÉM DISSO, POR HAVER PESQUISADO ENTRE NOS OS FOLGUEDOS POPULARES E ENTRE ÊLES EXATAMENTE AS TAIÉRAS DE ALAGOAS, QUE SE REALIZAVAM ENTRE NOS NO MUNICÍPIO DE S. MIGUEL DOS CAMPOS.

E É COM A MAIOR SATISFAÇÃO QUE ME DIRIJO A V. / MAGNIFICÊNCIA PARA DIZER QUE DA LEITURA DO CITADO TRABALHO DA PROFA. / BEATRIZ GOES DANTAS VERIFIQUEI QUE O MESMO É UMA DAS MAIS IMPORTANTES CONTRIBUIÇÕES BRASILEIRAS AO ESTUDO DOS NOSSOS FOLGUEDOS E AUTOS POPULARES E TRADICIONAIS.

RETOMANDO UM TEMA QUE HAVIA SIDO MUITO DE LEVE REFERIDO PELO GRANDE SÍLVIO ROMERO, O CRIADOR DOS ESTUDOS CIENTÍFICOS DO FOLCLORE NO BRASIL E POR SEU COMPANHEIRO MELO MORAIS FILHO, A PROFA. / BEATRIZ GOES, VEM NOS APRESENTAR UM ESTUDO DA MAIS ALTA QUALIDADE NÃO SOMENTE PELA METODOLOGIA EMPREGADA NA PESQUISA QUE REALIZOU NAS CIDADES DE LARANJEIRAS, ESTÂNCIA E LAGARTO, SOBRETUDO NA PRIMEIRA ONDE AINDA SE REALIZAM AS TAIÉRAS DE BILINA, MAS AINDA PELA SOMA DE INFORMAÇÕES

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

INFORMAÇÕES DA MAIS ALTA IMPORTÂNCIA A RESPEITO DESSA DANÇA CORTÊJO, ESCLARECENDO PONTOS OSCUROS E DUVIDOSOS ATÉ HOJE E LEVANTANDO PROBLEMAS DOS MAIS INTERESSANTES NO QUE TANJE À PERSISTÊNCIA E MUDANÇA DE NOSSAS DANÇAS DRAMÁTICAS POPULARES.

NÃO TENHO DÚVIDA EM AFIRMAR QUE SE FÔRA JULGADOR / DÊSSE TRABALHO E O MESMO CONCORRESSE A UM DOS PRÊMIOS DEDICADOS AOS / PESQUISADORES DE FOLCLORE EM NOSSO PAÍS, TAIS COMO O PRÊMIO MÁRIO DE / ANDRADE, DA PREFEITURA MUNICIPAL DE S. PAULO, OU O PRÊMIO SÍLVIO ROMERO DA CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO, DAR-LHE-IA A MAIS ALTA COLOCAÇÃO, CONSIDERANDO QUE O MESMO É UM TRABALHO DE ALTO NÍVEL CIENTÍFICO REALIZADO DENTRO DAS MAIS RIGOROSAS E PERFEITAS TÉCNICAS DE PESQUISA NO CAMPO DO FOLCLORE E DA CIÊNCIA ANTROPOLÓGICA E APRESENTADO POR UMA JOVE ESCRITORA QUE JÁ SE INICIA NO SEU OFÍCIO COM ESPORAS DE CAVALEIRO DA MAIS ALTA VALIA E COMPETÊNCIA.

À CIÊNCIA DO FOLCLORE BRASILEIRO, E OS ESTUDOS DE FOLCLORE DE SERGIPE QUE APÓS SÍLVIO ROMERO CONTARAM COM TÃO POUCOS ESTUDIOSOS DE SUAS TRADIÇÕES ENTRE OS QUAIS HÁ A DESTACAR APENAS OS NOMES DE JOSÉ CALAZANS, PAULO DE CARVALHO NETO E POUCOS MAIS, FIGARÃO SEM NENHUMA DÚVIDA ENRIQUECIDOS COM A PUBLICAÇÃO DÊSSE ESTUDO DA JOVEM PROFESSORA DE ANTROPOLOGIA CULTURAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE.

E SERÁ PARA A UNIVERSIDADE QUE V. MAGNIFICÊNCIA T ENTUSIASTICAMENTE DIRIGE UM GALARDÃO E UM MOTIVO DE ORGULHO E DE ENGRANDECIMENTO O PATROCÍNIO DA PUBLICAÇÃO DESSA OBRA ASSIM OFERECENDO AOS ESTUDIOSOS BRASILEIROS DO FOLCLORE E DAS CIÊNCIAS HUMANAS O MELHOR CONHECIMENTO DE UMA VELHA TRADIÇÃO SERGIPANA, REVELADA AFINAL NUM TRABALHO QUE EU COMO DEPOIS TODOS OS ESPECIALISTAS BRASILEIROS O HAVERÃO DE FAZER, REPUTO UMA DAS MELHORES MONOGRAFIAS JÁ ESCRITAS SÔBRE OS NOSSOS AUTOS E DANÇAS POPULARES E TRADICIONAIS.

APELANDO PARA QUE V. MAGNIFICÊNCIA APOIE O PLEITO DA JOVEM COLEGA, TUDO FAZENDO PARA QUE SUA OBRA SEJA PUBLICADA NO MAIS BREVE ESPAÇO DE TEMPO, APROVEITO A OPORTUNIDADE PARA PARABENIZAR ESSA UNIVERSIDADE E PARTICULARMENTE O SEU INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS POR POSSUIR EM SEU CORPO DOCENTE UMA PROFESSORA DE COMPETÊNCIA,



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

COMPETÊNCIA, DA DEDICAÇÃO, DO AMOR À PESQUISA E AO ESTUDO DO QUILATE DA
PROFESSORA BEATRIZ GOES DANTAS.

SEM MAIS NO MOMENTO, FIRMO-ME ATENCIOSAMENTE, DE
VOSSA MAGNIFICÊNCIA COLEGA E ADMIRADOR.

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Theotônio Vilela Brandão', written in a cursive style.

THEOTÔNIO VILELA BRANDÃO (TÁEO BRANDÃO)

DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS.

PROFESSOR TITULAR DA CADEIRA DE ANTROPOLOGIA E ETNOGRAFIA DO MESMO INSTITUTO.

MEMBRO DO CONSELHO NACIONAL DE FOLCLORE DA C.D.F.B.

ANEXO 4 – CARTA DE EDISON CARNEIRO

Rio de Janeiro, GB, 5 de agosto de 1972.

Ilustre Dona Beatriz

Estou terminando a leitura do seu trabalho sobre as taleiras e o primeiro pensamento que me ocorre é o de que, afinal, há quem possa entender folclore em Sergipe. Isto é, dos residentes. Você fez uma pesquisa que está entre as boas pesquisas neste país em que todo mundo escreve crônicas em torno dos fatos do folclore. Parabéns. Notei apenas que você se interessou mais pelos aspectos sociológicos do fenômeno do que pelos folclóricos. Não sei quais as suas qualificações (professora ? formada por Faculdade de Filosofia ? ensina em alguma Faculdade ?), mas estou certo de que as ciências sociais (o folclore ? a sociologia ?) ganharam uma pesquisadora e tanto.

O seu trabalho respondeu a muitas indagações que eu me fazia a respeito das taleiras, mas também suscitou outras. Num trabalho meu, "Desfiles e cortejos populares" (Brasil Açucareiro, agosto 1969), sugeri que a marujada de Bragança e Quatipuru, Pará, era a forma local das taleiras. Vejo agora, no seu livro, que as taleiras de Laranjeiras vão inicialmente ao porto, como acontece no Pará, e que um jornal de Laranjeiras (1889) se referia a "lindas marujas". Que tal ? Armando Bordalo da Silva descreve a marujada de Bragança ("Contribuição ao estudo do folclore amazônico na zona bragantina", Boletim do Museu Goeldi, 1959) e uma notícia da de Quatipuru (cidade vizinha a Bragança) apareceu na revista pan-americana Américas. Como, provavelmente, você terá dificuldade em encontrar esses textos em Aracaju, vou ver se o Vicente Salles lhe manda xerox dos trechos que interessam, pois quem tem esse material é a Campanha de Folclore. Seria muito bom se você pudesse fazer a comparação com as taleiras daí.

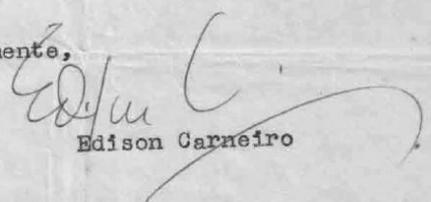
A indagação nova é a de se as taleiras, em vez de um folguedo independente, não serão uma recomposição. A Irmandade era de homens; as negras, mulheres dêles, tinham a sua independência; não terão inventado uma devoção paralela, recompondo coisas do louvor a São Benedito, das chegadas, dos cacumbis, da coroação dos reis do Congo ? O terçar varetas, por exemplo, me parece dos Congos, se não dos cacumbis (pelo menos os cucum-

bis da Bahia, que deram o maculele, incluíam esse tipo de combate). A coroação das rainhas será uma cópia da dos reis do Congo, com a mesma circunstância de se fazer na igreja do Rosário — e até a própria coroa, de papelão. Isto sem falar em que, como você lembra, a Irmandade dos homens elegia rei e rainha — e o costume era os foliões irem buscar os soberanos em casa. Que as taieiras se dissessem do Rosário explica-se pelo fato de as Irmandades terem sido, inicialmente, apenas do Rosário, até a igreja autorizar a devoção a São Benedito; e, ainda mais, era ela o elemento feminino da Irmandade. Esta, por sua vez, já tinha esse nome em Portugal. Ainda tratando do assunto nos Ladinos e Cricoulos, que você teve a gentileza de citar no seu trabalho. As danças, por sua vez, nada têm de especial — são do mesmo tipo das danças folclóricas vigentes em todo o país. Se a suposição é certa, se se trata mesmo de uma recomposição, não valeria a pena encerrar a possibilidade da sua sobrevivência por esse ângulo, quero dizer não haveria a possibilidade de permanecerem as taieiras sob outra forma, como está acontecendo em São Miguel dos Campos ?

Uma palavra sobre os jogadores de espadas. Não serão (ou seriam) parte dos Congos de Sergipe ou a forma dos Congos que no Espírito Santo se chama ticumbi ? Guilherme Santos Neves escreveu o verbete correspondente no Dicionário do Cascudo. Era uma luta entre duas facções pela posse da imagem de São Benedito. Em Sergipe, onde a imagem não sai, a luta não será transferido para as coroas ? (Os reis do Congo são, no Espírito Santo, os protetores da imagem).

Todo este palavrorio mostra como apreciei o seu ensaio. Tudo isto é louvô, tudo isto é louvá. Espero que você continue a estudar o comportamento popular em Sergipe e nos brinde, de vez em quando, com ensaios sérios, equilibrados, em linguagem simples e clara, que façam justiça ao povo, como este.

Cordialmente,


Edison Carneiro

Av. Ataulfo de Paiva 236 apt 801 - Leblon, ZC 72

ANEXO 5 – CARTA DE MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
 FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
 CIDADE UNIVERSITÁRIA - C. P. 8.105 - SÃO PAULO - S. P.

S. Paulo, 23 de julho de 1972

Exma. Sra. D.
 Beatriz Gois Dantas
 Rua Maroim, 983
 Aracaju - Sergipe

Prezada Beatriz,

Fico-lhe muito grata pelo envio de A TAIEIRA DE SERGIPE, e pelo pedido de apreciação crítica, o que muito me desvanece.

Achei o livro muito bom, bem escrito; o estudo foi feito com cuidado e, mesmo, com carinho. Se algum reparo tenho a fazer, não diz respeito ao trabalho que você fez, pois creio que do ponto de vista folclórico está completo. Opinião de quase leiga, porém, já que minha especialidade é a Sociologia. Quanto à Sociologia é que minha sugestão seria de serem feitas pequenas biografias dos adultos, além de uma pequena pesquisa da opinião deles. Você chamou a atenção para um fato interessantíssimo: para assegurar a realização da dança, recorre-se às crianças, isto é, a quem poderá recolher uma pequena vaidade de assim se projetar; quanto aos jovens, "tem vergonha".... Seria muito importante também, do ponto de vista sociológico, conhecer melhor de que camadas sociais são os participantes (você se refere a isso, mas não se detém no assunto), e também as casas em que vão dançar as taieiras. Como vê, são apenas detalhes que nos dariam, a nós sociólogos, possibilidade de enxergar melhor a dinâmica que você tão bem soube abordar.

Gostaria de lhe pedir dois favores: 1) enviar o livro ao Prof. Roger Bastide, 48 rue du Gal. Delestraint, Paris (16e), França, pois ele vai gostar muito; 2) a pg. 18, você fala da vida de Laranjeiras no sec. XIX, "intensa atividade cultural atestada pelos jornais de nível apreciável... etc." - Há documentação a respeito publicada? Quais as obras? Ou você fez pesquisa diretamente em jornais? Será que eu poderia obter esses informes e a citação das fontes? A explicação é a seguinte: tenho uma comadre que mora em Genebra e que está preparando uma tese de livre-docência sobre a cultura brasileira do sec. XIX, existência de gabinetes de leitura, que livros eram lidos, etc. É uma brasileira, minha colega da U.S.P., que se encontra na Sui-

ça com o marido devido à carreira dêste (grande físico brasileiro, contratado pelo Centre Européen de Recherches Nucléaires). Ela já tem o trabalho bem adiantado, mas eu fico daqui enviando tudo quanto posso catar para auxiliá-la. Sua descrição da vida de Laranjeiras me chamou a atenção e se eu pudesse obter êsses informes, ficaria muito contente.

Mando-lhe meu livrinho da Dança de S.Gonçalo, a respeito do qual disse um folclorista: "Pena é que ela tivesse feito um estudo sociológico...." Mas que hei de fazer? A Sociologia é o meu fraco... Aqui fico também ao seu dispôr, para o que precisar.

Fazendo os melhores votos pelo sucesso de seu livre, envío saudações as mais cordiais,

Maria Isaura Pereira de Queiroz

Maria Isaura Pereira de Queiroz

Rua Morro Verde, 106
S.Paulo (capital) -

ANEXO 6 – CARTA DE ROGER BASTIDE

CNFCEP au

MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION NATIONALE
 ÉCOLE PRATIQUE DES HAUTES ÉTUDES
 VI^e SECTION SCIENCES ÉCONOMIQUES ET SOCIALES
 SORBONNE

54, RUE DE VARENNE, PARIS 7^e
 TÉL. 222.68.20

PARIS, LE 21 août 1972

Madame,

C'est dans ma "chacara" du sud de la France, où je passe mes vacances d'été, que j'ai reçu et lu votre Traçage de Sergipe. Je vous remercie très vivement de cette excellente analyse d'une forme que nous connaissons bien. J'ai tout particulièrement apprécié le chapitre sur la dynamique et son caractère sociologique, puis que vous y montrez comment une danse évolue au fur et à mesure que les structures sociales et les valeurs collectives changent. Peut-être aurai-je ensuite un peu plus que vous sur les nouvelles fonctions de la fête : ce n'est pas uniquement que la Traçage et le Xango aillent aujourd'hui de pair (comme à Recife le Xango et certains Maracati ou à Bahia l'afonho du Carnaval avec certains Lundombos). Ce qui relie les deux, c'est le volere d'une certaine frank negre (ou si quelques blancs entrent dans le dance ou dans la religion afro-brasilienne) — frank qui est une réponse à une certaine hiérarchie des races-classes, et à la concurrence qui s'est établie, entre les blancs et les noirs, dans la dynamique même de la culture de folk, j'ai été maintes fois témoin de cette frank en travaillant avec les amis de Confere de Rosaria dans le sud du Brésil.

Puis j'espère que vous vous demandez aussi sur les Xango de Sergipe — qui restent encore mal connus et qui sont peu connus dans une dynamique, mais peut-être plus "positive", de renforcement, — un livre de la série Veins.

Croyez, je vous prie, Madame, à mes respectueux sentiments

R. Bastide

ANEXO 7 – DIREITOS SOBRE TERRAS INDÍGENAS¹⁷¹

Dalmo de Abreu Dallari

1. Não existe direito contra a Constituição. Essa é uma regra fundamental que nasceu com as próprias Constituições e que precisa ser respeitada para que a Constituição tenha razão de ser.

Desde o início do século XIX os juristas discutem a respeito do melhor meio de se efetuar o controle da constitucionalidade das leis e de todos os demais atos jurídicos. Isso, precisamente, porque nenhum ato jurídico é válido se for contrário a um dispositivo constitucional.

Quando se elabora uma nova Constituição não existe, para o constituinte, qualquer limitação de natureza jurídico-positiva, isto é, o constituinte não está obrigado a respeitar qualquer lei que tenha sido feita antes. Em tal sentido pode-se dizer que ele parte de um “zero jurídico”. É comum que uma nova Constituição faça uma ressalva quanto aos direitos adquiridos antes de sua vigência, dizendo que esses direitos serão mantidos e respeitados no todo ou em parte. Mas se não houver essa ressalva e a lei antiga estiver em conflito com a nova Constituição esta é que prevalece.

2. No caso das terras indígenas no Brasil houve várias mudanças no tratamento legal. Uma Ordenação de 1º de abril de 1680 mandava respeitar os direitos dos indígenas, “primeiros ocupantes e donos naturais destas terras”, como dizia a Ordenação. Essas mesmas expressões foram repetidas numa lei de 6 de julho de 1755, reconhecendo-se, portanto, que os indígenas tinham um direito decorrente da ocupação primitiva.

Um dado importante que deve ser acrescentado é que os índios, a não ser em casos excepcionais, não abandonaram suas terras, ou seja, não abriram mão espontaneamente da posse dessas terras. Por esse motivo, não é correto classificar como devolutas, sem dono, as terras que sempre foram ocupadas por índios ou das quais estes foram expulsos pela força.

É evidente que já não existe a possibilidade prática de devolver aos índios todas as terras que lhes foram tiradas, entre outras coisas porque a maioria das tribos foi dizimada e de mais de quatro milhões de índios existentes no Brasil em 1500 hoje só restam cerca de cento e cinquenta mil. Mas é perfeitamente possível e juridicamente obrigatório respeitar os direitos das tribos remanescentes.

3. Dispõe a atual Constituição brasileira, no artigo 4º, que são de propriedade da União as terras ocupadas por silvícolas. E o artigo 198 estabelece que “é assegurada aos silvícolas a posse permanente das terras que habitam e reconhecido o seu direito ao usufruto exclusivo dos recursos naturais e de todas as utilidades nelas existentes”.

As regras constitucionais são muito claras, quando estabelecem dois pontos:

1º. que todas as terras ocupadas por silvícolas são do domínio da União, não podendo qualquer outra entidade pública ou qualquer pessoa física ou jurídica de direito privado pretender a propriedade dessas terras, a qualquer título.

2º. que os silvícolas não podem ser tirados, por qualquer motivo, das terras que habitam, uma vez que a própria Constituição lhes assegura a posse permanente dessas terras.

Um problema que se tem levantado é o de pessoas que, anteriormente à vigência da presente Constituição, adquiriram terras habitadas por silvícolas.

Na realidade o problema não existe, pois a Constituição estabelece claramente que a União tem a propriedade e os silvícolas têm a posse dessas terras. Aplica-se aqui, com absoluta

¹⁷¹ Extraído do livro *Terra dos índios xocó: estudos e documentos*, DANTAS; DALLARI (1980).

propriedade, a regra segundo a qual não há direitos adquiridos que possam ser alegados contra a Constituição. Ainda que se admita que tenha sido regular a aquisição daquelas terras, no momento em que ocorreu, gerando para os adquirentes um direito de propriedade, esse direito não foi ressalvado pela nova Constituição e é contrário a ela. Assim, por tanto, não pode prevalecer.

4. Os princípios e dispositivos constitucionais já mencionados seriam suficientes para deixar evidente que ninguém pode afirmar-se proprietário de uma terra ocupada por silvícolas, pois a propriedade é da União por força da Constituição.

Reforçando tal entendimento, a Constituição torna explícito esse efeito, quando dispõe no § 1º do artigo 198: “Ficam declaradas a nulidade e a extinção dos efeitos jurídicos de qualquer natureza que tenham por objeto o domínio, a posse ou a ocupação de terras habitadas pelos silvícolas”.

Em consequência desse dispositivo, se alguém obteve mediante compra, herança, doação, permuta ou qualquer outro título uma área ocupada por silvícolas ficou sem esse direito no momento em que entrou em vigor a presente Constituição.

E para completar a definição constitucional da situação das terras ocupadas por silvícolas, a Constituição ainda acrescentou no § 2º do artigo 198, que “a nulidade e extinção de que trata o parágrafo anterior não dão aos ocupantes direito a qualquer ação ou indenização contra a União e a Fundação Nacional do Índio”. Este parágrafo foi acrescentado prevendo exatamente a hipótese de pessoas que compraram terras habitadas por silvícolas e que, ficando sem essas terras por força da nova Constituição, poderiam pretender uma indenização para compensar essa perda.

Comentando o § 2º do artigo 198, observa o professor Manuel Gonçalves Ferreira Filho, nos seus “Comentários à Constituição Brasileira”: “A declaração da nulidade e da extinção de efeitos jurídicos acima estabelecida pode causar prejuízos a particulares. Tais prejuízos seriam ordinariamente indenizáveis. Entretanto, a Constituição expressamente exclui tal indenização, mas somente desde que a mesma houvesse de ser paga pela União ou a Fundação Nacional do Índio. Dessa forma, eventual indenização devida por particulares não é excluída pelo preceito constitucional” (ob. cit. vol. 3, pág. 243).

5. Em conclusão, apesar de todas as variações havidas na legislação portuguesa e brasileira relativa às terras ocupadas pelos silvícolas, prevalecem os dispositivos da atual Constituição, contra os quais ninguém pode alegar direitos adquiridos.

E nos termos da Constituição vigente pertencem ao patrimônio da União as terras ocupadas pelos silvícolas, mas estes têm direito à posse permanente dessas terras, tendo direito à proteção judicial dessa posse, sendo de nenhum valor um título de propriedade que afronte o domínio da União ou a posse dos silvícolas.

ANEXO 8 – GALERIA DE FOTOS QUE COMPLEMENTAM E ILUSTRAM A TRAJETÓRIA DE BEATRIZ GÓIS DANTAS



X Reunião Brasileira de Antropologia, Salvador/BA (1975).



Ministrando um curso sobre folclore, UFS (1976).



Durante o curso de mestrado, Campinas/SP (1979).



Com a orientadora de mestrado, em evento na UFS, Aracaju/SE (1987).



Lançamento de livro, APES, Aracaju/SE (1994).



I Jornada de Estudos Medievais, Aracaju/SE (1996).



XXX Encontro Cultural de Laranjeiras/SE (2005).



Lançamento de livro, MUHSE, Aracaju/SE (2007).



Medalha do Mérito Cultural, UFS, São Cristóvão/SE (2009).



Com os confrades, na ALL, Lagarto/SE (2013).



A família: Antônio (pai), Ana (mãe), filhos, genros, nora e o primeiro neto (1965).



A família: Beatriz, Ibarê, filhos, nora e netos (2012).